

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**História local, Memória e Ofício do historiador entre *Raízes e Marcas*
*do tempo (1990-2012)***

Sandra Cristina Donner

TESE DE DOUTORADO

PORTO ALEGRE

2015

CIP - Catalogação na Publicação

Donner, Sandra Cristina
História local, Memória e Ofício do historiador
entre Raízes e Marcas do tempo (1990-2012) / Sandra
Cristina Donner. -- 2015.
219 f.

Orientadora: Mara de Matos Rodrigues.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto
Alegre, BR-RS, 2015.

1. Historiografia. 2. História local. 3. Memória .
4. Intelectuais. I. Rodrigues, Mara de Matos ,
orient. II. Título.

História local, Memória e Ofício do historiador entre *Raízes e Marcas do tempo* (1990-2012)

SANDRA CRISTINA DONNER

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos à obtenção do título de Doutora em História.

Orientadora: Profa. Dra. Mara de Matos Rodrigues.

Linha de pesquisa: Teoria da História e Historiografia.

Banca Examinadora:

Dra. Ângela M. de Castro Gomes (UFF-
UNIRIO)

Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)

Dr. Cláudio Pereira Elmir (UNISINOS)

Dra. Roswithia Weber (FEEVALE)

PORTO ALEGRE

2015

AGRADECIMENTOS

Neste espaço singelo, singelo porque pequeno para o tanto que eu tenho a agradecer e para tantos a quem preciso lembrar, em primeiro lugar, antes de “Deus, Pátria e Família”, antes do meu companheiro com paciência sem fim, antes dos pais sem companhia do almoço no domingo e antes dos sobrinhos que nem lembram mais quem é a dinda. Antes de todas estas pessoas, preciso agradecer imensamente a professora Dra. Mara Cristina de Matos Rodrigues, pois ela acreditou na minha proposta antes que ela nascesse projeto. Quando ainda morava em São Leopoldo ela me emprestou livros e orientou as leituras iniciais que permitiram que eu começasse a pensar no meu objeto. Também recebi compreensão com a vida corrida que faz parte da rotina dos professores da educação básica. Na professora orientadora também encontrei uma amiga que foi ombro e compreendeu os meus problemas pessoais que atravessaram esta tese e atrapalharam a vida. Neste momento em vez do olhar de alerta eu recebi o olhar de empatia, de quem conhecia minha luta e compreendia o que eu passava. Isso me deu mais força para seguir.

Bem, agora que eu já agradei a quem foi fundamental para que esta tese se concretizasse, espero contar com a compreensão dos que serão nominados a seguir, também muito importantes para essa caminhada. Agradeço ao Fábio Forell Möbus, pois, quando nos conhecemos, enquanto ele se preparava para um concurso eu sentava ao seu lado para estudar para o doutorado. Assim, vivendo lado a lado conseguimos nossos objetivos. Sem sua compreensão e carinho também seria impossível chegar aqui. Agradeço a minha família, pais, irmãs, sobrinhos, sogros. Agradeço por aceitarem “um ‘não’ como resposta” aos convites entusiasmados e acolherem com alegria os buraquinhos na agenda que eu tinha para oferecer.

Agradeço aos amigos mais próximos que faziam a gentileza de a cada evento social me perguntar “a quantas andava a tal da tese interminável”... Acreditem, foi importante!

Agradeço aos meus colegas dos trabalhos do Município, do Estado, da escola particular e da Faccat, onde pude discutir ideias e testar teorias. Especialmente agradeço a amiga Andrea Helena Petry Rahmeier por ser uma leitora atenta e uma debatedora

acalorada sobre o *Raízes* e o *Marcas do tempo*, ela que viveu de dentro os eventos, pôde me ajudar a compreender melhor todo o processo e a entender as sutilezas da rede de intelectuais; e também aos colegas do IFRS – Canoas: Jaqueline Justen, Priscila de Lima Verdum, e Marcelo Gonçalves da Silva por terem me auxiliado com os horários (especialmente nesse momento de final de tese), com dicas e com muita paciência.

Agradeço as imensas e pacientes contribuições do grupo de pesquisa formado pelos demais orientados da Mara. Principalmente aos colegas Gabriela e Juliano pelo olhar atento e as contribuições excelentes na leitura dos capítulos.

Preciso agradecer muitíssimo ao professor Marcos Witt pela sua generosidade intelectual, por me receber, primeiro para uma conversa informal, onde discutimos ideias e depois para uma entrevista que foi fundamental na construção desta tese. Gostaria de agradecer também a todos os entrevistados, em especial a Dra. Véra Lucia Maciel Barroso e Nilza Huyer Ely que dispuseram do seu tempo para falar sobre sua trajetória como historiadoras e seu envolvimento nos eventos.

Por fim, mas não menos importante agradeço aos professores do PPG-História que, nas aulas colaboraram ainda que indiretamente para esta tese, suas observações e sugestões foram fundamentais. Agradeço a esta banca, pela leitura atenta, ao professor Dr. Benito Bisso Schmidt e a professora Dra. Roswithia Weber por terem feito preciosas sugestões durante a banca de qualificação e ao professor Dr. Cláudio Pereira Elmir e a professora Dra. Ângela de Castro Gomes por participarem desta banca e contribuírem com sua leitura e questionamentos.

RESUMO

Esta tese estuda a produção de história local por historiadores amadores e historiadores profissionais. As principais fontes para este estudo foram os anais dos eventos *Raízes e Marcas do tempo*, que ocorreram entre 1990 e 2010 no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Inicialmente será apresentada a criação dos encontros de história local, sua organização, os diversos tipos de autores que participaram destes projetos e suas vinculações com os poderes públicos municipais. A partir desta contextualização será abordada a organização dos intelectuais locais em redes de sociabilidades que se empenharam na produção de história e cultura locais no Litoral Norte/RS. Serão apresentadas as mediações culturais constituídas entre os intelectuais locais e suas estratégias de legitimação internas e externas. Por fim, através da análise das “marcas de historicidade” presentes nos textos publicados pelos intelectuais locais nos anais do *Raízes e Marcas do tempo*, iremos estabelecer uma discussão sobre a produção de História fora do ambiente universitário e as relações entre História, Memória e Identidade apresentadas nestas produções. Com isso pretendemos contribuir para as reflexões sobre o Ofício do Historiador.

Palavras-Chave: História Local, Historiografia, Memória.

ABSTRACT

This thesis' goal is study the production of local History by amateur historians and professional historians. The main sources of this study were the annals of the event called *Raízes* and *Marcas do Tempo* which occurred from 1990 to 2010 at the North Coast of Rio Grande do Sul. Firstly it will be introduced how these local History meetings were created, its organization, the diversification of authors that participated in these projects and their links with Municipality Public Power. Within this contextualization, the thesis will approach the organization of these local intellectuals in sociability networks that put their efforts into producing local History and Culture at the North Coast of Rio Grande do Sul. Cultural mediation built among local intellectuals and the strategies of internal and external legitimating will be shown. Finally, by analyzing the "marks of historicity" present in published texts by the local intellectuals on the annals of *Raízes e Marcas do Tempo*, we will establish a discussion on the production of History outside of the academic environment as well as the relation between History, Memory and Identity introduced in these works. Therefore, we intend to contribute to reflections concerning the Historian's Occupation.

Key words: Local history, historiography, memory

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabelas:

Tabela 1: Censo Demográfico, 2000.	19
Tabela 2. Relativa às profissões autodeclaradas por “historiadores locais”, “pesquisadores” e “outros” nos livros <i>Raízes</i> em análise nesta tese.	57
Tabela 3. Total de artigos publicados por autor abrangendo os volumes <i>Raízes</i> e <i>Marcas do tempo</i> .	98
Tabela 4. Total de artigos publicados por autor abrangendo os volumes <i>Raízes</i> e <i>Marcas do tempo</i> .	98
Tabela 5. Autores com maior número de publicações nos eventos <i>Raízes</i> , em municípios do Litoral Norte.	105
Tabela 6. Autores com maior número de publicações nos eventos <i>Marcas do Tempo</i> .	106
Tabela 7. Intelectuais locais com maior número de artigos publicados nos eventos <i>Raízes</i> e <i>Marcas do tempo</i> analisados por esta tese.	124

Imagens:

Imagem 1. Mapa do Rio Grande do Sul com o território original de Santo Antônio da Patrulha.	33
Imagem 2. Árvore Genealógica dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha.	39
Imagem 3. Entrada das bandeiras no XXV <i>Raízes</i> de Palmares do Sul e Capivari do Sul.	51
Imagem 4. Entrada das bandeiras no XXVI <i>Raízes de Rolante</i> . Fonte: arquivo pessoal	
Imagem 5. Palco com todas as bandeiras dos municípios originários de Santo Antônio da Patrulha no XXVI <i>Raízes de Rolante</i> .	52
Imagem 6. Fotografia da capa do livro Torres – Marcas do tempo (2003) e Arroio do Sal – Marcas do tempo (2007).	67

Listagem de Gráficos:

Gráfico 1. Atividades dos pesquisadores.	75
Gráfico 2. Comparação entre autores total livros <i>Raízes e Marcas do tempo</i> .	92
Gráfico 3. Autores segundo a sua autoneomeação no <i>I Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha</i> .	93
Gráfico 4. Autores segundo a autoneomeação no <i>X Raízes</i> .	94
Gráfico 5. Autores segundo a nomeação no <i>XX Raízes</i> .	95
Gráfico 6. Autores segundo a nomeação no <i>I Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte - Terra de Areia</i> .	96
Gráfico 7. Autores segundo a nomeação no <i>V Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte - Dom Pedro de Alcântara</i> .	97
Gráfico 8. Uso de referências pelos “historiadores locais”.	142
Gráfico 9. Uso de referências pelos “pesquisadores”.	143
Gráfico 10. Uso de referências pelos “historiadores locais”.	144
Gráfico 11. Uso de referências pelos “pesquisadores”.	145
Gráfico 12. Temas abordados no <i>I Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha</i> (1990).	154
Gráfico 13. Temas do <i>X Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha - Raízes de Santo Antônio da Patrulha</i> , 1999.	156
Gráfico 14. Temas do <i>XV Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha - Raízes de Santo Antônio da Patrulha</i> , 2004.	158
Gráfico 15. Temas do <i>XX Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha - Raízes de Santo Antônio da Patrulha</i> , 2009.	161
Gráfico 16. Temas do <i>I Simpósio sobre imigração alemã no Litoral Norte/RS e Raízes de Terra de Areia II</i> .	162
Gráfico 17. Temas abordados por “Historiadores acadêmicos”.	166
Gráfico 18. Temas abordados por “Historiadores locais”.	166
Gráfico 19. Temas abordados por “pesquisadores”	167
Gráfico 20. Temas abordados por “outros”.	167

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	3
RESUMO	5
ABSTRACT	6
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	7
Tabelas:	7
Imagens:	7
Listagem de Gráficos:	8
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1.....	31
<i>Raízes e as Marcas do tempo: os encontros e os livros como espaço de produção de história local</i>	31
1.1. Santo Antônio da Patrulha, uma “árvore” com mais de duzentos anos e a busca por um protagonismo regional através de suas <i>Raízes</i>	32
1.2. A “Árvore” e as “Raízes”. A força simbólica da imagem da árvore genealógica dos municípios originários de Santo Antônio da Patrulha e do nome <i>Raízes</i>	39
1.3. Quando as <i>Raízes</i> são descobertas - Encontros de Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha (EMOSAP)	44
1.4. Quem escreve sobre as raízes e quem vive o <i>Raízes</i> - os autores e os públicos destes eventos	54
1.5. <i>Marcas do tempo</i> – os objetivos, a organização e os públicos do Simpósio de Imigração Alemã no Litoral Norte/RS, uma celebração da memória e da identidade... 59	
CAPÍTULO 2.....	70
Quem produz as “ <i>Raízes</i> ” e as “ <i>Marcas do tempo</i> ” - Uma análise sobre as redes de Intelectuais no Litoral Norte/RS e a escrita da história local.....	70
2.1. O Intelectual Local no Litoral Norte/RS: aproximações e definições.....	71
2.2. Como se tornar um intelectual local no Litoral Norte/RS? As formas de convite e inserção no meio intelectual	79

2.3. A organização interna do grupo de intelectuais locais do Litoral Norte\RS e suas aproximações com o <i>mundo acadêmico</i>	88
2.4. O que faz um intelectual ser reconhecido dentro de sua rede?	100
2.5. Mediação Intelectual e Cultural: ou como a “Árvore Genealógica” se fez conhecida e os “alemães” se encontraram no Litoral Norte/RS	110
CAPÍTULO 3	119
<i>Raízes e Marcas do tempo</i> - a produção de História e Memória no Litoral Norte/RS	119
3.1. O uso das fontes e as “questões do historiador” nas práticas de pesquisa e escrita dos historiadores locais no Litoral Norte/RS	121
O trabalho do historiador e a diversidade temática da história local.....	125
As “questões” e o método na história local.....	131
As marcas de historicidade e os artigos dos historiadores locais	140
3.2. História, Memória e Identidade nos anais do <i>Raízes</i> e do <i>Marcas do tempo</i>	150
3.3. História Local como História Pública ou “obra de fronteira” buscando compreender o fenômeno.....	170
CONSIDERAÇÕES FINAIS	175
BIBLIOGRAFIA	179
1. Anais dos eventos e depoimentos:	179
2. Referências.....	181
ANEXOS	196
ANEXO 1. Mapa atual do Litoral Note/RS	196
ANEXO 2: Exemplo de programa de evento <i>Raízes</i>	197
ANEXO 3: Livros sobre o Litoral Norte/RS.....	206
ANEXO 4. Página da Tabela <i>Raízes</i> e <i>Marcas do tempo</i> : Livro, Artigo, Tema, Autor, Formação, Profissão.....	211
ANEXO 5. Modelo de ficha de Inscrição nos eventos <i>Raízes</i>	212
ANEXO 6. Gráficos sobre o uso de referências nas obras <i>Raízes</i> e <i>Marcas do tempo</i>	213
ANEXO 7. Gráficos sobre os temas dos artigos no <i>Raízes</i> e <i>Marcas do tempo</i>	215

INTRODUÇÃO

A História e sua escrita possuem uma variada paleta de questões, abordagens, fontes e produtores. Ao lado das pesquisas acadêmicas de história, escritas por graduados, mestres e doutores, existe um universo de produções sobre o passado, aceitas e consumidas pela sociedade como História. Nesta tese, iremos investigar a produção da história local do Litoral Norte do Rio Grande do Sul¹ por historiadores profissionais, ou acadêmicos², e amadores³. Pretendemos colocar a lente especialmente sobre estes intelectuais que produzem História para outro público, os moradores da região. Além disso, queremos compreender como foi elaborada esta escrita sobre o passado e que sociabilidades foram estabelecidas nos seus círculos de pesquisa. Com isso, buscamos contribuir para as reflexões sobre a escrita da História e sobre o papel do historiador na sociedade.

Atualmente, está em tramitação um projeto que pretende regulamentar a profissão de historiador, PLS 368/2009. O processo caminha de forma lenta através das instâncias do poder Legislativo e indica quais práticas pertinentes ao ofício seriam salvaguardadas para atuação dos graduados, pós-graduados em História e pessoas que comprovassem a prática do ofício a mais de cinco anos. O projeto cita como espaços de atuação do historiador a educação básica e superior, a organização de informações sobre História a serem veiculadas em diversos espaços e mídias, a organização, implantação e direção de serviços de pesquisa histórica, o assessoramento na seleção de documentos para fins de preservação e descarte e a elaboração de pareceres, relatórios, planos, projetos, laudos e trabalhos sobre temas históricos.

Analisando o referido projeto, estes espaços parecem bastante “óbvios” e até por isso resguardados da prática por outros profissionais. Mesmo assim, a sua tramitação e a aprovação em algumas instâncias provocaram um debate acalorado tanto na mídia quanto entre os historiadores. Muitos jornalistas defenderam o direito de que todos

¹ No Anexo 1 está disponível um mapa atualizado do Litoral Norte/RS

² Por historiadores profissionais ou acadêmicos, entendemos todas as pessoas que escrevem sobre o passado e que são graduados ou pós-graduados em História.

³ Por historiadores amadores, entendemos todos os autores de livros e artigos sobre o passado que não possuem formação universitária em História, podendo exercer outras profissões em paralelo com suas investigações, ou dedicando-se integralmente às pesquisas em documentos, aos relatos orais, etc., elaborando com isso narrativas sobre o passado.

pudessem escrever sobre História⁴, além disso, também foi alegado que não haveria profissionais habilitados em número suficiente para ocuparem os postos no ensino básico. Entre as diversas contribuições de historiadores sobre esse tema, ficaremos apenas com os apontamentos trazidos por Keila Grinberg (2012) e Benito Bisso Schmidt (2013). Ambos argumentam que diversas profissões já atingiram a regulamentação e que, em um mercado altamente regulado, ou se deveria adotar uma normatização como padrão ou uma a desregulamentação geral. Segundo eles, acima desta questão legal, seria necessário levar em conta e discutir o que seria específico da profissão: o “olhar historiador”.

Passando ao largo desta discussão, e ao mesmo tempo dando respaldo através de sua atuação às críticas contra a regulamentação, encontramos um grande número de intelectuais locais que realizam pesquisas sobre a história dos municípios e que são considerados historiadores pela sua comunidade. Estas pessoas possuem reconhecimento da municipalidade, publicam livros, são chamadas a falar nas rádios locais e escrevem nos jornais da região. Participam de associações e círculos de cultura e pesquisa e nas efemérides são convidadas a contribuir para a memória/história da cidade. Ocupam, portanto, o espaço público no qual os historiadores se propõem a atuar.

Ao utilizarmos nesta tese as publicações de história local e municipal como objeto de análise, será possível tecermos uma série de reflexões sobre o papel do historiador dentro da sociedade. Se no projeto de Lei a titulação acadêmica é apontada como uma etapa na formação do historiador, a sociedade, especialmente nos locais mais distantes das universidades, tem indicado que o “seu” historiador passa por processos diversos de legitimidade. Nos eventos e nos livros de história local, escolhidos para esta investigação, foi possível encontrar, lado a lado e com igualdade de exposição, doutores em História e historiadores amadores locais. Sendo assim, neste momento de discussão sobre o ofício do historiador, colocar este *universo* dos intelectuais locais sob o foco pode nos auxiliar a compreender o que a sociedade reconhece como historiador para além do monopólio da universidade. Portanto, analisar estes espaços de celebração da história, identidade e memória local contribui para nossa investigação sobre as representações da sociedade sobre a História.

⁴ Um direito que não seria tolhido pelo projeto, apenas para deixar claro.

No Rio Grande do Sul, como em vários outros estados brasileiros, durante a primeira parte do século XX a escrita “oficial” da História foi praticamente monopolizada pelo Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul. Neste espaço a pesquisa voltava-se, na maioria das vezes, para uma história monumental, celebrativa e por vezes idílica, em que a paisagem era protagonista tanto quanto o peão da fronteira, ou os coronéis na política⁵.

Segundo Letícia Nedel, os estudiosos do IHGRGS identificavam-se com o folclorismo, sendo alguns membros da Comissão Estadual de Folclore, e pretendiam colocar o gaúcho como um dos elementos nacionais. Sua temática era pautada por um calendário cívico e celebrativo, muito ligado à vivência de seus autores:

“O debate histórico, na verdade, resumia-se a um pequeno número de autores, os mesmos a quem se destinavam as diretorias dos órgãos públicos, de comissões de publicação, de escolas e de jornais. A um só tempo bacharéis, militares, literatos, folcloristas, burocratas, jornalistas e historiadores, esses polígrafos fundadores de uma História em via de ser profissionalizada marcaram presença nas celebrações rituais de identidade local, participando de discursos inflamados nos palanques e colunas de jornal. Como inventores do regionalismo, forjaram através de inúmeros empréstimos nacionais e estrangeiros, um vocabulário específico capaz de fazer coincidir os significados de povo e ‘gaúcho’ em narrativas que ordenavam passado e presente nos atavismos da ‘raça’, dos ‘costumes’, da paisagem e do ‘gênio’ do herói civilizador.” (NEDEL, 2005: 65)

Sendo assim, os primeiros “historiadores” do Rio Grande do Sul, ainda que sem uma pretensão teórica ou metodológica, realizavam uma história regional. Seu objetivo era retratar a ocupação do território. Poderiam divergir quanto às influências, se lusitana ou platina, como apontam os estudos de Ieda Gutfreind (1998), mas colocando como foco as particularidades do seu povo e sua história.

Na década de 1940, com o advento das faculdades de Geografia e História da Faculdade de Filosofia da UPA em 1943 (federalizada em 1950), os primeiros graduados em grande parte dirigiram-se para a docência. Segundo Rodrigues, o impacto junto à pesquisa de História foi pequeno: “O IHGRGS continuou inabalável na situação

⁵ “Desde o aparecimento do Instituto Histórico Geográfico (IHGRS), em 1920, até décadas depois da criação de cursos superiores de História em Porto Alegre, autores locais, mutuamente classificados como regionalistas ou não regionalistas, conciliando suas ocupações entre o jornalismo, o exercício literário e a crítica histórica entre direção de entidades, de projetos editoriais e a militância política, criaram e alimentaram uma tradição escrita que, de uma só penada, ditava os cânones de uma estética (o regionalismo literário), de uma disciplina (a história regional) e de um objeto de conhecimento - os elementos constitutivos da identidade gaúcha extensível a todos os habitantes do Rio Grande do Sul.” (NEDEL, 2005: 3)

de instituição privilegiada e detentora do monopólio da competência científica nessa área, emitindo pareceres demandados pelas próprias autoridades educacionais no estado.” (RODRIGUES, 2002: 90).

A produção de pesquisas consolidou-se a partir dos anos 60 e 70 no Brasil. E o número de profissionais foi aumentando progressivamente. A partir dos anos 80 e, especialmente nos anos 90, ocorreu um aumento significativo no número de publicações desenvolvidas por todos os tipos de autores, desde profissionais da História aos já citados diletantes ou amadores.

Combinando com esse período de ascensão das pesquisas em História, iniciaram-se os eventos analisados neste estudo. Utilizamos como objetos os anais dos *Encontros dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha*, intitulados *Raízes* e os *Simpósios sobre Imigração Alemã no Litoral Norte - Marcas do tempo*. Ao todo foram trabalhados treze livros, publicados entre os anos 1996 e 2012. Cinco volumes são parte dos simpósios *Marcas do tempo* e oito volumes foram resultados dos eventos *Raízes*⁶. Ao longo do período apontado acima ocorreram mais encontros do projeto *Raízes* do que *Marcas do tempo*⁷.

O foco de nossa pesquisa se propunha a, através da “janela” do Litoral Norte/RS, compreender esse *universo* dos historiadores locais. Para isso analisaremos ao longo desta tese como eram organizados e desenvolvidos os eventos de história local, quais os espaços de sociabilidades e elementos de legitimidade ativados dentro deste grupo de intelectuais locais e, por fim, como estas pessoas conceberam e desenvolveram sua escrita sobre o passado através dos textos publicados nos anais dos encontros *Raízes* e *Marcas do tempo*.

Nestes eventos, o passado é apresentado como origem, identidade, memória e história. Os participantes dividem-se entre comunicadores e conferencistas que chegaram a eles para contar os resultados de suas pesquisas (acadêmicas, amadoras, genealógicas), mas, também, para falar de suas memórias, da biografia de pessoas

⁶ Marcas do Tempo: Terra de Areia, Torres, Três Forquilhas, Arroio do Sal e Dom Pedro de Alcântara. Raízes: Santo Antônio da Patrulha, São Francisco de Paula e Tramandaí; Torres; Terra de Areia; Santo Antônio da Patrulha e Caraá; Capão da Canoa; Santo Antônio da Patrulha; Osório e Balneário Pinhal

⁷ Além das publicações selecionadas para esta tese, outras publicações do *Raízes* foram editadas referindo-se a municípios fora do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, e por isso não serão utilizadas nesta pesquisa.

queridas ou relatar o histórico de lugares e instituições representativas e importantes para a comunidade. Com isso, neste território partilhado que é a história local, abre-se espaço para refletir sobre quem é o historiador.

Embora possamos arriscar dizer que praticamente todos os municípios do Estado possuem ao menos um livro sobre sua história/memória, escrito por um historiador de formação ou por um amador, um cronista, um memorialista, ainda temos poucos estudos acadêmicos ocupados em compreender estas produções sobre o passado que foram escritas fora dos muros universitários.

Dois trabalhos acadêmicos se propuseram a analisar estes livros de história municipal. Tal qual esta tese, ambos recortaram o seu período de análise a partir de 1980 por terem percebido um aumento no número das publicações em relação a momentos anteriores. A historiadora Ironita Machado (2001), sob a orientação do professor Dr. Astor Antônio Diehl, em sua tese de doutorado, realizou uma pesquisa quantitativa tabulando dados sobre as obras de história municipal referentes as cidades do Planalto Norte do Rio Grande do Sul, entre 1985 e 1995. Seu trabalho foi desenvolvido na Universidade de Passo Fundo (UPF). A pesquisadora encontrou alguns elementos em comum entre as várias obras selecionadas. Em primeiro lugar, praticamente todos os livros receberam patrocínio dos meios oficiais: prefeituras, secretarias de cultura, câmaras de vereadores. Segundo a autora, talvez por isso os escritores não fossem críticos em sua forma de apresentar o passado e não problematizaram a atual estrutura social, cultural e política. Além disso, estes autores tecem elogios aos “desbravadores” e primeiros ocupantes (brancos) do território. Segundo Machado:

Os livros de história que compõem a cultura historiográfica regional representam uma possibilidade e uma manifestação de orientação à experiência cotidiana, como articulação do poder entre o político e o cultural de um determinado grupo social, visando à construção e à manutenção de uma identidade no atual contexto de transformações históricas. (MACHADO, 2001, 17)

Ao investigar este grande volume de produções, 32 no total, tabulando os autores e classificando as múltiplas formas de escrita do passado adotadas pelos historiadores amadores, esta publicação constituiu um importante trabalho nesta área. Todavia, esta pesquisa pouco avançou na análise do impacto destas obras dentro da

comunidade local. Também não foram abordadas as relações de sociabilidade entre os autores, os contatos com o universo acadêmico e as conexões entre memória e história.

Na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), o historiador Arnaldo Haas Júnior elaborou uma dissertação de mestrado sob orientação do prof. Dr. Luiz Felipe Falcão e que foi posteriormente publicada como artigo na revista *Fronteiras*, nº 17- 2009. Este pesquisador analisou os historiadores do Alto Vale do Itajaí/SC e algumas iniciativas desenvolvidas pela Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí (AMОВI) entre 1985-2007. Sua investigação procurou compreender as relações entre as narrativas do passado produzidas pelos historiadores amadores e a promoção da identidade local, além disso, refletiu sobre os usos do passado pelas prefeituras ao patrocinarem os empreendimentos de história/memória na região. Em sua dissertação, descreve o panorama dos autores da história local do Vale do Itajaí. Estes estariam engajados na criação de uma ideia de região e possuíam conexões com as prefeituras. Ele distribui as produções de história local de acordo com a delimitação do objeto em três grupos:

O primeiro grupo seria formado por obras que se pretendem estaduais e que geralmente priorizam a exposição de eventos políticos de âmbito estadual. O segundo grupo engloba trabalhos que enfocam os âmbitos municipais, locais. O terceiro grupo, por sua vez, denominado de “história temática”, foge de qualquer expectativa de enclausuramento em conceitos estanques, sendo possível afirmar apenas que o termo oferece a possibilidade de inserção da noção de perspectivismo no trabalho historiográfico. É a partir de problemas de pesquisa que o historiador compõe sua escritura. (HAAS JÚNIOR, 2009: 63)

Em artigo publicado posteriormente Arnaldo Haas indica que estes escritores poderiam ser considerados produtores de história, ainda que sem a formação universitária: “De fato, independente da formação intelectual, vinculações institucionais, inclinações idiossincráticas, todos os autores de história local são produtores de história. ” (HAAS JUNIOR: 2009, 72). Estes produtores de história poderiam então dividir-se entre “historiadores locais”, “historiadores de ofício”, “history makers” e “memorialistas”. Embora este trabalho investigue as ações da AMОВI, ele também não se ocupa das relações entre os intelectuais locais e o mundo acadêmico, bem como da legitimação dentro destas redes e suas relações com as questões de memória.

As discussões sobre a história local também foram tema de artigos acadêmicos, embora, na maioria dos casos, se referissem às temáticas com recorte local, enquanto aqui as investigações priorizam as narrativas sobre passado produzidas fora do espaço universitário e sobre uma delimitação geográfica restrita, município ou região.

Entre a comunidade acadêmica do Rio Grande do Sul ocorreu um debate sobre a história local e sua possível filiação à micro-história na revista *História*, publicada pelo Programa de Pós-Graduação da UNISINOS. Os artigos de Núncia Constantino Santoro (2004) e de Cláudio Pereira Elmir (2004) apresentam uma discussão sobre a validade da conexão entre a história local e o movimento historiográfico da micro-história italiana e francesa. Ambos concordam com a importância dos estudos sobre as comunidades e apontam que o amadorismo dos historiadores não acadêmicos prejudicaria esse gênero. Uma história realizada dentro dos padrões universitários sobre uma temática local, poderia estar filiada à micro-história e deveria se apropriar da reflexão metodológica consolidada por essa corrente:

Em outras palavras, a História Regional/Local que se pretende, antes de ser uma história do microespaço regional, local, é uma história produzida em perspectiva diferente e em concepção dialética. Sua diretriz metodológica contempla etapas de desconstrução, análise de elementos particulares, elaboração do metatexto ou síntese final, criativa, original, como é a verdadeira síntese. História Regional/Local na perspectiva da micro-história significa revitalização nas formas de produção histórica com reconstrução do que aconteceu perto de nós, buscando respostas a problemas que se impõem no presente, em diferentes esferas e âmbitos. (CONSTANTINO, 2004: 177)

Em outra tentativa de compreender as publicações da história local (entendida como a produção que além de realizar o recorte local como seu objeto, tem os moradores daquela região como seu público alvo) o professor Sílvio Marcos de Souza Correa publicou um artigo na revista *MÉTIS* em 2002. Um dos elementos apontados por ele seria que a história local não possuiria relação com a micro-história de matriz italiana:

Eis, portanto, mais uma distinção entre as monografias de história local e a produção intelectual em micro-história. Ou seja, enquanto os autores das primeiras buscam integrar cronologicamente e de forma ordenada certas localidades a uma história geral, a segunda logra mostrar as limitações de modelos racionalistas para abarcar a complexidade caótica da realidade social. (CORREA, 2002: 15)

Outro ponto destacado por Correa coloca a história local sob um viés conservador, em uma filiação teórica positivista (embora nem sempre os autores tenham isso presente), enquanto que a micro-história surge como uma dissidência, como uma busca por uma realidade caótica e complexa (CORREA, 2002: 15).

Por fim, entre os artigos que analisam a escrita da história local, temos os textos de José D'Assunção de Barros, publicados inicialmente em revistas e posteriormente como capítulos de livros⁸. Este autor aponta: “A História Local constitui uma presença marcável no quadro geral das modalidades historiográficas contemporâneas, notadamente no Brasil” (BARROS, 2013: 165). Para ele, a história local seria assim chamada, pois o historiador achou importante marcar a centralidade que o “lugar” ocupa em sua análise historiográfica (idem: 171). A especificidade seria, para este autor, o fato de “uma história que se produz em um lugar, que traz as marcas deste lugar, que retorna depois a este mesmo lugar e produz novas interações com os leitores que se reapropriam criativamente desta história.” (Idem: 170).

Estas produções sobre história municipal escritas por amadores, circulam de forma restrita, encontrando seu espaço no município sobre o qual versam. Uma vez publicadas, com recursos próprios ou pagas pela prefeitura, estes livros têm como destino as bibliotecas da cidade e suas feiras do livro. No Litoral Norte/RS esse cenário não é diferente.

As publicações realizadas pelos intelectuais locais tendo como recorte o Litoral Norte/RS somam trinta livros (além dos anais dos eventos utilizados nesta tese, a lista completa está à disposição no anexo 3. Os temas circulam entre memórias, comemorações, ocupação territorial e limites, imigração alemã, história dos municípios e de determinados locais dentro das cidades do Litoral Norte/RS. Podemos destacar também alguns historiadores que participaram dos encontros e estabeleceram estudos sobre esta região dentro da universidade: Dr. Marcos Justo Tramontini, Dr. Marcos Witt, Dra. Véra Lucia Maciel Barroso, Dra Eloisa Helena Capovilla e Dr. Paulo Roberto Staut Moreira.

⁸ Escolhemos alguns artigos sobre a escrita da história local para apresentarmos neste momento, mas estes não são os únicos sobre esta temática. Um grande número de textos trata sobre a história local e seu uso em sala de aula. A lista completa dos artigos encontrados e lidos está na bibliografia desta tese. Existe um debate sobre a pesquisa em história local já bem adiantado em alguns países latino-americanos como Argentina de México. Especialmente com os autores Justo Serna e Sandra Fernandes.

Mesmo com essas nascentes produções, uma boa parte dos municípios do Litoral Norte/RS não possui nenhum trabalho sobre sua história. Muitos foram emancipados a pouco mais de dez anos, outros têm sua história relatada por cronistas em páginas de jornais. Os eventos de história local *Raízes e Marcas do tempo* em parte “solucionaram” esta lacuna. Os anais são doados para diversas cidades da região e neles os historiadores locais encontraram espaço para publicar suas pesquisas, pois todos os municípios da região patruhense são convidados a participarem.

O espaço recortado para pesquisa corresponde as cidades que foram originárias de Santo Antônio da Patrulha, um dos quatro primeiros municípios do Rio Grande do Sul. Deste grande território (ver anexo 1) desmembraram-se 21 municípios. No quadro que segue encontramos as cidades com a população rural e urbana da região.

Municípios	População Total	População Urbana (%)	População Rural (%)	Taxa de Crescimento Anual (%)	Densidade Demográfica (hab/km ²)
Arroio do Sal	5.273	95,58	4,42	6,32	41,42
Balneário Pinhal	7.452	95,54	4,46	7,47	70,17
Capão da Canoa	30.498	99,46	0,54	5,09	315,71
Capivari do Sul	3.107	77,66	22,34	2,39	7,52
Caraá	6.403	7,36	92,64	0,75	21,71
Cidreira	8.882	95,81	4,19	6,61	36,75
D. Pedro de Alcântara	2.636	26,59	73,41	1,75	33,24
Imbé	12.242	97,25	2,75	5,83	308,36
Mampituba	3.106	5,92	94,08	0,32	19,83
Maquine	7.304	26,36	73,64	0,79	11,70
Morrinhos do Sul	3.533	19,81	80,19	0,05	21,24
Osório	36.131	84,87	15,13	2,05	53,89
Palmares do Sul	10.854	83,78	16,22	2,29	11,47
Sto. Antônio da Patrulha	37.035	63,41	36,59	0,74	34,67
Terra de Areia	11.453	44,29	55,71	1,07	33,89
Torres	30.880	89,24	10,76	2,18	191,21
Tramandaí	31.040	95,64	4,36	4,89	216,16
Três Cachoeiras	9.523	49,68	50,32	1,93	37,69
Três Forquilhas	3.239	8,24	91,76	-0,08	14,96
Xangrilá	8.197	93,01	6,99	5,00	136,16
Itati (*)	2.836	-	-	-	13,25
Litoral Norte	268.788	77,19	22,81	2,83	75,97
Rio Grande do Sul	10.181.749	81,65	18,35	1,23	81,65

Tabela 1: Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2000. (*) Município emancipado em 1996 e instalado em 2001.

A escolha desta região se deu ao verificarmos que os eventos *Raízes e Marcas do tempo* acabaram se constituindo como um projeto cultural de dimensões pedagógicas. Embora o espaço correspondente ao território original de Santo Antônio da Patrulha chegue até o Norte do Estado, foi no Litoral Norte que foi possível verificar uma rede de intelectuais engajados na pesquisa e na promoção da história local e que circularam por ambos encontros.

Os eventos *Raízes* iniciaram no ano de 1990, no município de Santo Antônio da Patrulha, e a idealizadora deste evento itinerante é a historiadora Dra. Véra Lucia Maciel Barroso, atualmente coordenadora de arquivo do Centro Histórico-Cultural da Santa Casa de Porto Alegre. Os encontros *Raízes* aconteceram e ainda acontecem nos municípios que se desmembraram de Santo Antônio da Patrulha. Até o ano de 2015 ocorreram 26 encontros, com 21 livros já publicados e os demais em processo de edição cada ano o evento ocorre em uma cidade diferente. Os municípios visitados são nomeados como “filhos” “netos”, “bisnetos” e “trinets” de Santo Antônio da Patrulha e existe um espaço dentro de cada evento para que os pesquisadores de outras cidades “parentes” se apresentem. Um dos objetivos para esse contato intermunicipal seria a busca de uma integração através da história em comum que possuem: suas “raízes”. Estes eventos contam com o apoio ativo das prefeituras, tanto com patrocínio na publicação como com cedência de funcionários das secretarias de Educação e Cultura para auxiliarem na organização. A editora que publicou a maior parte dos volumes foi a EST Editora, especializada na publicação de história regional, intelectuais locais, historiadores amadores, mas com alguns trabalhos acadêmicos também em seu catálogo. Os encontros e os livros pretendem mobilizar moradores da cidade onde o evento ocorre, os intelectuais locais, pesquisadores e produtores culturais bem como a comunidade escolar da região também é convidada a assistir e contribuir. A proposta divulgada é a de que todas as pessoas podem pensar sobre a identidade da região, isso seria feito através da pesquisa e do “resgate” da memória histórica e cultural da cidade com o incentivo para que a população “escreva sua história”.

O que torna este evento importante para analisarmos a história local é sua percepção de que não apenas se deve “resgatar” a história do município, mas também promover relações com as cidades do entorno, contribuindo para a formação de uma rede de intelectuais que participam dos encontros, sempre levando novos temas, mesmo

que o assunto seja outro município “parente”. Outra particularidade é a participação maciça da comunidade apresentando comunicações. Todas as falas cujos autores entregaram o texto à organização foram compiladas e transformam-se nos livros: a maioria dos volumes com não menos do que 300 páginas e outros com mais de 500. Em pequenos artigos, alguns com apenas meia página, as práticas memorialísticas estão ao lado de produções que seguem padrões da historiografia acadêmica. Nestas publicações encontramos tanto textos escritos com o rigor próprio da academia como relatos sobre assombrações ou receitas de doces típicos.

O segundo conjunto de publicações que analisaremos são os *Simpósios sobre Imigração Alemã no Litoral Norte - Marcas do tempo* que iniciaram sob a inspiração do *Raízes*. Dez anos separam o início dos dois eventos. A mentora e organizadora destes Simpósios foi a historiadora local Nilza Huyer Ely. Estes eventos iniciaram em 1999, no município de Terra de Areia, e ocorreram em cinco edições, sendo a última na cidade de Dom Pedro de Alcântara, no ano de 2010. Foram publicados cinco livros, igualmente fruto da coleta das comunicações e palestras ministradas durante as atividades, todos tendo como foco a imigração alemã no Litoral Norte e em alusão a alguma data comemorativa, seja da imigração ou aniversários de emancipação dos municípios envolvidos.

Os livros contam com 200 a 300 páginas, também publicados através da EST Editora. O que diferencia os eventos *Marcas do tempo* é a busca por uma identidade étnica. A principal motivação dos eventos situa-se na retomada de uma identidade perdida e, através dela, não apenas a valorização local, mas também uma chamada para que estes descendentes assumam suas “origens”.

O material que nos propusemos a analisar nesta tese, como foi apresentado, é *sui generis*. Estes eventos de história local possuem características diversas dos livros de história municipal, produzidos por intelectuais locais, e também se afastam dos eventos acadêmicos de história. A forma de organização adotada por Barroso e Ely permitiu que nos anais fosse possível encontrar diversas abordagens sobre o passado lado a lado. A falta de coesão interna torna-se então, ao mesmo tempo, um elemento fascinante, pois rico em possibilidades, e desafiador, posto que cada texto precisa ser visto em si e em relação com o evento e com os demais participantes.

Os treze volumes analisados contêm 1297 artigos, assinados por 1439 autores. A diversidade temática e de formação dos escritores impôs um grande desafio para a análise nesta tese. A forma encontrada para darmos conta deste volume de informações foi a elaboração de uma tabela, no programa Excel. Nela criamos os campos: livro, artigos, tema, autor, formação, profissão, titulação acadêmica e instituições. Cada volume dos anais do *Raízes* e do *Marcas do tempo* teve seus artigos lançados, um a um, nesta tabela, onde foram preenchidos os campos e, após uma leitura do artigo, foi classificado em uma das temáticas propostas. Esta metodologia possui limitações e estamos cientes de que, em alguns casos, os textos não se colocam em apenas uma delimitação temática, mas, tendo em vista o volume de material, julgamos que seria a melhor maneira de obtermos uma visão global dos livros e, a partir dos diversos filtros que o programa possibilitou lidarmos com os dados e verificarmos nossas hipóteses de trabalho.

Na coluna “Livro”, indicamos os diversos volumes, tanto do *Raízes* como do *Marcas do tempo*, na área “Artigos” e “Tema” estabelecemos critérios temáticos para classificarmos as diversas comunicações e palestras. Os temas foram distribuídos em: *relatos biográficos, genealogias, memórias, relatos históricos- ocupação, imigração, origens, prefácios, homenagens e histórico do evento, folclore do Litoral Norte e tradições da imigração, discussões sobre a escrita da História, arte cemiterial, história do Litoral Norte -1950-2000 e meio ambiente e turismo* (ver exemplo de uma página da planilha no Anexo 4)

As classificações temáticas criadas para esta tese tinham como objetivo possibilitar a utilização de um volume de dados muito grande. Sabemos que elas possuem limitações e acabam por serem generalizantes. Todavia, mesmo com alguns artigos que não se inserem perfeitamente nas categorias criadas, através desta sistematização foi possível visualizar o perfil de cada projeto, *Raízes* e *Marcas do tempo*, bem como perceber em quais edições um ou outro tema estava mais presente. Além disso, através do cruzamento de dados, foi possível mapear quais autores estavam escrevendo sobre cada temática e com isso traçar um perfil dos grupos de intelectuais.

Ao manusearmos os anais, nossas fontes, percebemos que os autores na sua breve descrição biográfica apresentavam um padrão de nomeação. Após entrevistas com os organizadores (Barroso, Ely e Witt), todos expuseram que na ficha de inscrição para

comunicação existe um campo onde cada autor deve indicar escolaridade, formação e profissão (ver ficha de inscrição no anexo 5). O critério de autonegação é um dos elementos que nos permitirá compreender como estas pessoas pretendem se colocar perante o grupo. Ao montarmos nossa tabela, incluímos o campo “autor” e o campo “formação”, neste, cada autor era classificado de acordo com sua autonegação na pequena biografia incluída junto ao título nos artigos publicados. Ficaram divididos em *acadêmicos*, *historiadores locais*, *pesquisadores* e *outros* (ver exemplo de planilha no Anexo 4). Mesmo partindo desta declaração dos participantes, sabemos que estes critérios são mais operativos do que reais. Foram criados para dar conta de uma realidade complexa, com um número de autores muito grande. Nas sociabilidades dos encontros não existe essa rígida divisão, e alguns, inclusive, nomearam-se como pesquisadores em um livro e como historiadores em outro, demonstrando que não existia essa rigidez que o método, e as tabelas, no impõem.

A escolha do Litoral Norte como recorte geográfico e as obras *Raízes e Marcas do tempo* como objeto permitiram que as noções apontadas por Sirinelli (1998 e 2003) em seus principais trabalhos sobre os Intelectuais fossem testadas neste contexto específico. Os participantes (historiadores acadêmicos, historiadores locais e pesquisadores) e organizadores dos encontros acabaram por integrar-se em redes formais e informais, com um objetivo em comum: a preservação da história/memória da região. Ao apresentar sua análise, Sirinelli tinha como ponto de partida a sociedade francesa e seus letrados. Em nosso caso, os intelectuais aos quais nos referimos são figuras reconhecidas pelos seus pares e pela comunidade como pesquisadores, historiadores, protetores e guardiões da memória local.

A partir destas definições, refletimos ao longo desta tese sobre os elementos de prestígio que marcam essa elite cultural local, e também os meios para se tornar parte dela. Uma forma de chegarmos a estas informações foi explorando as redes de sociabilidade dos intelectuais locais. Com isso, pretendemos compreender os objetivos do grupo, a forma como o recrutamento ocorreu e como se deu sua atuação e inserção na sociedade.

Esta diversidade de autores trouxe consigo um grande desafio para a análise. Grupos diferentes possuem interesses, discursos e objetivos diferentes. Para auxiliar na compreensão destes grupos, utilizaremos as propostas de Boltansky e Thévenot sobre os

mundos de justificação. Estes autores, no livro *De La Justification: les économies de La grandeur* (1991), indicam que os indivíduos apresentam lógicas próprias que legitimam suas ações. Estes conceitos e formas de atuação são chamados de *mundos* ou *universos*. Eles apresentam quadros de referência para os atores sociais, modos de portar e fazer, conceitos a serem utilizados, comportamentos e/ou ideias aceitáveis ou não. Tudo isso comporia as lógicas de legitimação dos grupos, em nosso caso, historiadores provenientes das universidades e “historiadores locais”.

Estes *universos*, aparentemente distantes, encontram um ponto de contato nos eventos de história local do Litoral Norte/RS. A partir da investigação da autoria e participação nos eventos, quando é feita uma quantificação partindo de sua formação ou nomeação, percebemos que o número de profissionais presentes nos eventos é significativo, em alguns casos, iguala-se ao de historiadores ditos amadores. Todavia, quando vamos aos textos, percebemos que existem diferenças na forma de escrita e conceituação.

No mundo dos “historiadores locais”, é possível perceber que os critérios de justificação e legitimação utilizados são outros. Aqui, o reconhecimento dos cidadãos do município, colocando o pesquisador como uma pessoa com autoridade sobre a história da região é um dos principais critérios. Outro fator é a aceitação por um grupo de pesquisa, como o Instituto Histórico e Geográfico de Santo Antônio da Patrulha, por exemplo. Com isto, o contato com a imprensa, com o poder público, a visibilidade dada pelos eventos e pela participação nas efemérides serve para situar o indivíduo dentro do seu círculo de relações.

Se as formas de legitimação e até mesmo as práticas são muitas vezes distintas, entre historiadores profissionais, amadores e pesquisadores, podemos questionar os motivos apresentados pelos organizadores para a presença dos historiadores universitários em seus eventos, uma vez que o foco são os pesquisadores e o público local. Buscar estas respostas pôde nos ajudar a refletir sobre o papel do historiador na sociedade e sobre *quem* pode ser nomeado como tal. Estes eventos, um deles organizado por uma historiadora doutora, reconhecida no meio acadêmico e pelos intelectuais locais do Litoral Norte/RS, o outro organizado por uma “historiadora local” com significativa participação e colaboração de historiadores vinculados às universidades, servem como um ecossistema onde podem ser analisados fenômenos mais amplos e a sua análise pode

nos levar aos debates sobre História Pública, sobre o ofício do historiador, sobre os usos da História, entre outros.

Nas publicações selecionadas para análise nesta tese, História e Memória andam juntas. Existe um grande debate entre os historiadores acadêmicos sobre as relações entre Memória e História. Por isso, pensar sobre os limites de cada um destes conceitos é um importante passo para compreendermos a atual demanda por História no Ocidente e, conseqüentemente, localizarmos as produções de história local no contexto atual.

A valorização da memória e a onda de patrimonialização são fenômenos que aumentaram nas últimas décadas. Em uma rápida busca na internet é possível encontrar um grande número de museus sobre a história de cidades ou em homenagem aos “vultos” do passado e eventos históricos. Este movimento se intensificou a partir da década de 70. Nora, ao refletir sobre os lugares de memória, descreve esse contexto:

Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema da encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória. (NORA, 1993: 7)

O autor aponta uma série de fatores que podem ter relação com a questão da memória como a crise econômica dos anos 70, o êxodo rural, o fim dos impérios coloniais. Ele refere-se à França, mas podemos observar que alguns dos elementos também estiveram presentes no Brasil. As drásticas mudanças seriam o desencadeador da sensação de luto pela perda da memória e a busca pelos *lugares de memória*.

Nas produções que são objeto desta tese, também percebemos que o deslocamento populacional, e, sobretudo, geracional, impõe a percepção de que seria necessário um “salvamento” da memória e da história pelas prefeituras e intelectuais locais. As histórias da pequena cidade, as tradições germânicas, os costumes açorianos, entre outros, estariam sendo perdidos no “mundo moderno”. Esta sensação colaborou para o sucesso dos eventos e para o apoio das prefeituras, como podemos ver em alguns prefácios escritos por autoridades municipais:

Tem-se nesta obra uma re-visão (sic) e recordação dos hábitos e costumes, quase esquecidos, dos imigrantes; apelo a que as pessoas atentem para a

preservação de documentos, de objetos, de histórias ou estórias que se, não registradas, perder-se-ão; observa-se o quanto a fé acompanhou os imigrantes e que seria o ‘norte’ a ser seguido no árduo dia-a-dia, buscando, através da educação o caminho seguro de seus descendentes. (ELY, 2009: 13)

É possível perceber, no trecho citado, a urgência desta rememoração do passado, as “histórias” devem ser registradas. Para Hartog (2006), a partir do final do século XX, cada vez mais a história-memória transformava-se em uma ‘história-patrimônio’. O patrimônio encontra-se ligado ao território e à memória, tornou-se uma obrigação. Existe uma exigência pela sua conservação, reabilitação, comemoração. Neste processo, cada vez mais “memórias parciais” reivindicam patrimônios, além dos grandes patrimônios nacionais que costumam ser o foco dos agentes culturais. Pierre Nora também aponta inicialmente essa tendência em seu artigo sobre os “Lugares de Memória”, o sentimento de que o futuro é incerto faz com que o mais modesto dos vestígios ganhe o posto de memorável.

Se para Pierre Nora (1993) a memória e a história poderiam ser isoladas em seus processos de formação, para Paul Ricoeur elas partilham a presença do passado. Nos 1297 artigos que compõem o material que pretendemos analisar a memória e a história se aproximam, se distanciam e se misturam. Este fenômeno encontra seu exemplo nos inúmeros artigos dos livros *Raízes* e *Marcas do tempo* que descrevem a preparação de roscas, peixes, bolos, segundo as tradições açorianas e germânicas. Encontramos também a coleta de músicas utilizadas nos trabalhos coletivos (pixurus), onde além da letra foi publicada também a pauta musical. Todos elevados à dignidade de elementos chave para a compreensão da história local/memória. Este material múltiplo pode permitir aos historiadores compreender esses usos populares da história e da memória dentro das comunidades.

Por fim, outro elemento que permeia a História e a Memória nos encontros de história local no Litoral Norte, diz respeito às comemorações. As efemérides têm sido utilizadas como uma das principais justificativas para o investimento dos municípios nestes eventos. Por isso, observar a escolha das datas e dos locais para a realização dos encontros, analisar os arranjos políticos que permitiram sua execução e as temáticas que predominam nestes eventos também podem nos auxiliar a compreender a relação com o

passado e o trabalho de memória ao selecionar o que deve ser lembrado e o que pode ficar esquecido ao longo do tempo (FERREIRA, 2012: 120).

Os encontros de história local no Litoral Norte/RS são uma fonte rica para compreendermos as redes de relações entre os intelectuais atuantes nesta região e para percebermos como tem sido feita a escrita do passado fora do meio acadêmico, tanto por amadores como por profissionais. Para nos auxiliar nesta investigação utilizamos as entrevistas com figuras-chave na organização dos eventos e também participantes com um grande número de trabalhos publicados.

Os entrevistados foram: Véra Lucia Barroso, organizadora dos Encontros *Raízes*; Nilza Huyer Ely, organizadora dos *Simpósios de Imigração Alemã no Litoral Norte - Marcas do tempo*; Marcos Antônio Witt, professor na UNISINOS e colaborador próximo de Nilza Ely na organização; Fernando Rocha Lauck, graduado em História e intelectual local de Santo Antônio da Patrulha, ex- Secretário de Cultura do Município e ex-Diretor do Museu Histórico e da Biblioteca Pública Municipal; Andrea Helena Petry Rahmeier, professora na Faccat e participante de diversas edições do *Raízes* e *Marcas do tempo*; Renato José Lopes, “pesquisador” e presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santo Antônio da Patrulha; Leda Saraiva Soares, “historiadora local” de Tramandaí e Imbé, membro da Academia de Escritores do Litoral Norte/RS; Jacy Waldir Fischer, “pesquisador”, com diversas publicações no *Raízes* e *Marcas do tempo* e Marcos Antônio Velho Pereira, “pesquisador” e genealogista, também participante assíduo dos eventos de história local no Litoral Norte.

Os participantes autorizaram o material para uso nesta tese verbalmente, no início da gravação. Optamos pelas entrevistas semiestruturadas, com questões a respeito dos encontros e das relações entre os intelectuais, mas foi priorizada a livre associação por parte dos entrevistados. As questões apresentadas durante o processo de entrevista foram: “Como chegou até a pesquisa e os eventos de História?”, “Como escolhe o tema de sua pesquisa?”, “Quais métodos de pesquisa utiliza?”, “Como se considera dentro do campo dos intelectuais locais? É um historiador ou pesquisador?”, “Faz parte de algum grupo de pesquisa? Qual? Como chegou a ele?”. Para os organizadores dos eventos, Barroso, Ely e Witt, também foram perguntados sobre os motivos para iniciarem estes encontros, quais suas intenções nesta empreitada e sobre como eram organizados os eventos. Todo este material já está transcrito e buscou-se preservar a oralidade, apenas

adaptando para uma linguagem formal algumas marcas que fazem parte da linguagem oral.

Estas fontes auxiliaram a compreender melhor não apenas como foram realizados os *Raízes* e *Marcas do tempo*, mas também os sonhos e projetos dos organizadores. Quanto aos acadêmicos, “historiadores locais” e “pesquisadores”, pudemos esclarecer como estes intelectuais se percebem em relação ao seu trabalho e em contato com os demais colegas, participantes dos encontros e do cenário cultural do Litoral Norte/RS. Por fim, identificar algumas das suas motivações ao engajarem-se na pesquisa sobre a história/memória da região e sua posição sobre o ofício do historiador.

Como fontes auxiliares também foram utilizados alguns livros publicados pelos intelectuais locais, os sites na internet das associações de historiadores e literatos do Litoral Norte/RS, os jornais da região e as páginas online das prefeituras, onde buscamos notícias sobre a divulgação e a repercussão dos encontros.

Com isso esta tese foi dividida em três capítulos e os anexos. No primeiro capítulo pretendemos apresentar os dois projetos de história local. Iniciaremos pelo *Raízes*, posto que é o mais antigo e foi fonte de inspiração para o *Marcas do tempo*. Nesta parte será exposto como a organizadora Véra Barroso articulou a criação deste evento que já chegou à 26ª edição. Utilizando a metáfora da “árvore genealógica”, um fio condutor do *Raízes*, iremos nos aproximar do contexto que permitiu aos *Encontros dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha* atingir o apelo popular e político necessário para sua manutenção e expansão. A seguir será detalhada a organização dos encontros, sua programação e atividades paralelas que movimentaram a vida cultural dos municípios sede e quem eram os participantes, tanto como público como comunicadores e palestrantes. Por fim, seguiremos os mesmos passos, ao apresentar os *Simpósios sobre Imigração Alemã no Litoral Norte/RS- Marcas do tempo*. O objetivo deste capítulo é compreender estes eventos dentro de seu contexto para e com isso, apreendermos a atuação dos intelectuais locais no Litoral Norte e nos aproximarmos desse *universo* de historiadores que atuam fora do mundo acadêmico.

Passaremos, no segundo capítulo, à análise da rede de intelectuais locais da região. Partindo das definições de Sirinelli (1998 e 2003) sobre os intelectuais no contexto francês, iremos refletir sobre a dinâmica dos intelectuais locais no Litoral

Norte/RS. Primeiramente investigaremos como foram estabelecidas as redes de solidariedade e sociabilidades entre estas pessoas, como estão organizadas internamente e quais suas aproximações com os historiadores acadêmicos que também frequentaram os encontros de história local. Então, se os eventos foram uma porta de entrada para a formação desta cooperação interna, cabe agora investigar o que sustentava esta rede, seus mecanismos de legitimação, seu trabalho junto ao poder público e a sociedade na qual estavam inseridos. Por fim, detalharemos os processos de mediação intelectual e cultural que os organizadores estabeleceram a fim de permitir a longevidade de seus projetos (*Raízes e Marcas do tempo*) e, com isso, expandir os estudos sobre a história e a memória dos municípios desta região.

Após percorrermos o *universo* dos historiadores locais e suas conexões internas e externas através da rede de intelectuais locais formada no Litoral Norte/RS, iremos voltar nosso olhar para sua produção sobre o passado. No terceiro capítulo, analisaremos os artigos produzidos por “historiadores locais”, “pesquisadores” e “historiadores acadêmicos”. O objetivo será compreender como realizaram suas pesquisas, sua aproximação com práticas antiquárias e metódicas e as marcas de historicidade presentes em seus trabalhos. Por fim, partindo da operação historiográfica, proposta por Michel de Certeau (2002), queremos compreender como se deu a escrita da História e da Memória nestes anais dos eventos *Raízes e Marcas do tempo* bem como a importância destes eventos e publicações para a promoção da identidade nas comunidades envolvidas nos projetos.

Nos anexos o leitor irá encontrar primeiramente, um mapa apresentando a configuração atual dos municípios do Litoral Norte/RS. No segundo anexo, trazemos um exemplo de programa do *XXI Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha - Raízes de Balneário Pinhal*. Nele será possível visualizar como era distribuída a programação entre as comunicações, palestras e painéis. Também estão colocados os títulos dos textos que, no posteriormente compuseram os anais *Raízes de Balneário Pinhal*, uma das fontes desta tese. Chamamos a atenção para o campo “crédito” onde consta a pequena biografia do comunicador, palestrantes ou painelistas e que mostra a organização interna do grupo dos intelectuais, assunto tratado no capítulo 2. Também encontramos exemplos de atividades paralelas e culturais que ocorriam nos eventos, como a abertura com a entrada das bandeiras, as apresentações culturais, o

“congraçamento espiritual” (momento em que as organizações religiosas do município são convidadas a tomarem a palavra). No anexo três encontraremos a lista de livros sobre história dos municípios do Litoral Norte/RS publicados por historiadores acadêmicos e por intelectuais locais. O anexo quatro é composto pelo exemplo da tabela do Excel onde foram tabulados os dados dos anais do *Raízes* e do *Marcas do tempo*. No anexo cinco apresentamos um exemplo de ficha de inscrição para apresentar comunicações no *Raízes*. O anexo seis compõe-se dos gráficos indicando o uso de referências bibliográficas nos anais dos eventos. No anexo seis encontraremos os gráficos correspondentes a distribuição dos temas ao longo das edições do *Raízes* e do *Marcas do tempo*.

CAPÍTULO 1

Raízes e as Marcas do tempo: os encontros e os livros como espaço de produção de história local

A partir das considerações iniciais acerca da origem e conceituação da história local, nesta tese pretende-se tomar como objetos de análise dois projetos que foram promovidos no Litoral Norte e que ainda repercutem nos municípios: os *Encontros dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha - Raízes* e os *Simpósios sobre Imigração Alemã no Litoral Norte - Marcas do tempo*, ambos resultaram em anais, com as compilações das palestras e comunicações, publicados sob o nome de *Raízes e Marcas do tempo*. Estes encontros de história local foram (somente o *Raízes* ainda está ativo) muito prestigiados na região. Eles serviram de espaço para contato entre os pesquisadores, os historiadores locais e os historiadores provenientes do mundo universitário, além de, em princípio, serem abertos a qualquer pessoa da comunidade que quisesse contribuir ou assistir a eles.

Por sua importância para o Litoral Norte/RS e sua perenidade, neste capítulo iremos analisar o histórico destas duas atividades listadas acima. No primeiro momento iremos apresentar o contexto de Santo Antônio da Patrulha. Com isso, queremos compreender as motivações para que se criasse o *Raízes* e os elementos que permitiram sua continuidade por mais de vinte e cinco anos. A partir disso, refletiremos sobre a “árvore” e as “raízes”, a saber, a figura poética da Árvore Genealógica elaborada com os municípios descendentes de Santo Antônio da Patrulha e o nome dado aos eventos: *Raízes*. Ambos são carregados de uma força simbólica que foi fundamental para o sucesso dos encontros. Em seguida apresentaremos a rotina da organização destes encontros, as atividades propostas, os convites para os intelectuais locais e o contato com o público.

Na última parte, os *Simpósios sobre Imigração Alemã no Litoral Norte - Marcas do tempo* serão apresentados. Por serem um evento que se iniciou a partir do *Raízes*, analisaremos suas aproximações e diferenças em relação ao encontro que o inspirou.

1.1. Santo Antônio da Patrulha, uma “árvore” com mais de duzentos anos e a busca por um protagonismo regional através de suas *Raízes*

No momento em que, como uma mãe carinhosa, Santo Antônio da Patrulha se engalana para receber em sua antiga e quase bicentenária morada, a grande família, entre filhos, netos, bisnetos e tataranetos, nada mais justo do que esta genealogia preste contas de suas atividades e de seu caminhar com suas ideias na perseguição do seu próprio destino. (ELY, 2000: 299)

O Litoral Norte do Rio Grande do Sul possui uma história singular quanto aos processos de ocupação. Ao longo do século XVIII e XIX sucessivas levas de migrantes passaram a habitar este espaço compreendido entre Viamão, Porto Alegre e o mar. Nele açorianos, alemães, poloneses, portugueses, africanos, italianos fixaram residência ocupando os campos nas beiras das lagoas e as escarpas cobertas de Mata Atlântica da Serra Geral.

A história do município de Santo Antônio da Patrulha remonta ao período do tropeirismo quando, para levar gado das Missões Jesuíticas para as feiras de Sorocaba e Minas Gerais, foi aberta a Estrada dos Tropeiros por Cristovão Pereira de Abreu em 1736. Por conta do contrabando foi estabelecida na região uma Guarda, posteriormente chamada de Patrulha, ali ergueram roças e casas para os soldados que serviam neste posto. A partir deste núcleo inicial, foi construída uma capela em homenagem a Santo Antônio. Esta se tornou Capela Curada de Santo Antônio da Guarda Velha de Viamão, em 1760, e transformou-se em sede da vida social e administrativa dos esparsos moradores da região (BARROSO, 2009). Na década de 1760-1770 casais açorianos passaram a estabelecer-se na área, recebendo datas de terras em torno do nascente vilarejo, pois algumas sesmarias já vinham sendo distribuídas desde 1743 (KÜHN, 2004).

Em 1809 foram criados quatro municípios na então Província de São Pedro: Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo e Santo Antônio da Patrulha. Em três de abril de 1811, a Câmara de Santo Antônio da Patrulha foi instalada com uma área de 34.184

km², dividida nos distritos de Freguesia de N.Sr^a. da Oliveira da Vacaria, Capela de São Francisco de Paula de Cima da Serra, Freguesia de N. Sr^a. da Conceição do Arroio e o Presídio das Torres⁹.

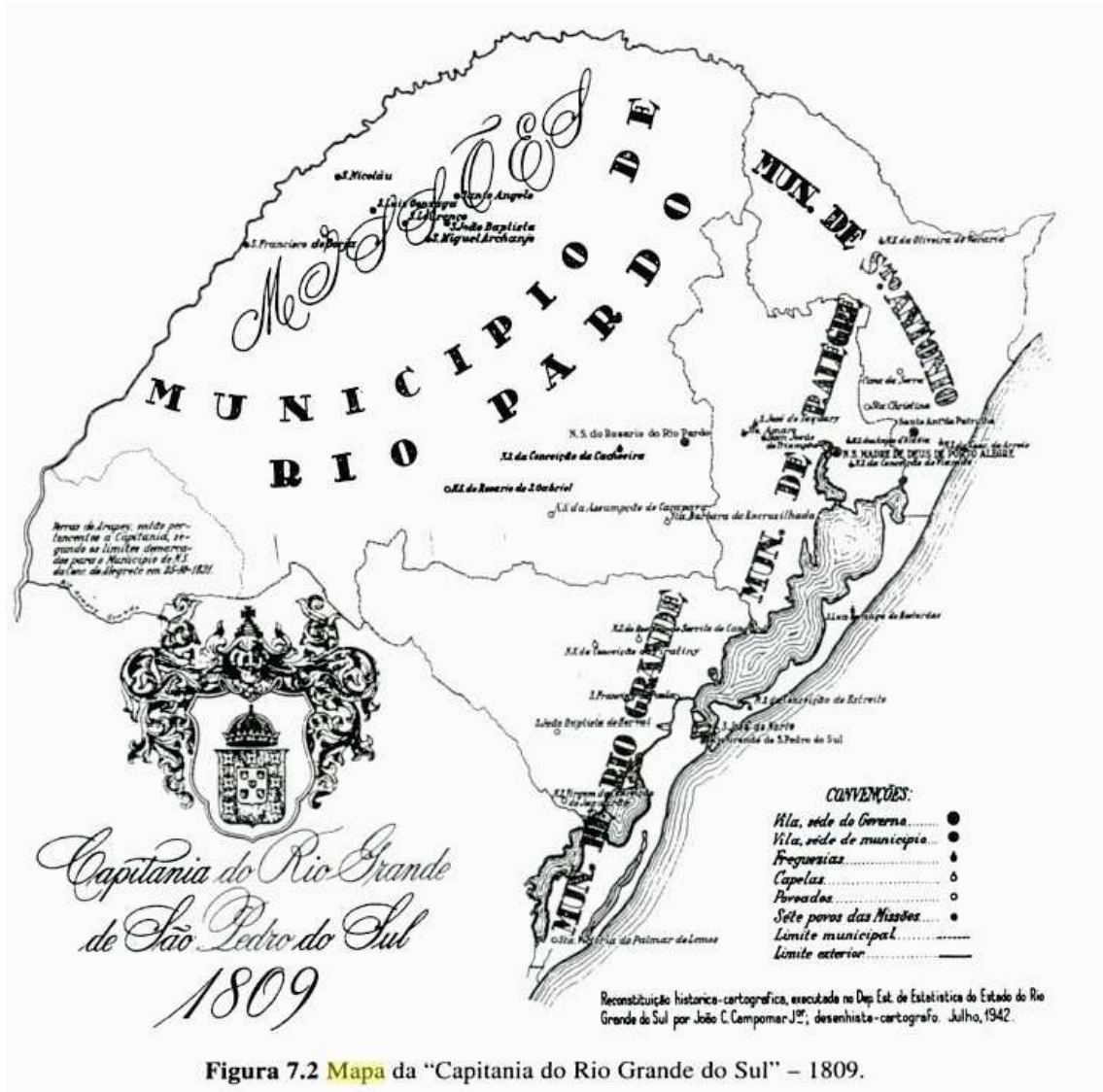


Figura 7.2 Mapa da "Capitania do Rio Grande do Sul" – 1809.

Imagem 1 Mapa do Rio Grande do Sul com o território original de Santo Antônio da Patrulha. Fonte: Pantanal News, 28/02/2014¹⁰.

Economicamente, a região passou de pouso de tropeiros a produtora de gêneros alimentícios básicos para abastecimento da região metropolitana, possuía também

⁹ <http://revistas.fee.tche.br/index.php/boletim-geografico-rs/article/viewFile/3322/3394>, acesso em 10/03/2015.

¹⁰ No Anexo 1 está disponível um mapa atualizado do Litoral Norte/RS.

algumas poucas indústrias, madeireiras e moinhos. A produção de cana de açúcar foi ganhando destaque ao longo do século XX e em 1970, quando alambiques e engenhos foram considerados “indústrias”, o município de Santo Antônio da Patrulha foi classificado entre os municípios com o maior número de empresas do estado do Rio Grande do Sul (WANDSCHEER e BASTIAN, 2014). O município também possui orizicultura e criação de gado sob a forma extensiva.

Mesmo com essa gama de produtos, a influência política e econômica desta cidade foi diminuindo ao longo do século XX. Sua área foi sendo reduzida através das emancipações políticas, que levaram a cidade a contar com menos de 1.000 km², na virada para o século XXI, lembrando que seu território era de mais de 30.000 km². Atualmente 78 municípios ocupam o perímetro original.

Se no passado Santo Antônio da Patrulha foi um dos mais importantes municípios fundadores, nos anos 90 a situação era diferente. Sua população em 1991, segundo o IBGE, era de 40.607 habitantes e sofreu um processo de esvaziamento durante aquela década chegando a 36.374 habitantes em 1999¹¹ e retomando o crescimento em 2010, quando o censo apontou uma população total de 39.685 habitantes¹². Dois motivos influenciaram este declínio, o êxodo rural que se acentuou nos anos 1980 de modo geral no Rio Grande do Sul e os desmembramentos em seu território. Neste mesmo período, Osório, cidade vizinha emancipada de Santo Antônio da Patrulha, obteve uma oscilação bem menor, de 39.685 habitantes em 1990, para 35.497 habitantes em 1999 e chegou a 40.906 habitantes em 2010 segundo o IBGE. Devemos notar que esta cidade esteve submetida aos mesmos fenômenos que sua matriz, também sobre Osório pesou o êxodo rural e também ocorreram emancipações políticas, tais como em Balneário Pinhal, Xangrilá, Itati e Capivari. Ainda assim, verificamos um crescimento populacional que se refletiu também nas áreas da cultura, com a criação de uma faculdade (Faculdade Cenecista de Osório) e a instalação de um campus do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), enquanto isso, para

¹¹ Para pesquisarmos os dados demográficos e econômicos relativos aos municípios do Litoral Norte do Rio Grande do Sul utilizamos diversos sites, Fundação de Economia e Estatística, IBGE, Fepam e o site do próprio município. http://www.fepam.rs.gov.br/programas/Matriz_Economica_LN.pdf (consultado em 05/04/2015)

¹²<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=431760&search=rio-grande-do-sul|santo-antonio-da-patruhala|infograficos:-informacoes-completas> (consultado em 04/04/2015)

ficarmos no campo das instituições educacionais, Santo Antônio da Patrulha recebeu apenas um Polo de EAD da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Outro município que pode ser comparado com Santo Antônio da Patrulha no mesmo período é Gramado. Esta cidade emancipou-se em 1954. Em 1991, segundo o IBGE, a população total era de 22.095 habitantes, saltando para 32.273 habitantes em 2010. Gramado acolheu um *Raízes* em 1994, o *V Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha*. O evento foi precedido por um grande esforço para levantar, coletar e salvar documentos e memórias da cidade, como foi apresentado no texto “Gramado - Operação Resgate” por Marília Daros Franzen no livro *IV Raízes de Lagoa Vermelha*. Neste artigo a autora, coordenadora do Patrimônio Histórico e Artístico Municipal e diretora do Arquivo Histórico Particular Hugo Daros, conta que na cidade já estava ocorrendo uma mobilização visando o *Raízes de Gramado*. Por exemplo, nas escolas municipais os professores estavam incentivando a pesquisa sobre a história da cidade e da genealogia dos alunos, foram empreendidas ações de coleta de documentos, livros antigos e fotografias com vistas a enriquecer o arquivo histórico municipal (FRANZEN, 1993: 177-178). No final do século XX, a cidade de Gramado passou a incentivar diversas iniciativas que atraíssem o turismo, fazendo deste sua principal fonte econômica¹³. Ao lado da identidade germânica, expressa entre outros exemplos em sua arquitetura imitando o enxaimel, a cidade incentivou diversas festividades como o Natal Luz, iniciado em 1985, e a Chocofest, em 1995, evento que em 2015 teve 23 dias de atrações e onde 62% dos participantes indicaram que era a primeira vez que visitaram a cidade¹⁴.

A análise, a título de exemplo, dos indicadores econômicos e demográficos destes dois municípios “descendentes” de Santo Antônio da Patrulha ao longo dos últimos vinte anos, período compreendido pelo projeto *Raízes*, nos auxilia a observar os diversos contextos existentes para o acolhimento destes eventos pelo poder político local. Isso porque, sem a colaboração das administrações municipais, seria impossível

¹³ Sobre o incentivo ao turismo em Gramado, a transformação deste em principal fonte de renda da cidade temos a tese de doutorado de Roswithia Weber, “*Mosaico identitário: História, Identidade e Turismo nos Municípios da Rota Romântica- RS*”, defendida em 2006 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a dissertação de mestrado em Antropologia de Edson Bertin Dorneles, “*Gramado: a produção e o consumo de uma cidade europeia no sul do Brasil*”, defendida em 2001 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁴ Jornal O Pioneiro, 28/11/2014, <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2014/11/gramado-nao-tera-chocofest-na-pascoa-de-2015-4652818.html> Consulta em 12/05/2015.

apenas uma pessoa ou grupo promover uma atividade com este grau de mobilização social (professores, alunos, mídia).

Neste cenário de mudanças econômicas e sociais que ocorreu um primeiro evento *Raízes* em 1990 no município de Santo Antônio da Patrulha. A idealizadora foi a historiadora Dra. Véra Lucia Maciel Barroso. Sua família é originária deste município. Seu zelo pela história da região é atribuído por ela ao convívio com seu pai que, sendo dono de um cartório, coletou inúmeros documentos e escreveu diversos artigos sobre a história da região em jornais locais e de circulação estadual. Estes textos foram publicados em um livro que recebeu apoio da prefeitura para sua edição. Um exemplo de como José Maciel Júnior e sua família estiveram empenhados em “recolher” a história municipal foi encontrado no artigo sobre os “Pioneiros da historiografia dos municípios de origem patrulhense”:

O grande número de peças por ele recolhidas constituem, atualmente, a base do acervo do Museu que em Santo Antônio da Patrulha leva o seu nome. De quanto ele divulgou, temos o livro *Reminiscências da Minha Terra*, obra póstuma lançada por seus filhos em 1987. Destacando o nome de José Maciel Júnior (Juca Maciel) entre quantos historiadores foram aqui referidos, reconhecemos seus méritos, aplaudimos seu labor histórico e homenageamos a continuadora de sua obra: Véra Lúcia Maciel Barroso. (FERNANDES, 1992: 206)

Véra Barroso, graduada em História, passou a empenhar-se inicialmente em transformar o prédio em que a família vivia, e que fora construído em 1850, em um museu. A partir da publicidade local alcançada com a publicação das crônicas de seu pai¹⁵ a organizadora conseguiu, através de seus contatos na cidade e de um esforço familiar, criar o Museu Juca Maciel¹⁶ e a Associação de Amigos do Museu Juca Maciel. Este grupo de colaboradores se propunha a manter o museu aberto o maior número de dias possíveis, além de elaborar em conjunto atividades culturais naquele espaço. Segundo Barroso, esse suporte político municipal e o grupo formado pela Associação de

¹⁵ O livro foi organizado por Barroso a partir de crônicas que seu pai havia publicado em diversos jornais de circulação local e estadual, todo o processo de editoração foi feito as pressas, pois seu pai já estava muito doente: “E em dois meses eu montei junto com o Frei Rovílio da EST e a prefeitura subsidiando uma parte do trabalho, na ocasião eu recortei os números duplos dos jornais dos anos 50 e 60 e não havia tempo de digitar tudo. Naquela época nem havia digitalização, eram chapas que se fazia, e saiu tudo com a grafia do ph ainda publicados os textos que eram duplos, e o que não era eu não iria recortar o jornal, pois eu não pretendia estragar aquele suporte de memória.” (BARROSO, 2014: 2)

¹⁶ O Museu Juca Maciel esteve em atividade entre o ano de 1988 e 2012, quando, por questões financeiras foi fechado, o acervo e a edificação permanecem posse da Família Maciel.

Amigos do Museu oportunizaram a elaboração e a montagem do primeiro *Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha* (EMOSAP) (BARROSO, 2014: 3).

Outro elemento que colaborou neste empreendimento foram os debates no final da década de 80 sobre a cultura açoriana com os quais a organizadora teve contato. Essa retomada das origens acabou por se conectar com Santo Antônio da Patrulha e esse tema convergiu com as questões da história municipal e os estudos sobre tropeirismo:

Neste envolvimento da direção regional das comunidades açorianas do arquipélago nós fomos buscar pessoas pontes e fontes que produziam nos municípios de base açoriana. A questão açoriana, o *Raízes* e, em torno disso, o envolvimento na própria cidade de Santo Antônio ao fazer o inventário pelo ISPHN dos bens edificados, acabaram conectados. (BARROSO, 2014: 1)

O período logo após a abertura do museu também trouxe uma renovação na cena cultural da cidade. Ela, junto com a Associação de Amigos do Museu, os organizadores da Moenda da Canção Nativa e do Grêmio Literário Patrulhense¹⁷ utilizaram o espaço do museu para promover exposições, saraus e apresentações de teatro. Para dar andamento as atividades culturais do Museu Juca Maciel, foi cedido um espaço junto ao gabinete do prefeito e esse local, segundo Barroso, trouxe as condições para a organização do primeiro encontro. Barroso contou que a ideia de um encontro sobre história local surgiu durante uma conversa informal com o prefeito Sílvio Fofonca em que mencionou comentaram que a cidade de Santo Antônio da Patrulha possuía um vasto território no passado. A partir desta abertura, Barroso conta que começou a falar sobre as documentações arquivadas junto à prefeitura, sobre sua dissertação de mestrado

¹⁷ A Moenda da Canção é um festival de música realizado no município de Santo Antônio da Patrulha desde 1987, iniciou como um enfoque na música nativista, mas passou a contemplar também canções litorâneas. Em 1995 passou a receber também inscrições de artistas de várias partes do Brasil. O Grêmio Literário Patrulhense pretende reunir os escritores da cidade de Santo Antônio da Patrulha e fomentar espaços de leitura e discussão de todo tipo de literatura, desde 1989 publicam anualmente a Antologia dos Autores Patrulhenses. O grupo iniciou com a montagem de um “Varal de Poesia” na praça principal da cidade, suas ações são o “Chimarrão Poético” onde o grupo se encontra na casa de um dos membros para rodas de leitura além de apoiar os projetos: Caravana da Leitura e Caminhada da Leitura: Mala da Leitura, tendo como público alvo nas escolas. Este grupo também, colabora na organização de Saraus e na Feira do Livro de Santo Antônio da Patrulha e divulga suas atividades através do blog “Prosa na Varanda”. In: <http://www.prosanavaranda.blogspot.com.br/> (acesso em 02/04/2015). Segundo Barroso em entrevista “E articulávamos um Grêmio Literário Patrulhense, que até hoje edita livros. Então essas antologias poéticas existem há 25 anos, todo ano se homenageia uma pessoa da cidade e buscamos testemunhos e a história da pessoa. Cada autor paga uma parte, publicamos suas poesias e no final colocamos a homenagem para essa pessoa. Fizemos eventos maravilhosos, poetaços, com as velhinhas poetando no museu, os jovens faziam apresentações de teatro.” (BARROSO, 2014: 3)

e da importância da divulgação da história. Segundo ela, através deste diálogo e da experiência que já possuía organizando o seminário sobre Tropeirismo no Rio Grande do Sul, o prefeito propôs que fosse feito um evento na Semana do Município, com o objetivo de que essa parte da história “desconhecida” viesse a público (BARROSO, 2014: 3).

A partir desta articulação, foi então organizado o 1º Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha (1990), na época somavam 54. O projeto obteve apoio da Secretaria Municipal de Cultura e de Turismo, dos parceiros do Museu Histórico Municipal e da Moenda (movimento nativista). Em entrevista, Barroso contou como foi elaborado este evento:

A divulgação do evento foi realizada através de um folder em que constavam as palestras de pessoas convidadas com temas encomendados pelos organizadores. Em princípio o espaço seria dos municípios “filhos” São Francisco de Paula, Vacaria, Lagoa Vermelha, Osório e Torres, que é nosso “neto”. Desta cidade veio o Ruy Ruben Ruschel que estudou história, foi desembargador e professor na PUCRS, e trabalhava com a história de Torres. Mesmo município sendo “neto” seria importante trazer, pois poderia apresentar da questão da fronteira com Santa Catarina. Eu falei de Santo Antônio e abrimos fichas de comunicação, onde se podia abordar quaisquer aspectos históricos do município ou dos “descendentes”. Fiz a árvore genealógica. Poderiam ser apresentadas pesquisas de dentro e fora da academia, qualquer pesquisa ou registros de memória, por exemplo, como eram os casamentos, batizados, enterros, como minha mãe fazia pão ou matava os porcos, assuntos diversos. Apareceram doze comunicadores, sendo que um era o Generi Lipert, prefeito de Terra de Areia, que comunicou sobre o processo de emancipação desta cidade. Quando ele voltou a ser prefeito ele fez um *Raízes* no seu município. (BARROSO, 2014: 4)

No texto acima Barroso indica alguns aspectos fundamentais destes encontros de História Local. A comunidade é convidada não apenas a assistir, mas também a participar dando seus relatos, os historiadores acadêmicos sentam-se lado a lado com os “historiadores locais”, todas as temáticas relativas ao passado, sejam pesquisas histórias ou relatos de memória, são acolhidas. Por fim, podemos verificar a construção da representação da “árvore genealógica” do município de Santo Antônio da Patrulha como uma imagem definidora das relações entre os municípios vinculados ao projeto. Foi baseada nessa premissa, de que a cidade seria “mãe fundadora” e que os demais municípios que atingiram emancipação guardariam laços familiares com ela, que a organizadora elaborou e lançou o evento *Raízes*.

1.2. A “Árvore” e as “Raízes”. A força simbólica da imagem da árvore genealógica dos municípios originários de Santo Antônio da Patrulha e do nome *Raízes*

Ser um dos primeiros municípios do estado do Rio Grande do Sul pressupõe grandiosidade. Se não econômica ou política, ao menos cultural e histórica. Sob esta perspectiva, Santo Antônio da Patrulha seria considerada uma dessas grandes cidades, juntamente com Porto Alegre, Rio Grande e Rio Pardo que deram origem aos 497 municípios gaúchos. É possível visualizar o desmembramento no gráfico a seguir, extraído do livro *XX Raízes de Santo Antônio da Patrulha* (2012: 69), que utiliza a nomenclatura estabelecida pelos organizadores do evento para referirem-se aos novos municípios.

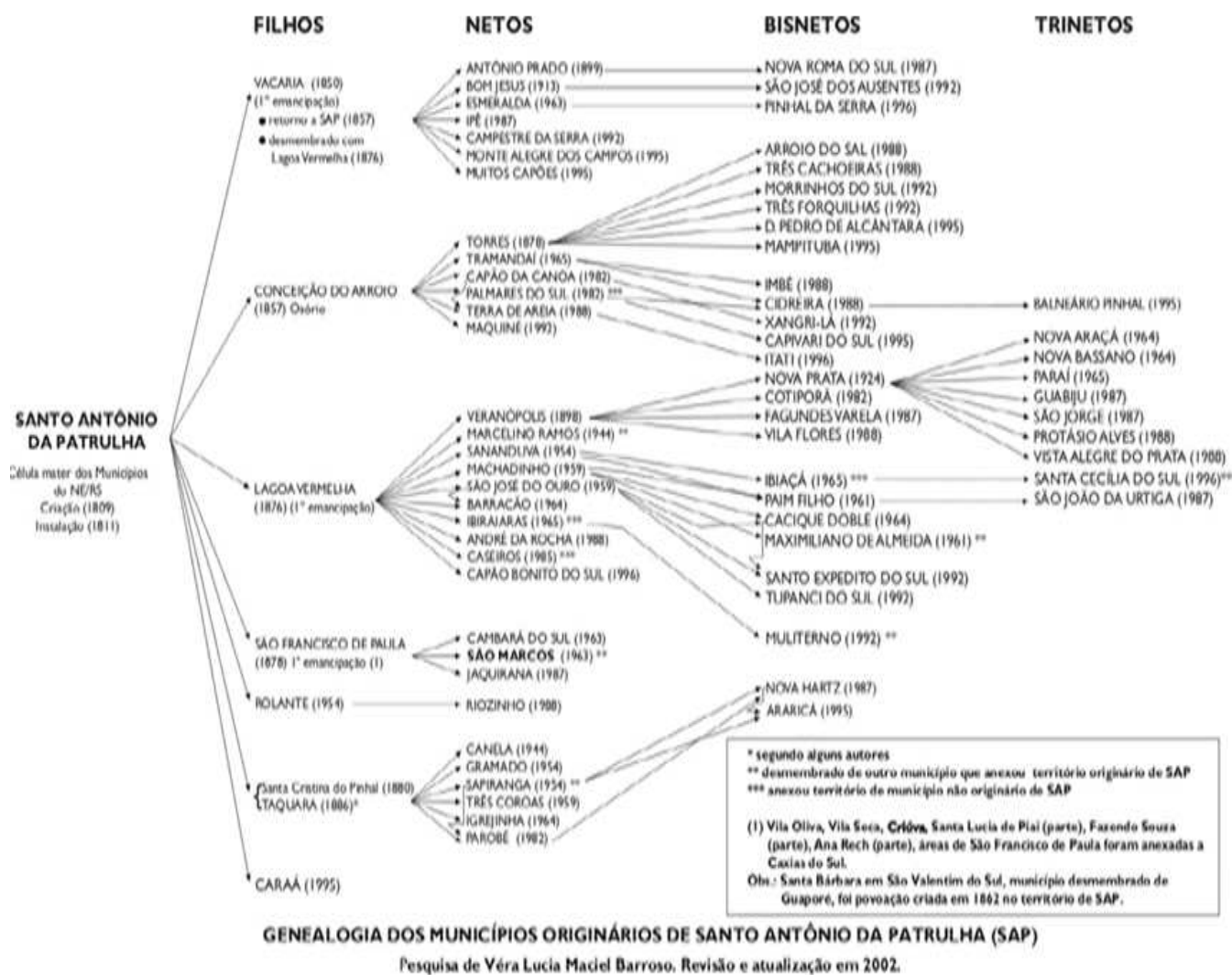


Imagem 2. Árvore Genealógica dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha. Fonte: *XX Raízes de Santo Antônio da Patrulha*, 2009.

Os *Encontros dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha* baseiam-se nesta “árvore genealógica” indicada, para rastrear e justificar o contato com os seus “parentes”, uma representação dos laços culturais que conectam estas cidades. Dentre os diversos sentidos dados para o conceito de representação, Roger Chartier o apresenta como um elemento que permite ver um objeto ou pessoa ausente, que ocupa o seu lugar, passando então a ser presença (CHARTIER, 2011:17). A “árvore genealógica” de Santo Antônio da Patrulha, neste sentido, é onipresente nos encontros, posto que seja exposta na entrada do evento (banner) e nos livros, onde aparece em geral na contracapa, além disso, costuma ser referenciada nos prefácios e em diversos textos. A força desta imagem serve para situar os municípios originários em sua linha direta com a cidade “mãe”, mas serve também para dar centralidade a esta cidade cujos “descendentes” não lembram mais de sua parentalidade.

Mas a representação também serve para refletirmos sobre as relações de identidade social e de status encarnados na figura “representada” (CHARTIER, 2011:20), no caso, a posição maternal de Santo Antônio da Patrulha. Sendo assim, embora esta cidade não tenha mais a centralidade econômica e política desejada, essa metáfora possui a força de devolver novamente, ainda que em um momento específico, a importância de Santo Antônio para aquela cidade e região. O mesmo processo feito pelos “antepassados”, quando ir para a cidade era obrigatório para registrar um filho ou uma propriedade, agora se dá sob a forma de uma visita desta “mãe” aos seus descendentes: ela leva a História e, neste processo, retoma e reforça identidades há muito esquecidas.

Além da figura da “árvore genealógica”, o título do evento: *Raízes*, também carrega em si uma força como imagem. Esta palavra tem a capacidade de remeter o leitor automaticamente a uma ideia de origem, início. O título *Raízes* foi “inventado” no segundo encontro, em São Francisco de Paula (1991). A ideia inicial era nomear o evento como “Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha”, mas, segundo o relato da organizadora, quando questionada sobre onde apareceria o

nome do município sede, surgiu dentro da comissão organizadora, a proposta de chamá-lo de *Raízes* seguido do nome do município daquela edição (BARROSO, 2014: 7).

O nome *Raízes* acabou por expressar a proposta mais ampla dos encontros, que é a integração através dos seus intelectuais e do envolvimento das prefeituras entre a cidade matriz, Santo Antônio da Patrulha, e os municípios que dela surgiram. Ele também evoca de maneira muito marcante uma perspectiva histórica dos encontros: o que se quer é construir memória e identidade. Mas esta memória invariavelmente vai retroagir na direção do tempo em que o município se formou como um ramo da árvore mãe. Esta metáfora construída de forma tão competente tem como resultado a promoção de uma identidade/memória “perdida” para cada município, garantindo para Santo Antônio, ao mesmo tempo, uma posição de destaque. Segundo Chartier, “As representações possuem uma energia própria, e tentam convencer que o mundo, a sociedade ou o passado é exatamente o que elas dizem que é.” (CHARTIER, 2011:23). A palavra raízes em si já é evocativa, quando usada ligada a um projeto que tem como principal bandeira a memória/história, torna-se ainda mais poderosa como representação destes laços perdidos no tempo e no espaço. O título “*Raízes de*” e o nome do município em que ocorre o evento é capaz de abarcar ao mesmo tempo o protagonismo da sede e o sentido de origem, todos os “descendentes” de Santo Antônio remetem-se a esta *raiz* comum e, como em uma árvore, todos os ramos são vistos como importantes.

Dentro da proposta de “reatar parentescos”, em todas as publicações existe um espaço reservado para que os historiadores patrulhenses (sejam eles amadores ou profissionais) apresentem a história e a memória da ocupação do Litoral Norte/ RS. Além disso, na mesa de abertura o prefeito ou um representante de Santo Antônio da Patrulha costuma estar presente e eventualmente abre o encontro. Esta pretensão de diálogo aparece já no primeiro volume *Raízes de Santo Antônio da Patrulha, São Francisco de Paula e Tramandaí*:

Para tanto, em 1990 o município-mãe fez um primeiro chamamento aos pesquisadores, historiadores, professores e animadores culturais dos municípios descendentes, para iniciar um grande debate, além de estimular a pesquisa a fim de iniciar um grande levantamento das raízes comuns e assim apontar saídas próprias para o desenvolvimento regional. (BARROSO, 1992: 6)

A organização dos encontros era feita por uma equipe composta por Barroso e pelos servidores das prefeituras em que iria ocorrer o evento, geralmente da área da educação:

Naquela época era tudo por telefone, cartas pelo correio, com os modelos de correspondência, datilografava e levava ela [a correspondência] para todo lado. Com isso fizemos um segundo evento em junho de 1991, muito frio, com cerração. E para não gastar com os palestrantes, nos deixaram em um salão paroquial que tinha uns quartos e banheiro só com água fria. Nos intervalos tinha pinhão, chimarrão, quentão. Valeu a pena, e ainda aumentou o número de participações e comunicações. (BARROSO, 2014: 4)

O terceiro evento, que compõe o primeiro livro *Raízes*, foi realizado a pedido do Secretário de Turismo de Tramandaí, com a alegação de que a cidade possuía uma população de moradores fixos¹⁸ que estariam interessados na história de sua cidade. Com o auxílio então da secretaria de educação foi montado todo o evento. Se o convite e a disposição da equipe da prefeitura de Tramandaí ocorreram de maneira tranquila, após os eventos, Barroso relatou que apenas a prefeitura de Santo Antônio honrou o compromisso de fornecer a verba para a publicação do primeiro livro, deixando o grupo organizador com a incumbência de completar o valor necessário para a publicação:

Sempre fazíamos mil exemplares, dividíamos os livros, cada autor recebia um, por direito autoral, e o que sobrava iria ser dividido entre partes iguais para cada município. Mas como só um pagou eu fiquei desesperada, com meu nome empenhado na Evangraf, do Frei Rovílio. O que eu fiz foi ir à Moenda e comecei a vendê-los. Com o livro sobre a Presença Açoriana eu fiz a mesma coisa, uma parte eu paguei com cotas dos empresários da região e o resto eu levei para a Moenda e ofereci, pois era o livro da história da região. (BARROSO, 2014, 4)

O início da sequência de eventos passou por adversidades e dependeu da militância da mentora. A medida em que o *Raízes*, como encontro de história local, passou a ser conhecido entre os intelectuais e poderes públicos municipais as rotinas de organização, divulgação e mesmo a busca pelas cidades sede, foram se tornando mais fáceis. Ainda assim, segundo Barroso (2014), os anos de eleição sempre eram complicados para a concretização plena do encontro, ficando especialmente os livros sob risco de acabarem sem publicação. Isso faz com que o grupo organizador busque se

¹⁸ Esta cidade é um balneário e possui uma população flutuante de moradores e de turistas que se dirigem ao litoral no período de férias e feriados prolongados.

assegurar de que a municipalidade irá realmente se engajar na promoção do evento e sua posterior edição.

Os Encontros dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha caminham para a sua 27ª edição, em Arroio do Sal no final do ano, mas ainda sem data definida, a última edição ocorreu na cidade de Rolante em agosto de 2015, há poucos meses atrás. Os livros *Raízes* são a compilação das apresentações que ocorreram nos encontros. Foram publicados 22 livros *Raízes*, sendo que os primeiros três encontros, como foi explicado acima, constituem o primeiro livro. O apoio das prefeituras era fundamental para a publicação, que culmina na entrega gratuita do volume para os autores e para as bibliotecas dos municípios envolvidos. Além disso, as prefeituras e a organização buscavam patrocínio em empresas locais, nas leis de incentivo à cultura por parte do governo federal e estadual e junto a grandes empresas como CEEE e Petrobras, por exemplo. Na lista abaixo podemos conferir todas as edições que já ocorreram e a situação em que se encontram as publicações dos anais:

1º Encontro – *Raízes de Santo Antônio da Patrulha* (1990) publicação esgotada.

2º Encontro – *Raízes de São Francisco de Paula* (1991) publicação esgotada.

3º Encontro – *Raízes de Tramandaí* (1992) publicação esgotada.

Obs.: os três primeiros encontros estão publicados em uma obra de 304 páginas.

4º Encontro – *Raízes de Lagoa Vermelha* (1993 – 262 p.) publicação esgotada.

5º Encontro – *Raízes de Gramado* (1994 – 440 p.) 2ª edição.

6º Encontro – *Raízes de Torres* (1995 – 336 p.) publicação esgotada.

7º Encontro – *Raízes de Vacaria* (1996 – 510 p.) publicação esgotada.

8º Encontro – *Raízes de Veranópolis* (1997 – 69 p.) publicado.

9º Encontro – *Raízes de Terra de Areia* (1998 – 596 p.) publicado.

10º Encontro – *Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá* (1999 – 696 p.) publicado.

11º Encontro – *Raízes de Canela* (2000 – 778 p.) publicado.

12º Encontro – *Raízes de São Marcos e Criúva* (2001 – 912 p.) 2ª edição.

13º Encontro – *Raízes de Osório* (2002 – 832 p.) publicado.

14º Encontro – *Raízes de Sananduva* (2003 – 450 p.) publicado.

15º Encontro – *Raízes de Capão da Canoa* (2004 – 664 p.) publicado.

16º Encontro – *Raízes de Igrejinha* (2005 – 696 p.) publicado.

17º Encontro – *Raízes de Antônio Prado* (2006 – 832 p.) publicado.

- 18º Encontro – Raízes de Cambará do Sul (2007 – 824 p.) publicado.
- 19º Encontro – Raízes de Taquara (2008 – 1568 p.) publicado.
- 20º Encontro – Raízes de Santo Antônio da Patrulha (2009 – 904 p.) publicado.
- 21º Encontro – Raízes do Balneário Pinhal (2010 – 991 p.) publicado.
- 22º Encontro – Raízes de Nova Hartz (2011 – 1270 p.) publicado.
- 23º Encontro – Raízes de Ipê (2012 – 980 p.) publicado.
- 24º Encontro – Raízes de Bom Jesus e São José dos Ausentes (2013 – no prelo).
- 25º Encontro – Raízes de Palmares do Sul e Capivari do Sul (2014) em preparação.
- 26º Encontro - Raízes de Rolante (agosto 2015) em preparação.
- 27º Encontro - Raízes de Arroio do Sal (outubro ou novembro 2015).

Este evento tomou tal importância para a cidade de Santo Antônio da Patrulha que, em 2007, a Câmara Municipal aprovou o Projeto de Lei nº. 254/07 que autoriza o Município a sediar de dez em dez anos o Evento denominado *Raízes – Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha*. Esta lei foi divulgada no *XX Raízes*. Com isso ficava assegurada não apenas a continuidade do encontro, mas sua legitimidade frente ao poder público independente do partido político ou dirigente que estivesse à frente da municipalidade.

1.3. Quando as *Raízes* são descobertas - Encontros de Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha (EMOSAP)

Os *Raízes* tomaram uma proporção que surpreendeu a organizadora (BARROSO, 2014:1). No primeiro EMOSAP a equipe organizadora apresentou seus objetivos:

- resgatar o conhecimento da trajetória dos povoados que nasceram na área do primitivo município de Santo Antônio da Patrulha;
- verificar a documentação e acervos de interesse comum que existiam nos arquivos dos municípios para posterior catalogação;
- criar mecanismos de intercâmbio cultural e de memória entre os municípios originários de Santo Antônio da Patrulha. (BARROSO, 1992: 16)

Através dos depoimentos dos organizadores se verificou que aos objetivos originais, listados acima, foram acrescidos a preocupação com a educação e a preservação patrimonial além de uma relação entre o conhecimento histórico e o incentivo ao turismo, caso de Gramado e Capão da Canoa, por exemplo. Em todas as justificativas o fomento à pesquisa sobre a história municipal, sua divulgação junto aos estudantes, em especial, e a pretensão de “dar voz” à comunidade apareceram como inspiradoras para a organização de um encontro deste porte.

As primeiras páginas dos anais dos encontros geralmente contam com textos assinados pelos prefeitos ou secretários municipais e pela comissão organizadora. A abertura do livro *Raízes de Torres*, por exemplo, trouxe o pronunciamento do prefeito, da secretária de educação e da coordenação do evento. Nestes textos é interessante observarmos as justificativas utilizadas para o empenho na realização do encontro:

“Os mais importantes fatos e acontecimentos históricos, bem como personagens célebres desta trajetória são descritos e analisados, nas conferências, nas palestras, nas comunicações, etc. É uma verdadeira viagem de ida ao passado e volta ao presente, vislumbrando o futuro, acompanhando a evolução do homem que construiu sua história e a de uma região, em busca de sua identidade e plena realização na liberdade de poder construir mundos, criar coisas diferentes, ampliar seu espaço e suas ações por mais lugares..., viver e fazer a vida acontecer!” (RODRIGUES, 1996:15)

“Vale assim ressaltar a importância que têm nesse contexto, os idealizadores do evento em questão. Eles são a expressão mais autêntica dos resultados frutificantes que podem ser colhidos mediante uma iniciativa de tamanho porte, nos mostrando com conhecimento de causa, com sua coragem e ousadia que necessitamos de referenciais de outros tempos, de outras condutas e de outras experiências humanas para tecermos a própria continuidade do cotidiano normal de nossas vidas. Sem este norte, não conseguiremos saber muito do que somos e, sequer, também o que é preciso mudar e o que pode permanecer para que a própria sociedade em que vivemos melhor se organize e, nós próprios, possamos aprender com esta bagagem para nos superarmos e seguirmos em frente, dando sequência e refazendo a nossa própria história.” (QUADROS, 1996:17)

É possível perceber nos dois trechos acima que a valorização do que é nomeado como História, mas que frequentemente pode ser mais bem compreendido como memória, no caso deste evento, é colocada sob a proteção e o cuidado do poder público e dos organizadores. A descoberta do passado estaria em linha direta com um presente e uma expectativa de futuro. Essa relação também se dá na lista de homenageados na primeira parte da publicação: o Dr. Ruy Ruben Ruschel (“historiador local”), Dra. Véra

Lúcia Maciel Barroso (idealizadora), José Krás Selau (“historiador local”), Stefânia de Borba Quadros (filha da secretária de educação do município e que auxiliou na organização e, segundo o texto, representante da juventude torrense) e Eugênio Jacob Frelich (historiador e professor já falecido). As homenagens passam por diversas gerações de “historiadores locais” até chegar à jovem que seria um “futuro” para a pesquisa na história do município¹⁹.

A metáfora familiar utilizada para referir-se às cidades que se desmembraram de Santo Antônio da Patrulha ao longo do tempo é uma das principais justificativas do *Raízes*. No Prefácio II, assinado pelo secretário municipal de educação e pela diretora municipal de turismo de Caraá, este discurso aparece de forma clara: “Caraá, filho mais novo de Santo Antônio da Patrulha e com apenas três anos de emancipação foi convidado a ser parceiro de sua mãe na realização deste evento glorioso, o *X Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha*, no ano de 1999” (MACHADO e KOSCINA, 2000: 16). Na apresentação do volume, por ser uma edição comemorativa dos dez anos de evento, novas referências foram encontradas destas figuras:

Mas antes, ou seja, a seguir, a preparação do *X Raízes – a reunião da grande família* anunciava um apoteótico encontro regional, que efetivamente resultou para além da arte vista e da emoção sentida, em 175 falas de conteúdos significativos e enriquecedores para a compreensão da história do nordeste do RS. O novo município de Caraá realizou um trabalho envolvente nas suas comunidades, cuja participação revelou o potencial extraordinário dos caraaenses. E quantos filhos, netos, bisnetos e trinotos (vieram também irmãos e primos) que a matriarca acolheu? O município-mãe se viu por todas as falas, mais próximo e irmanado, por se reunir (unir de novo) com os que de seu ventre brotaram e/ou desabrocharam. (BEMFICA, 2000: 27).

A figura da família, onde Santo Antônio da Patrulha seria a “matriarca”, serve para valorizar e colocar em pauta um município que, em muitos casos, estava distante do local onde ocorria o evento. Caraá é uma cidade vizinha, mas Antônio Prado, ou Veranópolis, precisaram ser “lembrados” que eram “descendentes” de Santo Antônio. Essa aproximação pela história local buscava também trazer uma aproximação cultural e até mesmo política, isso aparece, a título de exemplo, na justificativa para a realização do encontro em Antônio Prado:

¹⁹ Ela graduou-se em História e atualmente é professora concursada no Município de Passo de Torres, em Santa Catarina.

Justifica-se, pois, realizar o Encontro RAÍZES DE ANTÔNIO PRADO, como uma rica oportunidade para juntos, professores, pesquisadores, animadores culturais e comunidades envolvidas a desvendarem mais a história local, que tem raízes e laços com os municípios que os rodeiam e até com os mais distantes do Quadrante Patrulhense. Resgatar, pois, a trajetória das comunidades de Antônio Prado, de suas ricas histórias e as dos que a elas dedicam suas vidas, de luta e de trabalho, bem como o relacionar suas vivências com as dos municípios originários de Santo Antônio da Patrulha, justifica a realização da 17ª edição do RAIZES. (BARROSO, 2012: 525)

Da mesma forma como existe uma diversidade nas cidades que se viram engajadas no movimento, unidas por sua origem comum, temos períodos diversos para que os encontros ocorram. As datas dos encontros são marcadas através de um acordo entre os organizadores e as prefeituras, uma parte deles aconteceu na semana ou no mês dedicado às comemorações do aniversário de emancipação da cidade, caso de Terra de Areia, Taquara e Balneário Pinhal, por exemplo. O primeiro encontro, em Santo Antônio da Patrulha, foi elaborado pensando em coincidir com a Semana do Município, organizada pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura, entre os dias 3 e 8 de abril de 1990 e os outros três outros encontros seguiram a mesma proposta. A vinculação com o aniversário também existiu no encontro de Gramado e Torres, mas essa não era uma regra, pois em Veranópolis foi escolhido o ano que antecedeu o centenário. Nos demais eventos, as datas foram marcadas de acordo com a disponibilidade das equipes organizadoras.

A organização dos eventos contava com uma equipe composta pela historiadora Véra Lucia Maciel Barroso e um grupo indicado pela municipalidade, sendo geralmente servidores ligados à Secretaria Municipal de Educação. Em alguns casos, como no *Raízes de Torres*, o evento foi organizado por uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Torres, especialmente a Secretaria de Educação e Cultura, o Dr. Ruy Ruben Ruschel²⁰ e o jornal Gazeta. Em todos os eventos analisados, este foi o único que contou com a mídia escrita como parceira para promoção das atividades²¹. A participação deste jornal ocorreu por ocasião do aniversário de 10 anos do periódico, o diretor Pedro Adams Filho expôs que recebeu a visita de Ruschel convidando-o para participar e

²⁰ Dr. Ruy Ruben Ruschel, professor doutor na faculdade de Direito, foi desembargador e juiz. Nascido em Porto Alegre, mudou-se para Torres a partir de sua aposentadoria, onde passou a pesquisar a história da região, tornando-se um dos primeiros publicarem pesquisas sobre o passado do Litoral Norte.

²¹ No evento *Raízes de Vacaria* a rádio local promoveu e participou ativamente do evento.

então aproveitou a oportunidade para realizar paralelamente a comemoração (FILHO, 1996; 19).

A preparação para o encontro, segundo o relato dos organizadores, iniciava no mínimo um ano antes, pois no final de cada evento já se anunciava o local e a data do próximo. A escolha da cidade era feita ou por convite direto da prefeitura ou por engajamento dos intelectuais locais, nesse caso, era preciso estabelecer contato com a governança municipal e então firmar o compromisso de parceria e auxílio financeiro para a publicação. Em um segundo momento, se fazia a divulgação para a comunidade, como no exemplo de Sananduva, relatado pela ex-Secretária Municipal de Educação e Cultura e organizadora:

Primeiramente foi feito um trabalho de conscientização da importância do resgate histórico, junto aos diretores de escolas, professores, pais e alunos da sede do município e interior. O resultado foi positivo e os objetivos foram alcançados. Todas as escolas participaram e também as comunidades do interior trazendo ao conhecimento do grande público como surgiram, quais foram os primeiros moradores, os costumes de uma época e o desenvolvimento social, econômico e religioso. (ZAPAROLLI, 2012: 518)

Mas nem sempre a relação entre a organização e a Prefeitura Municipal corria dentro do planejado inicialmente. No relato sobre o *18º Encontro - Raízes de Cambará do Sul*, os pesquisadores Anita Carvalho e Elga Prestes explicam que, a despeito da boa vontade da equipe de intelectuais, os contatos com os políticos dependiam de vários fatores, entre eles a eleição, “Falamos com o nosso Prefeito, na época, Sr. João Itamar da Silva, e o Sr. Aurélio Alves de Lima, vice, mesmo em final de mandato nos apoiaram e nos deram aval total. Enfrentamos uma eleição, conseguimos eleger o novo prefeito, o então vice Aurélio.” (CARVALHO e PRESTES, 2012: 529). Com isso, o grupo pode ir adiante com a ideia, agora organizada pela Secretaria de Administração, os servidores interessados foram deslocados da Secretaria de Educação para a de Administração com a mudança de governos. Essa relação entre prefeitura, intelectuais e organizadores do evento dependia de uma articulação política, feita principalmente pela organizadora que conseguia “vender” a ideia e mobilizar o poder municipal.

O *13º Encontro Raízes de Osório* (2002 – 832 p.) apresentou um fator excepcional na sua formatação, foi organizado com o auxílio da Faculdade Cenequista de Osório (FACOS). Segundo Barroso, ele foi cercado por tensão em seu planejamento,

pois Osório e Santo Antônio da Patrulha são municípios “rivais” em disputas políticas e culturais. Todavia, a participação da faculdade de História trouxe um caráter peculiar para esta publicação, foram publicadas oito comunicações sobre a prática da escrita da História, enquanto em edições anteriores e posteriores o número maior de artigos sobre este tema foi de quatro. Ao longo do evento, que ocorreu nas dependências da faculdade, a participação dos historiadores universitários foi bem mais intensa do que nos outros encontros, como pode ser contabilizado através das comunicações publicadas.

As comissões de organização eventualmente poderiam ter uma arquitetura complexa, foi o que ocorreu na cidade de Capão da Canoa. A Sociedade Amigos de Capão da Canoa sediou o evento, organizado por uma equipe da prefeitura que se dividiu em Comissão de Pesquisa, Coordenação do Evento, Hospedagem e alimentação, Apresentações artísticas, Decoração, Divulgação e cerimonial, Transporte e exposição. Estas comissões foram responsáveis pelas reuniões com os municípios vizinhos, com as entidades da cidade, com as associações e com as famílias nas escolas. Ao longo dos vinte e cinco encontros, múltiplos formatos de organizações foram constituídos, alguns com menos ou mais pessoas envolvidas, mas sempre buscaram esta conexão entre as prefeituras e os intelectuais locais.

Se as organizações dos Encontros dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha são complexas e dependem do apoio dos políticos e da adesão da comunidade, a escolha dos locais não é uma tarefa mais fácil.

Em sua maioria, os eventos que duram de três a sete dias ocorrem nos espaços mais qualificados da cidade, e as aberturas nos prédios com melhor capacidade de acomodação. Em Terra de Areia, por exemplo, as comunicações e palestras foram realizadas em dois locais, no Ginásio Municipal de Esportes e no SESTEIA- Sociedade Esportiva Terra de Areia. Este evento contou com culto ecumênico, entrada das bandeiras²², exposição do centro de pesquisa em aquicultura e pesca, além de exposição de areias de diversos lugares, exposições de fotos e apresentações culturais. Essa pluralidade de atividades paralelas e integradas com as apresentações orais faz parte da proposta do evento de movimentar culturalmente o cenário das cidades-sede. Em Tramandaí, Capão da Canoa e em Torres, o encontro aconteceu nas Sociedades de

²² Ver exemplo no Anexo 2.

Amigos, uma prática do Litoral Norte/RS, mas em Capivari e Palmares do Sul, os salões paroquiais abrigaram a programação.

Os encontros obtiveram um acréscimo contínuo na programação ao longo dos anos. O primeiro evento contou com apenas nove palestrantes e nove comunicadores, no *II Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha - Raízes de São Francisco de Paula* foram apresentados nove conferências e dezesseis comunicações, em Tramandaí (no terceiro evento) foram dez palestras e doze comunicações. O início, ainda tímido, seguiu-se de um incremento muito grande em Lagoa Vermelha, nele foram apresentadas 20 falas divididas entre palestras e painéis e 36 comunicações, resultando em um livro com 262 páginas. A partir deste evento cada encontro passou a corresponder a um livro, que seriam os anais, com não menos do que 200 páginas e chegando até 1568 páginas, publicadas em dois volumes, no *19º Encontro – Raízes de Taquara* (2008).

De modo geral, quanto à organização das falas dos convidados, o evento dividia-se em palestras, painéis e comunicações. As palestras tinham duração entre 30 minutos e uma hora e os painéis, entre uma hora e uma hora e meia. Já as sessões com diversas comunicações, como nos congressos acadêmicos, ocorriam durante a manhã e à tarde em uma duração maior. A peculiaridade é que não havia mesas temáticas, ou seja, todas as falas eram apresentadas no mesmo espaço, entre uma palestra ou painel (BARROSO, 2014).

Parte da pretensão de abrangência do evento era dada pela presença das autoridades que, com a sua participação ativa, ajudaram a promover esses encontros. O objetivo não se restringia a discutir a história das cidades, mas também era um espaço em que as autoridades poderiam se comunicar. Em Terra de Areia esta intenção ficou expressa na abertura: “Então na abertura se resolveu fazer um conagraçamento, oferecer um coquetel com doces para um encontro entre os prefeitos, com troca de mimos, para fazer uma aproximação entre eles.” (Barroso, 2014: 7). No prefácio do *Raízes Terra de Areia*, há uma citação às autoridades presentes:

Foi importante a participação dos representantes dos municípios, entre os quais se destacaram: Três Forquilhas, Osório, Maquiné, Capão da Canoa, Arroio do Sal, Torres, Dom Pedro de Alcântara, Capivari do Sul, Cidreira, Tramandaí, Imbé, Canela Cachoeirinha, São Francisco de Paula, Gramado, Nova Prata, Novo Hamburgo, Taquara, Recife/PE, Veranópolis e o

município mater do Nordeste Gaúcho – Santo Antônio da Patrulha. (LIPERT, 1999: 15)

As atrações da cultura local e a estética dos encontros foram sendo valorizadas e tomando espaço dentro da organização dos eventos. Um exemplo são as cerimônias de abertura, que iniciaram no *V Raízes* em Torres. Em relato a organizadora explicou as modificações, “As bandeiras começaram a entrar, parecia olimpíada, muito lindo, e a Rosane, secretária de cultura, entrou em contato com uma academia de dança, e fez umas roupas toda em verde e amarelo, com patins, aquelas meninas todas vestidas de bailarinas na SAT e foi lindo, de emocionar. O *Raízes* tem isso, mexe com as emoções.” (BARROSO, 2014: 7). Este elemento cênico, observado nos dois *Raízes* acompanhados para esta tese, acrescentava uma sensação de solenidade ao momento de abertura. Com uma música de fundo e cada município a sua maneira, a entrada destas bandeiras, colocadas em um pedestal atrás da mesa de autoridades, materializava pela primeira vez a representação da “árvore genealógica” e dos “laços perdidos”.



Imagem 3. Entrada das bandeiras no *XXV Raízes de Palmares do Sul e Capivari do Sul*. Fonte: arquivo pessoal.



Imagem 4. Entrada das bandeiras no *XXVI Raízes de Rolante*. Fonte: arquivo pessoal.²³



Imagem 5. Vista do palco com todas das bandeiras no *XXVI Raízes de Rolante*. Fonte: arquivo pessoal.

²³ Participei como ouvinte do *XXV Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha - Raízes de Palmares do Sul e Capivari do Sul*, em 9 a 14 de novembro de 2014 e do *XXVI Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha - Raízes de Rolante*, em 16 a 21 de agosto de 2015.

No *XX Raízes*, a título de exemplo, a primeira noite foi reservada para a solenidade de abertura e após a entrada das 78 bandeiras dos municípios, o prefeito e os secretários de Educação e Cultura tomaram a palavra. A organizadora do evento, Dra Véra Barroso, proferiu a conferência de abertura com o título de: “Raízes- 20 anos; Municipalismo Patrulhense – 200 anos”. Por fim, foi publicada a Lei Municipal que declarou Santo Antônio da Patrulha “irmão de raiz” de Porto Alegre, Rio Grande e Rio Pardo, além disso, foram lançados os carimbos e selos comemorativos aos 200 anos do município. Na parte final foram prestadas homenagens aos criadores da logomarca do *Raízes* e lançamento de obras literárias.

Cada município proporcionava uma programação paralela de acordo com sua disponibilidade, em algumas cidades foram oficiadas cerimônias religiosas ecumênicas, em outras foram montadas Feiras do Livro ou noites de autógrafos de livros sobre a história da região e dos municípios originários. Os momentos de intervalos eram espaços para apresentação das escolas da região, corais, mostras de artesanato, feira de produtores rurais. E, no evento de Capão da Canoa em 2004, o município de Santo Antônio da Patrulha doou o coquetel de abertura e a prefeitura de Osório ofereceu um jantar à base de peixes para os participantes.

Na organização dos encontros era aberto um espaço para que os grupos de dança, canto coral, projetos de artes em geral expusessem suas atividades. Estas apresentações costumam ser colocadas na pauta dos eventos, entre as mesas de discussão e no início das atividades do turno ou encerramento. A proposta da organizadora era de movimentar também o cenário cultural, dando espaço para que a arte local fosse vista e valorizada. Temos um exemplo disso no relato sobre o *V Encontro- Raízes de Gramado*:

Foram cinco lançamentos literários; três exposições em espaços bancários; tertúlias de artistas locais e de dois grupos de Santo Antônio; Encontro Ecumênico no cine Embaixador de cinco igrejas locais e dois conjuntos musicais gramadenses; homenagens históricas oficiais; doações para o Museu Municipal; feira de livros históricos; armazém com produtos locais e dos municípios originários presentes; sete exposições internas no Centro Municipal de Cultura; peças teatrais infantis e de grupo comunitário; 27 participações locais; mais de 60 comunicações externas; mais de 15 apresentações de artistas locais; 25 municípios participantes. (DAROS, 2000: 440)

Os eventos de história local pretendiam ser mais do que encontros de intelectuais. Desde o princípio, a proposta buscava “animar” a vida cultural da cidade sede tendo como foco a valorização da memória, identidade e história. Ao analisarmos o

quadro de atividades paralelas e lembrarmos que a maioria dos eventos ocorreu em municípios pequenos, podemos compreender o impacto desta programação na rotina destas cidades. Nas apresentações de dança promovidas pelos grupos escolares, nos corais de paróquias, nas homenagens, além dos artistas (profissionais ou amadores) a família e os amigos certamente compareciam para prestigiar, trazendo ainda mais público para o encontro. Cabe então refletir sobre que públicos e que autores são atingidos pelo *Raízes*.

1.4. Quem escreve sobre as raízes e quem vive o *Raízes*- os autores e os públicos destes eventos

A partir da análise dos comunicadores e palestrantes que tiveram seus textos publicados nos anais (é preciso lembrar que diversos participantes não entregaram o material em tempo para a publicação) podemos perceber que uma rede de intelectuais locais foi sendo formada. Além disso, é possível observar que os trabalhos universitários com essa temática também cresceram ao longo das últimas duas décadas, grande parte destas pesquisas foi desenvolvida por historiadores acadêmicos e bolsistas que participaram do *Raízes* em um primeiro momento com suas produções e, posteriormente, ampliaram seus estudos sobre a região.

Dentre os vários relatos sobre como os eventos influenciaram pessoas a se tornarem pesquisadores sobre a História/Memória de sua cidade um caso exemplar é o de Marília Daros. Essa autodenominada “animadora cultural” da cidade de Gramado alega que, a partir de seu contato com Véra Barroso no primeiro EMOSAP, decidiu colocar em prática seus anseios antigos. No relato abaixo, publicado na edição de dez anos do evento onde ela foi uma das convidadas para dar o seu depoimento como participante, demonstra a influência que este fato teve em toda sua trajetória intelectual. Na cidade de Gramado ela fundou o Arquivo Histórico Particular Hugo Daros, com a documentação de seu pai, além de ter se engajado na promoção de eventos culturais e históricos em sua cidade e ser a organizadora, juntamente com Barroso, do *V Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha - Raízes de Gramado*, em 1994:

Foram colocados diversos temas nos debates e mesas redondas, entre os quais: literatura histórica disponível, documentos existentes nos Arquivos Público e Histórico para consultas, benefícios aos museus, cadastramento e tudo quanto possa facilitar o acesso aos pesquisadores e historiadores. Senti imensa satisfação em encontrar, naquele meio, todo aquele entusiasmo pelas ideias que abraço e fui incentivada à pesquisa avulsa, reciclando nossa história e dando novos formatos a ela. Novos projetos foram elaborados nos meus planos de pesquisa, como a criação de um grupo de apoio na montagem destas micro-histórias e até mesmo, a formação de um grupo de apoio na montagem destas micro-histórias e até mesmo, a formação de um grupo de proteção espontânea para o Patrimônio Histórico Gramadense. Volto a frisar que a minha participação nada teve a ver com a Prefeitura Municipal e que minhas pesquisas não são incentivadas por ela e nem pelo Centro Municipal de Cultura. (DAROS, 2000: 431)

Assim como o caso relatado, em que a “historiadora local” tinha vontade de pesquisar, mas não sabia exatamente como se inserir neste meio, em outro texto a ex-secretária municipal de educação de Sananduva, sede do *XIV Encontro*, explicou que, graças ao *Raízes* teve a oportunidade de publicar sua pesquisa sobre a imigração italiana na região, tema que tem trabalhado há um longo tempo, mas que não havia trazido a público (ZAPPAROLLI, 2012: 518).

Para compreendermos melhor os autores e os públicos do *Raízes*, os comunicadores e palestrantes do evento foram categorizados, nesta tese, de acordo com sua autodenominação nos títulos dos artigos. Os autores se colocavam como historiadores (seguido do nome do município ou região que seria sua especialidade), a estes chamamos “historiadores locais”; “pesquisadores”, seguidos de sua profissão atual, chamados nesta tese de “pesquisadores” e suas profissões também foram contabilizadas a fim de auxiliarmos a compreender o contexto destes intelectuais; e os autores que não se apresentam nem como pesquisadores nem como historiadores, colocando apenas sua profissão, foram nomeados por “outros”²⁴. Essas pessoas em geral são moradores que se prontificam a apresentarem suas memórias, seus estudos genealógicos ou memórias sobre um bairro, escola, clube, etc. Com a divulgação do evento e a articulação junto às prefeituras, entidades comunitárias, escolas, houve um grande acréscimo de pessoas em todas as categorias, ao longo dos 26 anos de existência dos *Encontros dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha - Raízes*.

²⁴ A problematização sobre a nomenclatura autodeclarada e seu papel na produção da História e Memória será realizada no segundo e no terceiro capítulos.

O resultado deste esforço para ampliar o número de historiadores e pesquisadores de história local e popularizar o tema pode ser observado quando comparamos o número de autores no primeiro encontro: 22, que assinaram 18 artigos. Vinte anos depois, o número de artigos subiu para 105 com 117 autores.

O crescimento do evento foi seguido de uma proposta de ampliação temática. Os comunicadores poderiam apresentar textos sobre qualquer elemento relacionado ao passado ou presente de sua cidade, isso estava de acordo com o projeto da organizadora de dar voz à comunidade local, sendo assim, a livre escolha dos temas relacionados à história e à memória da cidade e região tornou-se um desdobramento natural. Ao enumerar os objetivos do *X Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha*, ela os descreveu desta maneira:

(...) promover a integração dos municípios do quadrante patruhense ao município-mãe, através da pesquisa reveladora das dificuldades e possibilidades do intercâmbio regional, neste e no século passado, que possam balizar alternativas para o desenvolvimento da área no vindouro século/milênio; estimular os pesquisadores dos quatro primeiros municípios do RS (Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo e Santo Antônio da Patrulha) a promoverem o intercâmbio de suas micro-histórias, visando a cobrir lacunas na historiografia sul-rio-grandense; sedimentar a rede de pesquisadores do quadrante patruhense, fomentando a inclusão de novos participantes e a diversificação e ampliação temáticas para articular o conhecimento/reconhecimento dos municípios entre os participantes dos encontros; identificar as raízes comuns dos municípios originários para poderem com propriedade, participar dos projetos de desenvolvimento da região, marcada internamente por diferenças e especificidades; colaborar com a Secretaria de Estado e da Cultura no fomento à organização/dinamização de arquivos e o desenvolvimento do projeto de História Oral na rede dos 74 municípios que compõem o quadrante patruhense. (BARROSO, 1999: 456)

Com essa abertura temática citada acima, os organizadores deixaram clara a perspectiva de que qualquer pessoa poderia ter o seu trabalho acolhido, pois para os organizadores todas as contribuições eram importantes. Isso se torna visível quando fazemos um levantamento das profissões dos “historiadores locais”, dos “pesquisadores” e dos demais comunicadores. A partir de sua nomeação nos artigos chegamos às dez principais profissões autodeclaradas:

PROFISSÕES	Nº
Professor	107
Pesquisador	67
Genealogista	20
Folclorista	20
Desembargador	13
Cooperólogo	13
Religioso	12
Prefeito	10
Advogado	9
Geólogo	9

Tabela 2. Relativa às profissões autodeclaradas por “historiadores locais”, “pesquisadores” e “outros”. Fonte: livros *Raízes* em análise nesta tese.

Como podemos perceber nesta tabela, os professores formam a maioria dos profissionais frequentadores e comunicadores. Embora não fosse possível ter acesso às listas de participantes, em todas as publicações temos relatos das escolas assistindo e comunicando suas pesquisas. O contato estreito com as escolas e com os professores é uma característica tanto do encontro *Raízes* quanto do *Marcas do tempo*, que será explorado a seguir. Mas, além deles, temos os genealogistas e folcloristas, pesquisadores ligados à memória, que encontraram espaço crescente no evento. As demais profissões, a exceção dos prefeitos, contam com profissionais muitas vezes aposentados e que passaram a dedicar-se à pesquisa²⁵.

Se os comunicadores e palestrantes eram chamados pela organização de forma direta (convites) ou indireta (divulgação das fichas de inscrição), o público assistente chegava ao *Raízes* por diversas formas. Sabemos que sua presença foi variável. O *I Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha*, EMOSAP, em 1990, contou com três dias de eventos e 114 participantes, já no segundo encontro, em São Francisco de Paula, também em três dias, realizado em 1991, o público listado era de 95 pessoas; por fim, em Tramandaí, três dias em 1992, a lista de presentes chegou a 221 ouvintes. Não sabemos se estes nomes indicados se referem aos participantes de apenas um dia ou de pessoas que estavam presentes durante todo o evento, mas chama a atenção o fato de que um número que havia permanecido relativamente estável nos dois

²⁵ Uma análise mais detalhada sobre as profissões dos intelectuais locais terá lugar no segundo capítulo.

primeiros encontros cresceu em Tramandaí. O relato sobre Lagoa Vermelha, dado por Véra Barroso, mostra uma evolução ainda maior no público participante:

Foi um dos maiores eventos, com 600 pessoas, no Clube Comercial, com mezaninos de madeira que lotaram de professores e de alunos. Isso porque nós começamos a introduzir manifestações de cultura locais com dança, poesia, teatro ou no intervalo ou abrindo a sessão. Os primeiros encontros eram pela manhã e pela tarde. Mas com o número de inscritos em Lagoa Vermelha tivemos que fazer sessões manhã, tarde e noite. E, a partir dali, o livro passou a ser um por evento. (BARROSO, 2014: 6)

Nem sempre os *Raízes* foram bem-sucedidos em termos de público. Em um relato sobre o *XII Encontro- Raízes de São Marcos e Criúva*, ocorrido em 2001, os organizadores contam que: “Quando aconteceu o encontro do *Raízes*, em Criúva, a comunidade não teve grande participação, pois não entendeu a real importância desse acontecimento para nossa cultura, nossa história. Outros ainda não deram crédito.” (REIS, 2012: 514). As atividades ocorreram em São Marcos e em Criúva, ao longo de seis dias. O autor, após apontar o baixo público, ressaltou que somente a partir da publicação dos anais, muitos moradores da região perceberam que poderiam ter participado e contribuído com o projeto (REIS, 2012:514).

A participação dos ouvintes depende de vários fatores como divulgação, duração, interesse aliados à publicidade endereçada ao público-alvo. No caso dos *Raízes*, os jornais e rádios locais mostram-se parceiros nesta divulgação. Em buscas na internet encontramos jornais, blogs de intelectuais atuantes na cidade e páginas de prefeituras comentando o evento e apresentando sua programação. As principais notícias sobre os *Raízes* foram encontradas em sites como Litoralmania²⁶, uma página de divulgação de notícias e eventos do Litoral Norte/RS; no jornal Rota do Mar²⁷; no Palmares News²⁸, site de notícias; mas também em alguns jornais de circulação estadual, como o Correio do Povo²⁹. Além disso, as páginas das prefeituras divulgavam os eventos, disponibilizavam as fichas de inscrição e a programação. Outra via mais democrática de publicidade eram os anúncios dados pelas rádios locais, informando

²⁶ <http://www.litoralmania.com.br/quem-somos/> (consulta em 20/07/2015).

²⁷ <http://jwm.srv.br/rotadomar/politica/view.asp?id=19> (consulta em 20/07/2015).

²⁸ <http://palmaresnews.com.br/projeto-raizes-realiza-painel-com-os-cinco-prefeitos-que-atuaram-por-palmares/> (consulta em 20/07/2015).

²⁹ <http://www.correiodopovo.com.br/jornal/vitrine/N394/html/04RAIZES.htm> (consulta em 20/07/2015)

sobre o espaço onde iria ocorrer o encontro, datas e horários. Esse contato para divulgação era feito pelos integrantes locais da organização.

Os moradores também ficavam sabendo do projeto através de seus filhos, pois, como já foi apresentado antes, o engajamento das escolas fazia parte deste movimento. No primeiro EMOSAP, Barroso explicou que a presença dos professores foi maciça: “Naquela época eram 180 dias letivos, não os 200. Então os professores todos pararam a escola, não deram aula e ficaram os três dias aprendendo, se reciclando. Com isso as pessoas ficaram muito entusiasmadas, e todo mundo queria saber o que viria depois.” (BARROSO, 2014: 4) A parceria entre escolas e organização passava pela secretaria de educação. E os alunos eram chamados para apresentarem suas pesquisas ou ainda, assistiam compulsoriamente quando suas turmas visitavam o evento.

Os Encontros dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha - Raízes se tornaram uma iniciativa de promoção da história local de aceitação e amplitude inéditas estado do Rio Grande do Sul. Através de seus encontros diversos públicos tiveram contato com a História/Memória de sua região e procuraram se integrar à proposta dos organizadores. Estes espaços promoveram um intercâmbio de pesquisadores e geraram contatos políticos. Sua idealizadora, quando iniciou o evento em 1990, não imaginou que ele teria uma vida tão longa e que esta “árvore genealógica” daria tantos “frutos” e “raízes”.

1.5. *Marcas do tempo* – os objetivos, a organização e os públicos do Simpósio de Imigração Alemã no Litoral Norte/RS, uma celebração da memória e da identidade

O segundo conjunto de publicações que analisaremos são os *Simpósios sobre Imigração Alemã no Litoral Norte - Marcas do tempo*, que iniciaram sob a inspiração do *Raízes*. Dez anos separam o início dos dois eventos. Ao longo de uma década, foram realizados cinco encontros, nas cidades de Terra de Areia, Três Cachoeiras, Torres, Dom Pedro de Alcântara e Arroio do Sal. A organização dos eventos, encabeçada por

Nilza Huyer Ely, seguiu o modelo do *Raízes* mas teve como foco a imigração alemã para a região.

A questão étnica no Litoral Norte/RS geralmente é associada aos imigrantes açorianos. Os alemães que chegaram posteriormente situaram-se na região do Vale do Três Forquilhas incluindo-se em uma população já existente. Os descendentes de alemães dividiram-se entre as futuras cidades de Três Forquilhas, Itati, Três Cachoeiras, Terra de Areia, Dom Pedro de Alcântara e Torres.

O Litoral Norte/RS recebeu sua primeira leva de imigrantes alemães em 1826, dois anos, portanto, depois da cidade de São Leopoldo, primeira a receber imigrantes no estado. Estes futuros colonos foram enviados até Ponta das Torres e de lá seguiram para os lotes designados. Os imigrantes de religião Protestante foram encaminhados para o Vale do Três Forquilhas, enquanto que os Católicos situaram-se na região entre as lagoas do Forno e do Jacaré, mais próximos de Ponta das Torres, hoje a região de Dom Pedro de Alcântara.

Segundo Witt, em sua tese de doutorado, a imigração no Litoral Norte/RS não foi objeto de tantos estudos quando na região do Vale do Taquari e nas colônias antigas, como São Leopoldo e Novo Hamburgo. Além disso, o historiador expõe problemas que existiram na historiografia clássica sobre a região:

É preciso definir, ainda, o que se entende por historiografia clássica da imigração alemã: enquadram-se nesse grupo aqueles que se esmeram na louvação étnica, na qual as características de um grupo se sobrepõem aos demais componentes da sua história. É de fundamental importância para esta historiografia destacar os termos “civilizado”, “ordeiro” e “trabalhador”, dentre outros, e suprimir tudo aquilo que poderia macular a imagem dos imigrantes e de seus descendentes. (WITT, 2008:15)

Além da questão relacionada à exaltação étnica, Witt aponta que existem erros de interpretação levados adiante por diversos autores que apenas compilaram informações sem realizarem um adequado trabalho com as fontes ou o cruzamento de dados. Nos casos apontados por sua tese, duas dessas controvérsias dizem respeito à participação dos imigrantes no cenário político da região, que teria sido minimizado

pelos historiadores locais, e a imagem de “fracasso” da colônia, que seria creditada por eles ao isolamento geográfico, fato que também era falso³⁰ (WITT, 2008:14).

Neste contexto de poucas produções acadêmicas sobre a região, havia as publicações realizadas por historiadores locais, como *Colônia de São Pedro um pouco de sua história*, de José Kras Selau (1995); o livro de Carlos Henrique Hunsche, *Três Forquilhas (1900-1949)*, publicado em 1993; Elio Eugênio Müller, *Três Forquilhas (1826-1899)*, de 1996; *Imigração Alemã: 170 anos, Vale do Três Forquilhas*, organizados por Nilza Huyer Ely e Véra Lucia Maciel Barroso, em 1996 e *Vale do Três Forquilhas- Veredas, Vidas e Costumes*, de Nilza Huyer Ely, editado em 1999. É notável que todos estes volumes tenham sido publicados na década de 90, em sua maioria pela EST Editora³¹. Foi também esta empresa a responsável pela maior parte dos volumes do *Raízes* que iniciou em 1990, trazendo uma valorização para a História Local. Acreditamos que esses primeiros encontros podem ter encorajado as demais publicações, especialmente as de Selau e Ely.

A história da imigração alemã e sua identidade no Litoral Norte/RS constituem os principais objetivos do projeto *Marcas do tempo*. Segundo a organizadora e “historiadores locais” como José Kras Selau, as tradições estariam se perdendo, tornando importante a retomada desta memória. Nesse contexto, um simpósio que reunisse tanto intelectuais locais quanto acadêmicos seria importante, segundo a direção, para valorizar e ampliar os estudos sobre a questão.

Pretendendo criar um espaço privilegiado para as discussões sobre os “rastros” desta identidade teuta, considerada perdida pelos organizadores, foi promovido o primeiro *Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte/RS*, juntamente com o *II Raízes de Terra de Areia* em 1999. A mentora destes *Simpósios* foi a historiadora local Nilza Huyer Ely. Sua família possui ascendência alemã e é originária do município de

³⁰ Relacionar política e imigração requer esforço. Ainda persiste, em parte da historiografia, a ideia de que os alemães não se envolveram com política ou que foram vítimas inocentes de promessas infundadas, da legislação excludente ou dos ditames de Getúlio Vargas. Defende essas ideias, por exemplo, o historiador Elio Müller, cujas obras se referem exclusivamente à Colônia de Três Forquilhas, instalada no LNES [Litoral Norte do Rio Grande do Sul], em 1826. O autor considera o isolamento como a causa do seu fracasso. Carlos Hunsche, por ter recebido informações de Müller, repete o equívoco, principalmente quando se reporta à colonização de São Pedro de Alcântara e Três Forquilhas. E Adonis Fauth analisa de forma simples a relação dos imigrantes com a legislação, não percebendo que buscaram alternativas para os impedimentos encontrados na lei.” (WITT, 2008:14)

³¹ O papel da editora EST na publicação dos autores locais precisa ser mais explorado, não havendo espaço nesta tese para aprofundar esta investigação.

Três Forquilhas. Em diversos artigos, Ely expôs que sua motivação para criar os *Simpósios* vinha do desconhecimento que as pessoas teriam sobre a colonização alemã nesta região, preterida em relação às zonas de ocupação tradicionais como São Leopoldo, Novo Hamburgo, Vale do Taquari e Vale do Paranhana.

A organizadora explicou, em entrevista, que a ideia de realizar o evento surgiu de uma conversa com o prefeito de Terra de Areia, Generi Lippert:

Em 1998 foi o *Raízes de Terra de Areia* e então tínhamos concluído o lançamento do livro do *Raízes* quando eu conversei com o Generi [prefeito de Terra de Areia], e perguntei o que ele achava de fazermos um evento de Colonização Alemã, pois não somos filhotes de São Leopoldo, somos outra colônia, então ele me perguntou se eu faria, e eu respondi que com o respaldo dele, sim. Então chamou a secretária de educação e nos colocou em contato, e foi ali que surgiu a ideia. Para o nome do evento eu pedi ajuda para a Vera, e entre uns nomes e outros, concluímos de forma mútua “Marcas do tempo”, pois o *Raízes* já existia e queríamos um nome que pudesse seguir o evento. (ELY, 2014: 3)

Os cinco *Simpósios Marcas do tempo* ocorreram em intervalos de aproximadamente dois anos, entre 1999 e 2007. A programação em geral constava de solenidade de abertura, com fala do prefeito e dos secretários municipais envolvidos, conferência de abertura, palestras e comunicações. Por ser um simpósio sobre imigração alemã, a maioria das apresentações artísticas relacionava-se a essa temática, eram peças de teatro amador, corais, grupos de dança de diversas cidades que mostravam seu trabalho nos momentos entre as palestras e comunicações. Este espaço também era ocupado com *coffe-breaks* e interação entre os intelectuais presentes.

Tal qual o *Raízes*, o evento era aberto à população e por isso ocorria em algum centro social da cidade (clubes e sociedades). Em vários textos encontramos a menção de que as escolas eram convidadas para participarem, com os professores trazendo os alunos para acompanharem as palestras e tendo professores e estudantes como comunicadores ao longo do evento.

Os livros, embora mais modestos do que os do *Raízes*, contam com 200 a 300 páginas e também foram publicados através da EST Editora. Entre os autores permanece a divisão entre historiadores vinculados à universidade, nomeados de acordo com seus títulos e procedência, “historiadores locais” com a determinação do município

que é sua especialidade, “pesquisadores”, com a sua profissão indicada, e “outros”, dos quais apenas consta a profissão, sem nenhuma informação além.

A organização dos eventos ficava a cargo da parceria prefeitura/organizadores, utilizando a mesma sistemática que o *Raízes*. Para a elaboração destes simpósios foi estabelecida uma rotina muito próxima do que era implementado por Barroso: a organizadora entrava em contato com os prefeitos, ou era contatada por eles (caso de Arroio do Sal) e a partir de reuniões com a secretaria de educação montavam-se equipes, convidavam-se professores, estimulavam-se alunos. Em seguida ao encontro, os comunicadores e palestrantes deveriam entregar os textos que eram organizados e publicados. Cada autor recebia um exemplar e as bibliotecas da cidade também.

Para compreendermos melhor o projeto *Marcas do tempo*, podemos utilizar como ponto de partida os objetivos destes eventos que foram expressos no texto de Apresentação do segundo encontro, em Torres:

- Desenvolver a pesquisa sobre a formação étnica do Litoral Norte/RS a partir da Colônia Alemã de Torres.
- Estimular o estudo dos hábitos e costumes dos imigrantes alemães, bem como da língua alemã como forma de expressão cultural.
- Incentivar a inquirição genealógica das famílias que formam o universo populacional do Litoral Norte/RS.
- Intensificar a busca da consciência sócio-cultural da população do Litoral Norte/RS e sua contribuição no contexto do Estado.
- Perseverar na análise do entendimento comportamental dos descendentes dos imigrantes alemães no Litoral Norte/RS.
- Preservar a memória e registrar o cotidiano das comunidades teuto-brasileiras em nível regional.
- Resgatar a identidade histórica e os valores culturais dos habitantes da Colônia Alemã das Torres. (ELY, 2003: 11)

Esta especificidade temática diferenciou os *Simpósios Marcas do tempo* do evento inspirador, o *Raízes*, e marcou a escolha dos palestrantes e os principais temas abordados nas comunicações. Embora os aspectos históricos da imigração alemã para o Litoral Norte/RS fossem apresentados, de modo geral, os relatos de memórias e discussões sobre patrimônio ganharam espaço juntamente com os textos sobre genealogia, privilegiando sempre famílias vindas com o processo migratório germânico. A filiação entre os dois movimentos existia em diversas esferas. A principal era quanto à organização, pois tomava por base o evento *Raízes*, e, embora cada organizadora estabelecesse contatos próprios, existia cooperação entre elas. Outro fator que os aproximava era a circulação dos intelectuais locais, uma grande parte deles

frequentava e apresentava trabalhos em ambos os eventos. Um exemplo disso encontramos no primeiro *Simpósio*, na cidade de Terra de Areia, realizado um ano depois do *Raízes de Terra de Areia*, em 1999. Este evento foi dividido em duas partes, uma correspondendo às questões dos imigrantes alemães e sua história e memória e a segunda sessão, denominada de *Raízes de Terra de Areia II*, pretendia seguir as discussões propostas durante o primeiro encontro, em 1998.

As questões de imigração foram a principal pauta no *Marcas do tempo*, mas a rede de intelectuais que frequentava os dois encontros trazia consigo outras temáticas como as genealogias que eram publicadas em ambos eventos. Também, como no caso do *Raízes*, a busca pela identidade através da história e/ou memória é destacada. No primeiro evento os textos sobre ocupação do território, limites, tropeirismo, açorianismo e tradições religiosas fazem esse papel de informar e exaltar as comunidades do Litoral Norte/RS. No *Marcas do tempo* as questões étnicas em suas diversas facetas, desde alimentação e dialetos dos imigrantes, até discussões sobre os motivos do “isolamento” das comunidades em relação às demais zonas de imigração incluíram-se nessa busca por visibilidade dentro do quadrante patrubense. O principal motivador dos encontros foi a retomada de uma identidade perdida e, através dela, não apenas a valorização local, mas também uma chamada para que estes descendentes assumissem suas “origens”. Poderíamos destacar diversos momentos em que esta questão aparece, a título de exemplo, apresentaremos um momento em cada publicação.

Na palestra de abertura do I *Simpósio Marcas do tempo, em Terra de Areia*, a organizadora e “historiadora local” apresentou uma fala com o seguinte título: “*A necessidade do resgate histórico cultural das comunidades da colônia alemã de Torres*”. Ao longo do texto, ela foi dissertando sobre a situação da colônia e o desconhecimento sobre esta zona de imigração. Na parte final começou a apresentar argumentos para essa valorização étnica:

À medida em que o tempo se encarregava de apagar o conhecimento da língua alemã, pela convivência com outras etnias, além da pressão das incultas autoridades durante a segunda guerra mundial, a conversação passava a ser entremeada por expressões no vernáculo.

Não tínhamos como fazer parâmetros com as demais comunidades germânicas. Enquanto as comunidades do Vale dos Sinos prosperaram, a nossa permaneceu isolada, buscando a assimilação dos usos e costumes dos lusos, formando uma mescla não bem definida, sem identidade própria, com perda de auto-estima. (ELY, 2000: 17)

No mesmo livro, em outro artigo, o “pesquisador” Limberger afirma que, além do isolamento físico, a falta de escolas prejudicou e foi um fator a mais para o que ele chamou de “relativo atraso dos alemães no Litoral Norte Gaúcho” (LIMBERGER, 2000: 95). Ao lado destes dois textos, que respaldam uma visão tradicional sobre a questão da imigração no Litoral Norte/RS, temos textos de importantes pesquisadores como Martin Norberto Dreher (prof. Doutor na UNISINOS), Marcos Justo Tramontini (prof. Doutor na UNISINOS) e Marcos Witt (na época mestre em História e hoje doutor e professor na UNISINOS), que contradizem a ideia de “atraso” presente nas comunicações de alguns intelectuais locais, como os citados acima.

No segundo volume, *Marcas do tempo - Torres II Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte/RS*, o historiador local e tabelião Cláudio Leal Domingues discorreu sobre a “mesclagem” entre alemães e nacionais no Vale do Três Forquilhas. Após apontar dados sobre a população local ele concluiu dizendo:

A mesclagem é evidente e inuvidosa, nos dois sentidos, é claro. Os nacionais receberam, certamente, algum elemento da cultura alemã, e traços dela certamente subsistem, mas os alemães se tornaram brasileiros, na língua, na cultura e, inclusive, biologicamente. Até mesmo nomes alemães se abrigaram, ou sofreram adulteração. Hoje, a culinária, a música, a arquitetura do Vale do Três Forquilhas tem prevalência açoriana, como os ternos dos reis. (DOMINGOS, 2003:160)

A questão da miscigenação é outro tema apontado como um fator para a perda das tradições do grupo étnico. Neste volume outros artigos destacam-se nesta discussão como “Sobrenomes alemães - corruptelas”, de Emiliano Limberger, e “A sobrevivência dos imigrantes alemães em Torres”, pelo “historiador local” Jose Kras Selau. Este último expõe que “Os colonos, diante de tantas provocações e adversidades a que foram submetidos, passaram a viver apáticos e desanimados, num conformismo inacreditável, legando esse comportamento às gerações que se sucederam e assim perdendo a perseverança que tão bem marca a etnia germânica.” (SELAU, 2003: 188). A heterogeneidade dos autores acabou por abrir espaço para leituras equivocadas sobre o processo histórico, algumas permeadas de preconceitos sociais, de classe e raça.

A temática da identidade perdida que foi o fio condutor e motivador dos *Simpósios*, permitiu que um grande número de artigos se ocupasse da descrição dos hábitos antigos (no caso, costumes dos primeiros imigrantes). No volume *Marcas do tempo- Três Cachoeiras*, encontramos uma sessão nomeada “Hábitos e Tradições”, onde foram publicadas comunicações sobre como se preparava o Natal, rotinas

alimentares, brinquedos e brincadeiras, festas religiosas e comunitárias, vida escolar, além de duas sessões memorialísticas, uma sobre biografias e outra sobre genealogias.

Nos dois volumes seguintes, *Marcas do tempo - Arroio do Sal e Marcas do tempo-Dom Pedro de Alcântara*, a necessidade por afirmar a importância do evento, vinculado com a rememoração de costumes e práticas dos primeiros colonizadores não aparecia mais com tanto destaque. As comunicações versaram sobre diversos aspectos da imigração e ocupação do território e havia espaço para todo o tipo de apresentação, desde textos teóricos, produzidos por acadêmicos, até relatos sobre assombrações, biodiversidade da região e memórias sobre o veraneio. O último encontro, em Dom Pedro de Alcântara, embora tenha ocorrido em 2007, teve seu livro publicado somente em 2010. Neste volume foi feita uma retomada da história dos Simpósios anteriores e diversas homenagens aos “historiadores locais” mais importantes da região, bem como aos cidadãos dom-pedrenses ilustres.

Os *Simpósios sobre Imigração Alemã no Litoral Norte/RS* foram um espaço para divulgação das investigações de “historiadores locais”, “pesquisadores”, mas também de historiadores graduados e graduandos que realizaram teses, dissertações e trabalhos de fim de curso sobre Imigração em geral e sobre Litoral Norte especificamente³². A organizadora, Nilza H. Ely, com a parceria de o historiador Marcos A. Witt estabeleceu um contato maior entre o *mundo universitário* com os intelectuais locais. Este professor avançou em sua carreira ao longo dos encontros. Iniciou como graduado e ao longo dos dez anos de evento concluiu mestrado e doutorado com a temática da imigração alemã. Em entrevista ele conta que os Simpósios surgiram a partir da inspiração do *Raízes*, mas com o foco nas discussões sobre imigração para o Litoral Norte/RS. A organização, a abertura para o público local, para as escolas seguiria o mesmo padrão, mas com as “grandes falas” na mão de convidados da academia (WITT, 2014: 1).

Esse contato com o mundo universitário aliado à pretensão de ser um simpósio sobre imigração, fez com que o número de historiadores vinculados à academia fosse mais significativo neste evento do que no *Raízes*. No segundo capítulo iremos aprofundar estas relações e trocas entre historiadores.

³² “Além dos objetivos assinalados na programação do evento, tem-se também como meta, oportunizar, aos principiantes e acadêmicos de história, a apresentação e divulgação de suas pesquisas.” (ELY, 2007:30)

Um elemento que está presente no *Raízes*, mas que se colocou de forma muito visível no *Marcas do tempo*, foi a aliança entre os *Simpósios* e as comemorações, seja no âmbito municipal, seja no nacional. O *I Simpósio*, em Terra de Areia apresentou-se como celebrando os 12 anos de emancipação do município e 500 anos do Descobrimento; o *II Simpósio*, em Torres (imagem 6), destaca os 175 anos de imigração no Litoral Norte. A partir deste evento, todos os demais passaram a estampar na capa dos anais o tempo decorrido de imigração para a região, marcando de forma clara essa vinculação com a efeméride.



Imagem 6. Capas dos livros *Torres – Marcas do tempo* (2003) e *Arroio do Sal – Marcas do tempo* (2007).

A necessidade de participar das comemorações que ocorriam no resto do estado fez com que o evento de Três Cachoeiras fosse apresentado da seguinte forma pelo prefeito: “Este foi o único evento cultural do Litoral Norte/RS inserido nas comemorações dos 180 anos da imigração alemã que estão em curso em nosso Estado no corrente ano.” (LUMERTZ, 2004:13). Logo a seguir, no texto intitulado “Apresentação”, a equipe organizadora composta por Nilza Hoyer Ely e Clarice Scheffer Borges, secretária municipal de Educação e Cultura, faz uma análise do evento:

Estamos alcançando os objetivos, a que se propõem os simpósios, de resgate da história das colônias alemãs do Litoral Norte, em especial neste ano em que o Estado está em festa pelos 180 anos da chegada dos pioneiros. O Litoral Norte/RS, com certeza, no ano de 2006, quando comemorará a mesma efeméride, saberá mostrar ao Estado e ao país que também tem história teuto-brasileira. (ELY e BORGES, 2004: 17)

Ainda que de forma não intencional, havia a pretensão por parte da equipe organizadora de marcar posição como uma das colônias de imigração que também merecia participar das comemorações. Também é possível perceber que os autores em “suas” narrativas e memórias queriam ser valorizados e vistos pelas outras áreas de cultura germânica. Como sua data de “aniversário” era depois das comemorações oficiais no estado, era preciso um esforço maior para que fossem lembrados e reconhecidos.

Dois anos depois, em Arroio do Sal, foram comemorados os 180 anos de imigração para a região (imagem 6). Ao longo dos anais deste simpósio apenas encontramos referência a esta efeméride nos pronunciamentos de abertura e na palestra inaugural “História e Reconhecimento - 180 anos da presença alemã na antiga Santo Antônio da Patrulha”, por Véra Barroso. Por fim, no último *Simpósio*, em Dom Pedro de Alcântara, não houve uma ligação direta com nenhuma data comemorativa e abriu-se espaço para celebrar os intelectuais/historiadores do Litoral Norte/RS. Neste volume contava uma sessão dedicada a lembrar da trajetória de seis historiadores seguidos de seis textos rememorando os *Simpósios* anteriores.

As comemorações e a promoção da identidade vinculada às tradições da imigração andaram muito próximas nos eventos *Marcas do tempo*. Se por história local, nesta tese, tomamos toda a produção que tem como público alvo a comunidade a qual se refere, e que é muitas vezes feita pela própria comunidade, é bastante compreensível que as efemérides sejam momentos de demanda dessa memória/história. Sendo assim, estes Simpósios são momentos de celebração deste *típico*, de rememoração e de reforço dos laços identitários. Essa questão será aprofundada ao longo do terceiro capítulo, quando iremos discorrer sobre a produção da História e da Memória através dos textos do *Marcas do tempo* e do *Raízes*.

Ao longo deste capítulo buscamos apresentar os encontros de História Local *Raízes* e *Marcas do tempos*, em sua organização, objetivos, participantes ouvintes e palestrantes. Ambos, partilham da mesma missão, qual seja, dar voz à comunidade local, para que, junto com seus intelectuais possam escrever suas memórias e histórias. A articulação destes encontros contribuiu para que fosse tecida no Litoral Norte/RS uma rede de intelectuais locais, que trocavam experiências, discutiam teorias, aliaram-se em projetos em comum para além dos próprios eventos. Enfim, atuaram nas suas

comunidades e são legitimados por um determinado espaço geográfico e cultural como sendo os “historiadores” desta região.

No próximo capítulo pretendemos compreender como foi construída essa rede de intelectuais locais, que mecanismos de convite e legitimação ela possuía. Além disso, iremos detalhar quais organizações fizeram parte desta rede, e como atuaram os intelectuais mediadores no processo de captação de novos membros e de expansão da área de atuação destes “historiadores”, “pesquisadores”, “memorialistas”, “genealogistas”, “acadêmicos”, ou seja, destas pessoas engajadas na produção da História/Memória do Litoral Norte/RS.

CAPÍTULO 2

Quem produz as “*Raízes*” e as “*Marcas do tempo*” - Uma análise sobre as redes de Intelectuais no Litoral Norte/RS e a escrita da história local

As cidades, em seus variados portes, possuem vida cultural, algumas são mais movimentadas que outras, têm maiores incentivos, uma rede de pensadores mais elaborada e até mesmo um público leitor e produtor de cultura mais fiel. Nos diversos municípios do Rio Grande do Sul podemos encontrar os *intelectuais locais*, pessoas que são uma referência para a cidade, são seus historiadores, seus literatos, seus cronistas.

No Litoral Norte do Rio Grande do Sul não é diferente. Nesta região, bastante dependente dos veranistas, existem moradores que tomaram para si a tarefa de serem os “escritores” do litoral. A escolha dos intelectuais locais e a produção de História no Litoral Norte como objeto de investigação desta tese ocorreu, entre outros fatores, porque neste espaço aparentemente “vazio” formou-se uma rede, grupos de pessoas que buscam fomentar literatura e história, promovem feiras do livro, publicam antologias, encontram na pesquisa e nas letras o espaço que pretende dar voz e identidade aos moradores da região. Os eventos *Raízes* e *Marcas do tempo*, além de comunicarem histórias e memórias, serviram de palco para apresentações musicais, grupos de dança folclórica, declamação de poemas, concursos literários. Através deles ocorreram trocas entre historiadores amadores, universitários, pesquisadores e a população dos municípios-sede e seus vizinhos. Entre uma fala e outra, estes grupos aproveitavam para intercambiar ideias e projetos configurando os encontros como espaços de promoção cultural.

Ao longo deste capítulo pretendemos estabelecer definições sobre quem são os intelectuais envolvidos na produção de História do Litoral Norte do Rio Grande do Sul a partir do levantamento dos autores publicados nas duas coleções, *Raízes*³³ e *Marcas do tempo*, fontes de análise desta tese. Além disso, iremos investigar as formas de

³³ Os anais do *Raízes* que constituem-se objeto desta tese são os referentes aos eventos ocorridos no Litoral Norte/RS: *Raízes de Santo Antônio da Patrulha*, *Raízes de Tramandaí*, *Raízes de Torres*, *Raízes de Terra de Areia*, *X Raízes de Santo Antonio da Patrulha e Caraá*, *Raízes de Capão da Canoa*, *Raízes de Osório*, *XX Raízes de Santo Antonio da Patrulha* e *Raízes de Pinhal*.

ampliação e legitimação do círculo de intelectuais que foram utilizadas pelos grupos envolvidos na pesquisa histórica, suas redes de sociabilidades e os caminhos que percorreram para alcançar a publicação de suas pesquisas.

2.1. O Intelectual Local no Litoral Norte/RS: aproximações e definições

Os Intelectuais formam um grupo com interesses, formação ou itinerários em comum, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul esse contexto não é diferente. Os intelectuais locais são pessoas que, dentro dos seus municípios, atuam como animadores culturais, colunistas e cronistas nos jornais da região, escritores de literatura e poesia, artistas plásticos, cênicos, historiadores e memorialistas. Neste trabalho iremos analisar este grupo de pessoas que em seus municípios promove pesquisas de História e Memória e participa dos eventos *Raízes e Marcas do tempo*. Este, por sua vez, divide-se de forma autodenominada em *Historiadores Locais e Pesquisadores*. Faremos o recorte a partir de seus artigos publicados nos anais destes eventos, respeitando as informações encontradas nas fontes.

As definições de intelectual a serem utilizadas foram desenvolvidas por Jean-François Sirinelli, especialmente em seus textos “As Elites Culturais” (1998) e “Os Intelectuais” (2003). O autor indica que a noção sobre quem seriam os intelectuais é polissêmica e o meio dos intelectuais polimorfo (2003: 242). Por isso os intelectuais poderiam ter duas acepções: seriam os mediadores culturais, encarregados da criação e transmissão da cultura local, e também o grupo dos intelectuais engajados, que defenderia posições pessoais e do grupo junto à municipalidade. Os intelectuais do Litoral Norte, a partir de sua atuação dentro da promoção da história local, poderiam situar-se em ambos os papéis, ficando, portanto, próximos de uma definição de “homem de cultura”:

Porque sempre é possível propor uma definição empírica de um homem de cultura. Sob esta classificação podem estar reunidos tanto os criadores como os ‘mediadores’ culturais: à primeira categoria pertencem os que participam na criação artística e literária ou no progresso do saber, na segunda juntam-se

os que contribuem para difundir e vulgarizar os conhecimentos dessa criação e desse saber. (SIRINELLI, 1998: 261)

A postura destes intelectuais locais, avaliada a partir das temáticas e do seu engajamento, é simultaneamente de criação e de divulgação da cultura. Estes autores se colocam como criadores, na medida em que, além de história, muitos se dedicam a escrever crônicas, poesias, literatura infantil. Alguns, além de escritores, assumiram postos na administração pública como secretários de ensino e cultura, coordenaram associações que organizaram as comemorações municipais, e participam até hoje na divulgação da história local em diferentes ambientes. Outros, ao organizarem os eventos, atuariam como “mediadores culturais”, como foram apresentados por Sirinelli (1998), eles seriam encarregados de difundir e divulgar esta história local apresentada e registrada durante os encontros.

O posicionamento dos intelectuais locais no Litoral Norte como “homens de cultura” pode ser percebido através de alguns fragmentos de textos. Na tentativa de compreender o que era relevante para este grupo, usaremos dois exemplos de homenagens publicadas nos anais do *Raízes de Torres* e do *Raizinha*³⁴, o primeiro excerto refere-se a Ruy Ruben Ruschel³⁵ e o segundo a Renato José Lopes³⁶:

Desde a década de 40, esse também renomado autor escreve artigos para jornais e revistas e publica livros, cujos temas, além daqueles afetos às áreas do Direito e da Magistratura, têm o seu centro de interesse na pesquisa histórica, e, como musa inspiradora, a cidade de Torres. Por isso mesmo, tem sido grande colaborador em todos os eventos e publicações torrenses para os quais é convidado a participar, sendo sua presença entre nós muito familiarmente acolhida. Podemos afirmar, com segurança, que a realização do Raízes I teria sido impensável sem sua presença e sem seu envolvimento de um forma ou outra. (BARROSO, 1996: 21)

Renato José Lopes nasceu em 16 de junho de 1926. Atualmente mora em Tramandaí e foi membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Santo Antônio da Patrulha. Teve participação nos livros editados: Coautoria

³⁴ Raizinha foi um evento Raízes apenas com autores de Santo Antônio da Patrulha, que ocorreu em sua terceira edição em 2009.

³⁵ Historiador Local, advogado de formação, foi professor no curso de Direito da PUCRS e Desembargador, quando aposentado, mudou-se para o município de Torres, onde se engajou na pesquisa da história da cidade e auxiliou a organização dos eventos *Raízes*. Escreveu: “Os Fortes de Torres.” Editora: Est, 1999; “Torres Origens” Editora: Gazeta, Rs,1995; “São Domingos das Torres” Porto Alegre, Martins Livreiro, 1984; “Por Mares Grossos e Areis Finas” Editora: EST, 2004 e artigos de jornais, compilados por Nilza Huyer Eli na obra “Torres tem História”, Editora EST, 2004. A cidade de Torres promove o “Circuito Literário Ruy Ruben Ruschel”, projeto de divulgação da literatura produzida pelos autores radicados naquela cidade, e que visa divulgar suas livros nas escolas municipais mediante inscrição em edital.

³⁶ Aposentado, é o diretor do Instituto Histórico e Geográfico de Santo Antônio da Patrulha (IHG-SAP).

dos livros *Ruas de Santo Antônio da Patrulha*, v. 1, 2, 3, e *Personalidades Patrulhenses*, 2006. Editoração e impressão, em conjunto com a professora Ana Rosa Collar da Cunha da obra de Lenira Martins Collar, *O Município conta sua história*, em quadrinhos. Livros editados exclusivamente no sistema artesanal, para distribuição entre familiares e amigos: *Personagens folclóricos e patrulhenses* e *Pequena história política do município*, 1996; *Cel. Felicíssimo de Jesus Lopes*, 1997; *As famílias Espíndola, Lopes e Jesus*, 1997; *Reminiscências*, parte 1 e 2 1998; *Cartas*, 1998; *Coletâneas de artigos para jornais*, 1998; *Famílias Patrulhenses*, 2000; *Família Fettermann*, 2004, este em coautoria com o pesquisador Ernani Raupp Manganelli. (SILVA, 2009: 933)

O “historiador local” Ruy Ruben Ruschel e o “pesquisador” Renato José Lopes ganharam destaque dentro do círculo de intelectuais, pois além de publicarem suas pesquisas de forma direta, no caso de Ruschel, ou através do Instituto Histórico de Santo Antônio da Patrulha (IGH-SAP), como fez Lopes, mobilizaram a comunidade, instigando a pesquisa sobre suas cidades. No caso de Ruschel, em especial, como mencionado em nota, mesmo após seu falecimento a cidade segue homenageando-o como o seu principal intelectual e historiador.

Nos dois casos, o envolvimento com a pesquisa histórica foi tardio. O desembargador Ruschel estabeleceu sua carreira em Porto Alegre, ao aposentar-se tomou para si a tarefa de escrever a história de Torres³⁷. No caso de Lopes, durante a entrevista, ele deixou claro que quando passou a ter tempo livre por já estar aposentado³⁸, começou a encarar as pesquisas sobre genealogia e posteriormente sobre Santo Antônio da Patrulha e Litoral Norte não apenas como um *hobby*, mas sim uma missão (LOPES, 2014).

A análise de Sirinelli (1998) sobre os “homens de cultura” posicionaria estes intelectuais como uma elite, mas deixa claro que é difícil avaliar os critérios de pertencimento a este grupo, sendo mais fácil fazê-lo de forma póstuma. Ao aplicarmos esta proposta para o Litoral Norte/RS, percebemos que é possível categorizar os “historiadores locais” e os “pesquisadores” mais atuantes - os organizadores dos

³⁷ Um texto apresenta as atividades como historiador local de Ruy Ruben Ruschel: “Mesmo após sua graduação em direito e subsequente assunção como Magistrado, na medida da disponibilidade que o cargo lhe impunha, nunca deixou de prospectar temas, exame alargado após o seu jubileamento. Navegando com notável fluência entre velhos arquivos escondidos em bibliotecas, pinçando fragmentos aqui e no exterior, pessoalmente ou por correspondência com idênticos abnegados, contribuiu o Professor com o meio historiográfico desta Terra, reconhecimento materializado através de sua condução a membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.” (RUSCHEL, 2004:8)

³⁸ Não foi possível descobrir a idade da aposentadoria de Ruschel e de Lopes.

eventos, os autores que participaram de mais encontros publicando mais de um artigo em cada, os participantes dos círculos e grupos de pesquisa de história ou de literatura - como parte de uma “elite cultural”, protagonista na promoção da história e memórias locais.

Os eventos de história local seriam, então, um palco para exporem as pesquisas e para que estes “homens de cultura” pudessem (ao trazerem o encontro para a sua cidade) promover sua proposta de valorização do passado e da memória, mas também se projetarem localmente, ainda que sem fins lucrativos, divulgando seu trabalho, como no caso de Ruschel, exposto acima, mas também de Ely (organizadora do *Marcas do tempo*), Barroso (organizadora do *Raízes*), de Lopes, dentro do Instituto Histórico e Geográfico de Santo Antônio da Patrulha, de Leda Saraiva, em Tramandaí e Imbé, entre outros.

Com isso, estes intelectuais locais, atuando como “homens de cultura”, angariaram um *capital social* em suas cidades e dentro da rede de intelectuais locais. Segundo Bourdieu (1998), o capital social é constituído pelas relações sociais que permitem aos indivíduos o acesso a uma rede e por consequência, aos recursos deste grupo. Por isso, o capital social está associado às estratégias de construção das redes através de um investimento, consciente ou não. Quando estes intelectuais locais organizam os eventos, eles acabam alimentando esta rede e controlando os membros que irão fazer parte dela, seu capital social permite essa troca de reconhecimento mútuo que acaba produzindo o grupo e seus limites.

Como já foi apontado na introdução, os intelectuais locais no Litoral Norte/RS são analisados nesta tese como pertencentes a duas categorias baseadas na auto-nomeação: os “historiadores locais” e os “pesquisadores”. Os primeiros possuem em geral uma produção sobre determinada cidade ou região e são reconhecidos por esta como o “seu” historiador. Os “pesquisadores” são profissionais que fazem investigações sobre História/Memória em paralelo com suas atividades econômicas ou após a aposentadoria, mas colocam a pesquisa e escrita da História como um elemento definidor de sua ação social. Nos anais dos eventos também encontramos a categoria “outros” que não será objeto de análise nesta tese, mas que corresponde aos colaboradores esporádicos nos eventos de história local.

Os intelectuais locais do Litoral Norte/RS possuem diversas profissões ao lado de sua atuação investigando a história local, cerca de 50% possuem ensino superior, e muitos, a partir do estabelecimento profissional ou da aposentadoria em especial, passaram a inserir-se na vida cultural dos municípios. Um significativo número de “pesquisadores” é composto por professores, além de outros profissionais ligados ou não à área da cultura. Segue abaixo o gráfico das atividades intelectuais declaradas pelos autores como atuações em paralelo ou previamente ao se tornarem “pesquisadores”.

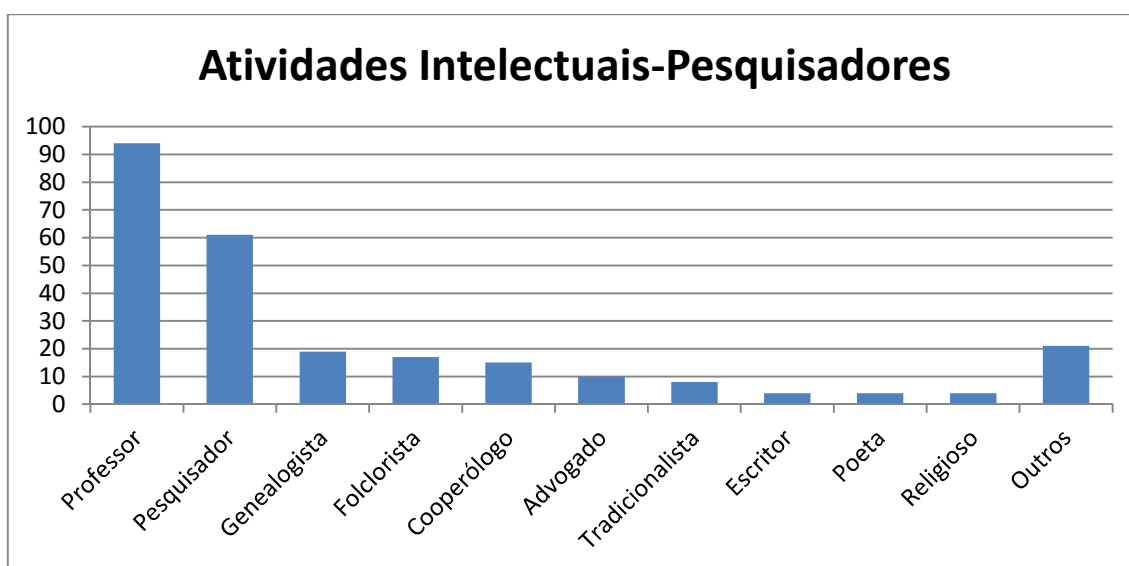


Gráfico 1- Atividades dos pesquisadores. Fonte: elaborado a partir da autoneomeação
Fonte: livros *Raízes e Marcas do tempo* incluídos na bibliografia.

É interessante observarmos através do gráfico acima que o número de professores é muito superior aos demais, não foi realizado um levantamento diretamente com os envolvidos, mas sabemos que as escolas eram mobilizadas para participarem dos eventos e os professores instigados a pesquisarem. Pelo mapeamento dos autores, é possível perceber que muitos seguiram pesquisando ou já possuíam algum trabalho anterior e viram nos eventos uma oportunidade de participarem desta rede.

Outros autores (Renato Jose Lopes, Jacy Waldyr Fischer, Marcos Antônio Velho, Nilza Huyer Ely, todos entrevistados em 2014) afirmam que encontraram na aposentadoria uma oportunidade para se dedicarem à pesquisa. É interessante observar

que todos alegaram que a genealogia e a busca das raízes familiares foi a porta de entrada e a partir deste contato com documentos e arquivos expandiram sua temática para as cidades e região onde moravam. À exceção de Lopes, já engajado em Santo Antônio da Patrulha, todos expressaram que foram convidados por Véra Barroso para conhecerem e apresentarem seus trabalhos nos eventos *Raízes* e, então, passaram a seguir o evento.

Um dos casos em que o capital social, angariado através de sua atuação na área da educação e cultura, permitiu que se galgasse postos na administração é o de Leda Saraiva Soares³⁹. Esta professora diplomada em Letras exerceu o magistério, mas, ao longo de sua carreira, passou a escrever sobre a história do Litoral Norte/RS, especialmente Tramandaí, seu município de moradia. Por suas atividades na cultura local atingiu o cargo de diretora da Biblioteca Municipal. Em entrevista ela narrou sua trajetória:

E antes de ser diretora, preocupada que essa história viesse a se perder, eu saí com um gravador de rolo a entrevistar as pessoas antigas, tenho todo o material, até mandei passar para cd, e baseada nessa história oral, eu escrevi, enquanto estava na biblioteca pública. Eu tive a colaboração de uma outra moça que também foi contratada e que trabalhava na UFRGS, ela tinha muita facilidade, ela fazia trabalhos científicos e tinha máquina elétrica, eu tinha a História e ela dominava a datilografia, então ela montou o trabalho e ficamos a autora ela e eu do livro *Tramandaí Terra e Gente*, e quando a gente começa a fazer um livro é como fazer tatuagem, não para mais. Se recolhe muito material, e as pessoas vêm perguntar coisas que ficaram fora do livro, e que tu é obrigada a pesquisar. E aí Imbé se emancipou e eu fiz a história de *Imbé, Histórico e Turístico*. Então eu reuni muitos contos e lendas da região e parti para a literatura infantil, fiz o *Reino Encantado do Peixe Rei*, uma historinha bonitinha e ecológica. E fiz o *Lembranças a Granel*, que é mais literário, em que eu conto como era a Tramandaí da minha infância e adolescência, sob a forma de textos, crônicas curtas.

Esta historiadora local possui trabalhos em todos os livros *Raízes* (referentes ao Litoral Norte), totalizando 13 artigos publicados nos eventos, e além de comunicadora, chegou também a auxiliar na coordenação do evento que ocorreu em Tramandaí. Até o momento Leda Saraiva publicou sete livros sobre a história de Imbé e Tramandaí, organizou feiras do livro e foi patrona de algumas delas, também foi convidada para falar em programas de rádio e fazer palestras em escolas divulgando a história da

³⁹ Bourdieu (1998), explica que o capital social, de acordo com as articulações estabelecidas pelos membros da rede, tende a ser transformado em capital econômico ou cultural.

região⁴⁰. Quando a “historiadora local”, na citação acima disse: “eu tinha a História” ela referia-se a essa postura presente entre os intelectuais locais em que seu conhecimento historiográfico e suas pesquisas são tomados como a *própria* História. Com isso, eles buscam referendar sua posição como protetores deste conhecimento do passado, empunhando a bandeira contra a perda de identidade e memória nos seus municípios de atuação.

Outro profissional que a partir do seu envolvimento com a pesquisa histórica destacou-se foi Fernando Rocha Lauck. Ele atualmente é funcionário público concursado na Prefeitura de Santo Antônio da Patrulha, graduou-se em História e atuou nas políticas culturais locais, organizou o evento *Raízes de Santo Antônio da Patrulha* (2009) e *III Raizinha* (2009), possui seis artigos publicados nos diversos eventos. Em entrevista ele define assim sua vida profissional:

Então eu iniciei minha história trabalhando no museu e fazendo a faculdade de Letras. Posteriormente eu fiz concurso na prefeitura e vim trabalhar na parte administrativa e migrei para a turma de História. Quando eu me formei em 2003 eu já possuía uma carreira. Logo depois de minha formação eu fui convidado para ser diretor de cultura e então vim trabalhar na área cultural e descobri que o espaço era bem maior, pois como diretor de cultura precisava organizar festivais de teatro e dança e também da biblioteca e do museu, pois o museu é uma fundação com organização e cnpj próprios. Então eu fui, dando conta de todas estas coisas e percebendo o folclore que tem nesta região. (LAUCK, 2014: 4)

Estas diversas trajetórias, selecionadas como exemplo, têm em comum o interesse prévio pela História, o fato de que muitos exerceram profissões não relacionadas à pesquisa, mas que, em determinado momento, optaram por engajar-se como intelectuais. Sirinelli, em suas reflexões sobre a questão do itinerário, explica que muitas vezes no “estrato intermediário dos intelectuais” existem pessoas que atuam como “despertadores”. Estes grupos, a partir de sua atuação, servem de inspiração para uma nova geração através de sua influência cultural (SIRINELLI, 2003: 245).

Os intelectuais apresentados anteriormente relatam que através dos eventos de história puderam entrar em contato com outros pesquisadores e sentiram-se motivados a continuarem suas investigações e até mesmo a promoverem eventos em seus municípios

⁴⁰ <http://aeln.org/escritores/leda-saraiva-soares/> ; <http://www.radiolitoraljp.com.br/index.php/noticias/litoral/5772-escritora-leda-saraiva-soares-encanta-o-publico-na-biblioteca-municipal-de-imbe> (Consulta em 22/10/2014)

com o foco na História. Foram tocados por “despertadores”. Este fenômeno é creditado, no *Raízes* e no *Marcas do tempo*, aos seus organizadores: a professora Véra Lucia Maciel Barroso e Nilza Huyer Ely. Ambas encontraram um espaço a ser ocupado dentro do ambiente cultural dos municípios do Litoral Norte. Existiam já “pesquisadores”, “historiadores locais”, entretanto, era necessário um elemento que os pusesse em contato, um espaço maior do que seu círculos locais, estritos ao município ou às instituições que já frequentavam. Neste contexto, os encontros *Raízes* e *Marcas do tempo* transformaram-se em um movimento aglutinador destes pesquisadores que além, do espaço para divulgarem seus trabalhos, também serviu para engajar novas pessoas ao *universo* dos historiadores locais. Apesar disso, internamente o grupo de intelectuais do Litoral Norte não é coeso: se a motivação de “salvar” a história local, perpetuar a memória da sociedade e até mesmo buscar prestígio através da pesquisa os une, internamente existem marcadores que apontam o lugar que cada um deles ocupa neste espaço de sociabilidades.

O capital social acumulado e reproduzido pelos intelectuais locais depende da mediação desta rede informal que atravessa o Litoral Norte/RS e estabelece parcerias e exclusões. Bourdieu indica que:

O volume do capital social que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado. (BOURDIEU, 1998:67).

Com isso, podemos inferir que participar deste grupo informal trouxe benefícios ao agregar legitimidade ao seu trabalho, pode ter aberto portas para publicações e participação em fóruns diversos. No contato através de entrevistas com alguns dos intelectuais com maior número de publicações, fico claro que ser valorizado dentro de seus municípios, homenageado nos prefácios, ter seu nome entre os autores dos anais dos eventos trouxe para estes intelectuais a sensação de dever cumprido, afinal, eles estavam “protegendo” este passado que estava sendo esquecido.

2.2. Como se tornar um intelectual local no Litoral Norte/RS? As formas de convite e inserção no meio intelectual

Os intelectuais locais fazem parte desta elite cultural estabelecida nos diversos municípios do Litoral Norte/RS. Ainda que isso não reflita em ganhos econômicos, existem elementos de legitimidade e pertencimento que precisam ser ativados para que um pesquisador se coloque dentro desta rede. As principais formas de acesso a este grupo são os convites. Através da intermediação de outros historiadores, eles iniciam sua participação nos eventos se colocam em grupos de pesquisa. Outro espaço de inserção se dá pelo próprio encontro de história local e suas formas de divulgação. Por serem atividades abertas, em que, mediante ficha de inscrição, qualquer pessoa pode ser uma comunicadora, muitos interessados inscrevem-se para falar e participar, conhecendo assim o trabalho dos demais autores e passando a aprimorar suas próprias investigações.

Os convites diretos eram uma das formas de trazer os participantes para os eventos e, posteriormente, para as redes de intelectuais locais. Essa informação foi obtida através das entrevistas e pelas pistas deixadas pelos textos (exemplo abaixo). “Pesquisadores”, “historiadores locais” e “acadêmicos” ao entrarem em contato com alguém que também fazia pesquisas sobre a história do Litoral Norte os convidavam a apresentarem seus trabalhos nos encontros *Raízes* e *Marcas do tempo*, divulgando os eventos e trazendo novos participantes. Encontramos um exemplo desta forma de inserção na rede em um texto elogioso sobre o “historiador local” Jacob Parmagnani. Em sua trajetória ele publicou oito artigos tanto nos *Raízes* quanto em *Marcas do tempo*:

Eis que em abril de 1990, quando da realização da primeira edição do *Raízes* de Santo Antônio da Patrulha, encontro que passou a reunir os municípios dele originários, apareceu lépido e fagueiro, trazido pelo Astrogildo Fernandes, o Irmão Jacob. Uma simpatia à primeira vista para todos os participantes! Comunicativo e interessado, esteve durante todo o evento, e, desde então, foi um permanente e ativo colaborador em todas as suas edições. (...) Estava sempre ligado e antenado com tudo o que ouvia, revelando-se um ‘norte litorâneo’ por adoção. (BARROSO, 2007:25)

Nas entrevistas com Barroso, Ely e Witt sobre como organizavam os eventos, todos ressaltaram que o convite por contato pessoal era a principal forma de trazer os

palestrantes e comunicadores, especialmente nos primeiros encontros. Posteriormente, as fichas de inscrição e a divulgação passaram a atrair o público, mas ainda assim, tal qual nos eventos do *mundo universitário*, os participantes das mesas redondas e palestras eram convidados em função da sua obra e área de atuação. Esta rede de intelectuais locais foi se organizando, em um primeiro momento através do capital social de Véra Barroso. Esta historiadora circulava tanto dentro do ambiente cultural de Santo Antônio da Patrulha, onde, como já foi mencionado no capítulo um, montou um museu na propriedade de seu pai, como em outros círculos de historiadores profissionais e amadores. A constituição de uma rede não é um dado natural, mas o produto de um trabalho de instauração e manutenção, segundo Bourdieu:

Em outras palavras, a rede de ligações é o produto de estratégias de investimento social consciente ou inconscientemente orientadas para a instituição ou a reprodução de relações sociais diretamente utilizáveis, a curto ou longo prazo, isto é, orientadas para a transformação de relações contingentes, como as relações de vizinhança, de trabalho, de parentesco, em relações, ao mesmo tempo, necessárias e eletivas, que implicam obrigações duráveis subjetivamente sentidas (sentimentos de reconhecimento, de respeito, de amizade etc.) ou institucionalmente garantidas (direitos). (BOURDIEU, 1998: 68)

Esta articulação, ainda que inconsciente, da rede de intelectuais amadores realizada por Barroso, teve o acréscimo da “historiadora local” Nilza Ely. Em entrevista ela contou sobre sua aproximação com os eventos e de como se engajou ao ponto de organizar alguns encontros e lançar outra linha de atividades paralelas e não concorrentes ao *Raízes*. Relatou que depois de aposentada participou de um encontro sobre história regional na Assembleia Legislativa e lá conheceu Véra Barroso, que a convidou a participar do *Raízes de Lagoa Vermelha* sendo incentivada a apresentar um trabalho sobre Três Forquilhas, sua terra natal. Ela expôs que no início seu interesse por História era apenas uma distração, mas que, com as pesquisas, foi se aprofundando na temática e participando dos encontros *Raízes* até que decidiu realizar o *Marcas do tempo* enfocando a imigração alemã no Litoral Norte/RS. Vários entrevistados apontaram Véra Barroso como uma importante “animadora” cultural (Entrevistas com Witt, Lauck e Lopes), pois além de organizar os eventos, também incentivava os interessados em História a pesquisarem e participarem como comunicadores nos encontros, expandindo, com isso, essa rede informal de intelectuais locais.

Se os convites foram importantes para a organização dos primeiros encontros, outra forma de contato com possíveis novos pesquisadores ocorria durante a divulgação dos encontros de história local⁴¹. Segundo Ely (2014: 2), a primeira etapa na organização do *Marcas do tempo* e do *Raízes* era uma reunião entre o prefeito, Secretaria de Educação e Cultura e a organizadora. Em um segundo momento, após ajustes iniciais, eram incluídos na preparação os professores e diretores das escolas do município. Neste momento, além de explicar o evento, ela motivava os professores para desenvolverem pesquisas com seus alunos ou, ainda, individualmente, coletarem memórias e explorarem elementos da história que, segundo a perspectiva dos educadores, deveriam ser preservados:

O *Raízes* como o *Marcas do tempo* vão muito às escolas e eles buscam os professores da escola para contarem a história desta instituição. E isso faz com que eles, dentro de uma linha pedagógica, trabalhem essa questão para a formação de seus alunos. Imagine que em 1990 foi o primeiro, se neste ano ocorreu o evento e já se pretendia isso, quem tinha 10 anos em 1990 hoje está com 30 e sabe o que é o *Raízes*. Eu vivi isso, quando eu estava no Ensino Médio eu sabia o que era e que estava acontecendo o *Raízes*. (LAUCK, 2014: 6)

No relato acima, Lauck, que atuou na organização do *Raízes* e do *Raizinha* em 1999, expressou que tanto os professores se aproximaram da pesquisa histórica quanto os alunos. Nos eventos as escolas participam de um cronograma de visitação. As turmas preparam apresentações artísticas, mas também, durante as aulas, as classes são levadas para assistirem algumas palestras e comunicações. Claro que, para alunos do Ensino Fundamental II ou do Ensino Médio, nem sempre a atividade lhes parece interessante, mas certamente, como relatado nas entrevistas, os alunos irão lembrar-se que um dia foram a um *Raízes* ou a um *Simpósio Marcas do tempo*.

Este formato de divulgação também explica em parte o elevado número de professores publicando nestes eventos. A estratégia das organizadoras servia tanto para tornar conhecido o encontro como para aumentar o número de pesquisas e de comunicações. Em entrevista tanto Barroso quanto Ely explicaram que um dos objetivos da publicação dos eventos era criar material, ou seja, ao pesquisarem a história/memória de sua escola, ou do bairro, os professores e alunos estariam auxiliando na preservação

⁴¹Ao longo de todos os eventos *Raízes* e *Marcas do Tempo* seguiram coexistindo os convites pessoais para participação e as inscrições por meio de fichas e divulgação.

de informações que poderiam ser “perdidas”. Através destas “mini” pesquisas (vários artigos possuem uma ou duas páginas) ficariam registrados dados básicos dos estabelecimentos para posterior consulta.

Para tomarmos apenas um entre os diversos exemplos possíveis desse “banco de fontes”⁴², no livro *Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá*, 2000, encontramos um capítulo intitulado “As Escolas de Caraá e as suas Comunidades” reunindo 18 artigos sobre os estabelecimentos de ensino. Todos os textos foram escritos por professores, direção de ensino ou alunos; alguns trazem entre os relatos várias entrevistas, outros apresentam listas de formandos a cada ano, listagens de professores e de equipes de direção e outros apresentam uma narrativa histórica e às vezes poética sobre o surgimento da escola.

Parte destes professores que foi trazida aos encontros pela parceria com a Secretaria Municipal de Educação pode ter continuado interessada na história local, pois encontramos 179 professores entre os 420 autores que foram classificados como “outros”⁴³ (possuem apenas uma publicação e não se identificam nem como pesquisador ou historiador), e 95 entre 258 “pesquisadores” declaram-se professores como profissão. Sendo assim, esta solução encontrada pelos organizadores, de fazerem a parceria com as secretarias de educação e convocarem os professores, não apenas auxiliou na divulgação dos eventos, mas certamente captou novos autores para o círculo dos intelectuais.

Se os convites eram uma forma de inserção no grupo, a participação em outras esferas de discussão sobre cultura e história, como o “Círculo de Estudos”, a “Academia dos Escritores do Litoral Norte” e o “Instituto Histórico e Geográfico de Santo Antônio da Patrulha” também foram fundamentais para incrementar esta rede informal de intelectuais locais no Litoral Norte/RS. Todas estas iniciativas contribuíram cada uma a seu modo, para criar este *universo* de intelectuais locais que atuam nas pesquisas de história local.

O “Círculo de Estudos” criado pelo pastor Élio Eugenio Müller em Três Forquilhas iniciou em 1970 e pretendia ser um espaço democrático de pesquisa e troca

⁴² Uma discussão mais aprofundada sobre a natureza e o caráter dos textos (se poderiam ser fontes ou apenas relatos de memória, por exemplo) será feita ao longo do capítulo 3.

⁴³ Os autores nomeados como “outros” são comunicadores que publicaram sem regularidade nos anais e não se nomearam nem “pesquisadores” nem “historiadores” como ocorre com as outras categorias, apenas apresentaram seu nome e profissão.

sobre a história desta cidade e região. Este grupo surgiu a partir dos relatos de idosos do município e a partir desta experiência, Müller resolveu organizar este círculo de trocas para que “a história não fosse perdida”. Com o falecimento e envelhecimento dos participantes, o grupo perdeu regularidade, sendo retomado em 1989. Segundo Ely, as exigências para participação no Círculo seriam o interesse na história local e o comprometimento em coletar materiais como documentos, livros e fotografias antigas: “Cada integrante reúne fatos históricos pitorescos ou até folclóricos de pelo menos sua descendência e tudo isso é colecionado no Círculo para futuras pesquisas⁴⁴.” (ELY, 1993:175)

Segundo Witt (2014), este grupo abriu espaço para a elaboração das reflexões sobre história que chegaram até os encontros *Marcas do tempo*:

Eu disse que havia três elementos: o *Raízes*, o *Marcas do tempo*, e o grupo de pesquisa do Élio Muller. Quando ele fez o seu estágio em Três Forquilhas criou o “Círculo de Estudos sobre história de Três Forquilhas”, depois saiu e repassou isso para a Nilza. Então existiram por um longo período três ou quatro grupos, o Círculo de Estudos reunia pessoas da comunidade que se interessavam pela história. Tinha agricultores, pastor, comerciantes, professores, e nenhum critério para participar. Eram pessoas que queriam contribuir contando a história da família, traziam o que tinham em casa como documentos, fotos, muita tradição oral. Em São Leopoldo eram egressos de Três Forquilhas, também pessoas da comunidade, trabalhadores, desde pessoas simples e gente com pouco estudo até professores, donas de casa e comerciantes. (WITT, 2014: 7)

No livro *Terra de Areia-Marcas do tempo*, Alice Knach (2000, pág. 110) também escreveu um artigo onde apresentava este grupo. A autora coloca que existia uma preocupação constante com a troca de informações entre os participantes, tais como relatos de fatos e ‘causos’, também com a criação e planejamento de eventos relacionados com a Imigração Alemã. A proposta do grupo era ser um espaço aberto de formação, pesquisa e divulgação da história local. A dinâmica do Círculo incluiu reuniões ordinárias, participações em congressos e visitas aos museus de imigração. Também organizaram exposições de fotos ilustrando diversos momentos da história da região de Três Forquilhas, tendo sua primeira mostra exposta na Comunidade Evangélica de Arroio da Manteiga e Loja Debastiani em São Leopoldo.

⁴⁴ Novamente encontramos os textos recolhidos com a finalidade de serem “fontes” para os estudos históricos em um futuro. Essa questão será retomada no capítulo 3.

Os membros do Círculo de Pesquisa atuaram na organização das comemorações dos 170 anos de Imigração Alemã para o Litoral Norte/RS, realizadas na cidade de Três Forquilhas, em novembro de 1996, e também participaram do Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul, realizado na UNISINOS/SL, em 1996 (Knach, 2000, pág. 110). Esse grupo de pessoas interessadas em história/memória foi a base para os Simpósios sobre Imigração Alemã no Litoral Norte/RS, não tanto pelo número de pesquisadores envolvidos, mas por ter sido um primeiro movimento de busca e de afirmação desta etnicidade germânica na região.

Outro grupo que se dispõe a investigar a história local é o Instituto Histórico e Geográfico de Santo Antônio da Patrulha (IHG-SAP). Esta instituição congrega uma parcela dos historiadores do Litoral Norte/RS, não ficando restrita à cidade de Santo Antônio. Este Instituto foi criado em 2001, portanto posterior ao *Primeiro Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha*, ocorrido em 1990. Apesar da coincidência de datas, os entrevistados não relacionaram diretamente os dois eventos, surgimento do IHG-SAP e do *Raízes*.

Este Instituto reúne mensalmente pesquisadores na Biblioteca Pública Municipal de Santo Antônio da Patrulha e eventualmente no restaurante Da Colônia, em função de alguma data especial, quando, segundo o boletim informativo, são feitas a leitura da ata anterior, discussões de pauta geral e apresenta-se uma pesquisa ou discute-se um livro ou artigo (atas do IHG-SAP: 2013 e 2014).

A forma de agregar novos membros nesta organização de historiadores, tal qual a maioria dos Institutos Históricos, é feita por convite de um integrante ou por apresentação do nome, em seguida esta pessoa tem seu currículo avaliado pelo grupo. Um exemplo disto está registrado no boletim do Instituto Histórico e Geográfico de Santo Antônio da Patrulha (Ata da sessão de dezembro de 2013):

Cito que o quadro de associados vem se ressentindo de um número maior de pessoas que são ligadas à pesquisa de nossa história, mas que por vários motivos não fazem parte do Instituto, o que é sumamente lamentável, pois o conhecimento e o interesse em divulgar o nosso passado, vai ficando cada vez mais circunscrito a entidades que não têm como divulgar os seus trabalhos, por isso fazia um apelo aos colegas que procurassem junto ao seu círculo de conhecimento induzir a que mais pessoas qualificadas viessem a fazer parte de nosso grupo, num trabalho comunitário e despidido de interesses pessoais, visando tão somente a divulgação de nosso passado histórico. (LOPES, 2013: 1)

Na citação acima, aparece novamente a importância do convite como um elemento de legitimidade dentro do grupo de relações destes “historiadores locais” e “pesquisadores”, mas também apresenta a instituição como um suporte para estes intelectuais. O capital social e cultural dos membros passaria a ser avaliado nos aceites para participação no grupo e seu engajamento visto como importante pois, dentro desta organização, poderiam divulgar suas pesquisas, publicar, mas também mostrar o trabalho “abnegado” dos intelectuais locais, engajados na pretensão do *resgate* e na preservação da história municipal. Além disso, pela leitura das atas (ano de 2013 e 2014) fica claro que uma parcela de seus membros participava ativamente dos encontros *Raízes* e das Feiras do Livro da região através da chancela do IHG-SAP.

Outro ponto de encontro é a Academia dos Escritores do Litoral Norte. Este grupo atualmente é composto tanto por literatos como por “historiadores locais” e possui uma ativa participação da vida cultural das cidades litorâneas. Ele foi formado em 2007, por um grupo de escritores que, durante a 1º Feira do Livro de Capão da Canoa, organizou o 1º Encontro de Escritores do Litoral Norte. O objetivo inicial era ampliar os debates sobre a produção literária da região. Em um segundo encontro, no mesmo ano, diversas propostas foram formalizadas:

Dos inúmeros assuntos tratados, ficou evidente a necessidade de um fortalecimento dos autores locais numa associação de escritores, através da qual, se pudessem captar recursos para a editoração e promoção do livro. Surge, então, a proposta da historiadora Marina Raymundo, de Osório, na possibilidade da AEC – Associação de Estudos Culturais, entidade já existente no município, e atuante na área da cultura, assumir um *Departamento de Escritores do Litoral Norte*. (AELN-História, 20015)⁴⁵

Este departamento ficou ativo até o final do ano de 2008 quando então os escritores, reunidos em um café em Osório, decidiram criar a AELN-Academia dos Escritores do Litoral Norte/RS, desligando-se da Associação de Estudos Culturais. Na diretoria participaram escritores de diversas cidades da região, com suas produções tanto na área da literatura e poesia, como nas pesquisas históricas e de memória. A AELN não possui uma sede própria, e as reuniões ocorrem nos municípios do litoral em bibliotecas públicas ou cafés, conforme a disponibilidade dos associados. O seu blog é o

⁴⁵<http://aeln.org/historia/> acesso em 08/04/2015

principal canal de comunicação, nele consta a agenda dos eventos culturais do Litoral Norte, as notícias referentes aos membros ou atividades que ocorreram, e os textos dos associados, publicados de acordo com categorias como: concursos literários, contos, crônicas, dicas de leituras, poemas, resenhas e textos históricos.

Os critérios de seleção para participação na Academia, conforme o site oficial são:

A Diretoria da AELN – Academia de Escritores do Litoral Norte, conforme o Estatuto da AELN, definiu os seguintes critérios visando a inclusão de novos membros em suas reuniões:

- 1) Para efeito conceitual, entendemos por “escritor”, aquela pessoa que possui trabalhos escritos publicados e que mantenha uma produção literária sistemática e de reconhecido valor cultural e estético;
- 2) Não haverá restrições quanto ao gênero literário, posição filosófica, ideológica ou religiosa do escritor;
- 3) A admissão de novos membros se dará via solicitação escrita do requerente, enviada à Diretoria da AELN, onde conste um resumo biográfico do escritor e sinopse de seus livros publicados (se tiver). Caso não possua livro publicado, o escritor deverá anexar, no mínimo, dois de seus trabalhos já escritos.
- 4) Caberá à Diretoria da AELN, examinar as solicitações de ingresso de novos membros, a partir dos princípios aqui estabelecidos, apresentando-as em reunião ordinária mensal, aos demais membros da AELN, para aprovação ou não do requerente.
- 5) Os casos omissos serão resolvidos e votados nas reuniões mensais da AELN. (site da AELN⁴⁶)

Estes autores reúnem-se um sábado por mês, quando são planejados eventos em que a literatura, em especial a local, é promovida nos diversos municípios do Litoral Norte. Nesta lista de itens, pode-se perceber que existe uma normatização e um critério específico para ser considerado “escritor”, ou seja, é preciso publicar ou escrever sistematicamente. E além de uma produção “sistemática” o grupo de escritores é quem dará legitimidade ao trabalho ou não no quesito “valor estético”. Participar da associação é receber um “selo”, é uma indicação de que seu trabalho tem um valor tal que foi aceito. Este grupo não tem um papel significativo na produção de história, mas é reconhecido pelos intelectuais do Litoral Norte uma vez que auxilia na organização das Feiras do Livro, de saraus, e também publica antologias com regularidade. A entrada na AELN permite que o escritor tenha um espaço para debate e também para publicação.

⁴⁶ <http://aeln.org/novos-membros/>. (Consulta em 14/07/2014)

Leda Soares, que já presidiu a AELN, explicou que existem percalços. Um deles é quando a reunião ocorre em um município mais afastado, os colegas precisam deslocar-se e contam apenas com recursos próprios, com isso a frequência de encontros é aquém do necessário para tornar o grupo coeso e produtivo. Outro problema é conseguir verba para as publicações. Segundo Soares, as coletâneas são pagas integralmente pelos escritores e eles precisam fazer contatos com as prefeituras a fim de conseguirem bancas nas feiras do livro para exporem seu material. Isso demanda tempo, dinheiro e contatos políticos (SOARES, 2014: 4 e 5).

Mesmo com todas estas dificuldades, este grupo segue ativo e publicando, e os eventos de história local acabam sendo um ponto de contato entre Literatura e História. Diversos anais contam com peças literárias, especialmente poesias. No livro *Raízes de Pinhal*, por exemplo, foi dedicado um capítulo exclusivo para estas produções, composto por poesias, acrósticos e crônicas. Além de espaço de divulgação e publicação, os encontros de história são um espaço de troca e de sociabilidades:

Já estamos há sete anos nessa luta e temos quatro antologias, mas neste tempo já poderia ser muito mais se nós pudéssemos trabalhar efetivamente com mais tempo. Então as minhas histórias, o que tenho eu corri atrás e eu que fiz. Participando desses encontros Raízes eu entrava em contato com muitos historiadores e aprendia muita coisa com as pesquisas deles, do professor Ruschel que contava e mostrava fontes, e essa riqueza de informação no encontro Raízes, me ajudou muito, pois eu me sentia muito sozinha nas minhas pesquisas em História. (SARAIVA, 2014:5)

A partir das análises desenvolvidas nesta seção, é possível concluir que os intelectuais do Litoral Norte, divididos em “historiadores locais” e “pesquisadores”, foram cooptados pelos seus colegas através de contatos informais ou pelos convites das Secretarias de Educação. Outros se engajaram neste *mundo* por questões pessoais, tais como a busca da história de suas famílias e a manutenção da memória dos locais onde cresceram e viveram. E, a partir dessa inserção inicial, estas pessoas começaram a participar dos eventos de história local e das diversas instituições que abrigavam estes autores, constituindo um grupo que se conhece, que possui divergências internas e busca participar do cenário cultural de sua região, seja através das suas publicações, seja ao frequentar e organizar os eventos de história.

Como vimos, de forma intencional ou não, a partir dos convites e nos contatos pessoais, estava sendo criada uma rede de ajuda e trocas mútuas entre estes intelectuais

locais. Através dos encontros de história local, do Instituto Histórico e Geográfico de Santo Antônio da Patrulha, do Círculo de Estudos, da Academia dos Escritores do Litoral Norte/RS foram organizadas antologias, publicações de história e memória local, feiras do livro, comemorações ligadas à imigração alemã na região, exposições e os próprios eventos *Raízes* e *Marcas do tempo*. Todas estas atividades envolvendo a vida cultural das cidades da região foram possíveis pela cooperação entres os diversos grupos de intelectuais. Nas investigações sobre história e memória do Litoral Norte houve um crescimento no número de interessados e participantes dos encontros, e, por consequência, na produção de artigos, comunicações e livros sobre estas temáticas.

2.3. A organização interna do grupo de intelectuais locais do Litoral Norte\RS e suas aproximações com o mundo acadêmico

Os intelectuais do Litoral Norte não se constituem como um grupo homogêneo. Neste capítulo procuraremos compreender como se dão as divisões internas presentes neste grupo, as formas de ascensão e as alianças que se estabelecem no *universo* dos intelectuais locais. A existência de segmentação é uma das características das elites intelectuais. Segundo Sirinelli (1998: 275):

Sem dúvida que cada meio social segrega as suas normas e as suas hierarquias, mas o meio intelectual surge como um dos capazes de impor as suas à sociedade, produzindo assim um amplo curto-circuito à outra forma de reconhecimento. O caso da aparência já não seria, a partir de então, o de uma dialética sutil entre duas formas de reconhecimento, frequentemente para outros setores da sociedade, mas o de um princípio de anterioridade: as elites culturais, pelo menos em parte, autodefinem-se e autoproclamam-se precisamente porque o seu estatuto induz um poder de ressonância e de amplificação. (SIRINELLI, 1998: 275)

Esta distinção fica presente quando mapeamos os intelectuais a partir das denominações dadas pelas pequenas biografias presentes em artigos publicados nos livros *Raízes* e *Marcas do tempo*. Nestes anais, logo abaixo dos títulos, encontramos o nome do autor seguido de seu *locus*, por exemplo: “Véra Lúcia Maciel Barroso-Historiadora Patrulhense, Membro do IHGRS, professora da FAPA, Porto Alegre\RS”,

“Dr. Marcos Justo Tramontini- Historiador. Professor UNISINOS\SL”, “Nilza Huyer Ely- Historiadora do Vale do Três Forquilhas. Cachoeirinha\RS”, “Pe. Rizzieri Frederico Delai- Historiador e Pároco. Três Cachoeiras\RS”, Jacy Waldir Fischer- Professor, Pesquisador. Porto Alegre”, “Luiz Paulo da Luz- Pesquisador. Santo Antônio da Patrulha”. Todas estas citações foram extraídas do livro *Marcas do tempo- Torres*, (ano 2003).

Como pode ser visto no parágrafo anterior, os historiadores vinculados ao mundo universitário, graduandos, graduados, mestres, doutores e professores de História em geral, tem sua titulação apontada e nem sempre seguida da palavra “historiador”, alguns exemplos, retirados do livro *Raízes de Terra de Areia*, 1999, “Marcos Justo Tramontini- Doutor em História, professor. Unissinos. São Leopoldo/RS”, “Marcos Antônio Witt- mestrando em História. Unissinos. São Leopoldo/RS⁴⁷”, “Marinês de Aguiar Oliveira- professora de História. Porto Alegre/RS”.

Ao começarmos a lidar com as fontes percebeu-se que existia essa peculiaridade na nomeação dos autores. Ao questionarmos os organizadores do evento, Véra Barroso, Nilza Ely e Marcos Witt sobre esta questão, todos responderam que a autonegação era respeitada. Sendo assim, dentro do grupo dos intelectuais locais, encontramos uma segmentação tênue entre os “historiadores locais” e os “pesquisadores”. Esta categoria é autodeclarada e nem sempre constante, pois em alguns volumes encontramos em um autor o título de “historiador local” e em outros o mesmo autor aparece como “pesquisador”. Mas, salvo algumas exceções, podemos utilizá-la para refletir sobre os diversos papéis destas pessoas dentro de seu círculo de sociabilidades.

Os organizadores explicam que nomear o autor (que não se identificou antes) é delicado. E esse cuidado não ocorre apenas pela pessoa sentir-se de alguma forma diminuída, mas também pelo impacto que a pequena biografia terá nos leitores e sua percepção do texto, pois sabemos que existem critérios subjetivos que são ativados ao lermos a biografia de um autor e isso influencia a leitura. Todavia, ao trabalharmos com as publicações é perceptível que o chamar-se “historiador local” ou “pesquisador”

⁴⁷ Hoje doutor em História e professor na UNISINOS, mas naquele momento ainda iniciando sua carreira acadêmica.

possui outras conotações além do mero nomear-se, e fala sobre uma posição dentro do grupo, um status entre os pares (WITT, 2014).

O “pesquisador” e presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santo Antônio da Patrulha, Renato Lopes, quando questionado em entrevista sobre como se coloca frente aos demais intelectuais, afirma que se considera um pesquisador e não historiador. Ele contou que chegou ao *Raízes* por um convite para assistir ao evento, como se interessava por genealogia e já havia feito pesquisas sobre sua família, logo entrou em contato com outros genealogistas que o incentivaram a continuar suas investigações. Ele alega que não seria um historiador, pois estes deveriam ter formação, e ele realizaria um trabalho empírico. Os “historiadores locais”, para ele, se denominam assim por vaidade, enquanto em seu trabalho ele buscaria apenas os fatos e não as “versões” ou interpretações. Essa busca pela *verdade* o configuraria como um “pesquisador” (LOPES, 2014: 1).⁴⁸

Outro entrevistado, Fernando Lauck, graduado em História e pertencente à rede dos intelectuais locais, apresentou sua análise sobre essa questão:

Bem, nós não temos ainda regulamentado quem pode se nomear historiador, então, quem se intitula nós colocamos. Mas há quem não goste do termo porque acha que esse título é para quem tem formação, e por isso se intitula como pesquisador. E eu tenho muita simpatia por essa nomeação, pois, como historiador graduado, eu não me importo que me qualifiquem como pesquisador. Quem tem uma formação e quer colocá-la tudo bem, mas quem não tem formação e quer participar contando sua história ou memórias, por elegância se usa esse termo [pesquisador]. E tem muito disso, pessoas que querem e que gostam de contar sua história também querem ler a sua história e a dos outros. Se não tem tantos que façam, eles mesmos fazem. (LAUCK, 2014: 9)

Segundo estes dois intelectuais, ser pesquisador estaria muito mais vinculado a uma prática, à pesquisa em si. Claro que, além disso, encontramos no “pesquisador” Renato Lopes uma visão bem específica sobre como lidar com os fatos históricos (ser fiel ao documento) e sobre o que ele considera serem as atividades dos historiadores, interpretar os documentos, ou, neste caso, dar sua “versão”. Já Lauck pontuou que, por não termos uma regulamentação, o ser historiador estaria no campo da autonegação.

⁴⁸ No terceiro capítulo aprofundaremos a discussão sobre a produção de História e Memória entre os intelectuais locais e os historiadores vinculados à universidade, bem como as aproximações com o trabalho dos antiquários.

Para Nilza Huyer Ely, o “historiador local” se nomeia assim, pois ele se tornou especialista em uma determinada região. Considerando sua própria biografia, ela explica que começou como uma historiadora de Três Forquilhas e que atualmente é uma historiadora do Litoral Norte, pois ampliou sua área de interesse:

Antes de participar destas entidades culturais, me colocavam como historiadora de Três Forquilhas e foi o que eu usei durante um período, mas como eu fui abrindo o ângulo de pesquisa eu deixei de me restringir ao município de Três Forquilhas, e hoje trabalho de forma mais ampla. Hoje eu sou uma das pessoas que tem mais conhecimento do Litoral Norte, não às minhas custas, mas do Ruschel, com quem eu tive contato em um seminário do Tropeirismo e tive acesso às suas fontes. (ELY, 2014: 5)

Ao referir-se aos “pesquisadores”, Ely aponta que estes são pessoas interessadas em História, que vasculham arquivos, mas que mantêm como foco um determinado município, suas pesquisas são temáticas e genealógicas. Em entrevista ela foi questionada a estabelecer diferenças na forma como atuam:

A diferença entre o historiador e o pesquisador é que o pesquisador não escreve, basicamente. Eu lembro do Astrogildo, ele era professor de História, e eu fui em um evento de microhistória que ele organizava em Santa Maria, e ele dizia que era professor de história e não historiador, porque o historiador é o que escreve. Então este é o caso do pesquisador, ele só escreve nesses momentos [a entrevistada referia-se aos eventos de história local]. (ELY, 2014: 4)⁴⁹

A afirmação de Ely, dentro do grupo dos intelectuais locais, foi comprovada pesquisando o currículo das pessoas que se nomeavam historiadores e pesquisadores. Encontramos um número maior de publicações autorais e que poderiam se desdobrar em reconhecimento no caso dos “historiadores locais”. Estes, por já terem livros editados, por participarem de praticamente todos os eventos, são vistos pela comunidade como os *seus* historiadores. Encontramos casos, como o de Lopes, em que pesquisadores publicam também, mas sempre edições em conjunto com outros colegas, como o *Guia*

⁴⁹ A microhistória referida na nota acima está vinculada a uma história regional ou local e não à metodologia proposta pela Escola Italiana. Barroso, quando questionada sobre isso explicou: “E eu me lembro que a Helga Piccolo reclamou que os encontros de micro-história que existiam, onde se encontravam os historiadores locais dos diversos municípios, e que ninguém registrou isso. Pois os encontros esses de micro-história acabam ficando só entre as pessoas que iam e não era socializado. Eram os encontros promovidos pelo Astrogildo, que era meu amigo e esteve comigo desde o começo.” (BARROSO, 2014: 5) Cronologicamente, os encontros teriam sido realizados ao longo dos anos oitenta no interior do Rio Grande do Sul, em Santa Maria e Bagé, embora não tenhamos mais informações, nos textos escritos por este autor não encontramos menção a autores italianos ou à metodologia da micro-história.

Histórico das Ruas do Município de Santo Antônio da Patrulha, ou em livros ligados muito fortemente a uma instituição, no caso, o Instituto Histórico de Santo Antônio da Patrulha.

Ao quantificar os historiadores locais e os pesquisadores, percebemos que em um universo de 1296 artigos (nos treze livros), 231 tiveram seus autores nomeados como “historiadores” com sua respectiva cidade ou região de estudo, e 337 consideraram-se “pesquisadores”, podendo ainda declarar-se genealogistas ou folcloristas. Os demais autores apenas colocavam ou seu título ou posição acadêmica. E a parcela que consideramos “outros” indicava apenas o nome e a profissão, publicava em apenas uma obra, em geral textos ligados à memória de alguma prática ou lugar e biografias ou genealogias. No gráfico abaixo podemos visualizar a proporção:

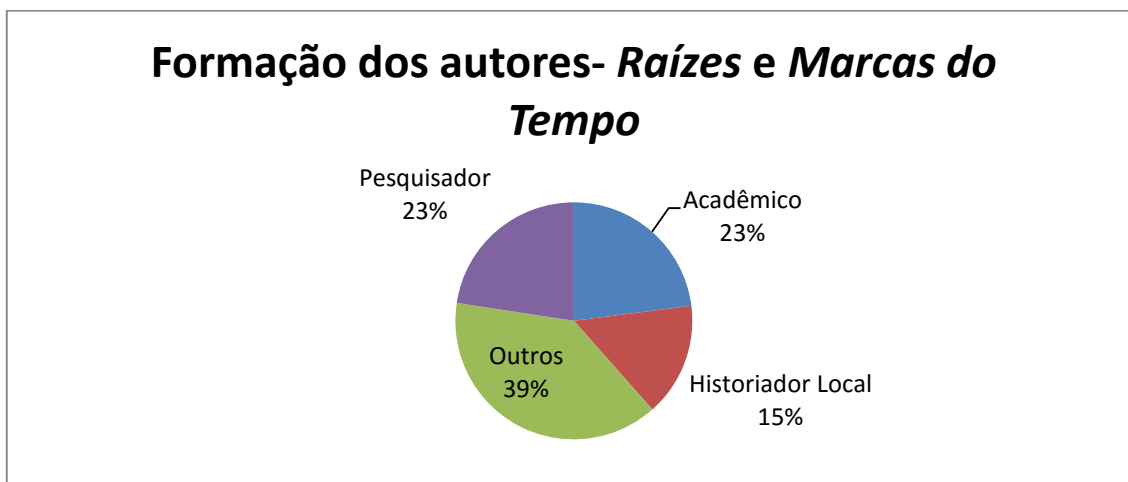


Gráfico 2: Distribuição dos autores quanto sua formação. Fonte: Livros *Raízes* (analisados por esta tese) e *Marcas do tempo*.

Outro elemento que pode ser observado, quanto à organização interna do grupo, diz respeito às diferenças entre o número de “pesquisadores” e “historiadores locais” ao longo do tempo. No gráfico abaixo apresentaremos as divisões presentes no primeiro Encontro *Raízes*:

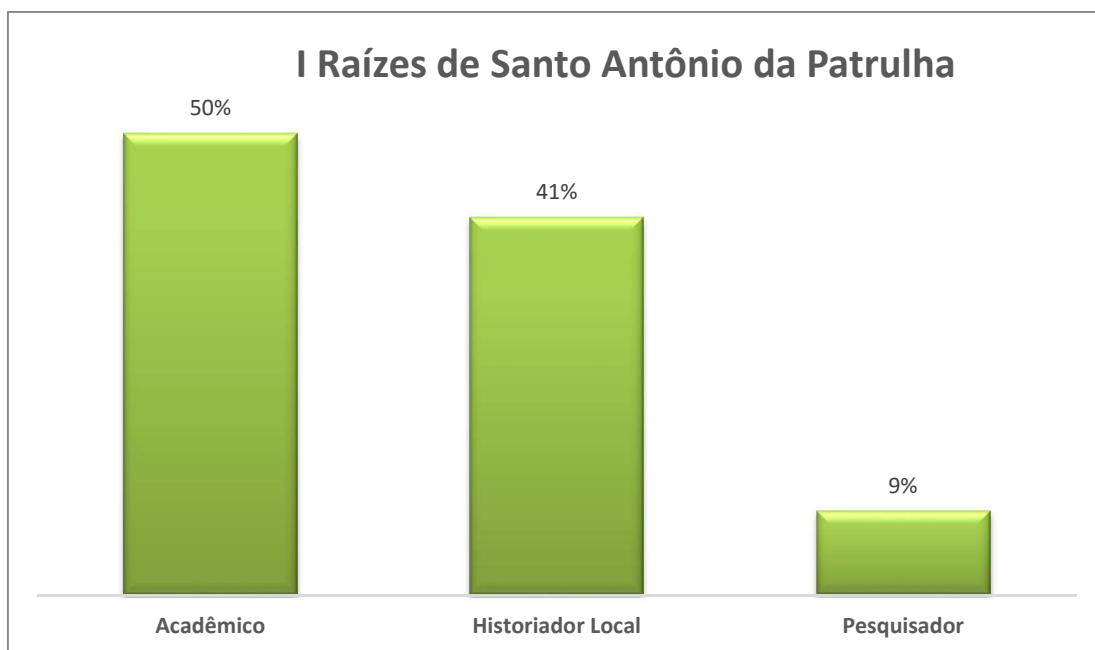


Gráfico 3- Número de autores segundo a nomeação. Fonte: *Raízes de Santo Antônio da Patrulha*. Ano: 1992, total de autores: 22⁵⁰.

Podemos observar que, no encontro organizado a partir dos convites diretos de Barroso e sua equipe, o número de “historiadores locais”, somados aos “pesquisadores, igualava-se aos “acadêmicos”. Podemos creditar isso ao fato de que existiam na região estes intelectuais, que, por já terem sua trajetória estabelecida no momento do evento, colocam-se de forma natural como os historiadores de Santo Antônio da Patrulha, de Tramandaí, de Osório, etc.

O I Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha (EMOSAP) foi composto por nove conferências e nove comunicações, sendo a maior parte sobre a cidade sede, mas também sobre Osório, Vacaria, Torres, São Francisco de Paula, Lagoa Vermelha, Taquara, Rolante, Riozinho, Nova Prata e Terra de Areia. A maioria dos autores era ligada ao Litoral Norte/RS ou por morarem na região ou por serem descendentes dela. A participação dos historiadores “acadêmicos” também foi significativa neste primeiro EMOSAP, em grande medida apresentando suas pesquisas de pós-graduação ou em falas relacionadas aos sistemas de museus e arquivos.

⁵⁰ Alguns artigos foram escritos em coautoria.

A divisão entre os autores mudou radicalmente após dez anos. No gráfico abaixo apresentamos a distribuição dos autores no *X Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha - Raízes de Santo Antonio e Caraá*, em 1999.

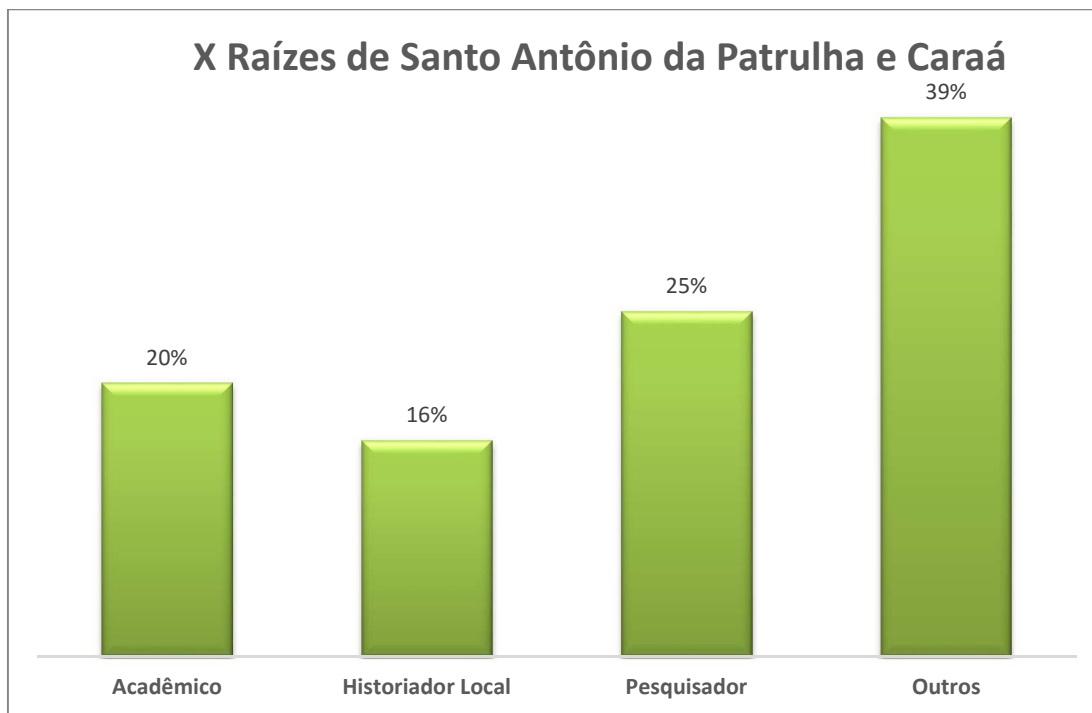


Gráfico 4. Número de autores segundo a nomeação: *Raízes de Santo Antônio da Patrulha - X Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha*. Ano: 2000, total de artigos: 191⁵¹.

Após dez edições, o número de “outros” suplantou os demais grupos. Neste evento já estava ocorrendo uma divulgação mais ampla, foram convidadas escolas e a sociedade em geral a dar seus depoimentos e “contar” sua história. O número de pesquisadores da cidade e da região igualmente aumentou, apontando que estes interessados em história com pesquisas em andamento foram mobilizados pelo evento, seja pela sua amplitude, muito maior do que em 1990, seja porque o interesse pela história local tornou-se mais difundido.

Quando observamos o gráfico seguinte, em um novo salto de dez edições, é possível perceber um decréscimo nos autores vindos das universidades, neste evento os “acadêmicos” obtiveram apenas metade do espaço dado aos comunicadores locais e perderam espaço para os “pesquisadores”.

⁵¹ Alguns textos foram escritos em coautoria.

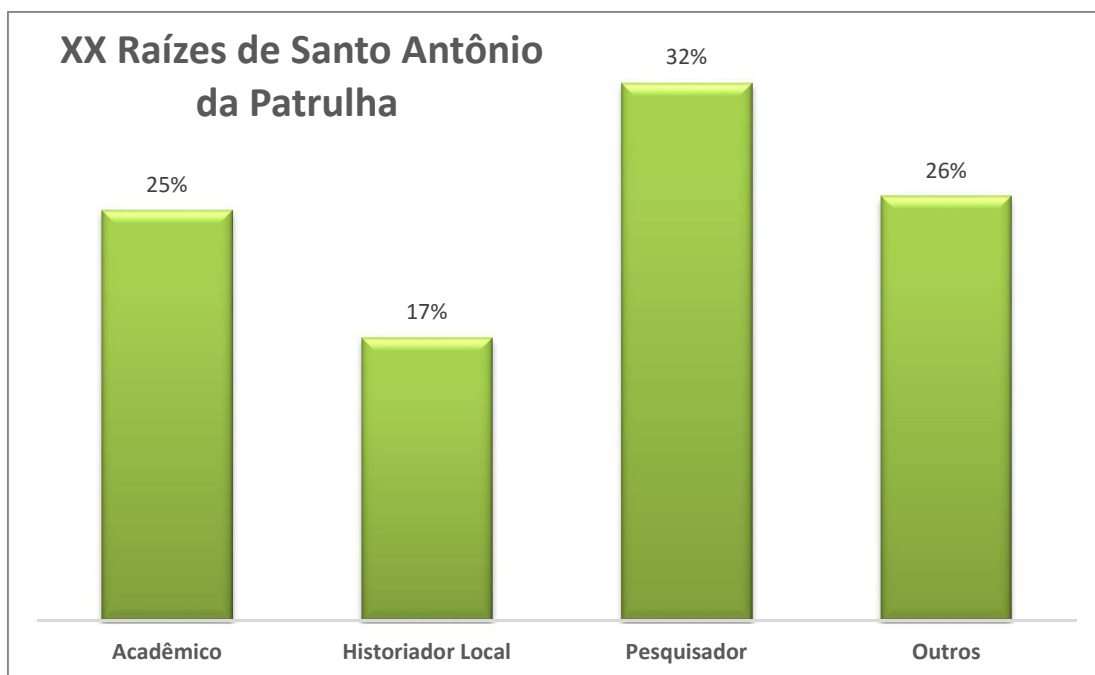


Gráfico 5- Número de autores segundo a nomeação. Fonte: *Raízes de Santo Antônio da Patrulha - XX Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha*. Ano: 2009, total de artigos: 125⁵².

No evento correspondente aos vinte anos de Encontros, além das sessões normais, sobre a história da cidade de Santo Antônio, abriu-se espaço para discutir o “cenário” do Quadrante Patrulhense, dividido em Litoral, Campos de Cima da Serra, Vacaria, Lagoa Vermelha, Taquara, Rolante e Caraá. A última parte foi dedicada à “Memória das Mulheres - Lembranças de vida e da Vila de Santo Antônio da Patrulha”, um projeto de Véra Barroso em que coletou relatos orais e que foram transcritos, revisados e posteriormente aprovados pelas depoentes. Com esse foco na memória local, abriu-se espaço para os trabalhos dos “pesquisadores” e dos demais membros da comunidade que queriam contribuir com seus relatos, representados no gráfico como “outros”.

Nos encontros *Marcas do tempo*, que iniciaram dez anos após o primeiro *Raízes* na região, a tendência em relação à divisão dos autores foi aproximar-se dos números do *Raízes Santo Antônio da Patrulha XX EMOSAP*. Este evento possui uma peculiaridade, por ser um simpósio com a temática da imigração alemã, verificamos uma participação

⁵² Alguns artigos foram escritos em coautoria.

maior de historiadores vinculados ao mundo universitário do que no *Raízes*. Os anais do 1º Simpósio, *Terra de Areia - Marcas do tempo* foram publicados em 2000, eles contêm 37 artigos, o último simpósio, em Dom Pedro de Alcântara, trouxe a apresentação de 66 artigos e foi publicado em 2010. Como é possível verificar, tal qual o evento “inspirador”, à medida que ele se tornou mais divulgado e a organização adquiriu mais experiência, praticamente dobrou no número de comunicadores e palestrantes engajados neste evento.

Os encontros de história local *Marcas do tempo* eram o espaço de participação tanto dos intelectuais locais do Litoral Norte/RS participantes do *Raízes*, como dos pesquisadores sobre imigração de outras regiões do Estado. Por ter uma temática específica, embora não restrita a essa questão, este espaço foi ocupado também por membros do Instituto Histórico de São Leopoldo e pela Associação Nacional dos Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-Brasileiras, que assim como o Instituto Histórico - SL é composto por historiadores acadêmicos e diletantes. No gráfico podemos ver a distribuição dos autores no primeiro simpósio.

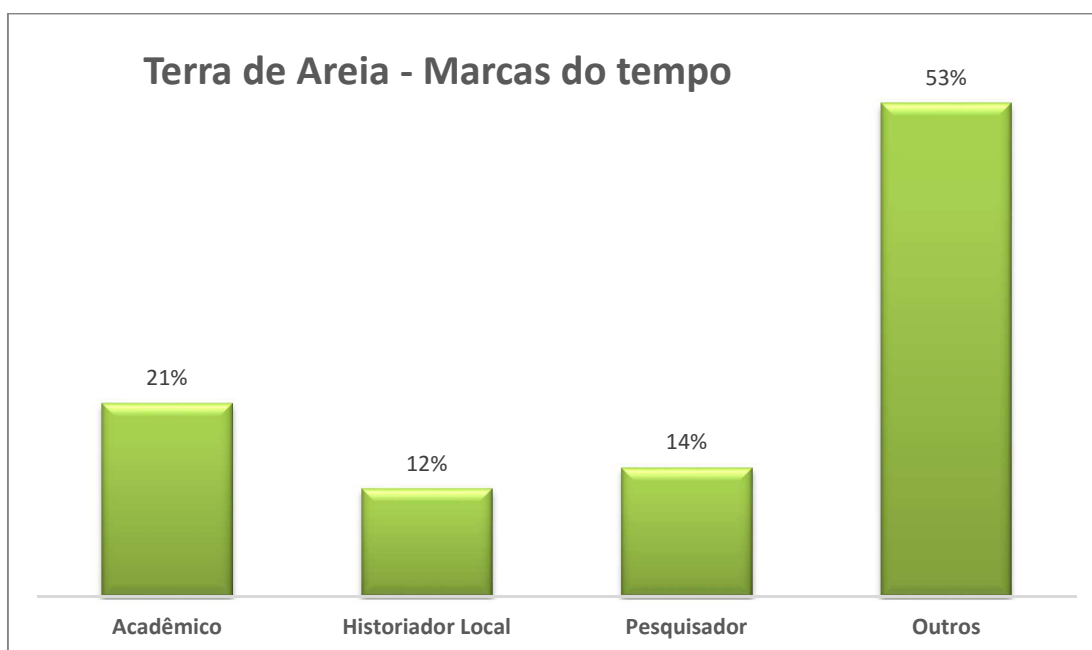


Gráfico 6- Número de autores segundo a nomeação. Fonte: *Terra de Areia - Marcas do tempo*. Ano: 2000, total de artigos: 43⁵³.

⁵³ Alguns artigos foram escritos em coautoria.

Por ter participado ativamente dos eventos *Raízes*, Ely adotou o mesmo modelo de organização, envolvendo a divulgação por parte da prefeitura e o chamado às escolas. Isso reflete na configuração acima, em que o grupo “outros” se destaca numericamente. Esse mesmo fenômeno ocorreu no último simpósio, realizado em 2010, os autores foram distribuídos conforme o gráfico abaixo. Como podemos observar, eles seguiram o mesmo padrão do primeiro encontro, acompanhando o aumento de artigos já apontado anteriormente.

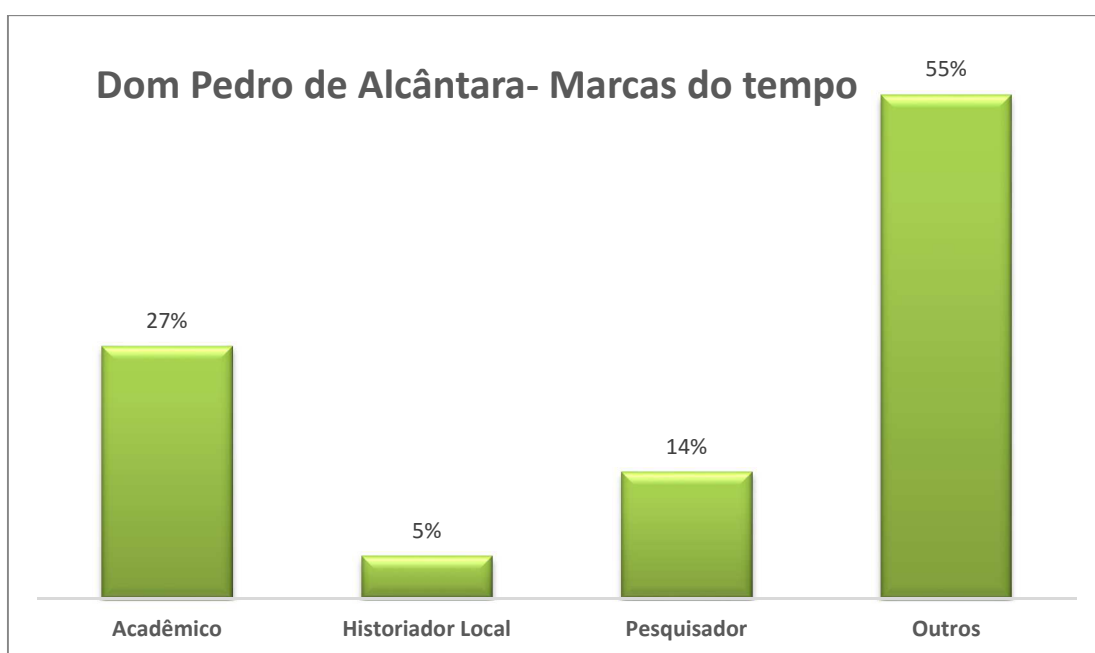


Gráfico 7- Número de autores segundo a nomeação. Fonte: *Dom Pedro de Alcântara- Marcas do tempo*. Ano: 2010, total de artigos: 66⁵⁴.

A partir da análise dos gráficos 3, 4, 5 e 6, ao longo do tempo a equação entre “historiadores locais” e “pesquisadores” foi se alterando. O principal motivo se deve às diferenças nas propostas de trabalho. Os “historiadores locais” possuem mais livros publicados e participam de forma mais efetiva na cultura local, integrando comissões, promovendo encontros, escrevendo em jornais. Os “pesquisadores” são chamados a contribuir com pesquisas que eventualmente são encomendadas ou sugeridas pelos organizadores (BARROSO, 2014: 4) e quase não possuem publicações fora dos anais dos encontros. Essa afirmação foi possível ao fazermos o levantamento nominal dos

⁵⁴ Idem.

autores da Tabela 3 e 4 através de pesquisa na internet nos sites das bibliotecas do Litoral Norte (FACOS, Ulbra-Torres, Biblioteca Municipal de Santo Antônio da Patrulha), além dos sites “Estante Virtual” e da página da Academia dos Escritores do Litoral Norte/RS, onde os autores citados, que são membros da AENL, têm o seu currículo divulgado⁵⁵.

Autores	Artigos	Nomeação	Livros publicadas fora dos eventos
Nilza Huyer Ely	31	Historiador Local	4
Lézia Maria Cardoso de Figueiredo	13	Historiador Local	0
Ruy Ruben Ruschel	12	Historiador Local	5
Marília Daros	12	Historiador Local	2
José Jacob Parmagnani	8	Historiador Local	8
Guido Muri	8	Historiador Local	4
Leda Saraiva Soares	8	Historiador Local	8

Tabela 3: total de artigos publicados por autor abrangendo os volumes *Raízes e Marcas do tempo*. Fonte: pesquisa em diversos sites de internet, período agosto de 2015⁵⁶.

Autores	Artigos	Nomeação	Livros publicadas fora dos eventos
Emiliano Limberger	16	Pesquisador	1
Moacyr de Araújo Pires	9	Pesquisador	0
Jacy Waldyr Fischer	9	Pesquisador	0
Jorge Luiz da Silva Fernandes	8	Pesquisador	0
Simone Teixeira Germano Colissi	8	Pesquisador	0
Sônia Teresinha Siqueira Campos	8	Pesquisador	0

Tabela 4: total de artigos publicados por autor abrangendo os volumes *Raízes e Marcas do tempo*. Fonte: pesquisa em diversos sites de internet, período agosto de 2015⁵⁷.

Através desta comparação entre o número de publicações, os anais dos eventos e os livros editados por “historiadores locais” e “pesquisadores” ao longo de sua carreira, é possível que as afirmações dos entrevistados Nilza Ely, Vera Barroso, Renato Lopes e Fernando Lauck estejam corretas. Eles apontavam que as diferenças de posição e status

⁵⁵ <http://aeln.org/> , <http://biblioteca.pmsap.com.br/bibliolive3/Controller> , <http://sys.facos.edu.br/biblioteca/>, <http://www.ulbra.br/torres/bibliotecas>, http://www.estantevirtual.com.br/mod_perl/home.cgi?gclid=CPXDisfl78cCFY0HkQod7VgJHA.

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Idem.

dentro do grupo dos autores estavam relacionadas às suas publicações dentro do meio cultural da região.

Para nos auxiliar a compreender o *universo* dos intelectuais locais e sua conexão com os historiadores do mundo universitário utilizaremos as propostas da *Teoria da Justificação*, colocada pelos sociólogos Laurent Thévenot e Luc Boltanski. Estes autores buscam compreender os grupos sociais em seus discursos e contendas. Sua proposta é refletir sobre os princípios normativos utilizados para crítica nos grupos sociais e como tais questões são consideradas legítimas/justas ou não:

Nosso objetivo é descrever o senso de justiça dos atores – ou, mais precisamente, seu senso de injustiça – e construir modelos de competência com os quais os atores devem estar equipados para enfrentar situações críticas comuns. Esta abordagem afasta-se, assim, da tarefa da filosofia moral, que é descobrir alguns procedimentos e eixos normativos que conduzem à justiça, embora seja possível construir um modelo normativo de justiça a respeito do senso de justiça do ator, fato que explicitaremos (SANTOS, 1999: 9)

A perspectiva de que estas pessoas constituiriam um universo com suas justificativas e legitimações é útil para que possamos perceber seu funcionamento interno, mas também para compreendermos seu contato com o *mundo acadêmico* e com o universo dos historiadores profissionais. Estes dois grupos possuem convergências e divergências que serão analisadas com maior profundidade no próximo capítulo.

Os intelectuais estudados nesta tese estabelecem formas de justificação, de legitimidade, de valores que os unem enquanto grupo. A proposta básica desta teoria é refletir sobre as formas de relacionamento dos grupos sociais, que, segundo os autores, estariam em busca do “bem comum”. Por isso estabelecem uma série de argumentos para justificar os seus acordos e desacordos, suas situações de conflito e seu posicionamento social. Nos debates públicos seria necessário lançar mão de elementos de legitimidade, com argumentos convincentes dentro de seus universos de justificação.

Ao analisarmos os textos de “historiadores locais” e de “pesquisadores”, percebemos que, embora organizem-se em uma rede informal, que se encontra e troca experiências nos eventos de história local, o seu discurso não possui coesão suficiente para que seja considerado um grupo uniforme. Contudo, no campo das justificativas

para sua ação, existe uma lógica em comum. O processo que legitima os autores e os inclui dentro deste “universo” segue as mesmas regras.

Os intelectuais locais se posicionam contra uma municipalidade e uma modernidade que teimava em preterir esse patrimônio que, segundo eles, está em vias de ser perdido. Além disso, em suas estratégias de legitimação frente ao grupo e frente à sociedade local estabeleceram códigos a serem seguidos, como a divulgação dos documentos pesquisados, preferencialmente sob a forma de transcrição literal, a busca pela “verdade” na História e a não intromissão de um intelectual no tema de interesse de um colega, expresso na forma como muitos “historiadores locais” procuram indicar o seu *espaço* de pesquisa e colocar-se como o “historiador de Três Forquilhas” “historiador de Osório”, etc. Neste caso, a participação nos eventos de história e a rede de sociabilidades tecida a partir destas relações servem para reforçar, dar uniformidade aos discursos e coesão ao grupo. Embora Boltanski e Thévenot (1991) avancem em relação a Bourdieu quanto às estratégias de legitimação e justificação, a percepção de capital social, desenvolvida por este, ainda é muito útil para compreendermos as relações internas no grupo dos intelectuais locais. Sua organização dentro dos municípios e dentro do espaço do Litoral Norte/RS, mesmo sem ser deliberada, permitiu que tanto os eventos de história quanto as publicações de seus trabalhos ocorressem e adquirissem aceitação dentro da comunidade local. Iremos então analisar quais as quais estratégias adotadas para angariar os recursos necessários para este reconhecimento.

2.4. O que faz um intelectual ser reconhecido dentro de sua rede?

O *mundo* dos historiadores locais sustenta-se a partir de uma rede de sociabilidades que permite a chegada de novas pessoas e sua expansão, mas também de um sistema que legitima os seus membros, indica o status que cada um possui dentro do grupo, impõe discursos e práticas. Ao longo deste subcapítulo pretendemos explorar estas relações entre os intelectuais envolvidos na pesquisa de história local.

Um número significativo de “historiadores locais” e “pesquisadores”, que participavam dos eventos *Raízes e Marcas do tempo*, envolveram-se em diversas associações, em busca de legitimidade e sociabilidades. As reflexões de Sirineli (1998, 267) nos ajudam a pensar sobre uma morfologia das elites culturais. Ao analisar o grupo de intelectuais no contexto francês, ele indicava que a Escola, através da legitimidade do diploma, era uma das formas de se ascender à elite cultural e ser aceito por ela. Quanto ao reconhecimento do valor estético e cultural, seriam os pares que chancelariam o trabalho e o incluiriam ou não nesta elite cultural (SIRINELLI, 2003).

Outra questão proposta por Sirinelli foi encontrada no seu trabalho “Os Intelectuais” (SIRINELLI, 2003: 243). Neste texto ele explica que existem dois elementos socioculturais que definiam os intelectuais e o seu prestígio. O primeiro seria a notoriedade eventual, alcançada com sua intervenção na sociedade ou a sua “especialização” reconhecida pelo grupo onde vive, como já foi mencionado, o colocar-se como o historiador de determinado município seria um exemplo deste comportamento. Este prestígio conferido pelos pares ou pela intervenção direta no cenário cultural da cidade ou região, permite que este “historiador local” ou “pesquisador” trabalhe a favor da causa que defende, no caso, as questões relacionadas com a História/Memória local, isso levaria ao segundo elemento: a atuação.

No âmbito do grupo que delimitamos e nomeamos aqui como intelectuais do Litoral Norte, os elementos de prestígio e de legitimidade não seguem os padrões usualmente aplicados nas universidades, ou até mesmo nas grandes cidades. É preciso lembrar que os municípios onde atuam estas pessoas possuem no máximo 50 mil habitantes e boa parte deles acaba por ter algum contato nas rodas de vizinhança, ambiente de trabalho, laços familiares, etc. A entrevista de Lauck nos dá elementos para compreendermos esse cenário:

Quase todos eles [intelectuais locais] são ligados a uma instituição, dificilmente vais encontrar algum que não seja vinculado. Eu hoje não estou vinculado a nenhuma. Mas por algum tempo, quando comecei, eu fazia parte do Instituto Histórico de Santo Antônio, também fiz parte do Instituto Literário, e por dez anos atuei dentro da Secretaria da Cultura, onde fiz uma pausa na história e trabalhei mais com o setor cultural como um todo. Então eu vejo que todos estes historiadores tem uma relação institucional. Em Osório tem a Academia dos Escritores do Litoral Norte, tem o Espaço Cultural Conceição, e a Associação dos Estudos Culturais. E em Santo Antônio temos o Grêmio Literário e o Instituto Histórico. Em todos os lugares, se tu procurar irás encontrar instituições. E nos lugares onde elas não existem o *Raízes* e o *Marcas do tempo* acabam formando uma instituição

informal, pois eles se colocam como pesquisadores do *Raízes* e do *Marcas do tempo*. E eu acho que estes eventos procuraram ter um disseminador ou divulgador em cada um dos municípios. (LAUCK, 2014: 2)

No Litoral Norte/RS, a titulação não era o principal critério, embora muitos possuíssem ensino superior em diversas áreas, para que estas pessoas fossem consideradas historiadores ou escritores ou pesquisadores. Como vimos acima, o grau de envolvimento nas atividades da cidade, suas relações com os setores de educação e cultura, as publicações nos jornais, onde se fosse possível manter uma coluna, melhor ainda, pesavam mais do que um diploma de historiador. A participação nos diversos grupos, e a possibilidade de transitar da literatura para a história sinalizavam o pertencimento a essa elite, como nos apresenta Lauck. Este envolvimento nas instituições citadas acima propiciava um espaço de diálogo entre os pares e também era um dos caminhos para que, juntos, conseguissem a publicação dos seus trabalhos, legitimando suas pesquisas.

Um dos elementos de prestígio conferidos a estes intelectuais locais são as homenagens que as prefeituras e as diversas instituições prestam aos seus escritores. Pode-se perceber isso na entrevista com Nilza Ely que descreve um destaque que recebeu na FECAB (Federação dos Centros de Cultura Alemã no Brasil):

Eu disse isso quando eu recebi a homenagem da imigração alemã na FECAB, eu e o Naumann [Hans Günther Naumann] que foi meu professor, recebemos no mesmo dia a homenagem, e eu ainda comentei rapidamente que quando cheguei em 1951, na escola em São Leopoldo eu era uma pessoa desconhecida de uma região ainda mais desconhecida e quando eu dizia que era de Três Forquilhas, servia até de chacota, não por maldade, mas por desconhecimento. Talvez tenha sido por isso que eu prometi para mim mesma mostrar a minha região, e consegui finalmente. (ELY, 2014: 6)

Em alguns casos as homenagens vêm após o falecimento, no caso de Ruy Ruben Ruschel, historiador de Torres: sua atuação na cultura da cidade fez com que a prefeitura criasse o “Círculo Literário Ruy Ruben Ruschel”, levando a Literatura produzida por escritores locais para as escolas municipais através desse projeto, implementado com atividades e premiações para turmas e alunos. Outras vezes a lembrança não é necessariamente ligada ao campo da educação ou das artes. O historiador de Osório, Guido Muri, falecido em 2010, tornou-se nome de um prédio residencial no centro da cidade.

Uma forma de tributo, e de legitimação do trabalho, ocorreu durante os eventos e foi materializada nos livros. Nos treze volumes analisados por esta tese, em onze deles encontramos capítulos enaltecendo intelectuais, em geral com idade mais avançada, que tiveram uma participação marcante seja por sua trajetória de pesquisa, seja pelo seu engajamento nos encontros.

Os textos de homenagem, em geral, apresentam uma biografia do autor, suas publicações e comentários sobre sua trajetória como “defensor” e “protetor” da história local. Às vezes estes artigos eram escritos apresentando apenas um intelectual, outras vezes diversos autores se uniam para enaltecer um grupo de historiadores ou pesquisadores. No volume do *X Raízes - Santo Antônio da Patrulha*, três autores se descreveram em um único texto o trabalho de Ruy Ruben Ruschel, Frei Rovílio e outros dois ativos colaboradores:

Receberam o Dr. Ruy Ruben Ruschel no céu, outros que conosco conviveram e que também nos fazem muita falta- MOACYR DOMINGUES e FIDÉLIS DALCIN BARBOSA que partiram antes. Ambos presentes no percurso do RAÍZES, deixaram também contribuições basilares para a historiografia do quadrante patrulhense. Fidélis, da querida Lagoa Vermelha, escreveu como poucos. Prolífero na escrita da história e da literatura, com certeza foi um dos escritores mais produtivos do Rio Grande do Sul, e do RAÍZES nunca faltou até ser chamado pelo senhor. Igualmente Moacyr Domingues, atilado genealogista, especialista em História Colonial do Rio Grande do Sul, mesmo doente comparecia aos nossos encontros enriquecendo-os com o seu invulgar conhecimento. (RAMOS, QUADROS, BARROSO, 2000: 18)

Na citação acima, utilizada como um exemplo entre outros presentes nas publicações, é possível visualizar os dois elementos de prestígio que legitimam os intelectuais locais em estudo nesta tese: um deles seria a publicação nas suas cidades e o outro a participação ativa contribuindo com os encontros de história local.

Os artigos de homenagem também ganharam espaço nos *Simpósios Marcas do tempo*. No último volume referente ao simpósio realizado em Dom Pedro de Alcântara, seis textos apresentaram a biografia de autores que contribuíram com o Litoral Norte/RS. A principal diferença em relação ao exemplo anterior, é que dois dos homenageados não possuíam relação com o cenário cultural da região, eram prefeitos, um deles ocupou o mandato na cidade de Torres, no momento da organização do *Raízes*, e outro foi o primeiro a ser eleito para este cargo em Dom Pedro de Alcântara, logo após sua emancipação. Entre os demais, três eram “historiadores locais” e um

“acadêmico”⁵⁸. Ou seja, embora o prestígio interno na rede de intelectuais locais seja dado pelos textos elogiosos publicados e apresentados nos eventos, também encontramos elementos de uma prática política na escolha dos homenageados. Além deste espaço, é preciso lembrar que os prefácios e aberturas de eventos são momentos em que os prefeitos e secretários municipais ou presidentes da Câmara de Vereadores podem tomar a palavra e apresentarem-se como "protetores" da História.

Os espaços de sociabilidade são muito importantes para a formação e manutenção dos grupos de intelectuais. Segundo Sirinelli (2003) as *Revistas* e os *Salões* cumpriam esse papel na sociedade francesa. A análise destes espaços nos permite compreender uma série de elementos que constituem essa elite intelectual. As revistas seriam um espaço de fidelidades e de exclusões, mas também um “observatório” de ideias: “E em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão.” (SIRINELLI, 2003, 249).

Ao analisarmos as redes formadas no Litoral Norte, tendo como base as considerações de Sirinelli (2003), é possível identificar que nos eventos ocorreu um comportamento semelhante ao que este autor refere como sendo característico das *revistas*. Com isso, podemos utilizar, com algumas limitações, esse modelo para compreendermos a efervescência que ocorria nos encontros de história local.

Nos eventos, a rede de convites e o espaço para a troca afetiva estavam estabelecidos, mas também se modificavam de acordo com a programação elaborada por cada município visitado. A partir do mapeamento dos autores e das temáticas, tal qual pode ser feito na análise de *revistas* no caso dos intelectuais do *mundo acadêmico*, podemos distinguir a temática predominante de cada encontro, mas também quais autores participaram mais ou menos. Existe uma grande discrepância numérica dentro do grupo, algumas pessoas apresentaram muitos trabalhos. Um exemplo seriam as duas organizadoras, Véra Barroso e Nilsa Huyer Ely. Ambas além de apresentarem as palestras de abertura nos eventos, ainda aparecem como no mínimo mais um artigo, podendo chegar a três no mesmo livro.

⁵⁸ O Dr. Marcos Justo Tramontini, professor da UNISINOS com estudos ligados a imigração para o Litoral Norte/RS e falecido há pouco tempo.

Ao tabular-se os autores dos eventos *Raízes*, encontramos alguns deles com um elevado número de publicações. Quase todos participaram da maioria dos encontros, mesmo quando estes ocorriam em municípios fora do perímetro litorâneo. Lopes, em entrevista, apontou que já participou de cerca de 20 dos 24 *Raízes*, nem sempre apresentando trabalhos, mas prestigiando o evento e ouvindo os colegas de outros municípios (2014: pág. 5). Os onze autores⁵⁹ com maior número de artigos publicados são:

Autor	Formação	Artigos
Nilza Huyer Ely	Historiadora Local	19
Véra Lúcia Maciel Barroso	Acadêmica	19
Lézia Maria Cardoso de Figueiredo	Historiadora Local	13
Emiliano Limberger	Pesquisador	11
Ruy Ruben Ruschel	Historiador Local	11
Marília Daros	Historiadora Local	11
Pércio de M. Branco	Historiador Local	10
Simone Teixeira Germano Colissi	Pesquisadora	8
Leda Saraiva Soares	Historiadora Local	8
Jorge Luiz da Silva Fernandes	Acadêmico	8
Moacyr de Araújo Pires	Pesquisador	8

Tabela 5: Autores com maior número de publicações nos eventos *Raízes*, em municípios do Litoral Norte/RS.

Como podemos observar, os organizadores foram os que mais publicaram nos oito livros do *Raízes* analisados, a lista segue com “historiadores locais” e “pesquisadores”. O total de autores nos oito livros é de 810, que assinam 835 artigos, sendo alguns deles em coautoria. É importante destacar que, algumas vezes os intelectuais publicaram mais de um texto no mesmo livro versando sobre temas diferentes em cada artigo. Esta prática ocorreu em maior número nas publicações do *Raízes* do que na coleção *Marcas do tempo*.

Quando analisamos o perfil dos autores com um maior número de publicações descobrimos que o *Simpósio sobre imigração alemã Marcas do tempo* possui duas características que o diferenciam do anterior. A primeira é a valorização dos autores ligados ao município em estudo, especialmente às questões de imigração no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Em segundo lugar, estas publicações contam com um

⁵⁹ Pretendíamos apontar os dez autores com maior número de artigos publicados, mas como havia vários com o mesmo número de textos, optamos por inserir todos os que estariam na mesma posição.

número maior de participantes com formação em História (oito dentro da lista dos autores com maior publicação)⁶⁰, apresentados na tabela:

Autores	Formação	Artigos
Nilza Huyer Ely	Historiadora Local	12
Marcos Antônio Witt	Acadêmico	10
Véra Lúcia Maciel Barroso	Acadêmica	6
Emiliano Limberger	Pesquisador	5
Eloísa Helena Capovilla	Acadêmica	5
Martin Dreher	Acadêmico	5
Jacy Waldyr Fischer	Pesquisador	4
José Jacob Parmagnani	Historiador Local	4
Andrea Helena Petry Rahmeier	Acadêmica	3
Eduardo Mattos Cardoso	Acadêmico	3
Fernando Rocha Lauck	Acadêmico	3
Marcos Justo Tramontini	Acadêmico	3
Renato José Lopes	Pesquisador	3

Tabela 6: Autores com maior número de publicações nos eventos *Marcas do tempo*⁶¹.

Comparando a tabela 5 e 6, é possível perceber que não existe uma ação deliberada para que os “historiadores locais” publiquem mais ou menos do que os “pesquisadores”. O critério acaba por ser o engajamento na pesquisa em história local, o seu círculo de sociabilidade e seu interesse pelos eventos. No caso do *Marcas do tempo*, o número de acadêmicos participando do evento é muito maior do que no *Raízes*, esse fato reflete uma escolha dos organizadores em trazer os historiadores universitários para este contato com os historiadores locais, como já foi mencionado anteriormente.

Outro espaço para publicação eram as organizações de escritores ou de historiadores locais. O Instituto Histórico e Geográfico de Santo Antônio da Patrulha, nos últimos anos, conseguiu tecer uma importante parceria com a Câmara Municipal que lhe permitiu a edição do *Ruas de Santo Antônio da Patrulha*⁶². Neste projeto, que já

⁶⁰ Esta peculiaridade desta coleção será analisada com mais profundidade no próximo capítulo, sobre as relações entre os historiadores universitários e os locais.

⁶¹ Nesta tabela, tal qual na anterior, buscamos os dez autores com maior número de publicações e inserimos todos os que possuíam a mesma quantidade de artigos que o décimo escritor.

⁶² BEMFICA, Corália Ramos, BRUFATTO, Luiza Maria da Glória, LOPES, Renato José (org). Ruas de Santo Antônio da Patrulha. Santo Antônio da Patrulha: IHG, 2013. Livro editado em colaboração com a Câmara do Vereadores da cidade.

está no volume IV, os “historiadores locais” e “pesquisadores” escolhem as ruas a serem objeto do livro e, depois de finalizado o projeto, o submetem à Câmara Municipal a fim de conseguirem o apoio financeiro para publicação (Boletim do Instituto Histórico de Santo Antônio da Patrulha, novembro de 2013). Até o momento de escrita desta tese o V volume estava em discussão e já havia a garantia da Câmara de que receberia verba necessária para sua publicação.

Outro trabalho com a parceria da prefeitura municipal foi o evento e posterior edição de um livro sobre as *Mulheres Pioneiras*⁶³. Em um pequeno livro (55 páginas) os membros do IHG-SAP apresentaram a biografia de dez mulheres patruhenses de destaque em suas áreas. Estes dois projetos demonstram a parceria produtiva estabelecida entre o poder público municipal e o Instituto Histórico, em que ambos se beneficiaram, pois, se os intelectuais locais puderam publicar seus trabalhos, a Câmara de Vereadores e figuras da prefeitura puderam apresentar-se a população como “protetores” da história local.

A Fundação Museu Antropológico Caldas Júnior também buscou recursos para a edição de livros sobre a história local em um projeto desenvolvido por Lauck (2013) durante seu mandato como diretor desta instituição. Ele tomou a frente em uma proposta de coleta de fotografias antigas utilizando a página da instituição em uma rede social. As fotografias eram postadas e as pessoas eram convidadas a reconhecerem o lugar ou a nomearem as pessoas da imagem. A iniciativa, que começou com a publicação do acervo da fundação, logo passou a receber contribuições dos moradores. As fotografias, com suas legendas, foram publicadas com o patrocínio do FAC- Fundo de Apoio à Cultura da SEDAC- Secretaria do Estado e da Cultura⁶⁴. Em entrevista, o autor explicou que havia material suficiente para uma nova edição e que estava em negociações com a prefeitura para viabilizar o projeto.

Estas redes de intelectuais locais no Litoral Norte/RS devem ser vistas para além de meros espaços de visibilidade dos trabalhos de pesquisa. Ângela de Castro Gomes (1993: 65), em seu estudo sobre os intelectuais do Rio de Janeiro, pontuou que estas

⁶³ Departamento Pedagógico, Secretaria Municipal de Educação, Prefeitura Municipal de Santo Antônio da Patrulha, Instituto Histórico e Geográfico de Santo Antônio da Patrulha. *Mulheres Pioneiras*. Santo Antônio da Patrulha: Editora Triângulo, 2013.

⁶⁴ Museu Antropológico Caldas Júnior. *Imagens da memória/Museu Antropológico Caldas Júnior*. Santo Antônio da Patrulha: Triângulo, 2013.

relações são mais profundas e complexas do que um mapeamento sobre convivência. Para esta autora, o local para a circulação de ideias, o espaço onde isso ocorre, deve ser estudado, pois a partir deles (salões, revistas, editoras) se pode visualizar a vitalidade e as transformações ocorridas nestas redes de sociabilidades.

Em uma segunda acepção dessa noção, podemos compreender as redes como “microclimas”. Os intelectuais locais teriam entre si disputas e afinidades, aproximações e contendas. Na entrevista com Lauck ele aponta que estas discussões são uma constante entre os historiadores do Litoral Norte/RS, ele dá como exemplo o debate que ocorre atualmente em Santo Antônio da Patrulha sobre a data de origem do município:

Entre os historiadores locais existe uma quizila, uma contenda. Cada um acha que temos que comemorar essa ou aquela data. Nenhum pensa em comemorar as duas coisas. Precisa necessariamente ser ou uma ou outra. E existe um grupo bem grande que tende para a data de 1760 e até antes, se puder. Mas nesse caso vamos perder para a região missioneira do estado, por exemplo. (...). Temos essa questão a debater, se é alguém formado eu aceito discutir, se é um historiador local também aceito. Agora é difícil aceitar que uma pessoa sem nenhum vínculo com a História venha justificar. (LAUCK, 2014, pág. 8)

O *mundo* dos historiadores locais, tal qual o *mundo* dos acadêmicos, possui disputas em torno de questões teóricas e históricas. Segundo Lauck (2014) estas discussões sobre qual data seria mais adequada para marcar o início da cidade passam também por um julgamento entre os intelectuais sobre a capacidade de “pesquisa” dos colegas. A busca pelas origens como fundamento explicativo para a identidade social, pela referência comprovadora, diz muito para este grupo sobre a capacidade do intelectual e, por consequência, reflete em sua aceitação pelos pares e pela municipalidade.

Um outro exemplo destas relações complexas foi dado por Nilza Ely (2014), quando contou que ao conhecer determinado historiador local do município de Osório, percebeu que o mesmo tinha uma postura desrespeitosa e pouco cooperativa e então parou de convidá-lo a ser comunicador nos eventos que organizava e ainda negou seu pedido de participação em um grupo de pesquisadores, o CIPEL (Círculo de Pesquisas Literárias) em Porto Alegre⁶⁵. Claro que este tipo de situação e atuação não é privilégio

⁶⁵ Segundo a “historiadora local”, os membros do grupo deveriam apreciar a candidatura e aprová-la para que a pessoa pudesse fazer parte do CIPEL, ela, como membro, vetou.

dos “historiadores locais”, no *mundo* universitário existem disputas de autoridade e questões de afetividade que igualmente influenciam a ascensão social/profissional e por consequência um maior ou menor trânsito dentro das redes. Mas este pequeno fragmento nos dá pistas sobre os critérios de aceitação nestas redes, que passam tanto pela afetividade quanto propriamente pelo reconhecimento de seu trabalho intelectual.

A partir da Teoria da Justificação, interpretamos estas redes como *mundos de justificação* e conseguimos mapear os discursos envolvidos. Esta teoria tem inspiração na cena judiciária, nos processos da Igreja Católica, onde eram montadas peças de justificação. Os grupos sociais, no nosso caso, os historiadores locais, elaboram estes discursos e suas disputas internas com o uso de documentos buscando um efeito de autoridade.

Mas, segundo Thévenot, deve-se ter alguns cuidados: “No entanto, a complexidade axiológica das sociedades modernas não se limita a esta oposição que em cada nível de justificação se constitui uma forma de bem comum e cumpre requisitos de coordenação em um espaço público, entre pessoas de igual dignidade.”⁶⁶ (THÉVENOT, 1996: 792). Estes historiadores locais se encontram em contato com outros *mundos de justificação*, nos eventos eles partilham as mesas com os “acadêmicos” e suas lógicas e discursos. Encontramos em um mesmo evento comunicações baseadas inteiramente em relatos de memória ou listas genealógicas ao lado de mestres e doutores apresentando suas produções profissionais. Embates ocorriam, mas, segundo Witt, esse contato era enriquecedor para todos:

Então desde a avó dando seu depoimento, uma criança apresentando sua pesquisa da escola até o Martin Dreher dando uma palestra, todos se ouviam. Nesse sentido acho que a interação era muito produtiva. Inclusive para os acadêmicos, pois eles às vezes se surpreendiam, apareciam senhoras que tinham um acervo de fotografias fantástico, coisas que iam ficando na família, ou depoimentos de fatos importantes do litoral. São aquelas coisas da tradição oral, que, como tu nunca irias conhecer aquela senhora, talvez nunca tivesse acesso a essas informações. (WITT, 2014: 6)

O processo de legitimação e justificação dos intelectuais locais passa por diversos caminhos. Como apresentamos ao longo deste capítulo, os meios de

⁶⁶ Or la complexité axiologique des sociétés modernes ne se limite pas à cette oppositions dès lors que chaque ordre de justification vise une forme de bien commun et répond aux exigences de coordination, sur un espace public, entre personnes d'égal dignité. (Thévenot, 1996, pág. 792)

reconhecimento algumas vezes são próximos aos da Academia, outras vezes seguem critérios internos do próprio grupo.

Uma das principais justificativas para seus trabalhos de pesquisa é a necessidade de “salvamento” de uma memória/história que estaria se perdendo. Por isso, o autor cuja obra é considerada relevante neste critério é homenageado por seus pares nos eventos. Também existe a valorização do autor que consegue publicar mais em sua cidade, através de seus contatos, de seu capital social. Por fim, o intelectual que mesmo sem ter livros editados sempre se dispõe a apresentar um ou mais trabalhos nos eventos, mostrando-se ativo dentro da rede, também recebe a homenagem de seus pares. A participação nas associações é muito valorizada, elas criam espaços para a discussão da história/memória local e acabaram se integrando na organização dos encontros *Raízes e Marcas do tempo*.

Outro ponto importante eram os contatos com a administração pública, pois isto permitia dar visibilidade para os projetos de História, neste caso, a capacidade de mediação política, intelectual e cultural também se encontra em jogo. No Litoral Norte do Rio Grande do Sul, alguns intelectuais locais conseguiram articular a sociedade local, os meios políticos, patrocinadores e, em certo grau, o *universo* acadêmico.

2.5. Mediação Intelectual e Cultural: ou como a “Árvore Genealógica” se fez conhecida e os “alemães” se encontraram no Litoral Norte/RS

Os eventos de história local analisados por esta tese possuem uma inegável longevidade. O projeto *Raízes* chega este ano à sua 26ª edição, enquanto que o *Marcas do tempo*, que já não ocorre mais⁶⁷, foi ativo por quase uma década. Estes dados tornam-se mais significativos se pensarmos no contexto cultural do Brasil, especialmente no Litoral Norte. Levar adiante um evento itinerante, que necessita de

⁶⁷ Em entrevista a organizadora não manifestou intenção de continuar na organização. Segundo ela, após a tentativa de realizar um simpósio em Maquiné (cidade na encosta da Serra próxima ao Vale do Três Forquilhas, região onde foram assentados os imigrantes alemães) sentiu-se desestimulada para dar continuidade ao projeto.

articulação com as prefeituras, Secretarias de Educação e Cultura, intelectuais locais, historiadores acadêmicos, escolas e municípios vizinhos, só foi possível com uma equipe engajada no projeto proposto.

A atividade de Barroso e Ely na organização destes eventos é bem representativa do que Sirinelli compreende como sendo papel dos “mediadores culturais”. Estes intelectuais possuem uma articulação suficiente para se colocarem como divulgadores e produtores dos bens culturais. Embora o autor aponte que é difícil mensurar sua influência em curto prazo, ele apresenta alguns elementos que nos auxiliam a identificar estas figuras:

Quanto à mediação, ela remete para o problema do poder de influência. Haveria aí, aparentemente, um terreno mais sólido. As elites da mediação cultural poderiam ser, com efeito, entendidas como dotadas de uma certa capacidade de ressonância e de amplificação, noutros termos, de um poder de influência. (SIRINELLI, 1998: 261)

Os mediadores, portanto, conseguiriam captar os anseios de um determinado grupo e, a partir disso, amplificar e contemplar estes interesses. Por isso, além da capacidade de articulação entre o poder público e os intelectuais locais, estes organizadores deveria possuir legitimidade. Segundo Gomes, “quer por vinculação, quer por ruptura, os intelectuais estão sempre ligados ao patrimônio de seus antecessores, ao estoque” (GOMES, 1993:64). O “estoque”, no caso de Barroso, seria, além de sua vinculação com a universidade e suas pesquisas acadêmicas, a influência no campo cultural recebida como um capital social herdado de seu pai, conhecido no município. No caso de Nilza Huyer Ely, sua ascendência, o seu trabalho junto aos Círculos de Estudos Históricos na região de Três Forquilhas e posteriormente sua aproximação com Ruy Rubem Ruschel lhe credenciaram a tomar a frente na organização de um simpósio sobre imigração alemã na região.

Os eventos de história local tornaram-se, ao longo de duas décadas, um dos principais espaços para a divulgação de pesquisas históricas e publicação para os intelectuais locais. Para ocorrerem, a colaboração da administração das cidades tornou-se imprescindível. Os acordos firmados, em geral, funcionam da seguinte maneira: da parte da municipalidade, os prefeitos comprometiam-se a publicarem o material produzido nos encontros, forneciam a estrutura física e a equipe de trabalho; em

contrapartida, conforme Ely (2014), eles ganhavam a possibilidade para durante os eventos colocarem-se como “protetores” da história municipal, além de terem seus discursos publicados no livro a ser editado.

Podemos apresentar dois exemplos do uso deste espaço, o primeiro apresenta a organização do encontro *Marcas do tempo* em Três Cachoeiras, descrito na abertura proferida pela Secretária da Educação Municipal, e o segundo, está em um “pronunciamento” publicado do prefeito Municipal de Santo Antônio da Patrulha, Ferúlio Tedesco Netto, sobre a importância do *VI Encontro dos Municípios originários de Santo Antônio da Patrulha - Raízes de Torres*, em 1995:

Quando assumimos este compromisso, sabíamos que a verba da cultura seria exclusivamente disponibilizada para o livro, e que todos os recursos usados durante os 3 dias do Simpósio deveriam ser buscados na comunidade através de patrocínio junto às empresas, e através da boa vontade e permanente dedicação do Prefeito Pedro Lumertz. (...). Os 3 dias do III Simpósio foram uma maravilha, muitas pessoas participaram dando sua contribuição para o sucesso do evento e para o resgate da história da imigração Alemã no RS, e nós da equipe organizadora nos sentimos aliviados porque tudo o que planejamos estava dando certo. (BORGES, 2010: 37)

Esse encontro, realizado anualmente, tem servido como referencial importante para o aprimoramento da pesquisa, e, a consequente publicação daquilo que aqui é relatado, serve de subsídio para a melhoria da qualidade de ensino. Além disso, foi a partir desses encontros que a comunidade cultural regional passou a organizar-se e, hoje, vemos entidades estruturadas, conquistando seu espaço no cenário cultural do estado. (NETTO, 1995: 33)

Nos textos acima podemos visualizar que o compromisso de publicação e de divulgação do material dos eventos era firmado com as prefeituras. O município, na figura dos secretários encarregados de auxiliar a organização do evento, buscava patrocínio e, como contrapartida, deixava neste material o “selo” de sua administração.

Durante entrevista com Barroso (2014) e Ely (2014), ambas descreveram as intrincadas negociações que precisavam ocorrer para que os eventos pudessem ser realizados. Em primeiro lugar era preciso conhecer o prefeito ou possuir algum contato que as levasse até o gabinete. Véra Barroso era moradora de Santo Antônio da Patrulha e seu pai ocupou um papel importante na cena social como dono de um cartório. Ela relata que, em função de seus contatos possuía um bom trânsito com os diversos prefeitos que ocuparam o cargo neste município, independente do partido político. Já

Nilsa Ely tinha conhecido alguns prefeitos, como o de Terra de Areia, local do primeiro encontro *Marcas do tempo*, e em Torres, cidade em que Ruschel participou da organização do *Raízes* alguns anos antes.

As redes de contatos com políticos e intelectuais eram ativadas por estes mediadores a fim de conseguirem viabilizar o seu projeto. Um exemplo dessa intermediação foi dado por Ely quando, em entrevista, relatou que em uma ocasião não conhecia o prefeito e então procurou um colega “historiador local” para conseguir realizar a negociação e “vender” a ideia do encontro. No relato abaixo ela apresenta os detalhes:

Em 2004, eu me dava muito com o padre Delai de Três Cachoeiras e então falei com o Marcos [Witt] para conversarmos com o padre, pois eu não conhecia ninguém da administração municipal. O padre já tinha estado no *Marcas do tempo*, e contei para ele o que eu gostaria de fazer e ele imediatamente ligou para o prefeito, nos apresentou e explicou sobre o evento ressaltando que confiava na proposta e em mim. Já saímos de lá com a data definida. (ELY, 2014: 2)

O mesmo artifício foi utilizado por Véra Barroso: ela aponta a importância da rede de contatos que foi constituindo ao longo dos encontros para dar viabilidade e longevidade aos *Raízes*. Essa articulação é exemplificada no caso de Torres: “Dali nós fomos para Torres, que foi solicitado pelo Dr. Ruy Ruben Ruschel, que intermediou com o prefeito e com a secretária de cultura. Ele insistiu para fazer o evento na terra sobre a qual escreveu o livro.” (BARROSO, 2014: 5)

No trecho acima fica claro que, se por um lado a organizadora buscava cidades, por outro, os intelectuais locais também queriam e se propunham a trazer o evento para sua terra. A mediação não era necessariamente centralizada, embora, neste caso, Ruschel só levou adiante as negociações para o encontro porque conhecia Barroso e seu trabalho, o mesmo aconteceu com o simpósio *Marcas do tempo*.

Eventualmente os políticos de outros municípios eram chamados para intervir e testemunhar sobre o trabalho. Tal foi o caso na organização do *Raízes de Gramado*.

Então Gramado já pediu o próximo, a Marília era historiadora local e diretora do arquivo local e do acervo do seu pai. Nós fizemos juntas [o evento], o prefeito dizia que era bobagem, que Gramado era só turismo. O prefeito de Lagoa [Vermelha] veio falar com ele, trouxe a secretária de cultura, a Zeli, e

falaram da importância. Então o prefeito disse que: “já que a Marília queria, iriam fazer”. (BARROSO, 2014: 6)

Neste evento devemos levar em conta que Marília Daros também era uma intelectual local, e que ampliava sua influência nas ações culturais de sua cidade naquele período ao organizar um *Raízes*. Em um texto comemorativo do 1º Encontro *Raízes*, ela relata que com sua participação no evento uma nova perspectiva se abriu. A partir dali ela começou a frequentar os outros *Raízes* e sentiu-se motivada a criar em 1992 o Arquivo Histórico Particular Hugo Daros, com a documentação de seu pai, tal qual Véra Barroso fez com a casa e com a documentação acumulada por seu pai (DAROS, 2000: 433).

Este papel de mediação entre os intelectuais e os políticos levou os organizadores a diversos impasses. Um grande empecilho para o sucesso do evento eram os períodos de eleições, pois nem sempre os prefeitos que assumiam garantiam a verba para a realização do encontro ou a publicação do livro. No livro de Dom Pedro de Alcântara, Nilza Ely precisou arcar com os custos e repassar aos autores (ELY, 2014: 5).

Como podemos ver, a capacidade de articulação dos intelectuais mediadores deveria ir além dos contatos políticos. No caso do Litoral Norte, esse trânsito pelas diversas instâncias da cultura era necessário para que a divulgação do evento ocorresse e também para que, em algum eventual imprevisto, fosse possível encontrar alternativas. Todos os organizadores alegaram que não recebiam nenhuma compensação material ou monetária como contrapartida das cidades-sede. Segundo eles, arcavam com suas despesas pessoais, especialmente as relacionadas com o deslocamento.

Todavia, é preciso deixar claro que nem sempre os organizadores tinham sucesso em suas mediações com o poder público. Nilza Ely, em entrevista, apresentou um exemplo em que o município não conseguiu realizar o Simpósio *Marcas do tempo*, mesmo tendo se comprometido:

Depois disso [do encontro em Dom Pedro de Alcântara] em uma reunião de prefeitos em Três Forquilhas o prefeito de Maquiné se interessou em fazer. Eu fui lá e marquei uma visita, nós escolhemos a data para o evento, fizemos reuniões com os professores, mas o prefeito não teve pulso para levar adiante. Pois, quando a secretária viu que ela não seria a estrela maior e sim as pessoas que iriam palestrar, ela começou a boicotar o evento e na reunião

com o prefeito ela dizia que os professores não queriam. No final a data passou para o ano seguinte e em reunião a secretária cancelou comigo. (ELY, 2014: 4)

Ao longo da organização dos encontros era preciso mediar também o espaço cedido aos políticos municipais e aos intelectuais locais, como no caso acima. Embora as autoridades sempre tivessem assento na mesa de abertura e espaço para seus pronunciamentos, estes não poderiam sobrepor-se ao objetivo dos eventos, pois, caso isso acontecesse, muitos “historiadores locais” e “pesquisadores” acabariam por deixar de comparecer. Com isso, mais do que mediadoras culturais, tal qual proposto por Sirinelli (1998), as organizadoras do *Raízes* e do *Marcas do tempo* agiam como negociadoras. A mediação não se dava apenas nas instâncias culturais, com suas assimetrias e hierarquias (“historiadores locais”, “pesquisadores”, “historiadores acadêmicos”), mas também nas diferentes esferas de atuação: a cultural/educacional e a política. Para que esse papel de mediação/negociação fosse eficaz, elas dependiam também de seu capital social acumulado tanto por herança familiar como por sua participação no cenário municipal e regional.

Outra dimensão de sociabilidade em que atuavam as organizadoras era no campo dos afetos. A rede de intelectuais locais, é mediada por afinidades e distanciamentos. Entre os intelectuais uma boa capacidade de articulação permite que circulem entre o que Sirinelli (2003:252) definiu como “microclimas”. Pois, segundo ele, as sociabilidades possuem uma dupla acepção: redes estruturadas e microclimas onde convergem microcosmos intelectuais. No caso dos historiadores locais, a capacidade de articulação dos intelectuais mediadores reside no fato de conseguirem cooptar os diversos pesquisadores que atuam em suas cidades para um evento que, ao fim, leva o nome de Santo Antônio da Patrulha, no caso do *Raízes*, ou destina-se aos estudos de imigração alemã no Litoral Norte, no caso do *Marcas do tempo*.

Véra Barroso apresentou uma destas relações dentro da rede de intelectuais locais. Ela contou que a realização do encontro *Raízes de Osório* necessitou de uma delicada negociação:

Osório foi complicado porque é “rival” de Santo Antônio ainda que casais tenham se casado entre Santo Antônio e Osório. Osório achava que era melhor, esta cidade não se considerava “filha” de Santo Antônio. Então eu estava com receio de que não desse certo. Com isso eu articulei e acabou

ocorrendo. Resultou em um livro bem interessante pois fizemos uma parceria com a FACOS. Eu conhecia a Ana Inês, minha amiga e também professora na FAPA, que trabalhava na FACOS, e com uma articuladora cultural, que trabalha com a Festa do Divino, ela fez a ponte com o prefeito. A secretária de educação designou uma equipe para nos ajudar e fizemos nas dependências desta faculdade. (BARROSO, 2014: 9)

Este encontro teve a peculiaridade da participação ativa do curso de História da Faculdade Cenecista de Osório (FACOS) não apenas cedendo espaço físico, mas também participando da organização. O campo “neutro” escolhido pelos organizadores resultou em um volume de 832 páginas, com espaço para os demais municípios “originários”, mas prioritariamente ocupado pela memória/história da cidade. Ao final, o prefeito, em seu espaço no Prefácio, afirmou:

Mais do que rememorar, Raízes foi uma oportunidade ímpar de estreitamento de laços entre os municípios da mesma família de origem, que irmanados na atualidade, através da solidariedade balizada por suas histórias, puderam os participantes darem-se conta que o futuro deve ser lastreado no respeito mútuo e em parcerias firmadas entre si no presente. (RENDA, 2004: 15)

O papel dos intelectuais mediadores dentro dos círculos dos intelectuais locais passa também por esse alinhamento de objetivos e posicionamentos sobre a importância da história local. Os argumentos nos prefácios dos livros, e que justificam tanto a realização dos eventos, como as pesquisas, indicam que este grupo sentia a necessidade de “resgate”, de salvamento da história/memória que consideravam como em processo de desaparecimento. Sendo assim, os intelectuais que se dedicavam a essa tarefa estariam contribuindo com as novas gerações. Em todos os treze livros esta questão aparece tanto nos textos das autoridades municipais (prefácios) como nas apresentações das edições ou nos espaços para justificativas, assinados pelos organizadores.

Nos eventos *Marcas do tempo*, o problema da identidade “perdida” e a necessidade de que seja novamente lembrada aparece claramente e é o principal argumento utilizado pela organizadora para que esse evento se tornasse um aglutinador dentro desta rede:

Em 1996, por ocasião dos 170 anos da imigração alemã no Litoral Norte, timidamente comemoramos a efeméride aqui no Vale do Três Forquilhas, e com a participação de outros historiadores, conseguimos perpetuar o acontecimento através do livro: Vale do Três Forquilhas- imigração alemã- 170 anos. Se não conseguimos recuperar ou restabelecer os valores olvidados, pelo menos devemos pesquisá-los e registrá-los, para que não

caiam no esquecimento e desapareçam. É de nossa responsabilidade, enquanto historiadores, registrar o que as pesquisas em documentos nos revelam e o que nos chega através da tradição oral que mais facilmente se perde, para que não sejamos uma cultura em extinção. (Ely, 1999, pág. 18)

A autora destacou este ponto em todos os textos de abertura das publicações. Enquanto Ely tornou-se uma mediadora entre os intelectuais locais interessados pelas questões étnicas, Witt passou a ser um contato com a academia. Ao longo dos Simpósios *Marcas do tempo*, a participação dos acadêmicos convidados manteve-se estável. Ele conta que se aproximou da temática através do professor dr. Marcos Tramontini, seu orientador no trabalho de conclusão do curso de História na UNISINOS. Posteriormente seguiu a mesma linha, imigração alemã no Litoral Norte/RS, ao longo do mestrado e doutorado. Em um primeiro momento esse contato era com os professores e colegas de sua faculdade. Eles eram convidados para palestrar nos eventos, posteriormente o contato ampliou-se com acadêmicos da PUC, UFRGS e FACCAT. A proposta era promover o diálogo entre locais e acadêmicos, mas também apresentar as produções universitárias para a comunidade, realizando a “ponte” entre os *universos* (Witt, 2014: 01).

Podemos afirmar que os intelectuais locais se articularam em uma rede que possuía como vértice os encontros de história local. Como em qualquer grupo, existem períodos de atividade mais intensa e um contato mais próximo, seriam os momentos em que os *Raízes* ocorrem no espaço do Litoral Norte/RS. Além disso, estes intelectuais encontram-se organizados em microclimas, dados pelo seu lócus de atuação ou pelos grupos em que fazem parte (Instituto Histórico e Geográfico de Santo Antônio da Patrulha e Academia dos Escritores do Litoral Norte). Atuando sobre esta rede temos alguns mediadores culturais e intelectuais que traduzem os anseios do grupo e aglutinam esforços para a produção da história/memória da região.

Ao analisarmos, ao longo deste capítulo, este nicho de intelectuais locais, nos propusemos a apresentar um exemplo de organização e produção do conhecimento que ocorre fora do olhar da universidade. A elaboração de pesquisas, crônicas, memórias, genealogias e história, criada e consumida pela comunidade local deve ser analisada pelo viés acadêmico. Pois, quando pensamos no ofício do historiador, acabamos ficando

restritos aos universitários e deixamos de lado uma larga produção que possui seus critérios de legitimidade próprios e suas redes de sociabilidades.

Ao longo do texto utilizamos diversas vezes a expressão História/Memória para nos referirmos às produções dos intelectuais locais. No próximo capítulo discutiremos a produção da História e da Memória nos trabalhos universitários e nas publicações dos “historiadores locais” e “pesquisadores”. Também pretendemos analisar as aproximações e distanciamentos que ocorrem entre estes dois *universos* de intelectuais ao exercerem o *ofício do historiador*.

CAPÍTULO 3

Raízes e Marcas do tempo- a produção de História e Memória no Litoral Norte/RS

Os eventos de História Local realizados no Litoral Norte/RS possibilitam uma diversidade de reflexões sobre o papel do historiador, sua prática, seus produtos e a legitimidade dada aos seus resultados. Ao longo do primeiro capítulo, descrevemos como surgiram estes encontros, sua organização, a programação desenvolvida, além de apresentarmos algumas informações sobre o público participante. No segundo capítulo, dirigimos nosso olhar para os intelectuais locais do Litoral Norte/RS pretendendo observá-los como um grupo. Nos tópicos abordados, buscamos compreender como se formou essa rede, o papel de Vera Lucia Barroso e Nilza Huyer Ely e os requisitos para participar dela. Também mostramos as diversas formas de organização destes autores e os processos de legitimação neste *universo* dos intelectuais locais.

Como mencionado, o encontro destes historiadores locais em eventos sistemáticos, que geraram publicações e mobilizaram as cidades-sede, possui muitas particularidades e dificilmente encontraremos um similar no estado do Rio Grande do Sul. A longevidade dos *Raízes* nos coloca frente a uma forma de produção e divulgação da História diversa do que estamos habituados no meio universitário. Ainda que levássemos em conta os congressos e seminários que geram anais, estes não seriam tão heterogêneos quanto ao conteúdo e formação dos autores quanto os dois eventos. O *Marcas do tempo*, embora não tenha tido tantas edições quando seu predecessor, trouxe um espaço de discussão e convívio entre historiadores acadêmicos e amadores. O recorte regional do Litoral Norte/RS traz características que o tornam único mesmo em relação aos eventos da Associação Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-Brasileiras⁶⁸.

Com todos esses elementos, podemos dizer que estes eventos trouxeram dinamicidade para a vida cultural das cidades que os abrigaram, mas, seriam encontros

⁶⁸ No período de preparação do projeto para seleção do doutorado foi feita uma longa busca junto às bibliotecas das faculdades de História (UNISINOS, PUCRS, UFRGS, Unilasalle, Faccat) levantando os materiais sobre história municipal. O que encontramos foram diversos livros, de autores das mais diferentes formações, mas, apenas o *Raízes* e o *Marcas do tempo* com publicações seriadas, periódicas, itinerantes e com uma proposta clara e definida quanto aos objetivos e práticas.

de História? O trabalho de pesquisa realizado pelos intelectuais locais está mais próximo ao “ofício do historiador” ou ao trabalho do memorialista? Michel de Certeau (2002), em seu texto sobre a escrita da História, apresenta a operação historiográfica como a relação entre o *lugar*, visto como o meio, a profissão, o recrutamento, os *procedimentos* de análise e a escrita de um *texto*: “Nesta perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas ‘científicas’ e de escrita” (Certeau, 2002:66).

Apesar de seguirmos Certeau em suas ideias sobre a operação historiográfica, não pretendemos construir o texto em torno da exemplificação ou aplicabilidade de suas proposições de forma sistemática, mas utilizá-lo com um guia para nossa análise dos eventos *Raízes e Marcas do tempo* em sua produção de história e memória local. As fontes de nossa tese, as bibliografias de história local, são complexas. Estes materiais são aceitos por uma parte da sociedade como livros da *sua* História, utilizados em salas de aula por professores da Educação Básica, estão nas bibliotecas municipais e, em alguns casos, são a única produção sobre o passado de diversos municípios. Ao longo deste capítulo, guiados por Certeau, Pomian e Prost, tentaremos compreender, ainda que de forma provisória e generalizando em alguns momentos, como estes intelectuais locais se posicionaram frente à História, quais seus métodos, as suas formas de lidar com as fontes.

Em um segundo momento, iremos refletir sobre a produção de História e Memória escrita pelos historiadores locais no Litoral Norte/RS. Então, partindo das referências e discussões apresentadas por Paul Ricoeur, Pierre Nora e François Hartog, buscaremos compreender como foram distribuídas as temáticas dos eventos e que relações podem ser estabelecidas com as discussões atuais sobre memória, história e identidade.

3.1. O uso das fontes e as “questões do historiador” nas práticas de pesquisa e escrita dos historiadores locais no Litoral Norte/RS

A escrita da História não se restringe ao trabalho dos historiadores universitários. Os historiadores profissionais seguem lado a lado com práticas não universitárias, mas que, no entanto, são reconhecidas como textos de História por seus leitores, tais quais as produções acadêmicas⁶⁹. Nem tão atualmente assim, com muito mais visibilidade que os historiadores locais, os jornalistas têm ocupado um nicho no mercado editorial com seus livros sobre efemérides, biografias e análises concisas sobre alguns períodos históricos. Colocando-se como observador desta diversidade de produtos que se propõem a ser História, o *mundo acadêmico* indica que um texto que se pretende histórico deve possuir sinais, suas *marcas de historicidade*, segundo Pomian (2007):

Las marcas tipográficas características de un texto de historia o, por generalizar al tiempo que resumimos las marcas de historicidad de un texto, tienen por cometido señalar que éste no es un producto de la imaginación. Comunican su pretensión de mantener relaciones particulares con algo ‘dado’, en este caso con las fuentes con las que este texto pretende ser conforme. Pero, tal como las conocemos hoy día, las marcas de historicidad son el resultado provisional de una evolución multiseccular de la que representan sus sucesivas aportaciones. (POMIAN, 2007: 59)

Estas marcas variam de acordo com a época em que o texto foi escrito e o grupo no qual estava inserido o historiador que o produziu. Pomian explica que os historiadores, ao explicitarem o seu processo de pesquisa, acabam por apresentar um discurso mediado. E essa mediação do método e da teoria é que, em geral, separaria o trabalho do historiador profissional dos demais escritores sobre o passado, como o jornalista ou o aficionado⁷⁰. Neste contexto, as marcas de historicidade servem para que

⁶⁹ Fernando Nicolazzi apresentou a discussão sobre o historiador e seus públicos em uma conferência realizada no III Congresso Internacional de História UEPG-UNICENTRO e disponível na rede *Academia*. Neste texto ele abre a discussão sobre os regimes de historicidade e os regimes historiográficos vigentes. Segundo ele, na atualidade poderia existir um regime historiográfico acadêmico, um regime historiográfico escolar e um regime historiográfico de circulação massiva, atuando lado a lado. Partindo disso a forma de leitura e recepção também seriam diversas. (NICOLAZZI, 2015).

⁷⁰ “La frontera entre las producciones de los universitarios y las de la mayoría de los aficionados sigue solapándose con la línea de separación entre el conocimiento mediato y el conocimiento habitual completado por la memoria, sin embargo, tratándose de los periodistas ya a menudo también de los escritores, la cosa cambia: la frontera pasa en estos casos por el interior del conocimiento mediato entre las diferentes modalidades de éste. (POMIAN, 2007:251)

seja possível que outro historiador, reproduzindo ou repetindo as etapas enunciadas pelo primeiro, consiga encontrar os mesmos resultados (POMIAN, 2007:81).

Outra diferença entre as publicações que abordam o passado seria na distribuição das três dimensões do trabalho do historiador: a investigação, a interpretação dos feitos e a escrita. Para Pomian, no caso dos historiadores profissionais, a ênfase da produção recairia sempre sobre a investigação e pela condução desta, os pares julgariam sua qualidade e a inovação trazida tanto pelos novos fatos apresentados quanto nas revisões em relação a outros trabalhos. A interpretação viria em segundo lugar e em terceiro a escrita. Além disso, esta História universitária/mediada possuiria uma diversidade temática e epistemológica que não poderia ser encontrada nas pesquisas dos jornalistas ou dos aficionados. Um exemplo seria a prática da história como ciência moral, como estudo dos órgãos e instituições públicas ou como uma ciência hermenêutica, sobre as obras de arte e cultura entre outros (POMIAN, 2007: 253).

Em nossa tese, nos propomos a analisar a produção da história local dentro dos eventos *Raízes e Marcas do tempo*. Como já foi exposto nos capítulos anteriores, a escrita sobre o passado, neste contexto, era dividida entre “historiadores acadêmicos”, ou profissionais, “historiadores locais”, reconhecidos pela comunidade como sendo especialistas sobre o passado local, e “pesquisadores”, pessoas que se colocavam como os aficionados descritos por Pomian (2007). Neste capítulo, trataremos todos os autores que publicaram nestes eventos e que versam sobre o passado como historiadores locais. Seriam as pessoas que estão produzindo História ou textos que poderíamos situar no campo da Memória, mas que não possuem uma titulação acadêmica na área da História.

Os textos produzidos pelos historiadores locais referindo-se ao passado do Litoral Norte/RS são variados. Dentro de suas comunidades, como já foram apresentados, muitos destes autores possuem um prestígio e uma legitimidade tal qual ou maior do que a de um profissional da História. Por isso, para compreendermos esta escrita, precisamos nos reportar ao papel ocupado na sociedade por estes intelectuais. É necessário descobrir se passaram por algum curso universitário, se participam do governo municipal, pois, partindo desta percepção ampla de *lugar* a sua *escrita* pode ser compreendida, bem como o espaço que esta pessoa passou a ocupar dentro do cenário cultural de sua cidade.

A escolha por esta chave de leitura, as *marcas de historicidade* apresentadas por Pomian e a percepção de que o ofício do historiador deve ser analisado de acordo com o *lugar*, a *prática* e a *escrita*, proposto por Certeau, não possui a intenção de “separar o joio do trigo”, mas, a partir destas lentes, compreender como estes historiadores locais construíram suas pesquisas, apresentaram seus resultados e quais ecos isso pode ter produzido na comunidade, sua leitora. O objetivo, portanto, não é colocar os historiadores locais em um mesmo estatuto que os historiadores acadêmicos, e sim, como grupos falando a partir de *lugares* diferentes sobre o passado e, portanto, com diferentes *escritas* sobre o passado. Certeau explica a relação entre a história e a sociedade da seguinte forma:

Antes de saber o que a história *diz* de uma sociedade, é necessário saber como *funciona* dentro dela. Esta instituição se inscreve num complexo que *permite* apenas um tipo de produção e *proíbe* outros. Ele *torna possíveis* certas pesquisas em função de conjuntura e problemáticas comuns. Mas *torna* outras *impossíveis*; exclui do discurso aquilo que é sua condição num momento dado. Representa o papel de uma censura com relação aos postulados presentes (sociais, econômicos, políticos) na análise. Sem dúvida, esta combinação entre *permissão* e *interdição* é o ponto cego da pesquisa histórica e a razão pela qual ela não é compatível com *qualquer coisa*. É igualmente sobre esta combinação que age o trabalho destinado a modificá-la. (CERTEAU, 2002: 77)

Alguns indícios sobre o *funcionamento* da história local dentro dos municípios no Litoral Norte/RS podem ser tomados a partir da recepção dos eventos pelo poder público e pela comunidade. Nestes casos, o círculo de intelectuais locais acaba por fazer o papel de “vigia” sobre os temas que podem ou não serem abordado, tal qual indicado por Certeau acima. Não encontramos elementos que pudéssemos caracterizar como uma censura, mas, entre os historiadores locais que mais publicam, e, portanto, com mais pesquisas e maior inserção dentro das políticas culturais, certamente alguns temas são pouco usuais, como por exemplo, a história política recente. O número de trabalhos sobre o final do século XX é praticamente nulo, sendo a maioria dos textos situada historicamente no século XIX ou início do XX, o período “das origens” da ocupação.

Os anais dos encontros *Raízes e Marcas do tempo* possuem um total de 1296 artigos. Este é o espaço de produção da história local do Litoral Norte/RS que será analisado aqui. Para viabilizar o trabalho de análise utilizando um número elevado de artigos, inicialmente elaboramos a tabela 7. Através dela destacam-se os autores não

acadêmicos que possuem mais textos publicados nos treze livros utilizados como fontes. Nesta listagem foram incluídos tanto “historiadores locais” quanto “pesquisadores”:

Autores	Artigos	Nomeação
Nilza Huyer Ely	31	Historiador Local
Emiliano Limberger	16	Pesquisador
Lézia Maria Cardoso de Figueiredo	13	Historiador Local
Ruy Ruben Ruschel	12	Historiador Local
Marília Daros	12	Historiador Local
Jacy Waldyr Fischer	9	Pesquisador
Moacyr de Araújo Pires	9	Pesquisador
José Jacob Parmagnani	8	Historiador Local
Guido Muri	8	Historiador Local
Leda Saraiva Soares	8	Historiador Local

Tabela 7. Intelectuais locais com maior número de artigos publicados nos eventos *Raízes e Marcas do tempo* analisados por esta tese.

Os historiadores locais com um maior número de publicações, conforme a listagem apresentada acima, não deve ser vista como representantes de todo o grupo de intelectuais do Litoral Norte/RS. Eles são os autores que mais se engajaram nos eventos de história local⁷¹. Ao analisarmos os artigos escritos por eles, encontramos algumas pistas sobre como compreendem a prática do historiador e a importância da História.

⁷¹ Breve histórico dos autores: **Nilza Huyer Ely**- funcionária pública aposentada, seu principal tema está relacionado à imigração alemã para o Litoral Norte/RS, é natural de Três Forquilhas. **Emiliano Limberger**- cooperólogo e historiador, foi divulgador da doutrina cooperativista do Padre Theodor Amstat, colaborando na fundação da Cooperativa Ecológica Coolméia. **Lézia Maria Cardoso de Figueiredo**- museógrafa, participou da equipe que implantou o Museu Antropológico de Osório, os temas de seus artigos em geral versam sobre folclore. **Ruy Ruben Ruschel**- desembargador, foi professor na faculdade de Direito da PUCRS, morador de Torres a partir da aposentadoria, onde passou a escrever sobre história local. **Marília Daros**- animadora cultural em Gramado, foi coordenadora do Patrimônio Histórico e Artístico Municipal e diretora do Arquivo Histórico Particular Hugo Daros, seus artigos trabalhavam temas da imigração e folclore de Gramado e do quadrante patruhense. **Jacy Waldyr Fischer**- professor estadual, membro do Partenon Literário. **Moacyr de Araújo Pires**- morador de Capão da Canoa, a maioria dos seus textos é sobre memória de sua cidade. **José Jacob Parmagnani**- irmão lassalista, escreveu artigos com temáticas diversas, variando de imigração até memórias da igreja católica na região do Litoral Norte/RS. **Guido Muri**- historiador local de Osório, não localizamos sua profissão, seus temas tratam de Osório, topônimos, limites territoriais e memórias. **Leda Saraiva Soares**- professora de português aposentada, foi diretora da Biblioteca Municipal de Tramandaí e possui uma extensa obra de livros sobre a história do Litoral Norte/RS

O trabalho do historiador e a diversidade temática da história local

No grupo dos historiadores locais, em função de sua heterogeneidade interna, encontramos diferentes posicionamentos sobre a *função* e o *método* a serem utilizados em seus textos. Não foi possível acessar uma biografia completa de todos os historiadores locais da tabela acima, contudo, verificamos que a maioria deles possui ensino superior em alguma área, marcando com isso a sua formação. Com essas poucas informações, nos resta colher pistas deixadas nos seus artigos a fim de compreendermos como entabularam suas pesquisas históricas, como definiram seus temas, que escolhas sobre fontes foram feitas.

A busca por documentos e depoimentos, nesta proposta de “recolher a história”, elemento comum nos textos e fala destes intelectuais, fez com que os historiadores locais no Litoral Norte/RS abordassem diversos temas em seus artigos com um traço em comum: o de sempre se remeterem a um determinado município ou região. Suas pesquisas geralmente são realizadas de maneira autônoma, mesmo quando são filiados a um grupo de intelectuais, como o IHG-SAP. Apresentaremos alguns exemplos dos temas trabalhados pelos autores com um grande número de publicações.

Nos treze livros analisados, verifica-se que Nilza Huyer Ely transitou ao longo de vinte anos por diversas temáticas relativas à sua região, desde o processo de imigração até biografias pontuais⁷². Alguns objetos de pesquisa desenvolvidos por ela

⁷² Listagem completa: Cantando Noite de Reis: o ressurgir do Baiano Candinho na obra de Fernandes Bastos, e Códigos de posturas municipais- Santo Antônio da Patrulha, Osório, Vacaria, Lagoa Vermelha, São Francisco de Paulo e Torres (1811-1889) (Raízes de Osório); A diversidade de atuação da Inspetoria de terras do Litoral Norte (Raízes de Capão da Canoa); A saga do desenvolvimento econômico do Vale do Três Forquilhas, e Três Forquilhas- município (Raízes de Torres); Isabel Pinheiro- figura peculiar nas “terras de areia”, De colono a anestesista de renome- Dr. Nilton Erling, A influência do rio na integração do Vale do Três Forquilhas, Carlos Leopoldo Voges – o patriarca de Três Forquilhas, Coronel João Niederauer Sobrinho um busto em Itati- por quê?, De Przychowitz ao Vale do Três Forquilhas- Carlos Huyer- um imigrante versátil, 37 anos ensinando gerações- Professor Justino Alberto Tietböhl- o mestre, Três Forquilhas, colônia ou município?, Do Vale do Três Forquilhas aos Campos de cima da serra- os construtores da Rota do Sol, Dos primitivos caminhos BR 101- Osório-Torres a Estrada da Redenção (todos os dez artigos anteriores foram publicados em Raízes de Terra de Areia); Participação ativa da etnia alemã nas comunidades do Litoral Norte/RS através das crônicas de Ruy Ruben Ruschel. (Marcas do Tempo-Três cachoeiras); A AGASA e a expectativa dos canavieiros do Vale do Três Forquilhas, e Bandeiras e Brasões identificando o quadrante patrulhense (*X Raízes de Santo Antônio da Patrulha*); O Quadrante Patrulhense e as mesas de Rendas, e A diversidade agrícola na senda do desenvolvimento de Três Forquilhas (*XX Raízes de Santo Antônio da Patrulha*); A Colônia Alemã das Torres no município de Santo Antônio da Patrulha (*Marcas do Tempo-Torres*); A Colônia alemã de Torres: cotidiano dos imigrantes e seus descendentes (*Marcas do Tempo-Dom Pedro de Alcântara*); Do recado da porta ao

foram: uma análise das cantigas de “Noite de Reis”, comparações entre Códigos de Posturas de diversos municípios, Inspetorias de Terras no Litoral Norte, desenvolvimento histórico do Vale do Três Forquilhas (seis artigos), imigração alemã no Litoral Norte (cinco textos), produção de rendas no quadrante patrolhense, desenvolvimento de estradas e comunicação ligando o Litoral Norte, além disso, escreveu artigos biográficos sobre Isabel Pinheiro, Nilton Erling, Carlos Leopoldo Voges, Coronel João Niederauer, Carlos Huyer, Justino Alberto Tieböhl. Em dois artigos encontramos suas justificativas para aquela pesquisa.

O primeiro discorreu sobre as bandeiras e brasões dos municípios do quadrante patrolhense. Ela explicou que durante a entrada das bandeiras, na abertura do *Raízes* em 1998, ficou impressionada com a variedade dos símbolos inscritos e, por isso, decidiu elaborar este trabalho:

A minha leitura sobre brasões e bandeiras, não é técnica, até porque não sou versada em heráldica, como acredito que a maioria dos leitores. Procuo dar enfoque ao que mais chamou minha atenção de leiga, ao fotografar e examinar, uma a uma as bandeiras dos 74 municípios e verificar a legislação pertinente que me foi alcançada pelas respectivas Prefeituras Municipais. (ELY, 2000: 299)

A heráldica e as coleções de selos, moedas, brasões, possuem um grande número de pesquisadores aficionados⁷³. São colecionistas, intrigados com a variedade de símbolos e significados. No caso de Nilza, sua curiosidade estava limitada ao chamado quadrante patrolhense. Ela não queria pesquisar qualquer bandeira ou a totalidade delas, mas sim, estabelecer uma investigação sobre os símbolos e seus referentes nos municípios de sua região de “trabalho”, este era seu recorte temático. Em outro artigo, ela apresentou a justificativa para sua pesquisa sobre os Códigos de Postura dos municípios do Litoral Norte/RS:

Esta minha pesquisa aconteceu por curiosidade, eu gostaria de saber quais as leis que regiam a sociedade civil à época da imigração alemã no Rio Grande

jornal eletrônico (*Raízes de Balneário Pinhal*). Além dos artigos nominados há ainda apresentação de cinco livros.

⁷³ Alguns exemplos de associações de heráldica, brasões e numismática: <http://www.meusparentes.com.pt/centro-de-informacoes/heraldica>; <http://heraldica.genealogias.org/>; <http://www.asbrap.org.br/>; <http://www.cbg.org.br/novo/>; <http://www.heraldica.org.br/>; <http://www.snb.org.br/portal/diretoria.htm>; http://www.cfmt.org.br/textos/kurt_prober.php; <http://www.snb.org.br/portal/>. Consulta em 30/01/2016.

do Sul, em especial no Litoral Norte, onde, em 1826, foi instalada a segunda colônia alemã no Estado, nas localidades de Três Forquilhas e São Pedro de Alcântara, pertencentes ao distrito de Conceição do Arroio, município de Santo Antônio da Patrulha.

Ative-me, portanto nos assuntos que para mim foram os mais interessantes. É óbvio que não faço uma análise profunda das causas e efeitos de tais Posturas, apenas dirijo um olhar sobre o todo das normas e preceitos municipais de então. (ELY, 2004:668)

Novamente o crivo da região aparece como definidor dos temas de pesquisa ao lado da curiosidade pessoal. A partir desse recorte na escolha da documentação, ao longo do artigo, a autora explica que nos Códigos de Posturas havia a indicação sobre limites e fronteiras, cobranças de impostos, regras de convívio com os escravos, entre outros temas. Por fim ela ensaia uma análise: “A diferença entre as atuais posturas é que alguns municípios têm um olhar mais globalizado enquanto outros especificam os mínimos detalhes, certamente como forma de evitar o surgimento de dúvidas que talvez tenham sido produto de conflitos.” (ELY, 2004: 678)

O “pesquisador” Emiliano Limberguer dedicou-se a discussões sobre topônimos de Osório, Dom Pedro de Alcântara e Caraá, ocupação do território gaúcho por indígenas Pato, discutiu em quatro artigos os limites dos municípios originários, apresentou aspectos da Revolução Farroupilha ocorridos no Litoral Norte/RS e dedicou alguns artigos aos imigrantes e sua adaptação à região e à origem de seus sobrenomes. Em um artigo sobre os limites dos primeiros quatro municípios “originários”, ele definiu seu objetivo:

Este modesto trabalho perfunctório, não tem a intenção, como percebido, de estabelecer a correção definitiva dos primitivos limites entre os primeiros municípios gaúchos. Apenas pretende alertar sobre duas questões fundamentais a respeito desta matéria: 1º- As lindes de então foram traçadas bastante aleatoriamente, não podendo, portanto, ser consideradas como exatas; 2º- Os mapas representando as sucessivas subdivisões territoriais destes antigos municípios, parece devam ser revistos, pois contêm diversas inexatidões. (LIMBERGUER, 2000: 82)

Novamente encontramos a marca da região como um definidor da temática a ser pesquisada, junto com um projeto sobre os topônimos locais e sobrenomes de famílias buscando o significado, as corruptelas e semelhanças já desaparecidas pelas alterações dos cartórios (caso dos sobrenomes alemães que foram sendo “aportuguesados”).

Lézia Cardoso, “historiadora local”, apresentou textos relacionados ao “legado” açoriano na culinária, a biografia da “professora Wanda”, um histórico da Colônia Marquês do Herval em Osório, as novenas praticadas no Litoral Norte/RS, a evolução da radiodifusão na região patrulhense, os aspectos históricos do Distrito de Presídio das Torres. Como podemos ver, nestes três autores apresentados, temas diversos entre si foram tratados nos vários artigos publicados. Muitas das comunicações e palestras foram proferidas na mesma edição do *Raízes* ou do *Marcas do Tempo*, pois, possuíam diversas pesquisas andando juntas, mas sempre com o recorte espacial como opção de recorte.

Outro autor que em entrevista contou sobre seus trabalhos foi o “pesquisador” Jacy Waldir Fischer, ele possui nove artigos publicados no *Raízes* e no *Marcas do tempo* e sua temática, segundo ele, varia entre topônimos, pesquisas sobre escravidão e alforrias, relatórios de terras e, atualmente, processos de emancipação⁷⁴. Ele, que participa há dez anos dos eventos de História Local, apresentou seus interesses:

Eu fiz o primeiro ano do curso de História da UFRGS, mas eu já era casado, tinha filhos e trabalhava e não consegui terminar. Mas o que mais me despertava a curiosidade era saber o porquê o nome de tal lugar, como surgiu e quem deu? Então primeiramente eu comecei com os nomes indígenas, e eu me lembro de que quando eu era criança em Santo Ângelo, meu pai falava do Major Quirino, que era um senhor de idade que conhecia a língua guarani. A curiosa língua dos índios. Depois mais tarde me despertou a curiosidade de entender os nomes indígenas e os outros nomes. O meu tema é pesquisar há mais de quarenta anos sobre o nome das cidades e distritos. (FISCHER, 2014: 1)

No caso de Fisher, embora em entrevista tenha declarado que seu tema preferido é a pesquisa sobre topônimos, tal qual Limberguer, a maior parte de seus artigos publicados refere-se a assuntos diversos, especialmente registros de terras e emancipações.

⁷⁴ Artigos publicados nos eventos de *Raízes* e *Marcas do tempo*: “A ferrovia Palmares-Conceição do Arroio (Osório)” (*Raízes de Osório*); “Memória indígena das ruas de Capão da Canoa” (*Raízes de Capão da Canoa*); “Escravo mata o seu senhor em Santo Antônio da Patrulha” (*XX Raízes de Santo Antônio da Patrulha*); “A Colônia das Torres nas falas e relatórios dos Presidentes da Província (1947-1859)” e “Alforria de escravos de colonos alemães em três Forquilhas e Colônia São Pedro” (*Marcas do Tempo- Dom Pedro de Alcântara*); “Registros de terras de alemães na Freguesia de São Domingos das Torres.” (*Marcas do Tempo- Três cachoeiras*); “O Pinhal do Balneário” e “O processo de emancipação de Balneário Pinhal” (*Raízes de Balneário Pinhal*) e “Processo de emancipação de Palmares do Sul” (*Raízes de Palmares do Sul e Capivari do Sul- no prelo*).

Neste apanhado sobre as temáticas dos historiadores locais, podemos perceber que enquanto os historiadores profissionais tendem a delimitar seus objetos em um período histórico, um grupo social, ou uma determinada proposta teórica, como história social, econômica, cultural, militar, etc, os historiadores locais não elaboram seus problemas históricos a partir de uma determinada linha de pesquisa. Na sua escrita o problema de pesquisa nem sempre aparece claramente e, em muitos casos, a escrita da história se restringe a apresentação de um documento. Esta prática é compreendida pelos autores como suficiente para esta construção da identidade entre seu público alvo, os cidadãos do Litoral Norte/RS, pois conhecer e ler o documento revelaria a História *em si*.

O recorte local, como já ficou claro quando apresentamos o projeto *Raízes e Marcas do Tempo*, é determinante como crivo para as comunicações e palestras. Mas, além disso, a filiação local é o que marca a própria identidade deste historiador. Nos anais da maioria dos congressos de História realizados dentro do universo acadêmico, nas fichas de inscrição existe um espaço para que o proponente apresente o *lugar* de onde fala, nesse caso visto como a universidade, o espaço de pesquisa (mestrado ou doutorado) ou emprego atual. O mesmo ocorre nestes eventos, mas com uma diferença, o *lugar* ali é físico. Mesmo os autores que são contribuintes esporádicos, chamados nesta tese de “outros”, apresentam o local de onde e sobre o qual falam. Os historiadores locais são historiadores *de* uma cidade.

Por essa vinculação tão forte ao lugar, ao mesmo tempo como objeto de pesquisa e como espaço de onde se fala, é que a questão da identidade está envolvida. A curiosidade “escolhe” os temas a serem pesquisados, mas estes não são aleatórios, são pesquisas sobre o *seu* lugar, ao mesmo tempo em que são apresentadas para as pessoas *do* lugar. Bourdieu em suas reflexões sobre a região e os processos de identidade apresenta as seguintes ideias:

O discurso regionalista é um discurso *performativo*, que tem em vista impor como legítima uma nova definição das fronteiras e dar a conhecer e fazer reconhecer a *região* assim delimitada – e, como tal, desconhecida – contra a definição dominante, portanto, reconhecida e legítima, que a ignora. O acto de categorização, quando consegue fazer-se reconhecer ou quando é exercido por uma autoridade reconhecida, exerce poder por si: as categorias ‘étnicas’ ou ‘regionais’, como as categorias de parentesco, instituem uma realidade usando do poder de *revelação* e de construção exercido pela *objetivação no discurso*. (BOURDIEU, 2010: 116)

Partindo da noção de Bourdieu, na atualidade podemos dizer que a expressão “quadrante patrulhense” é uma construção discursiva. Hoje, pouco reconhecimento existe entre os municípios da “Serra Italiana” como Ipê ou Veranópolis⁷⁵ com sua “mãe” Santo Antônio da Patrulha. Mesmo dentro do Litoral Norte, a diversidade geográfica e cultural entre os municípios que se situam nas montanhas cobertas de Mata Atlântica e os balneários da faixa litorânea seriam suficientes para que não houvesse mais reconhecimento. Então, neste cenário, os eventos se apresentam reconstruindo estes laços “perdidos”. O *lugar* aqui passa a ser o ponto de partida (da pesquisa) e de chegada (na recepção pelo público).

O elemento da “curiosidade” apresentado nos excertos de Ely e Fischer os moveu a buscar documentos e embrenhar-se em arquivos. Nos trechos apresentados, os autores determinaram uma “área” de trabalho e passaram a colecionar documentos e materiais sobre sua temática. Esse trabalho de Ely, com as descrições das bandeiras, e Fischer, com os topônimos e as listas de emancipações, demonstram práticas que os aproximam dos antiquários.

Os antiquários, segundo Momigliano (2004), seriam eruditos, curiosos, investigadores, colecionistas do passado, que se dedicavam a buscar documentos, selos, moedas e objetos diversos comprovando sua autenticidade:

Em toda a minha vida fui sempre fascinado por um tipo de homem tão próximo da minha profissão, tão transparentemente sincero em sua vocação, tão entusiasmado e com razão e ainda assim tão misterioso com relação aos seus objetivos finais: o homem que se interessa pelos fatos históricos sem se interessar pela história. Hoje em dia, é raro encontrar o verdadeiro antiquário. Para encontrá-lo, é preciso ir ao interior da Itália, da França e estar preparado para ouvir as longas explicações feitas por velhos em lugares frios e desconfortáveis. Assim que o antiquário abandona o seu castelo miserável que ainda conserva qualquer coisa do século 18 e entra na vida moderna, ele se transforma no grande colecionador, destinado a se especializar; ele pode até terminar como o fundador de um instituto de belas artes ou de antropologia comparativa. (MOMIGLIANO, 2004:85)

⁷⁵ Estes municípios que receberam colonização italiana não poderiam ser reconhecidos como vinculados à Santo Antônio da Patrulha sem um trabalho de apresentação mediado pela História. Suas representações identitárias acabam por ser sempre vinculadas ao processo de imigração e não a sua ocupação inicial, portuguesa. Outros, como a região dos Campos de Cima da Serra, de identidade relacionada ao tropeirismo, estariam mais próximos tanto fisicamente como culturalmente de Santo Antônio da Patrulha.

Os antiquários acompanham os historiadores desde a Idade Antiga, com aproximações e distanciamentos, até que os primeiros fossem considerados “extintos”. A partir da forma como estes intelectuais locais lidam com a pesquisa e com suas fontes podemos detectar práticas antiquárias, ligadas a uma percepção de senso comum sobre a pesquisa histórica que sobrevive nestes intelectuais locais. No segundo capítulo apontamos que uma parte significativa dos autores que possuem mais publicações são já aposentados, e, com o tempo livre, passaram a se dedicar a sanar suas “curiosidades”, visitar os arquivos e contar para seus conterrâneos a “verdadeira história” de sua cidade ou região. Com isso, nos anais dos eventos *Raízes* e *Marcas do tempo*, ao lado de estudos sobre imigração e ocupação do litoral, encontramos textos discutindo se o nome dado a determinado município é o adequado, se o rio marcado no mapa do século XIX possui o mesmo curso que atualmente, entre outros temas muito mais próximos dos almanaques do que dos problemas históricos, seria o autor que “se interessa pelos fatos históricos sem se interessar pela história” (MOMIGLIANO, 2004:85).

As “questões” e o método na história local

O historiador Antoine Prost (2012), quando discorre sobre as “questões do historiador”, explica que elas se colocam entre o subjetivo e o objetivo, pois embora surjam da personalidade do formulador, de seus compromissos sociais, elas devem sempre adequar-se aos documentos e “Inserida nas teorias ou, às vezes, somente nas modas, que permeiam a profissão, ela desempenha, a um só tempo uma função profissional, uma função social e uma função pessoal mais íntima. ” (PROST, 2012: 93). Com isso, para além das curiosidades pessoais, os problemas de pesquisa fazem parte de um contexto teórico, metodológico e social, que acaba não sendo formulado dessa maneira entre os historiadores locais analisados nesta tese.

Um dos autores mais respeitados pela rede de intelectuais do Litoral Norte/RS foi o historiador local Ruy Ruben Ruschel. Ele escreveu diversos livros sobre a história de Torres e sobre imigração alemã para a região, além de ter sido participante assíduo dos encontros *Raízes*. Em um texto publicado nos anais *Raízes de Torres* (1996), apresentou sua visão sobre a História e a pesquisa do historiador:

A atividade do historiador comporta dois momentos principais: (a) RECOLHER A HISTÓRIA e (b) PENSAR A HISTÓRIA [grifo do autor].

O primeiro, o pesquisador lida com documentos e dados e documentos e dados obtidos em arquivos em fontes primárias. Seu objetivo é recompor os fatos do passado e colocá-los na ordem cronológica. No segundo, ele parte dos fatos históricos já conhecidos e procura interpretar os fatores que os produziram e os efeitos deles resultantes. Tenta compreender porque aconteceram assim, e não de outra maneira, e como influíram no mundo que nos rodeia agora.

No presente trabalho pretende-se meditar sobre a formação e o ulterior desenvolvimento da comunidade de Torres e descobrir seus FATORES DETERMINANTES [grifo do autor]. É lógico que não forma os fatores únicos, porém os prevalecentes. (RUSCHEL, 1996: 50)

A opinião sobre o trabalho do historiador, apresentada por Ruschel nos dois textos acima, indica uma valorização da pesquisa. Primeiro deve-se recolher as fontes, mapear os documentos, “fixar” os caminhos. Em um segundo momento, desvelar o passado descobrindo os “indícios seguros” e os “fatores determinantes”. Sua forma de pensar o passado mostra-se próxima a um discurso metódico. Dosse apresentou os historiadores metódicos explicando que eles consideravam necessária uma análise e uma busca científica e sistemática pelos documentos. Com isso, a autoridade passava a residir na palavra do historiador, que, por ter feito o processo investigatório de maneira científica, havia excluído qualquer especulação filosófica (2012: 69). Não temos nenhum elemento para afirmar que os historiadores locais, analisados por esta tese, tenham tido contato com o movimento metódico, mas quando observamos o método de escrita e observamos a forma como lidam com as fontes, fica claro que existe para estes intelectuais um valor muito grande na transcrição. Esse elemento é tão importante que alguns artigos se resumem apenas à publicação literal das fontes, sem comentários, isso indicaria que esta etapa do processo de produção do texto (a ida aos documentos) era considerada por eles, se não a mais importante, a mais rica e interessante.

O uso das fontes, sem a mediação das questões historiográficas, acabou aproximando alguns textos das narrativas de memória. Utilizando como exemplo o artigo de Ely intitulado “A colônia Alemã da Ponta das Torres: cotidiano dos imigrantes e seus descendentes” descreveu suas fontes e objetivos naquela pesquisa:

Pela escassez de bibliografia, procuro fundamentar o texto, tanto quanto possível e de forma sucinta, nos registros paroquiais remanescentes; no testemunho oral; nas vivências e experiências de familiares, desde o início da Colônia de Três Forquilhas, que tomo como paradigma, além das minhas

próprias viveências em minha terra natal, tentando dar a conhecer parte do árduo e real viver dos alemães e seus descendentes da antiga Colônia Alemã das Torres até meados do século XX. (ELY, 2010: 63)

Como visto no exemplo acima, a busca na documentação, empreendida por Ely, sem a mediação clara da questão, já estava permeada por seus afetos, pois pretendia mostrar a todos o “árduo e real viver dos alemães e seus descendentes”. Ao longo do artigo, observamos uma alternância entre a apresentação de dados e as observações relacionadas à sua memória sobre a região, com isso, o texto acabou aproximando-se da narrativa literária:

Pela legislação vigente cada imigrante colono receberia uma gleba em torno de 77 hectares de terra. As propriedades do Vale foram mensuradas pela largura, sendo a cada uma delas atribuídas 100 braças de frente ao rio Três Forquilhas e quantas se encontrassem até o divisor de águas ou ‘travessão’, no pico dos montes da Serra Geral. Alguns lotes alcançaram 800 braças e outros até 1600 ditas de fundos.

Para enfrentar o ambiente estranho e hostil o imigrante tinha para auxiliá-lo, lá em Três Forquilhas, e aqui na Colônia de São Pedro não teria sido diferente, apenas a foice e o machado. (...)

A rudeza da região e as dificuldades eminentes tornariam o imigrante ‘colono descalço’. Assim começava o cotidiano dos alemães da Colônia da Ponta das Torres.

No trecho acima, podemos encontrar tanto o preciosismo na descrição da política de distribuição de terras quanto o “desvio” para uma narrativa ocupada com a imaginação e as inferências da autora. Provavelmente, aliada às pesquisas em busca do documento que apresentasse os números corretos estava a memória, que trouxe as diversas agruras pelas quais passou esse “colono descalço”.

Os historiadores locais, selecionados para análise nesta tese, nem sempre deixam claras as suas questões de pesquisa, como ocorreu no caso acima. Em uma grande parte das publicações é possível perceber que elas estão implícitas em seu trabalho. E esse ponto do *ofício do historiador* é nodal quando refletimos sobre a visibilidade e credibilidade dos escritos destes intelectuais locais dentro das universidades. Como foi apresentado por Prost: “Não existem fatos, nem história, sem um questionamento; neste caso, na construção da história, as questões ocupam uma posição decisiva” (2008: 75). Sem questões claras, indicando os caminhos destas escritas sobre o passado, a validação pelos pares passa pela legitimidade do intelectual, conforme apresentado no capítulo 2.

Um exemplo desta forma de relacionar-se com o passado foi explicitado por Jacy Waldyr Fischer. Questionado sobre suas escolhas e métodos na forma de pesquisar ele explicou que para o *Raízes* procurava apresentar pesquisas sobre processos de emancipação, que seriam seu atual interesse. Quando questionado sobre sua prática, Fischer deixou claro que não era um historiador, mas um curioso:

É porque o historiador já tem um preparo para aquilo, eu me considero um curioso. Eu mais ou menos tenho uma técnica, eu leio muito, e vão aparecendo as coisas relacionadas com a pesquisa. Agora, com esse meu xodó sobre os processos de emancipações, eu acho que chegou ao fim. Têm coisas que não se conseguem. Eu agora estou tentando publicar, pois me deu um trabalhão. Mas eu gosto, e tem coisas ali que, modéstia à parte, é preciso publicar. Eu estou pensando no seguinte, antes de procurar publicar, perguntar para a professora Véra sobre o que ela acha. (FISCHER, 2014: 1)

A fala de Fischer, em entrevista, deixa claro um aspecto dos historiadores locais, muitos não se consideram historiadores profissionais. Mas, mesmo assim, a curiosidade pela pesquisa histórica os move aos arquivos. Se não há uma “questão” nesta forma de relacionar-se com o passado, há uma curiosidade e um senso de missão. Pois, depois de um levantamento tão exaustivo de fontes e informações, é preciso divulgar para a comunidade os resultados de sua pesquisa. E, neste caso, a chancela de uma historiadora reconhecida, como Barroso, traria validade seu trabalho

Estas práticas que transitam entre o trabalho de historiadores, eruditos e antiquários, metódicos, fazem parte da forma de apresentar o passado dos historiadores locais do Litoral Norte/RS. Mesmo os dez autores que mais publicaram no *Raízes* e *Marcas do tempo* (Tabela 7) não se constituem um grupo homogêneo. Podemos partir de seus escritos para compreender esse *universo* da escrita da história local que existe ao lado do *universo* dos historiadores profissionais. A falta de uniformidade nos métodos de pesquisa e no uso das questões também pode ser visualizada dentro da produção de cada autor. Ely, por exemplo, possui textos em que utiliza rigor na apresentação das fontes e outros em que a escrita é fruto de suas memórias, como seu estudo sobre o Código de Posturas (página 139) e a biografia de Philip Peter Gross⁷⁶.

⁷⁶ No final do artigo, contando a vida do imigrante, Ely explica suas fontes: “Na falta de registro documental, valemo-nos da memória oral que chegou até nossos dias através da convivência com a própria família do imigrante, além das informações de meus pais que se tornaram proprietários da casa em 1928, conforme registro por escritura pública.” (ELY, 2010: 229)

Outros, como Limberguer, indicam uma prática quase colecionista. A “questão historiadora” não aparece nos seus textos. Em sua cruzada buscando o verdadeiro significado e grafia do nome de cidades ele investigou na língua alemã e nas línguas indígenas e, a partir de suas conclusões, pretendia apresentar o *verdadeiro* significado dos topônimos e sobrenomes, além de conscientizar a população para eventualmente corrigir os erros de grafia e sentido encontrados. Os artigos muitas vezes são organizados em grandes listagens:

f) Caraá- eis outro termo interessante, felizmente mantido na toponímia regional dos municípios originários de Santo Antônio da Patrulha. Poucos vocábulos guaraníticos possuem tantos significados quanto este, considerando-se as suas duas acepções encontradas entre nós: ‘peixe’, ‘nhame’, ‘taquarinha’, ‘concavidade’ (depressão). O novel município de Caraá, originário da Guarda Velha, consta que escolheu como logotipo seu penúltimo significado. No entanto, parece não poder descartar a versão mais adequada ao caso, a derradeira; a região tem a característica de vales entre montanhas, portanto de concavidades orográficas. Cabe referir-se ‘*a vol d’vol d’oiseux*’ serem guaranis originários dos carianos, grupo étnico emigrado de MU (continente submerso no Pacífico- origem da humanidade), aparentados de outra leva, a qual se localizou no Caribe (repare-se o mesmo radical). Sobre este tema apresentamos trabalho no encontro Raízes de Caraá, em 1999, já publicado. (LIMBERGUER, 2004:112)

Nos 16 textos publicados, em apenas quatro Limberguer não tratou sobre topônimos. Nesta citação, além da explicação sobre diversos nomes de cidades da região, ele expôs uma teoria pouco ortodoxa sobre a ocupação da América. A fonte de sua teoria sobre a origem remota dos indígenas guaranis foi o livro do autor James Churchwar que publicou em 1926 *O continente desaparecido de MU*. Segundo este autor, teria existido um continente perdido no Pacífico que teria desaparecido após um cataclismo global juntamente com Atlântida. Segundo Churchwar o Jardim do Éden teria sido situado nele e, com o seu desaparecimento, uma população de 64 milhões de pessoas submergiu, salvando-se os que vieram para a América. Sua teoria também foi apresentada de forma mais completa no artigo publicado no evento *X Raízes de Osório e Caraá*, intitulado *Caraá- Cará- Acará- Casca, concavidade, ñame, peixe, taquara* (1999)⁷⁷.

⁷⁷ Para mais informações: <http://a-origem-do-homem.blogspot.com.br/2013/05/o-misterioso-continente-perdido-de.html>; https://pt.wikipedia.org/wiki/James_Churchward; [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mu_\(continente_perdido\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mu_(continente_perdido)); <http://www.my-mu.com/>; <http://pt.conlang.wikia.com/wiki/Naacal>; <http://caosnosistema.com/ilha-de-pascoa-e-o-continente-perdido-de-mu/>. (pesquisa em 14/10/2015).

Se alguns historiadores locais escolhem um objeto e o seguem em diversos artigos, outros se destacam por terem uma temática pulverizada, que viria tanto de um gosto pela pesquisa em arquivo como pelo método utilizado. O historiador profissional Fernando Lauck possui um contato direto com os historiadores locais de Santo Antônio da Patrulha, tanto ao longo dos eventos *Raízes* e *Marcas do tempo* como no IHG-SAP. Ele explicou que:

Para o historiador acadêmico a pesquisa é direcionada, nós escolhemos um tema. Eu vou utilizar a minha última pesquisa como exemplo. Eu fui no museu Hipólito José da Costa buscar em todos os jornais sobre um crime em agosto de 1940. O outro historiador (local) iria para lá e olharia todos os jornais e vislumbraria uma série de possibilidades e encontraria uma série de dados para correlacionar com isso e futuramente já trabalhar. Esses historiadores, na minha visão, têm várias pesquisas ao mesmo tempo formatadas dentro das suas cabeças. Eu acredito que quando eles vão para dentro do arquivo vai pulverizando temas, o que para fontes históricas, para termos acesso, lermos e buscarmos é ótimo. (LAUCK, 2014:1)

Essa afirmação, proferida por alguém que convive neste universo, vem ao encontro do que detectamos como falta de “questão”. O gosto pelo arquivo e pelas múltiplas informações que ele pode trazer, pois o que está ali é a História, acaba levando alguns historiadores locais a tentarem realizar uma “História Total”. A autora Leda Saraiva Soares possui uma reconhecida trajetória em seu meio como historiadora de Tramandaí e Imbé⁷⁸. Em um artigo publicado no *Raízes Terra de Areia* ela abriu o texto explicando que fundamentou sua pesquisa em “notícias sobre o Litoral Norte”:

Realizei uma pesquisa no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, em Porto Alegre, buscando no Jornal Correio do Povo notícias sobre o litoral de 1901 a 1946. Colhi algum material também na Secretaria de Obras Públicas do Estado. Num segundo momento, munida de câmara fotográfica, fotografei o que pude para poder passar ao leitor o sabor da autenticidade da fonte. De 1901 até 1914 a pesquisa foi feita em microfilmes. Nessa busca, me realizei porque vi, por escrito, o que antes só ouvia falar através de informações nem sempre precisas. A partir de 1915 a fonte de dados foi o próprio jornal. Para minha alegria encontro uma riqueza de propagandas, um verdadeiro tesouro de informações sobre o litoral gaúcho. (SOARES, 1999:396)

Em entrevista, Soares explicou que para ela a investigação deveria ocorrer em duas áreas, uma delas seriam os arquivos, em especial os tabelionatos, a Cúria, as igrejas, onde se podem encontrar os documentos para a genealogia, os mapas antigos, os

⁷⁸ Balneários importantes do Litoral do Rio Grande do Sul

loteamentos; a outra seria a informação oral. Segundo ela, partindo de informações orais dos moradores de Tramandaí ela decidiu ir ao Museu Hipólito José da Costa (em Porto Alegre), a fim de tentar confirmá-las. Durante um ano ela buscou as edições de dezembro, janeiro e fevereiro: “(...) e então eu comecei a achar preciosidades não só de Tramandaí, os hotéis faziam propagandas para os hóspedes, e tinham escritórios em Porto Alegre que eram integrados nos sistemas de diligências, depois transportes e por fim com ônibus.” (SOARES, 2014:2)

Como foi apresentado, para Soares, da leitura dos jornais surgiu a ideia de expandir a pesquisa e publicar um livro que abarcasse todo o Litoral Norte/RS. O seu processo de pesquisa exemplifica a avaliação de Lauck, ao ler o jornal *Correio do Povo* do período de veraneio esta intelectual acabou encontrando temas diversos para sua escrita sobre o passado. Alguns historiadores locais acabam por tornarem-se especialistas em determinados arquivos, trocando indicações durante os eventos.

Os intelectuais locais, de modo geral, apresentam suas “questões” a partir de seu engajamento pessoal na cultura de sua cidade ou de suas curiosidades. Ao examinarmos todos os artigos dos autores que mais publicaram (tabela 6), não encontramos nenhuma referência a alguma reflexão teórica ou metodológica como nos trabalhos dos historiadores profissionais. Quando esta acontece, as explicações giram mais em torno da prática do que de questões historiográficas. Um exemplo está presente no artigo-entrevista publicado no *I Raízes de Santo Antônio da Patrulha*, onde os dois historiadores locais de Osório, Guido Muri e Cláudio Leal Domingos, dialogam sobre suas pesquisas a respeito desta cidade, em especial sobre suas controvérsias acerca de qual seria o povoado mais antigo:

Os ouvintes talvez estejam notando uma diferença entre o que diz o Cláudio e o que eu digo. É que o Cláudio estuda Conceição do Arroio no aspecto administrativo, desde a sua criação, sua fundação. Eu estou estudando a microistória. É diferente. Eu estudo as coisas locais e ele estuda desde a sua fundação. Por exemplo, eu não sei quando, nem quem foram os primeiros habitantes de Osório. O Cláudio sabe. Sabe da capela. Sabe de tudo o que eu não sei. Agora, o que aconteceu neste século eu sei. Nós estamos nos completando, ele com a história e eu com a microistória. (DOMINGOS e MURI, 1993: 49).

Estes historiadores locais apresentaram suas áreas de expertise, um vinculado aos temas mais cotidianos da cidade de Osório, sua história miúda/microistória, e outro

mais vinculado a uma história de longa duração, factual e política. Em alguns parágrafos anteriores à citação acima, Cláudio Leal Domingos abre esta entrevista com uma conclusão sobre a data de origem dos municípios:

Quando iniciei minha pesquisa, eu tinha ideia de que Santo Antônio da Patrulha é o começo da história da região. Mas, verificando o início do povoamento, concluí que Osório e Santo Antônio praticamente se igualam na ocupação inicial da região. Até porque há um personagem que se assentou entre Osório e Santo Antônio, na região da Lagoa dos Barros. Era ele Manoel de Barros Pereira. Esse foi um dos primeiros a ocuparem nossa região e a gente poderia situar, ora como de Santo Antônio, ora como de Osório. Quando pesquisei os livros de batismo de Conceição do Arroio, lá o encontrei em batizados e casamentos como testemunha ou até como padrinho. (DOMINGOS e MURI, 1993: 47).

Nos parágrafos seguintes, Guido Muri apresenta alguns desses fatos “menores” que ele chama de microistória, e que seria uma prova de que os municípios, embora rivais, estavam integrados através das festividades e sociabilidades:

Mas temos outros aspectos na integração de Santo Antônio com Conceição do Arroio. O cavalo, por exemplo. Quem é que se lembra da égua Mariquita? Alguém se lembra do Coronel Victor Villa Verde? Esta égua Mariquita fazia a integração entre Conceição do Arroio e Santo Antônio. Correndo em Passinhos, distrito de Conceição do Arroio, que fica aqui perto. Essas carreiras juntavam gente de Santo Antônio, Porto Alegre, Viamão e até Torres além de Conceição do Arroio. Então nós vemos a integração através das patas de cavalo! (DOMINGOS e MURI, 1993: 48).

Os dois excertos acima exemplificam as duas formas de escolha temática e métodos de pesquisa mais comuns entre os historiadores locais no Litoral Norte/RS. Uma parcela situa e desenvolve seu tema a partir da pesquisa sistemática nos arquivos, precedida de uma “questão” ou de uma curiosidade pessoal, a partir daí, torna-se um “especialista” naquele assunto, ou tenta cobrir o maior número de dados possível para “reconstruir” o passado: “no aspecto administrativo, desde a sua criação, sua fundação” (DOMINGOS e MURI, 1993: 47). Escreve artigos, entra em discussões com os pares. Outro princípio norteador está mais ligado à memória e à identidade. Não que essa coleta exaustiva de dados não sirva para “suprir” esse pertencimento. Este “outro” historiador local se ocupa em coletar os “causos”, as memórias orais, as lembranças. Ele coleciona as histórias pitorescas, engraçadas, trágicas que circulam na sua região. E, da mesma forma que a autoridade do historiador local de arquivo está na sua pesquisa, este

reside e ancora sua legitimidade na escolha de suas fontes orais e no seu critério de avaliação.

Outros historiadores ainda circulam por estes dois modelos, ora encontramos artigos com uma pesquisa mais sistemática em arquivos para no texto seguinte trazer um relato sobre como sua família comemorava o Natal, por exemplo. Ambos vistos, por eles e possivelmente pelo grupo, com uma legítima contribuição para a história da região. O conhecimento da prática de pesquisa em arquivo, a transcrição de documentos, leitura de mapas, descoberta e organização de acervos, são elementos que aproximam os historiadores locais dos historiadores profissionais. Mas, embora o método possa ser adequado, para Prost, a *questão* que guia a pesquisa deve fazer avançar a História, estar em consonância com o trabalho dos demais historiadores, possuir relevância social e científica. Podemos nem sempre ter encontrado uma *questão*, de forma claros textos e resultados de pesquisa dos intelectuais analisados, mas, sem dúvida, o esforço na busca pelo conhecimento dos fatos passados denota sua paixão e engajamento pela pesquisa da História e Memória local. E essa busca, segundo Prost, é um importante elemento no ofício do historiador:

Não creio que seja possível ser um bom historiador sem um pouco de paixão, sinal de relevantes desafios pessoais. O enraizamento existencial da curiosidade no âmbito da história explica a constância da pesquisa, o esforço despendido pelo historiador e, convém reconhecer, igualmente, o prazer e a alegria prodigalizados, às vezes, pelo exercício desse ofício. (PROST, 2008: 82)

A paixão, a curiosidade, o sentido de missão, todos esses elementos fazem parte da forma de operação dos historiadores locais. Como já foram apresentadas no capítulo anterior, estas pessoas desenvolvem uma trajetória paralela às suas profissões. Claro, muitos também atuam nos municípios na área da Educação ou da Cultura, nestes casos, o papel de “historiador” traz elementos de prestígio e eventualmente alguma vantagem financeira. Mas, sem dúvida, existem orgulho e prazer no exercício destas investigações sobre o passado.

As marcas de historicidade e os artigos dos historiadores locais

Os eventos estudados nesta tese são apresentados como encontros de História pelos organizadores e autoridades municipais, essa perspectiva se materializa nos discursos de Abertura e Apresentação no início de cada evento⁷⁹:

O significado deste encontro, para quem participa, seja na condição de organizador ou assistente, é extrair da história, de iguais, a singularidade de cada feito, de cada acontecimento; é enaltecer a lida, o processo, para poder compreender um povo que se distingue por ter um começo marcado pela solidão das tropeiradas, pelo som do canto migrante e pela dor das distâncias e pela alegria de seus folguedos. (BIER e MORAES, 2000: 15)⁸⁰

Neste texto, as organizadoras apresentavam o que *esperavam* do evento, ou seja, mostrar a História para compreender o povo. Os participantes do encontro, por outro lado, certamente traziam diferentes expectativas e noções sobre a importância da História e quais operações são necessárias para produzi-la. Em nossa reflexão sobre a escrita da História e da Memória pelos intelectuais locais do Litoral Norte/RS utilizamos alguns critérios como baliza para analisarmos os textos. Na sessão anterior investigamos o uso da “questão” como ponto de partida e norteador da pesquisa e pretendemos mapear alguns métodos de pesquisa utilizados por estes autores. Outro elemento da operação historiográfica a ser aqui analisado é a dimensão textual do ofício do historiador:

De forma mais geral, um texto ‘histórico’ (ou seja, uma nova interpretação, o exercício de métodos próprios, a elaboração de outras pertinências, um deslocamento na definição e no uso do documento, um modo de organização característico, etc.) enuncia uma operação que se situa no interior de um conjunto de práticas. Esse é o primeiro aspecto, essencial numa pesquisa científica. Um estudo particular será definido pela relação que estabelece com outros contemporâneos, com um ‘estado da questão’, com as problemáticas exploradas pelo grupo e os pontos estratégicos constituídos por elas, com os postos avançados e as distâncias assim determinadas ou tornadas pertinentes em relação a uma pesquisa em curso. Cada resultado individual inscreve-se num conjunto cujos elementos dependem estreitamente uns dos outros, cuja

⁷⁹ Outro exemplo: “Estamos alcançando os objetivos, a que se propõem os simpósios, de resgate da história das colônias alemãs do Litoral Norte, em especial neste ano em que o Estado está em festa pelos 180 anos da chegada dos pioneiros. O Litoral Norte/RS, com certeza, no ano de 2006, quando comemorará a mesma efeméride, saberá mostrar ao Estado e ao país que também tem história teuto-brasileira.” (ELY e BORGES, 2004: 17). Apresentação do *Marcas do Tempo – Três Cachoeiras*.

⁸⁰ Prefácio I, escrito pelas secretárias de educação e de desporto e turismo de Santo Antônio da Patrulha, para o *X Raízes*.

combinação dinâmica forma, num momento dado, a história. (CERTEAU, 1988: 23)

Segundo Certeau, o historiador deve apresentar suas práticas, relacionar sua pesquisa com aos seus contemporâneos indicando suas aproximações e diferenças e inserindo-se em um conjunto inter-relacionado com a atividade de seus colegas. O resultado destas operações tem valor quando é reconhecido pelos pares e revela um progresso em relação ao estatuto dos objetos: “O livro ou artigo de história é ao mesmo tempo, um resultado e um sintoma do grupo que funciona como laboratório” (CERTEU, 1988: 23). Em nossas fontes, os anais dos eventos estão apresentando o resultado das pesquisas de diversos grupos, dos acadêmicos e dos historiadores amadores ou pesquisadores. E como tal servem de suporte a pesquisas posteriores dentro deste grupo de historiadores locais. Sabemos disso, pois em diversos textos encontramos referência a artigos publicados em outra edição e que serviram de fonte para a continuação da pesquisa⁸¹.

Outra forma de verificarmos as *marcas de historicidade* deixadas nos textos é dada por Anthony Grafton (1998). Segundo este autor, a presença das notas de rodapé seria um dos elementos que tornaria o texto histórico verificável por seus pares, sendo um passo importante para a concepção moderna de historiografia. Portanto, os textos aceitáveis, conforme os padrões do ofício, teriam as fontes e bibliografia apresentadas de forma clara, permitindo que todos seguissem os rastros do autor.

Partindo deste pressuposto, verificamos um a um os artigos publicados por “historiadores acadêmicos”, “historiadores locais” e “pesquisadores” nos treze livros fontes desta tese e lançamos os dados em uma planilha que nos gerou os seguintes gráficos⁸²:

⁸¹ É bastante comum encontrar um texto publicado no *Raízes* citando outro texto publicado em evento anterior, como neste caso: “O valioso estudo de pesquisa de Gaspar H Stemmer e Hugo E. Petry em ‘*Os cemitérios das comunidades do Vale: genealogia, antropologia e arte*’ e de Isete .M. Koliver em ‘*Descendentes do Pastor Carl L. Voges*’ (in *Terra de Areia- Marcas do tempo*) ambos organizados por Nilza Huyer Ely. Aliás tal demonstra à sociedade a importância e o valor de tais anais. “(LIMBERGUER, 2003: 164). Os textos dos anais mais citados foram os publicados por Véra Lucia Maciel Barroso Marcos Antônio Witt e Carlos Dreher (sobre imigração), historiadores profissionais, mas também utilizam textos de historiadores locais, especialmente quando estes transcrevem documentos, tiram então destes textos os trechos necessários para sua análise.

⁸² Os gráficos dos três grupos (“historiadores locais”, “historiadores acadêmicos” e “pesquisadores”) lado a lado estão disponíveis no anexo 6.

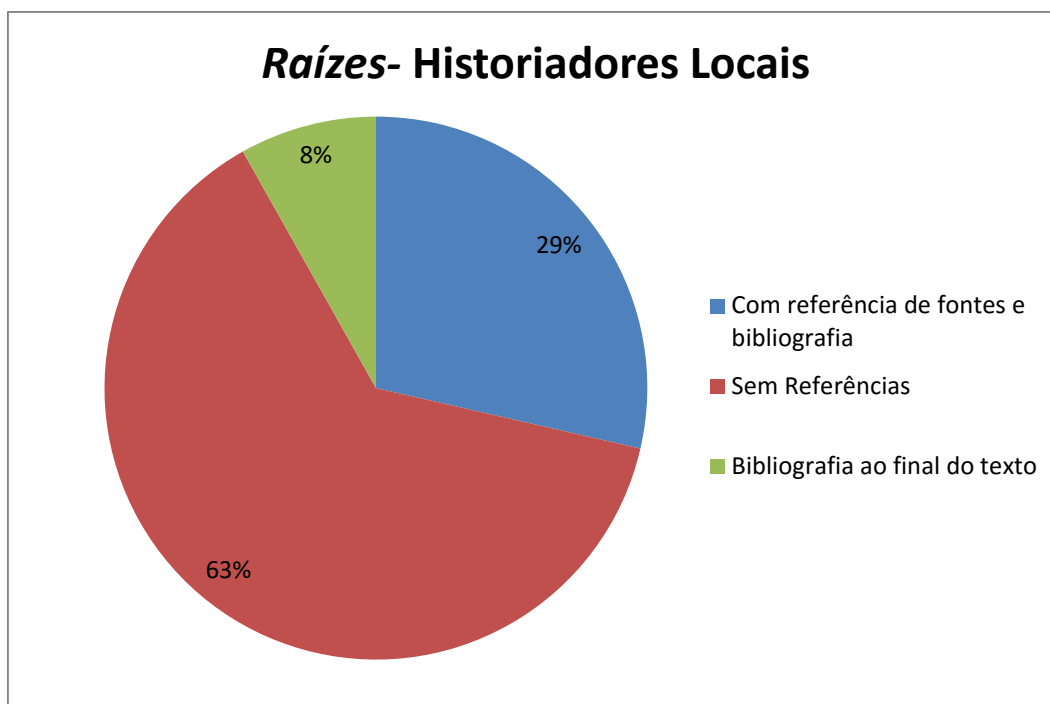


Gráfico 8 - Uso de referências pelos “historiadores locais”. Total de artigos: 164. Fonte: anais dos eventos *Raízes* analisados nesta tese.

No gráfico acima, vemos que pouco menos que a metade dos historiadores locais apresentou alguma referência de fontes ou bibliografias dos textos publicados nos anais do *Raízes*. Outra parte significativa não apresentou nenhuma indicação sobre onde retiraram as informações e os documentos utilizados em seus textos ou em notas de rodapé e bibliografias. A inexistência de elementos de comprovação é ainda maior entre os pesquisadores, conforme o quadro a seguir:

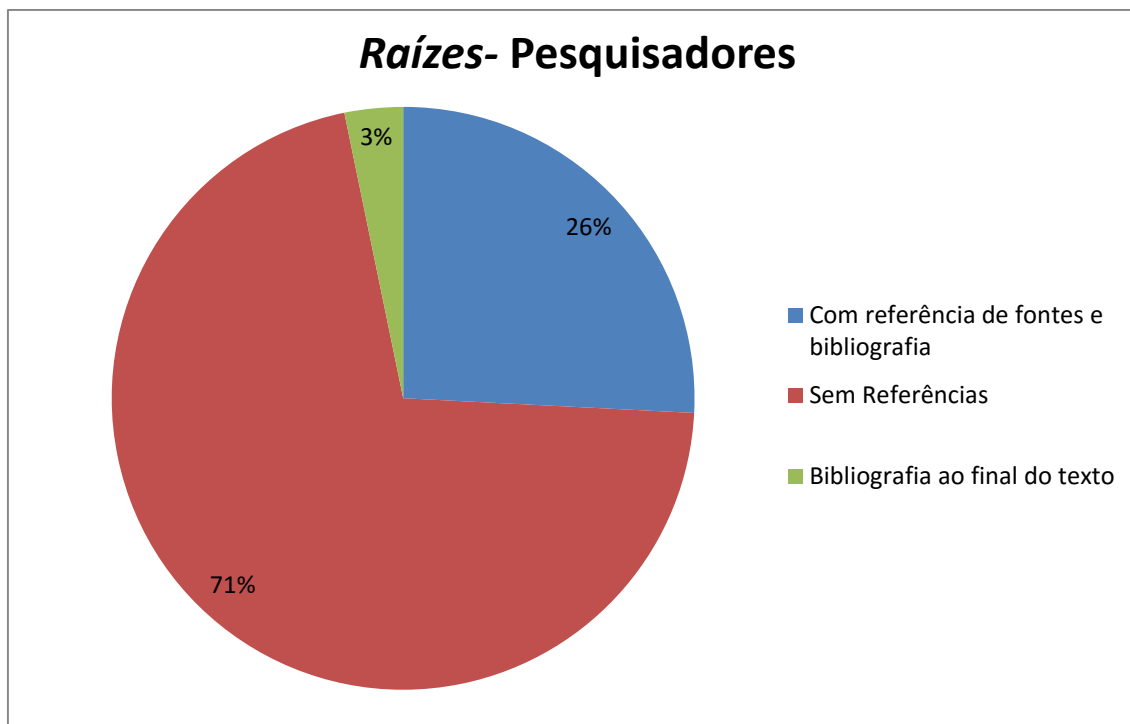


Gráfico- Uso de referências pelos “pesquisadores”. Total de artigos: 240. Fonte: anais dos eventos *Raízes* analisados nesta tese.

É muito difícil inferirmos o porquê destes autores não apresentarem suas referências no texto. Poderia ser por não conhecerem os regramentos da ABNT e isso tampouco ser exigido da organização no momento da publicação, mas também pode ser por terem em sua figura a legitimação de seu discurso no meio dos intelectuais locais. Neste caso, o processo todo, da pesquisa à escrita, leva estes historiadores locais a exercerem função de um “testemunho”, de acordo com a análise de Ricoeur:

O testemunho nos leva, de um salto, das condições formais ao conteúdo das ‘coisas do passado’ (praeterita), das condições de possibilidade ao processo efetivo da operação historiográfica. Com o testemunho inaugura-se um processo epistemológico que parte da memória declarada, passa pelo arquivo e pelos documentos e termina na prova documental. (RICOEUR, 2007: 170)

A escrita da história, por estes autores, teria esse caráter, ou seja, ele executou essas operações para chegar ao conteúdo do passado. Ricoeur, em sua sessão sobre o papel do testemunho dentro da História, explica que este, depois de constituir arquivo, “(...) ressurgue no fim do percurso epistemológico no nível da representação do passado

por narrativas, artifícios retóricos, colocação em imagens.” (RICOEUR, 2007: 170). O historiador local, através de suas pesquisas, “acessou” a História e agora, partido deste acúmulo de documentação (escrita, oral, memorial), pode *contar* a história do seu município.

Outro elemento que deve ser levado em consideração na análise dos gráficos é o caráter aberto dos eventos *Raízes*. Como já foi apresentado no primeiro capítulo, os “historiadores locais” e “pesquisadores” inscritos traziam diversas formações e, muitas vezes, os artigos apresentados constituíram-se de relatos de memória, biografias de familiares ou de autoridades locais, além de explicações sobre a ‘história’ de determinada localidade ou até mesmo empresa. Esse caráter memorialístico pode ter levado estes autores não verem necessidade em apresentar suas referências.

O outro evento analisado, *Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte/RS- Marcas do tempo*, trouxe em seu nome a proposta de ser um encontro de pesquisadores, aberto a toda a comunidade e organizado em parceria com a prefeitura. No gráfico abaixo mostramos o uso de referências nos textos deste evento. Apresentaremos primeiro o gráfico dos historiadores locais e em seguida dos pesquisadores.

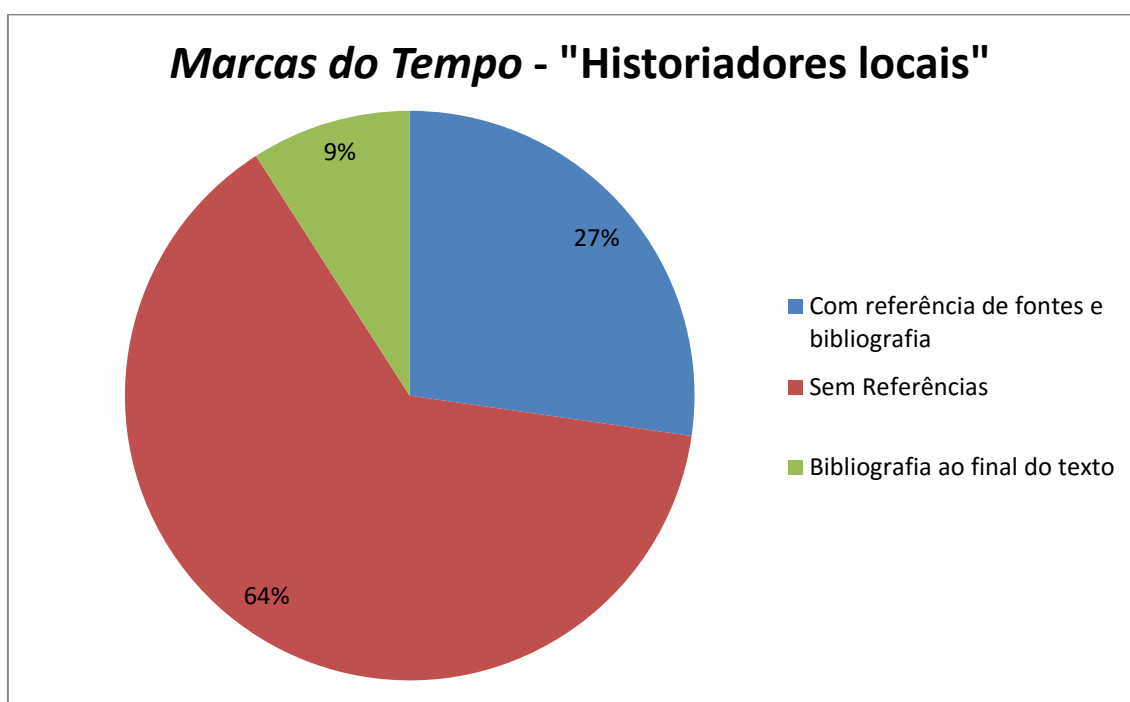


Gráfico 10- Uso de referências pelos “historiadores locais”. Total de artigos: 48. Fonte: anais dos eventos *Marcas do tempo* analisados nesta tese.

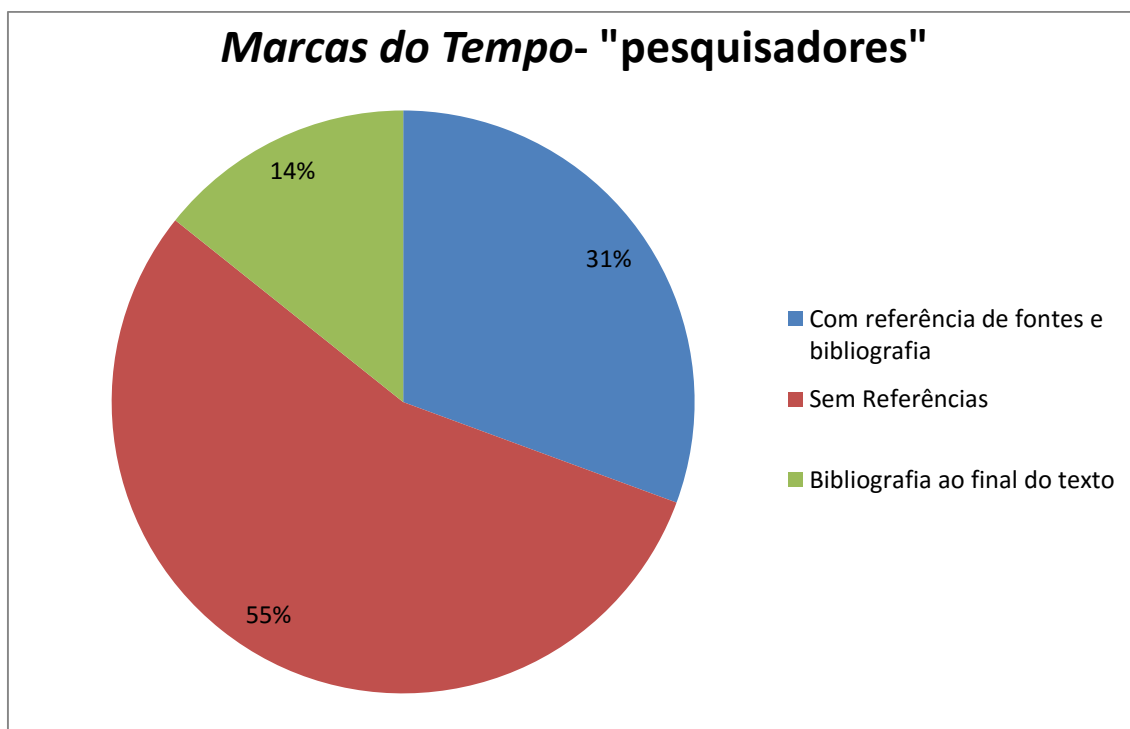


Gráfico 11- Uso de referências pelos “pesquisadores”. Total de artigos: 56. Fonte: análise dos eventos *Marcas do tempo* analisados nesta tese.

Os encontros *Marcas do tempo* apresentam-se como um simpósio sobre imigração alemã. A partir de sua proposta, uma pessoa que olhasse a partir do *mundo acadêmico* poderia depreender que os textos apresentados e publicados estariam ancorados em marcas de historicidade familiares aos eventos universitários de História. Nossa primeira hipótese seguia nesta linha, mas, ao montarmos os gráficos acima, percebemos que os “historiadores locais” mantiveram um padrão próximo ao *Raízes*, este um evento com forte cunho de celebração da memória local. Os “pesquisadores”, por outro lado, indicaram mais referências em seus textos. Quando retornamos aos materiais a fim de compreender este fenômeno, encontramos a presença de genealogistas e pesquisadores que possuem um “campo de pesquisa” sobre imigração e fazem parte de outros círculos de discussão como o Instituto Histórico de São Leopoldo e a Associação Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-brasileiras. Talvez, por estes autores estarem inseridos em um grupo mais abrangente, a importância de apresentar as referências fosse mais cobrada pelos pares.

Nos dois encontros poucos textos de “historiadores locais” e “pesquisadores” apresentam notas de rodapé e referências (“com referências de fontes e bibliografia”) sobre onde podem ser encontrados os documentos utilizados. Entre os autores com maior número de publicação nos eventos *Raízes* e *Marcas do tempo* apresentados na tabela 7, apenas quatro indicaram com frequência as referências de pesquisa em seus textos. Em alguns casos, como nos trabalhos da historiadora local e organizadora dos encontros, Nilza Huyer Ely, ela apresenta as referências ora em nota de rodapé ora no corpo do texto, e é possível perceber que ela incorporou essa prática em sua escrita ao longo dos eventos, pois seus textos iniciais não possuíam notas sobre a localização da documentação e apenas algumas vezes indicavam alguma bibliografia utilizada. Além dela, Marília Daros, Jacy Waldyr Fischer e Ruy Ruben Ruschel também apresentam notas de rodapé e referências de pesquisa. Com isso, podemos inferir que nas trocas estabelecidas internamente entre os historiadores locais e talvez no contato com os historiadores profissionais, algumas metodologias do ofício do historiador foram apreendidas, especialmente por aqueles que passaram a utilizar estas marcas ao longo de sua trajetória intelectual.

Todavia, percebemos que estes autores citados só enunciam as fontes quando utilizam documentos de arquivo e suas notas nem sempre estão completas (lata, maço, número do documento, etc.), algumas vezes quando se referem a livros e quase nunca no caso de depoimentos orais. Ao não apresentarem suas fontes, estes pesquisadores acabam quebrando uma “regra” do ofício de historiador, pois, segundo Prost: “As regras da crítica e da erudição, a obrigação de fornecer suas referências, não são normas arbitrárias; certamente, elas constituem a diferença entre o historiador profissional e o amador ou o romancista.” (PROST, 2012:61).

A segmentação dos temas de pesquisa entre os autores acaba fazendo com que um determinado historiador local seja o “especialista” naquele objeto de pesquisa, ou naquele período histórico e isso, por si só, já autoriza o texto. O historiador Fernando Lauck apresentou um exemplo ocorrido no grupo dos intelectuais locais de Santo Antônio da Patrulha:

Eu me lembrei de uma situação agora, em que eu não vou falar nomes, eu estava pesquisando sobre um tema, e postei nas redes sociais que estava investigando, e um destes historiadores locais ficou um pouco ofendido e disse que “este tema já foi pesquisado”. Como se houvesse uma ligação,

“esse tema é meu”. Tudo bem, este tema já foi pesquisado, mas não dentro da problematização que eu estava propondo, dentro do meu recorte. Esta visão eu acho que eles não têm. E eu não discuto e não gosto de discutir com estes historiadores, primeiramente por uma questão de respeito. Agora se for em termos acadêmicos é outra coisa. (LAUCK, 2014: 5)

Neste trecho acima, podemos ver que entre os historiadores locais podem existir tensões que seguem uma lógica diferente da prática acadêmica, onde a crítica e a problematização não deveria estar fechada e qualquer historiador, em princípio, poderia trabalhar com qualquer temática, já que a possibilidade do problema na pesquisa histórica estaria aberta a todos⁸³. Entre os historiadores locais, operando com outra lógica de trabalho, o controle é feito pelos pares nos institutos históricos, como o IHG-SAP, ou na Academia dos Escritores do Litoral Norte. Estas disputas ocorrem, pois, muitos historiadores locais acreditam que, ao apresentarem suas pesquisas, elas seriam “definitivas”; já nas práticas acadêmicas as marcas de historicidade permitem que se possa fazer avançar o campo. Um indício dessa percepção encontramos na abertura do *Marcas do tempo*, em que Ely apresenta Ruy Ruben Ruschel:

É de justiça destacar, entre as excelentes abordagens, o trabalho do nosso muito querido e saudoso doutor Ruy Ruben Ruschel que nos brindou em sua última e elucidativa palestra, com o tema “*Por que foram os colonos separados por motivos religiosos*” que, fundamentado em pesquisa meticulosa através de farta documentação, **dirimiu toda e qualquer dúvida até então suscitada**. (ELY, 2000: 11) [grifo meu]

Na cena cultural das cidades é que ocorre de forma orgânica e tácita a definição sobre quem pode trabalhar com qual tema, e quem possui a autoridade para escrever sobre este assunto. Estas áreas de expertise são lembradas nos vários textos homenageando os intelectuais da região, vivos ou já falecidos. Um exemplo disso, narrando a trajetória de Ruy Ruben Ruschel, foi publicado no livro *Torres - Marcas do tempo* (2003):

Devemos, por questão de justiça, destacar que nestes 175 anos de história a maior pesquisa sobre a Colônia Alemã de Torres e do Litoral Norte como um todo foi feita pelo Doutor Ruy Ruben Ruschel que dedicou décadas de sua existência a perscrutar arquivos de toda ordem, no estado, no país e fora dele, recolhendo material precioso que foi em parte divulgado através de crônicas e que está sendo reunido e compilado para publicação em obra única.

⁸³ Sabemos que também existem conflitos entre os historiadores acadêmicos, mas estes costumam ser encaminhados em debates nas revistas especializadas ou pelo silêncio em citar o trabalho de um colega em sua pesquisa.

Deve-se à pesquisa do Dr. Ruy a publicação do livro *Vale do Três Forquilhas- Imigração Alemã- 170 anos*, da Editora EST, em 1996, contendo uma série de documentos transcritos dos originais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. (ELY, 2003:37)

A partir da análise dos gráficos apresentados nesta sessão podemos refletir sobre a natureza dos textos dos historiadores locais, buscando compreender suas lógicas de produção e sentido. Certeau apontou que “O lugar concedido à técnica faz a história cair para o lado da literatura ou para o lado da ciência” (CERTEAU, 1988: 28). A maior parte dos artigos publicados nestes anais não traz as “marcas” de uma operação historiográfica, se tomarmos o critério da apresentação das fontes e do caminho da pesquisa como determinante. Aproximam-se mais dos relatos de memória ou de uma história de vulgarização, do que de um texto de história.

Dentro deste esforço para compreendermos as práticas dos historiadores locais do Litoral Norte/RS, um grupo múltiplo e diverso entre si, ora aproximando-se de práticas antiquárias e memorialistas, ora flertando com o *mundo* acadêmico, experimentamos a definição de *history maker* forjada por Marieta de Moraes Ferreira (2002). Em seu texto sobre História, Tempo Presente e História Oral, Ferreira discorreu sobre o caráter de mercadoria que a memória adquiriu atualmente, nas celebrações invadiu o cotidiano e tornou-se “memória domesticada”. Neste momento, segundo ela, estabeleceu-se uma confusão entre memória e história e entre o historiador e o *history maker*. Ela os define da seguinte forma:

Essa denominação é atribuída aos autores que escrevem sobre o passado sem fazer uso das regras estabelecidas pela comunidade acadêmica, ou que recolhem depoimentos orais carregando a crença em que o relato individual expressa em si mesmo a história. Enfim, generaliza-se uma confusão entre história-objeto e história-conhecimento, entre história vivida e história como uma operação intelectual. (FERREIRA, 2002:328)

Os vários historiadores locais, analisados nesta tese, acreditam que os relatos sobre o passado são a expressão fiel da História. Leda Saraiva Soares, “historiadora de Tramandaí”, contou que sua primeira incursão na pesquisa sobre esta cidade ocorreu após ter percebido que não havia nenhuma publicação sobre Tramandaí ou Imbé e, por conta própria, passou a “entrevistar as pessoas antigas”, utilizando depois este material como base para seu primeiro livro. Além disso, os anais dos eventos contam sempre

com diversos relatos biográficos baseados apenas em entrevistas ou memórias. A história vivida, nestes casos, é tomada como história-conhecimento, como foi indicada por Ferreira (2002). Um exemplo é o texto-homenagem à professora Elza Tieböhl do Nascimento, feito por Ely, em que após narrar a vida da educadora e as agruras da profissão na década de 1940, conclui: “O resgate da história das comunidades teuto-brasileiras do Litoral Norte passa, necessariamente pela família Tieböhl, em especial pela professora Elza, como referencial de cultura e dedicação.” (ELY, 2004:20). O relato da trajetória desta família ou a descrição da entrevista com um descendente seria por si *a* História. Sendo assim, seria coerente para estes autores não indicar bibliografia ou apresentar a questão norteadora da pesquisa; para eles já estaria claro, aquilo já é, constituiria a História em sua fonte mais límpida.

Outro aspecto nos trabalhos dos *history makers*, segundo Ferreira (2002:328), seria o fato de ser mais atraente e de leitura mais agradável ao grande público. Segundo ela, “Estabelece-se assim uma competição entre duas formas de acesso ao passado e reatualiza-se a disputa entre amadores e profissionais.” Nas obras analisadas aqui, o mundo acadêmico não é pretendido como plateia ou leitor dos anais. Neste caso a concorrência que existe é velada, ocorre nas publicações lado a lado dos artigos produzidos por historiadores profissionais e pelos historiadores locais versando sobre o mesmo tema. Fica, então, a cargo da audiência ou do leitor observar estas disputas de versões e usos do passado.

O conceito de *history maker* pode dar conta de uma série de elementos que estão presentes nas práticas dos historiadores locais do Litoral Norte/RS. Muitos deles, de fato, tomam a “história vivida” pela “história-operação historiográfica”. Os seus textos são voltados para sua comunidade, não se preocupam então em indicar a bibliografia ou deixar claro o problema de pesquisa que os guiou até os arquivos. Mas, o que fazem então? Voltaremos a Certeau:

“Finalmente, o que é uma ‘obra de valor’ no âmbito da história? Aquela que é reconhecida como tal pelos pares. Aquela que pode ser situada num conjunto operatório. Aquela que representa um progresso em relação ao estatuto atual dos ‘objetos’ e dos métodos históricos, e que, ligada ao meio no qual é elaborada, torna possíveis, a partir daí, novas pesquisas. O livro ou artigo de história é ao mesmo tempo, um resultado e um sintoma do grupo que funciona como laboratório.” (CERTEAU, 1988:23)

Não cabe a esta tese delimitar o que tem ou não valor como um livro de História. Os historiadores locais do Litoral Norte/RS realizam um prestigiado serviço na vida cultural da região. Em um contexto de pouquíssimos trabalhos universitários, de poucos cursos superiores, eles empenharam-se em fazer um levantamento de fontes, publicar alguns documentos, divulgar arquivos e pressionar o poder público para sua adequada manutenção. Em muitas cidades, os anais do *Raízes* e do *Marcas do tempo* são as únicas obras de consulta para os trabalhos escolares e para as aulas de História. O que pretendemos é compreender como eles produziram estes materiais, que passos e processos estão por trás desta prática dos historiadores locais, um grupo que possui distanciamentos e proximidades com os historiadores profissionais.

3.2. História, Memória e Identidade nos anais do *Raízes* e do *Marcas do tempo*

Na concepção inicial dos eventos *Raízes* e *Marcas do tempo* já estava incluída a organização dos anais, com as palestras, conferências, pronunciamentos das autoridades e todas as comunicações enviadas em tempo para o fechamento da edição. Essa pluralidade de autores gerou um material *sui generis*. Como já foi apresentado, figuram um após outro, artigos escritos dentro das normas acadêmicas da historiografia contemporânea e relatos de memória apresentados por filhos, netos, professores, alunos e quem mais se dispuser a participar.

Os encontros de história local no Litoral Norte/RS cumpriram a dupla função de “congresso” de intelectuais e comemoração da memória e identidade das cidades-sede. As datas dos eventos, na grande maioria das vezes, coincidem com os aniversários de emancipação, ou, no caso do *Marcas do tempo*, com as comemorações referentes à imigração alemã e às datas locais. Essa comemoração da história/memória está dentro do contexto apresentado por Hartog ao refletir sobre o avanço das comemorações e da importância do patrimônio na sociedade atual:

Três palavras-chave resumiram e fixaram esses deslizamentos de terreno: *memória*, mas trata-se na verdade, de uma memória voluntária, provocada (a da história oral), reconstruída (da história, portanto, para que se possa contar sua história); *patrimônio* – 1980 foi decretado o ano do Patrimônio-, o

sucesso da palavra e do tema (a defesa, a valorização, a promoção do patrimônio) acompanha a crise da própria noção de “patrimônio nacional”; *comemoração*, de uma comemoração à outra poderia ser o título de uma crônica dos últimos vinte anos. Esses três termos apontam para um outro, que é como seu lar: a identidade. (HARTOG, 2013: 156)

Na citação acima observamos uma articulação das três palavras-chave destacadas por Hartog com a conformação da identidade, valor caro aos encontros de história local, e suas relações com a memória e a comemoração. Quando os eventos iniciaram sua trajetória no início dos anos 1990, *Raízes*, e 2000, *Marcas do tempo*, seus organizadores se propunham a comemorar e através dos encontros rememorar sua história, contar e festejar sua memória e sua identidade. Os dois argumentos principais: relembrar às cidades “filhas” e “netas” que estavam vinculadas ao município de Santo Antonio da Patrulha e trazer à tona os elementos de identidade e a história dos imigrantes alemães no Litoral Norte/RS, participam desta busca pelas “origens” que tomou conta dos discursos sobre o passado no final do século XX e chega até a atualidade. Por “origens” tomamos uma seleção de fatos e feitos do passado, onde, em nosso caso, relembram-se tropeiros e imigrantes, estancieiros e governantes.

Os artigos publicados nos anais contemplam uma diversidade de perspectivas que a sociedade possui sobre seu passado. Na sua constituição os eventos dividiam-se entre autores/palestrantes convidados entre os intelectuais locais e os contatos acadêmicos das organizadoras, e um grande número de “outros”, interessados, cativados, motivados a apresentarem seu testemunho, contarem suas memórias/sua história. Esta divisão embora formal, pois decorria do convite a algumas pessoas, na prática se diluía no correr dos dias.

Dentro desta pluralidade temática, os relatos memorialísticos acabaram tomando um grande espaço, especialmente nos encontros *Raízes*. Pierre Nora (1993) ao desenvolver o conceito de *lugares de memória*, apresentou este anseio pela memória como um processo articulado com a consciência da ruptura com o passado: “Há locais de memória porque não há mais meios de memória.” (NORA, 1993: 7).

Partindo deste pressuposto, quando analisamos cronologicamente os volumes dos anais do *Raízes*, em especial, é possível observar um incremento dos “temas de memória” sobre as problemáticas mais usuais na pesquisa histórica. Novamente, Nora

explica que “O que nós chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar.” (NORA, 1993:14). Dentre os exemplos desta vontade de memória estão os diversos relatos sobre as “histórias” das escolas, feitos pelos alunos e publicados nos anais, bem como relatos sobre comércios e fábricas da região, contando sua fundação, a luta para manter o empreendimento, as histórias de família.

Este propósito de acumulação de memória⁸⁴ e de vestígios do passado nos encontros de história local cresceu com a atitude das organizadoras de convidarem a todos para apresentarem seus relatos. Barroso explica a dinâmica de captação de comunicações:

As prefeituras necessitam ter uma comissão de história local, ou seja, levantar todos os temas possíveis no âmbito da política, da religião, da economia, da sociedade, do folclore, credices, superstições, manifestações populares. Na educação, era importante que pegassem rua a rua o que tinha de interessante, listar todos os temas possíveis e impossíveis sobre o passado. Sobre abate de porcos, primeira comunhão, temas que são atemporais, os que nós não conseguimos, eu tentei buscar, às vezes eu nem sequer conhecia a pessoa e agendava uma entrevista de História Oral. (BARROSO, 2014: 11)

Para conseguirmos dar conta da diversidade temática dos encontros e também acompanhar as tendências e modificações ao longo do tempo, foram criadas categorias genéricas, que serviram de ponto de apoio para uma análise mais complexa. Essa classificação pretende ser útil para a leitura e reflexão que farei sobre o material, tendo como objetivo operacionalizar uma análise mais aprofundada deste volume de artigos. Os artigos foram lidos um a um e lançados em uma tabela, conforme explicitado na Introdução e como pode ser conferido no anexo 4 onde apresentamos uma página deste arquivo.

Após a leitura de cada artigo, esse era nomeado de acordo com as seguintes categorias:

⁸⁴ “A medida que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos documentos, imagens, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história.” (NORA, 1981: 14).

* Relatos biográficos, genealogias, memórias – neste campo lançamos os artigos que traçavam o memorial de famílias, personagens da comunidade, memórias pessoais dos autores, relatos sobre entidades públicas ou privadas, listagens genealógicas e memórias sobre eventos que ocorreram nas comunidades;

* Relatos históricos - ocupação, imigração, origens dos municípios – todos os artigos que apresentavam descrições históricas sobre imigração, primeiros habitantes da região, dados e análises sobre o Litoral Norte/RS no século XVIII, XIX e início do século XX que não tivessem um cunho memorialístico em sua narrativa;

* Folclore do Litoral Norte e tradições de imigração – foram elencados os relatos e descrições do folclore local, festividades religiosas e sociais, cantigas, lendas, tradições culinárias e contos folclóricos ou cômicos da tradição oral vertidos para um texto escrito;

* Prefácios, homenagens e histórico do evento – nesta categoria incluímos os textos de abertura, homenagens aos historiadores ou figuras importantes das cidades e também os relatos rememorando eventos passados;

* História do Litoral Norte - 1950-2000 – este item contém poucos artigos, o que por si já representa um dado significativo, situando na virada do XIX e início do século XX a maioria dos artigos;

* Discussões sobre a escrita da História – neste tópico foram relacionados todos os textos que traziam reflexões sobre métodos de pesquisa, discussões historiográficas, arquivos e museus disponíveis para consulta, história da historiografia do Litoral Norte e balanços sobre a produção de história em geral e local;

* Meio ambiente, turismo e arte cimiterial – são temas bastante específicos, os primeiros dando conta das descrições geográficas e biológicas da região, normalmente assinados por biólogos, geógrafos e geólogos e projetos de turismo propostos, na maioria das vezes, pelo poder público; o tema da arte descreve os cemitérios da região com muitas publicações de bolsistas do professor Günter Weimer.

Os temas foram condensados no menor número de categorias possível, a fim de viabilizar a leitura e interpretação dos gráficos.

O primeiro *Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha* (I EMOSAP) ocorreu em 1990. Barroso, no texto de abertura, apresentou os motivos para tal empreendimento: “O evento justifica-se como a primeira oportunidade de retomada da trajetória dos municípios que percorreram uma caminhada histórica conjunto, e que ainda não foi resgatada.” (BARROSO, 1993: 16). Esse primeiro evento contou com nove conferências e nove comunicações, divididas na temática apresentada no gráfico abaixo:

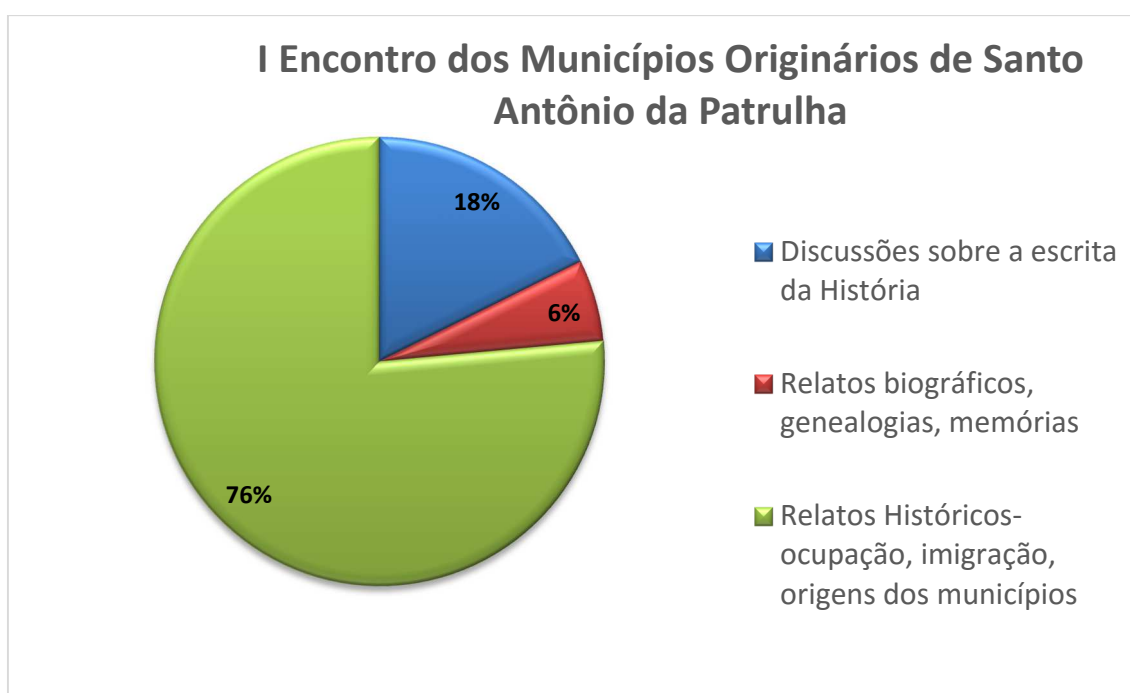


Gráfico 12- Temas abordados no *I Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha* (1990). Fonte: Raízes de Santo Antônio da Patrulha, São Francisco de Paula e Tramandaí. Total de artigos: 18.

O I EMOSAP, como ficou conhecido, iniciou timidamente, com convidados e aberto ao público, especialmente para os professores do município que participaram como ouvintes. Conforme se verifica no gráfico 12 a maior parte das conferências tratou da origem histórica de alguns municípios da região⁸⁵.

⁸⁵ É possível acompanhar a mudança gradativa nas temáticas dos encontros nos gráficos do Anexo 7.

Neste evento, devemos destacar a sessão que se dedicou ao sistema de arquivos e museus. Na abertura do livro, encontramos uma série de artigos, escritos pelos representantes dos arquivos e museus da região, que apresentavam para o público as possibilidades de pesquisa e os acervos do Litoral Norte/RS. O artigo *O acervo documental do Arquivo Histórico de Santo Antônio da Patrulha - possibilidades de pesquisa dos municípios desmembrados*, de Lézia Maria Cardoso de Figueiredo, então diretora do Museu Antropológico Caldas Júnior de Santo Antônio da Patrulha e onde ficava situado o Arquivo Histórico da cidade, conta a história da instalação do museu e apresenta as principais peças do seu acervo documental. Com o mesmo objetivo, apresentar os arquivos e incitar à pesquisa, Carlos Aléssio Rossato (diretor do Arquivo Público do Estado do RS), Sílvia Pozza (historiógrafa do Arquivo Histórico do RS) e Tenira de Freiras Spinelli (Coordenadora do Sistema Estadual e Museus) escreveram o artigo *Sistema Estadual de Arquivos e Museus do RS*. Por fim, o “historiador local” Astrogildo Fernandes apresentou uma extensa lista de textos e fontes sobre a história da região no artigo *Fontes Bibliográficas e Documentais dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha*. No encontro de Tramandaí (dois anos depois), este mesmo autor apresentou a palestra *Pioneiros da Historiografia dos Municípios de Origem Patruhense*, onde fez um apanhado dos livros escritos sobre a história de 21 municípios da região, com uma breve resenha deles.

Este esforço por divulgar não apenas as origens da região, mas também incentivar novos pesquisadores, ficou claro na escolha destas conferências e mesas-redondas. Os artigos apresentando arquivos, bibliografias, museus, ainda que de forma incipiente, divulgavam possíveis espaços para a investigação da história local, uma lacuna que pretendia ser sanada pela organizadora através deste evento. A mudança nas temáticas abordadas pelo encontro ocorreu ao longo do desenvolvimento do projeto, de forma gradativa, como pode ser observado no próximo gráfico.

X Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá

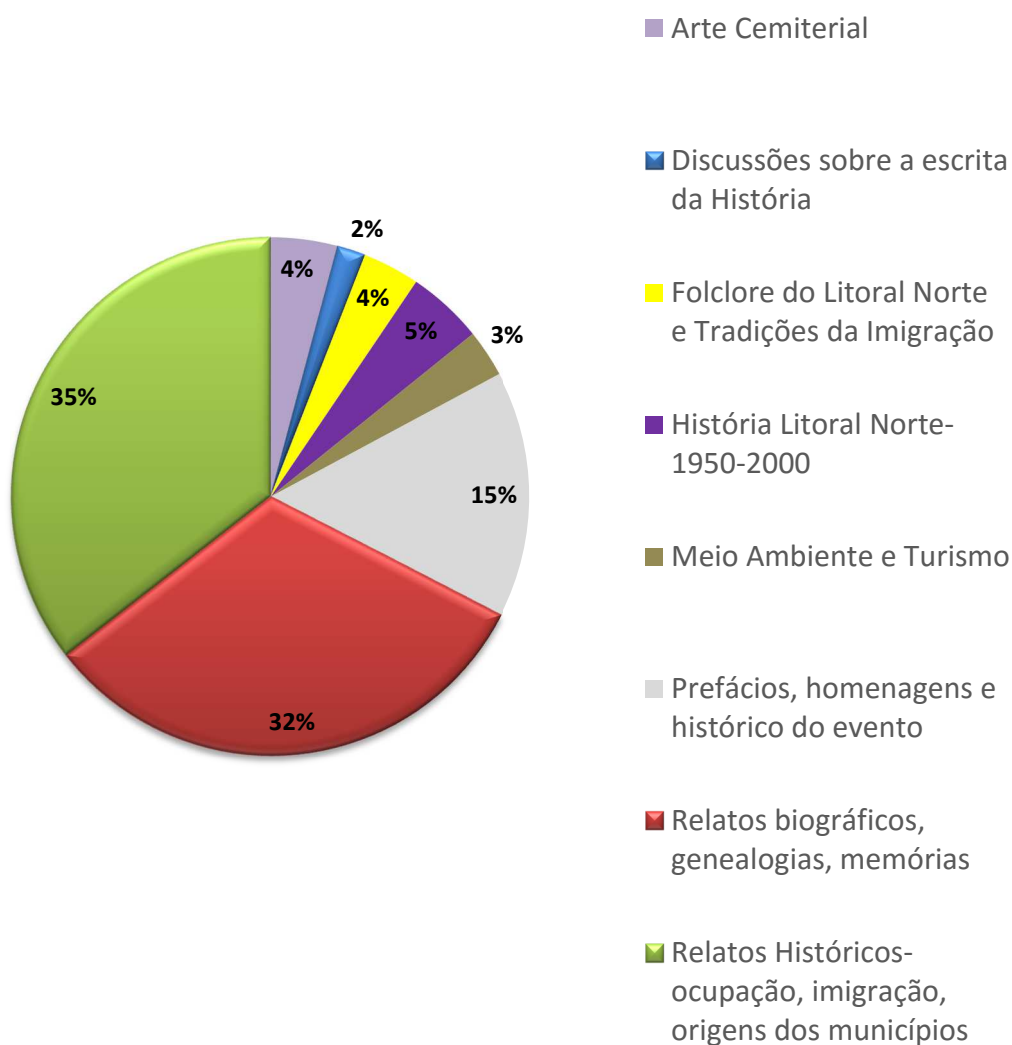


Gráfico 13- Temas do X Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha - Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá, 1999. Fonte: X Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá. Total de artigos: 169.

Nos dez anos que separam o primeiro encontro desta edição comemorativa, podemos ressaltar inicialmente o elevado número de trabalhos em comparação com o evento inicial. Os 169 artigos foram assinados por 191 autores. Muitas produções coletivas foram apresentadas por escolas, em que dois professores ou um grupo de alunos comunicou sua pesquisa. Além disso, novos temas foram incluídos na lista entre

as comunicações, como as pesquisas sobre folclore, artigos sobre a história recente da região e também algumas comunicações sobre potencial turístico e facetas do meio ambiente do Litoral Norte/RS, estes assinados por geólogos, biólogos e geógrafos.

Neste período de dez anos que separa o I EMOSAP do X *Raízes*, o Litoral Norte/RS foi palco de outros encontros *Raízes*: Tramandaí (1992), Torres (1995), Terra de Areia (1998)⁸⁶. Sem dúvida a experiência adquirida pelo grupo de organizadores que conseguiu captar mais ouvintes e participantes e a notoriedade que o encontro passou a ter podem explicar em parte o grande número de artigos e o incremento dos temas mais próximos à memória, como os relatos biográficos e genealógicos e os artigos sobre tradições da região e dos imigrantes.

Nos anos seguintes o evento ocorreu em outras partes do antigo Quadrante Patruhense como Canela, São Marcos e Sananduva (cidades da Serra). A ordem seguiu alternando-se entre cidades do Litoral Norte e o interior do estado⁸⁷.

O XX *Raízes de Santo Antônio da Patrulha* foi o segundo evento de história local realizado na cidade no ano de 2009. Alguns meses antes ocorreu um “*Raizinha*”⁸⁸, um encontro interno organizado pelo mesmo grupo do *Raízes*, apenas com comunicações locais, e que atingiu um número de páginas tão elevado quando o evento principal

⁸⁶ A lista completa dos gráficos por encontro está disponível no anexo 7.

⁸⁷ Para uma localização geográfica, ver o anexo 1.

⁸⁸ O *Raizinha*, em sua terceira edição, contou com 137 artigos divididos em 980 páginas. E o XX *Raízes*, trouxe 122 artigos em 900 páginas.

XX Raízes de Santo Antônio da Patrulha

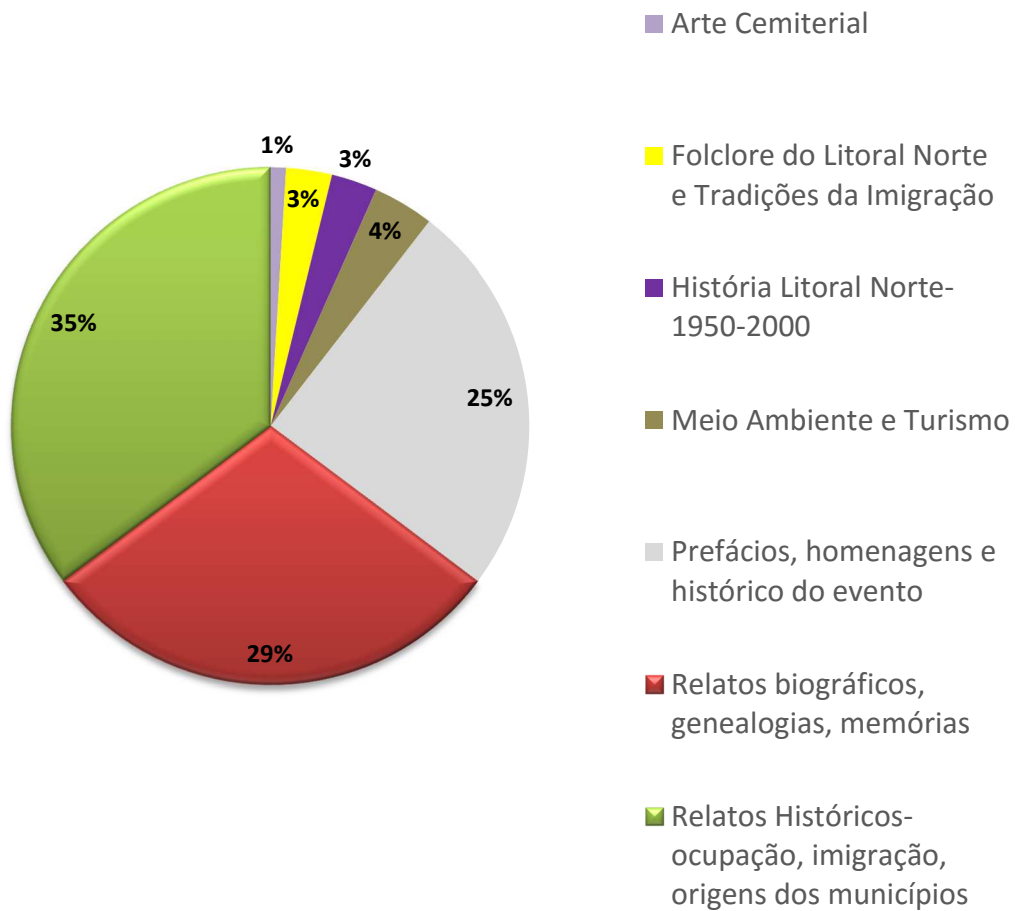


Gráfico 14- Temas do XX Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha - *Raízes de Santo Antônio da Patrulha*, 2009. Fonte: XX Raízes de Santo Antônio da Patrulha. Total de artigos: 122

Esta necessidade de registro das memórias, vide o salto em artigos com essa temática ao longo dos eventos, culminando no *XX Raízes*, mostra uma tentativa de guardar por escrito o que for possível. No prefácio, assinado pelo prefeito da época, foi exposto o objetivo daquele evento:

A obra literária aqui apresentada retrata as memórias e os registros históricos dos municípios que se desmembraram ao longo dos anos. Os representantes dos diversos municípios nos visitaram em 2009 e nos apresentaram as culturas das diferentes comunidades, seus laços e inter-relacionamentos, suas trajetórias e seus anseios. As pesquisas apresentadas pelos visitantes ao município-mãe estão aqui registradas e publicadas para a posteridade. A 2ª parte apresenta-nos um relato das mulheres da Vila. Depoimentos coletados pela historiadora Véra Lucia Maciel Barroso e que reconstróem a história do cotidiano e do universo feminino na sociedade patruhense. Fica claro ao leitor que a participação da mulher no cenário cultural sempre foi expressiva, ainda que sem reconhecimento ao seu próprio tempo. Registrar aqui esses depoimentos é, antes de tudo, reconhecer essa trajetória tão essencial para entendermos o presente. (SILVA, 2012: 13)

Ao final deste volume, a organizadora se propôs a fazer a História Oral de trinta e oito mulheres idosas moradoras da Cidade Alta, um bairro que deu origem a cidade de Santo Antônio da Patrulha. Em uma nota explicativa Barroso apresenta seus laços afetivos com esta região, explica que tal empreendimento é uma iniciativa pessoal realizada com recursos próprios, em um segundo momento ela apresenta sua metodologia, indica os autores que referenciam sua prática ao fazer a coleta das entrevistas e suas opções para transcrição. O que pretendemos analisar, como um dos exemplos do aumento da importância da memória dentro do *Raízes*, são as justificativas para essa coleta de relatos:

Os silêncios e o abandono de algumas construções ameaçam nossas boas lembranças, machucando os cenários desenhados da nossa infância e juventude. Isto foi nos anos 1980... 1990... 2000... Diante das ameaças de perdas de lembranças e memórias da 'nossa antiga cidade' não hesitei em registrá-las. (BARROSO, 2012: 544)

Este conjunto de entrevistas tomou cerca de 350 páginas do volume dos anais, poderia ter sido impressa como um livro, dado seu tamanho. As entrevistas intercalam-se com fotos de momentos pessoais, relatos sobre uma Santo Antônio da Patrulha que não existe mais, de famílias sentadas na frente das casas, de carnavais de rua em torno do chafariz e de pequenos comércios de bairro.

O testemunho, de modo geral, dentro dos eventos *Raízes* possui o efeito de prova documental, como já foi discutido anteriormente. Sua narrativa é tomada como uma evidência do passado, ele surge através da fala dos depoentes, seja em um trabalho de coleta de depoimentos, seja quando um comunicador se propõe a apresentar o histórico de sua família. O testemunho, segundo Hartog, ganhou espaço dentro da memória e

dentro da história: “Arrastada pela agitação subliminar da memória, a testemunha – entendida, por sua vez, como portadora de memória – impôs-se, gradualmente, em nosso espaço público; ela é reconhecida e procurada, além de estar presente e, ate mesmo, à primeira vista, onipresente.” (HARTOG, 2011: 209). Esse “efeito de verdade” dado pela transcrição das entrevistas das “testemunhas” ou no relato das memórias pelos comunicadores possibilita ao público ouvinte e leitor o seu reconhecimento como parte do grupo a partir desta memória partilhada. Quando Barroso coletou as memórias das antigas moradoras da “Cidade Alta”, o centro do município de Santo Antônio da Patrulha, essa *memória compartilhada* passaria a ser *memória coletiva* através das apresentações e da publicação. Mas, percebe-se no texto da organizadora, essa *urgência* frente à perda das lembranças e a descaracterização do lugar. Nesse contexto, a fala das “testemunhas”, apresentando um “conteúdo” do passado, poderia trazer à tona, ainda que por alguns momentos, aquele bairro que não existe mais.

No projeto *Marcas do tempo*, a proposta inicial era produzir um espaço onde os historiadores trariam o “saber” da universidade para as comunidades de imigração e também se aproximariam dos “historiadores locais” e “pesquisadores” em um intercâmbio de trabalhos sobre a imigração alemã no Litoral Norte/RS. Sendo assim, ao elaborarmos os mesmos gráficos, as temáticas em torno da imigração foram os principais elementos encontrados. Devemos lembrar, entretanto, o período em que iniciaram os simpósios. O primeiro, em Terra de Areia, ocorreu em 2000⁸⁹, um ano após o *Raízes Terra de Areia* e abrigou, em sua segunda parte, o *II Raízes de Terra de Areia* abrindo a inscrição para trabalhos sobre o quadrante patrulhense. No próximo gráfico, apresentamos a distribuição temática deste primeiro simpósio⁹⁰.

⁸⁹ Apenas para lembrarmos, o I EMOSAP ocorreu em 1990, uma década antes, por isso, o *Marcas do tempo* não pode ser compreendido fora de suas conexões com o *Raízes*, uma vez que partilham o recorte local (Litoral Norte/RS) e o público participante.

⁹⁰ É possível acompanhar as temáticas abordadas em todos os encontros *Marcas do tempo* em gráficos seriados o anexo 7.

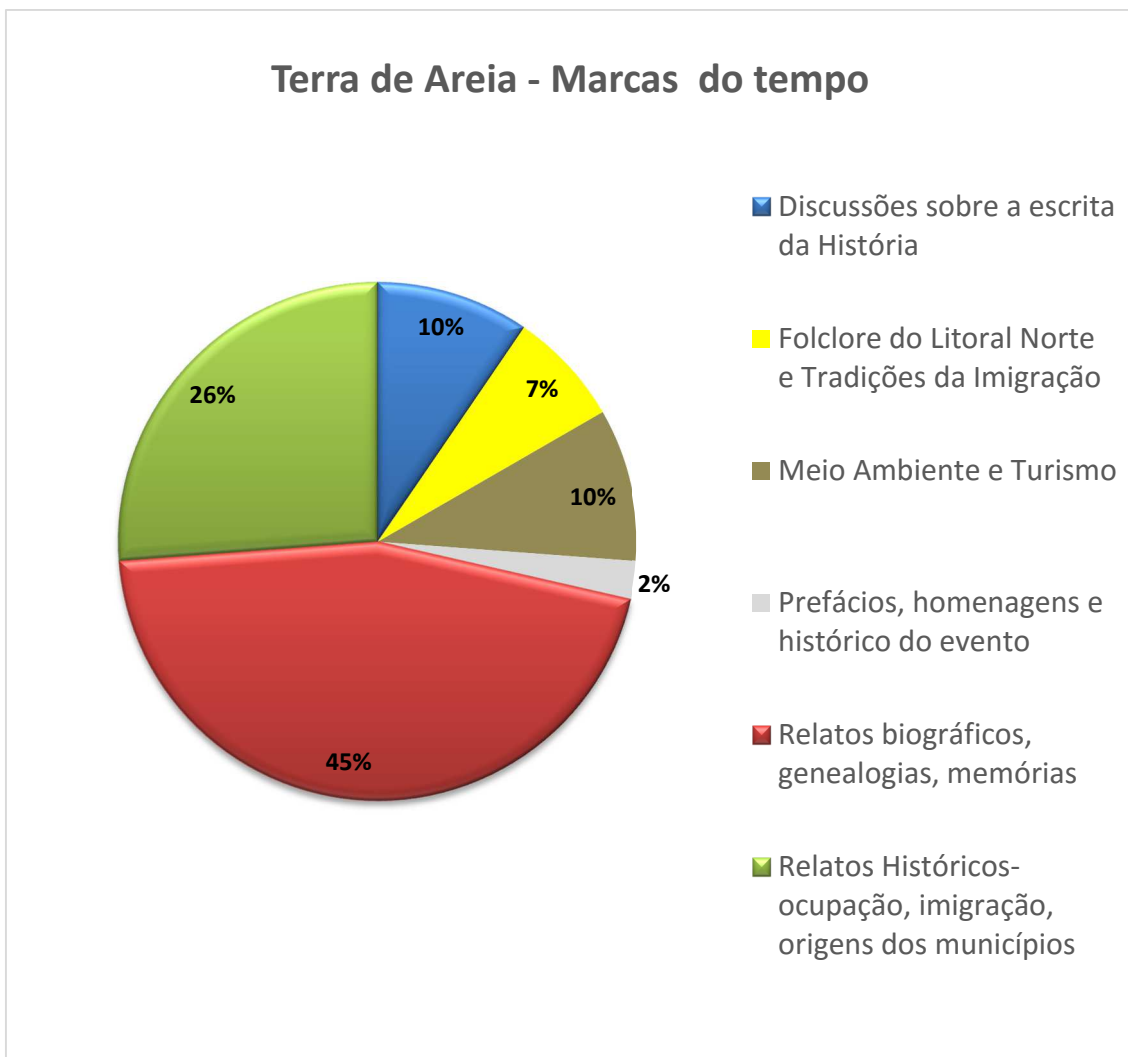


Gráfico 15- Temas do *I Simpósio sobre imigração alemã no Litoral Norte/RS e Raízes de Terra de Areia II*. Fonte: Terra de Areia- Marcas do tempo 200. Total de artigos: 42

Como previsto, os trabalhos de imigração atingiram um alto número, mas foram superados pelos relatos especialmente genealógicos, biográficos e memorialísticos (45% do total dos textos). Existe uma sólida tradição entre os pesquisadores de descendência teuta no mapeamento dos sobrenomes alemães existentes nas diversas regiões do Brasil chegando até sua origem na Alemanha.

Outro assunto que foi tema de muitas comunicações foram os relatos sobre tradições e modo de vida dos primeiros imigrantes que estariam desaparecendo e precisariam de um registro urgente, na opinião de seus atores. Entre as justificativas para estes artigos genealógicos e de registro dos hábitos e costumes, encontramos no

artigo de um licenciado em história a seguinte afirmação: “É necessário que surjam à luz mais depoimentos, mais encontros, e registrem a história de suas comunidades, de suas famílias, para que a memória não se perca, para que a História se construa e reconstrua, em eterna dialética e faça surgir à verdade.” (FERNANTES: 2000: 162). Novamente, neste excerto, o testemunho ou o depoimento é tomado como um elemento de verdade a ser perseguido tanto pela História quanto pela Memória. Essa memória narrada também aparece sob o tema do folclore. Estes textos cresceram no último encontro, conforme o gráfico abaixo.

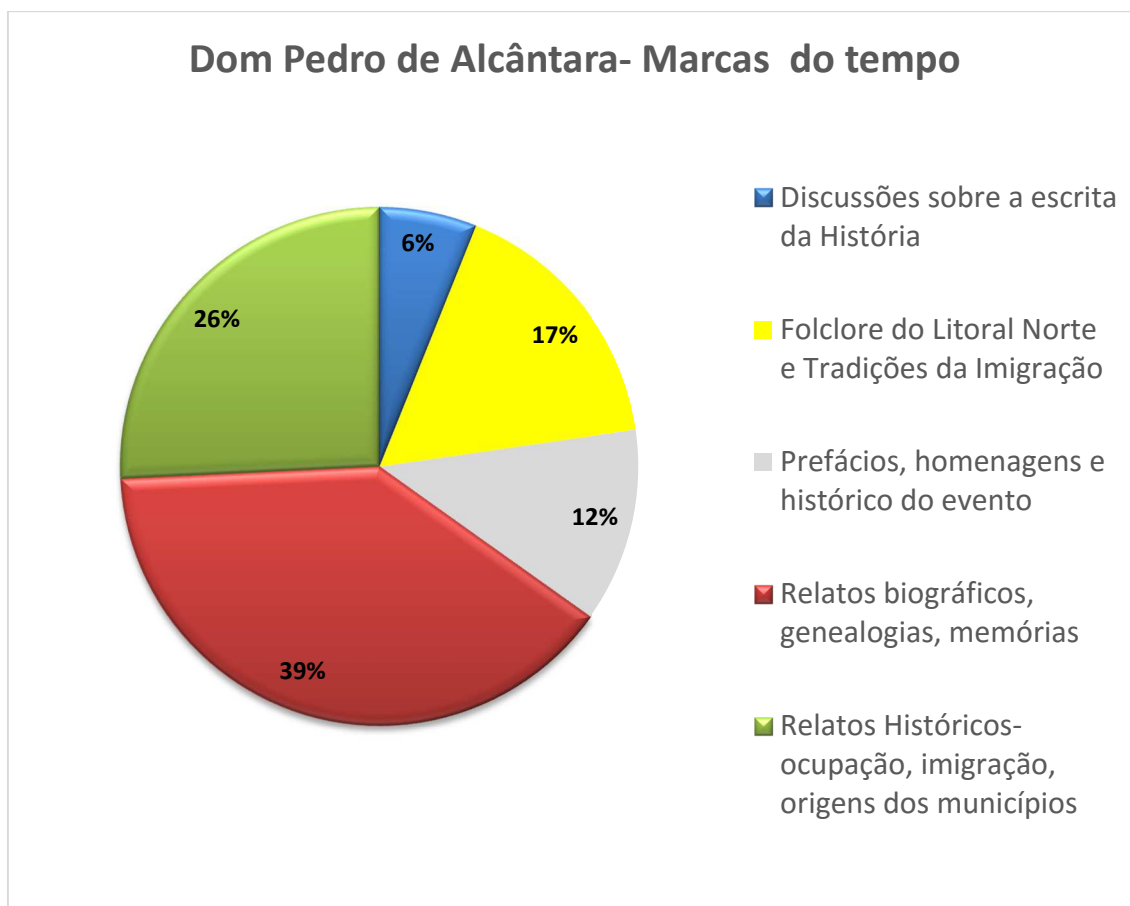


Gráfico 16- Temas do V Simpósio sobre imigração alemã no Litoral Norte/RS. Fonte: *Dom Pedro de Alcântara- Marcas do tempo* 2010. Total de artigos: 66.

Observando de forma global os gráficos sobre as temáticas e preocupações apresentadas nos eventos *Raízes* e *Marcas do tempo*, os próprios livros tornaram-se “lugares de memória” (NORA, 1993). São lugares, “com efeito”, nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, apenas apresentando graus

diversos. Nora detalha sua conceituação para estes *lugares*. Segundo ele, mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. (NORA, 1993, p. 21)

O resultado final dos eventos *Raízes e Marcas do tempo* ficou registrado nos livros, tomados como fonte de consulta para cidades que muitas vezes não possuíam nenhum material escrito registrando o seu passado, os quais acabaram por se configurar como um “lugar de memória”. Para Nora, os “lugares de memória” não se restringem à materialidade de uma edificação. Neste caso, segundo as organizadoras, os volumes eram sempre doados às prefeituras para que habitassem as bibliotecas municipais e escolares de cada município. Além de receberem o seu livro, a coleção completa, sempre que possível, era disponibilizada.

A vaga comemorativa e memorialista se fez sentir no cerne dos eventos de história local. Passo a passo os artigos sobre memórias, genealogias e biografias, presentes desde o primeiro encontro, foram ganhando espaço junto aos temas ligados à historiografia como a ocupação do Litoral Norte/RS e os processos de imigração. A voz dada à comunidade, uma das bandeiras dos dois encontros, gerou relatos que lembram um passado de dificuldades, o isolamento da região, apresentando, como contrapartida, que a união entre a vizinhança existia. Essa imagem idílica, produzida pelos relatos de memória acabou por não contemplar os problemas sociais da região, e quando o fez, apresentou-os sob o signo da superação pessoal ou familiar. Poucos são os textos que versam sobre o escravismo no Litoral Norte/RS e nenhum traça um panorama das desigualdades econômicas e sociais através dos tempos. É sintomático observarmos que apenas doze artigos, entre os 1296 publicados nos eventos, tiveram como temática a história recente da região, de 1950 até a atualidade. Talvez, o espaço “seguro” do passado distante, com seus conflitos diluídos pelo tempo, fosse considerado por estes historiadores locais como mais interessante ou talvez um “campo neutro” para a história/memória.

Os municípios acolheram os encontros pelo efeito das narrativas no reforço dos laços identitários. Hartog apresenta as demandas de memória atuais como uma expressão de nossa crise em relação ao tempo, com isso a memória reclamada e proclamada acabaria sendo fruto desta reconstrução parcial e eventualmente falsa (2012: 186). Em um contexto de esvaziamento das cidades do interior e de fluxo para as grandes cidades e capitais, reforçar estes laços torna-se quase uma questão de sobrevivência. Memória e identidade andam juntas. E as prefeituras empenharam-se em auxiliar essas iniciativas. Um texto, na abertura do XX Raízes ilustra esta iniciativa:

A partir dos anos 90, a busca dos valores históricos foi o destaque nas promoções dos eventos e projetos desenvolvidos no Município. Buscou-se o reconhecimento da identidade luso-açoriana na cultura, por meio da arquitetura, da gastronomia, das artes, do artesanato e do folclore. Criação, também de novos setores. Na esfera pública, a Sala Açoriana e, na esfera privada, a organização das instituições APAAR (Associação Patruhense de Artistas e Artesãos) e Grêmio Literário Patruhense. (LAUCK, 2012: 18)

Nos simpósios *Marcas do tempo*, como já foi mencionado, a recuperação e a valorização da identidade teuta tornaram-se o ponto chave dos encontros. Na abertura do terceiro simpósio, Ely afirmou:

A nossa colônia pelas circunstâncias e tantas peripécias a que foi submetida desde o início da colonização, já não mantinha as tradições comuns à etnia alemã. (...)

Com a efetivação do III Simpósio, podemos assegurar que os próprios litorâneos do norte/RS, adquiriram consciência da importância que a Colônia Alemã da Ponta das Torres tem representado, através de quase dois séculos, no contexto do Estado e do País. (ELY, 2004: 25 e 26)

Essa busca pela valorização da identidade, em especial no caso do *Marcas do tempo*, abriu espaço para algumas narrativas que levavam a problemas éticos. A memória do imigrante vitorioso, que, a despeito do abandono prosperou, uma temática bastante comum nas comunicações, em algumas delas cedeu lugar à condenação da miscigenação como um dos elementos de “atraso” em relação às demais colônias no Rio Grande do Sul. Nas duas citações a seguir podemos perceber o teor de alguns textos:

Era nos primeiros anos do Brasil independente; a Imperatriz Leopoldina que muito se interessou na organização do novo império, visto que ali também no Faxinal do Courito não se estava colhendo bom resultado devido a má vontade dos escravos, resolveu ela buscar boa mão-de-obra livre, trazendo da Alemanha trabalhadores alemães. (PARMAGNANI, 2010:46)

Esse processo de aculturação negativa, chamam-na alguns estudiosos mais críticos de ‘acaboclação’. De fato, quem observa certos tipos da região, repara logo que tais ‘caboclos’ têm cabelos loiros, olhos azuis, tez ariana, mas, vocabulário ‘abrasileirado’, são desdentados, ostentam sobrenomes germânicos ou aportuguesados tais como Kras Borges (Krasburger), Ricardo (Ricjert), Silistro (Schlitzer). (LIMBERGUER, 2000: 98)

Textos no mesmo teor dos vistos acima, seja exaltando os imigrantes ou condenando a “acaboclação”, permeiam estes livros. Isso indica que alguns autores não realizam uma mediação entre as fontes e a análise histórica, escolhendo evidências que confirmam posições pessoais no presente. É preciso ressaltar que são elementos pontuais, que fogem ao controle dos organizadores, mas ainda assim precisam ser apresentados.

Cabe agora, por fim, indicar quais grupos, através de suas pesquisas, estavam vinculados a quais temáticas. Já mostramos que os relatos “de memória” foram se tornando um elemento importante para estes eventos de história local. A partir deles, e das narrativas de história, a identidade foi sendo questionada, reforçada, ganhou colorações novas. Ao detalharmos quais intelectuais escreviam prioritariamente sobre quais temas poderemos relacionar com sua forma de escrever a história e a memória.

Para isso, foram utilizados os mesmos elementos temáticos da tabela, e criou-se um filtro através do qual nossas categorias para compreensão dos intelectuais envolvidos (“historiadores acadêmicos”, “historiadores locais”, “pesquisadores” e “outros”) pudessem ser relacionados aos artigos publicados por eles. Os gráficos serão apresentados em sequência para facilitar a comparação dos temas utilizados pelos grupos em suas comunicações.

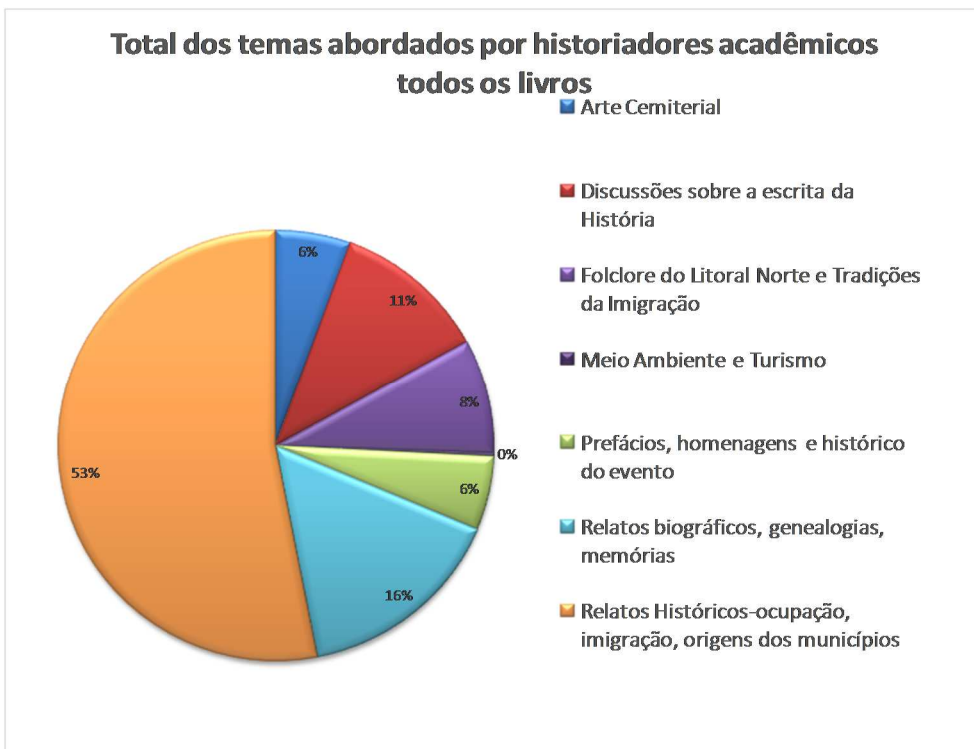


Gráfico 17- Temas abordados por “**Historiadores acadêmicos**”. Fonte: livros *Raízes e Marcas do tempo* utilizados nesta tese. Total de artigos: 309.

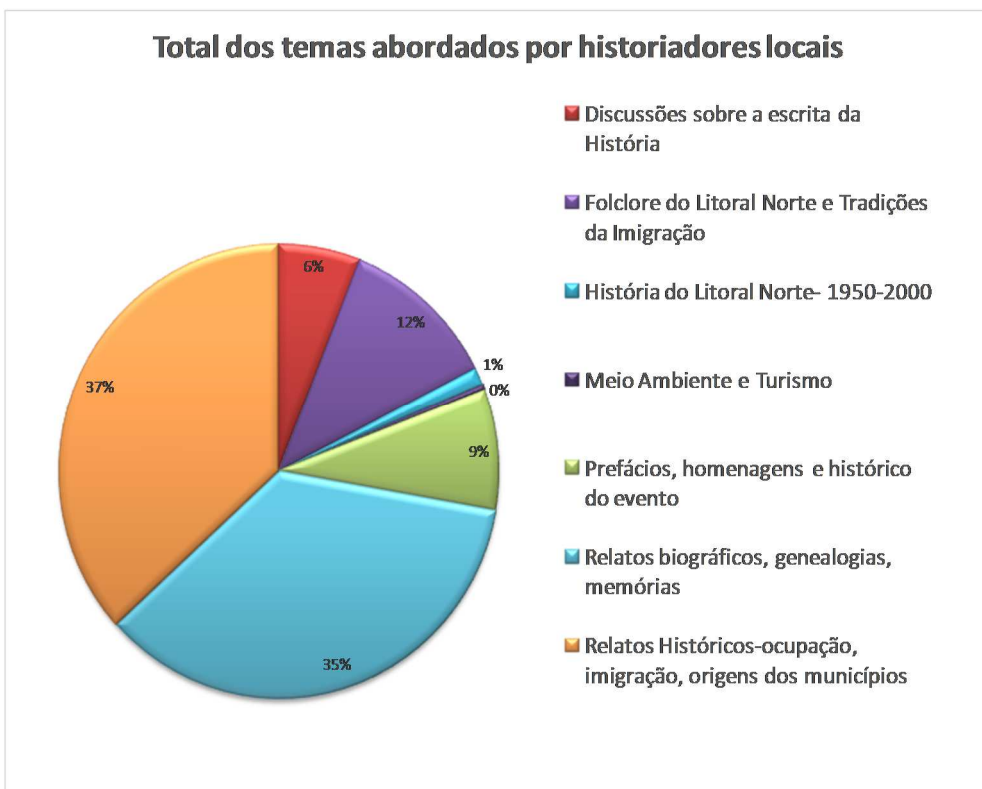


Gráfico 18- Temas abordados por “**Historiadores locais**”. Fonte: livros *Raízes e Marcas do tempo* utilizados nesta tese. Total de artigos: 229⁹¹.

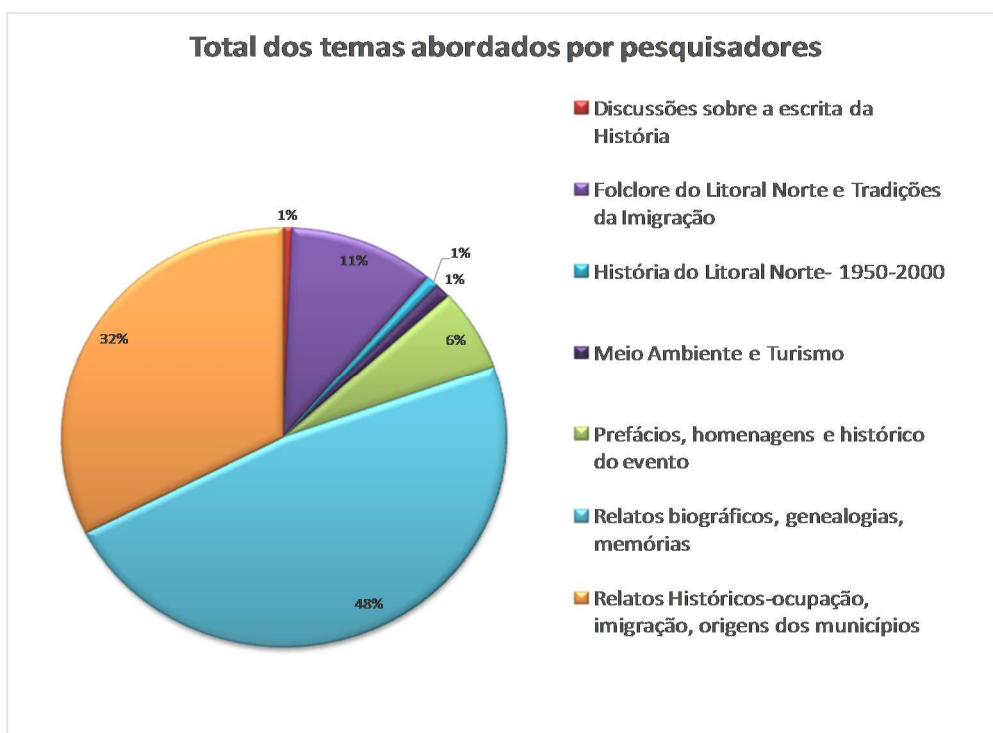
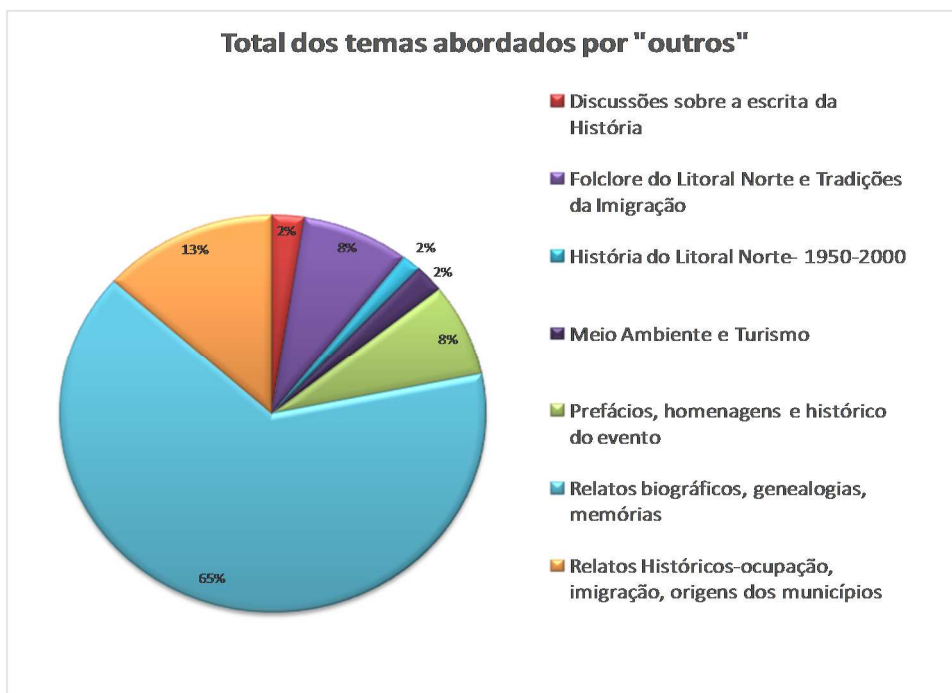


Gráfico 19- Temas abordados por “**pesquisadores**”. Fonte: livros *Raízes e Marcas do tempo* utilizados nesta tese. Total de artigos: 308.



⁹¹ Neste gráfico o azul que corresponde a 1% diz respeito Tema História do Litoral Norte- 1950-2000.

Gráfico 20- Temas abordados por “**outros**”. Fonte: livros *Raízes e Marcas do tempo* utilizados nesta tese. Total de artigos: 452.

Através dos gráficos anteriores, é possível ver que os historiadores acadêmicos trataram um número maior de vezes sobre temas históricos, mas também publicaram textos que poderiam ser considerados como parte do “campo da memória”. Em seguida, temos os “historiadores locais”, que, ao se colocarem como os especialistas na história municipal e regional, discutiram datas de ocupação, transcreveram documentos e textos; ainda que não demonstrem sempre as marcas de historicidade exigidas no universo acadêmico, possuem legitimidade em sua região e constituem pesquisas de história. Os “pesquisadores”, ao observarmos os gráficos, ficam próximos dos “historiadores locais” na distribuição de conteúdo temático. Como apresentamos ao longo do capítulo 2, as diferenças entre estes dois grupos dizem mais respeito ao seu papel dentro do cenário cultural das cidades do Litoral Norte/RS e a sua auto percepção do que propriamente a uma diferença metodológica ou temática. Por fim, o grupo “outros” foi o principal responsável pelos elevados números de relatos de memória nos eventos de história local.

As discussões sobre memória e história, a partir dos anos 90, ganharam espaço dentro da historiografia. De uma divisão entre o uso e escrita da memória e história pelos historiadores transitou-se até posições que compreendem que a memória é parte da história. Nos eventos de história local do Litoral Norte, foi possível perceber que, à medida que cresciam em divulgação e número de participantes, os temas ligados aos testemunhos, relatos pessoais, genealogias cresceram também. O gigantismo do evento, ressalvadas as proporções de cada município, acabou acarretando em uma multiplicidade temática nem sempre controlável, vide os conteúdos duvidosos em termos éticos de alguns artigos mostrados anteriormente. Mas, por outro lado, colocou a história e a memória das cidades no centro dos debates, ainda que por uma semana. Esse entusiasmo se materializa na fala do prefeito de Torres:

“Os mais importantes fatos e acontecimentos históricos, bem como personagens célebres desta trajetória são descritos e analisados, nas conferências, nas palestras, nas comunicações, etc. É uma verdadeira viagem de ida ao passado e volta ao presente, vislumbrando o futuro, acompanhando a evolução do homem que construiu sua história e a de uma região, em busca

de sua identidade e plena realização na liberdade de um poder construir mundos, criar coisas diferentes, ampliar seu espaço e suas ações por mais lugares... viver e fazer a vida acontecer!” (RODRIGUES, 1996: 15) Prefácio do *Raízes de Torres*, pelo prefeito municipal.

A “região em busca de identidade”, conforme afirmado acima, é um dos argumentos que perpassou a organização dos eventos de história local no Litoral Norte/RS. Essa identidade coletiva, tal como compreendida por Pollak, é um investimento do grupo ao longo do tempo, que, como resultado, proporcionou o sentimento de unidade, continuidade e coerência (POLLAK, 1992: 7).

Ao longo dos anais do *Raízes*, essa necessidade de “guardar” as memórias, lembranças e relatos pode ser encontrada em todos os livros. Esta memória apresentada e comunicada através dos escritos, principalmente dos colaboradores eventuais, foi tomando espaço dentro dos encontros de história local. A construção da identidade ocorre pela memória pessoal e coletiva em suas negociações e partilhas (POLLAK, 1992: 5).

Os municípios acolheram um projeto que, através da construção/demonstração desta memória durante os encontros, auxiliou a construir essa identidade coletiva. Esse desejo faz sentido em uma sociedade que *sente* a perda da memória e da identidade (HARTOG, 2013:156). A divulgação e o encorajamento para que os munícipes tomem a palavra e relatem a sua “história” aliou-se a um momento em que essa necessidade pela memória. Com isso, o desejo de tudo guardar, que se impõe na atualidade, encontrou eco nos eventos *Raízes* e *Marcas do tempo*.

Ainda resta, contudo, pensar sobre o *fenômeno* da história local. A produção historiográfica com recorte espacial, delimitado como uma cidade ou região constitui-se como uma escrita diversa do que estamos nesta tese chamando de *história local*. Ao longo dos capítulos anteriores mostramos que estes eventos e seus anais possuem um caráter diferente de uma delimitação de pesquisa. Em nosso objeto, os livros são escritos por e para os moradores da cidade em questão. Como então qualificar esses produtos?

3.3. História Local como História Pública ou “obra de fronteira” buscando compreender o fenômeno

Dentro de uma reflexão sobre os encontros *Raízes e Marcas do tempo*, buscando compreender o seu papel historiográfico e social, percebemos que os eventos de história local pretendem aproximar a história e a memória das comunidades, conectar-se com o público em geral, tal como a História Pública. Esta proposta tem ganhado espaço como uma alternativa de História “extramuros”. As definições sobre sua prática variam de acordo com o local onde é exercida. Este gênero surgiu e ganhou força nos Estados Unidos.

Alguns autores atribuem seu início ao final do século XIX⁹², outros colocam que no pós-guerra ocorreu um aumento de historiadores graduados trabalhando em outros setores como governo e parques nacionais, museus, instituições públicas e privadas, e esse novo espaço de trabalho teria sido identificado como História Pública⁹³. Nos anos 1970, a Universidade da Califórnia abriu o seu primeiro programa acadêmico sobre essa área, logo em seguida criou-se a revista *The Public Historian*, e a associação não profissional *National Council on Public History*.

Segundo Liddington (2011: 36), o território da História Pública nos EUA, tornou-se um campo de contestação entre projetos promovidos por empresas privadas e iniciativas estatais, criando nichos para pequenos negócios tanto neste país assim como na Austrália. Na Grã-Bretanha, as discussões relacionaram-se com questões sobre patrimônio e memória e teceram contatos com os trabalhos em História Oral (LIDDINGTON, 2011: 39). No Brasil, os debates têm sido centralizados pela Rede Brasileira de História Pública, em cujo site é possível encontrar uma “Carta de Fundação”, datada de 25 de setembro de 2012, que apresenta as diversas iniciativas deste coletivo para divulgação e aperfeiçoamento dos estudos nesta área. Podemos verificar diversas iniciativas de apropriações históricas em novelas, minisséries, jogos

⁹² What seems clear is that public history in the United States began with the emergence of a cultural desire in the late 19th century to understand the U.S. as a nation with a national culture and history. This desire was intimately connected with both the rise of US imperialism and the rise of immigrant populations perceived as needing institutions of Americanization. These desires forged the many different streams that now meet on the common ground of "public history" as an academic discipline and a profession. (DERUYVER, 2000) e (KELLEY, 1978: 111)

⁹³ Idem e LIDDINGTON, 2011:33 e 34.

eletrônicos, documentários, publicações e revistas, mas os historiadores acadêmicos têm mantido uma postura “tímida” no engajamento a estes projetos (MALERBA, 2014:31).

O foco no público como audiência, leitor e intérprete desta história, também foi indicado por Liddington (2011: 45). Segundo ela, essa noção de acesso público ao passado que ocorre pela audiência faz com que estes historiadores estejam atentos ao formato como será dada a conhecer sua pesquisa. Neste sentido, os historiadores públicos colocam-se como mediadores entre o passado e os seus públicos e na maioria dos casos estes autores são pioneiros nestas iniciativas de “vulgarização” da História e usos de outras plataformas ou espaços de relacionamento com o passado. Todos os textos que debatem História Pública tanto no Brasil como no exterior, apresentam consenso de que ela ocupa espaços fora do ambiente acadêmico e pode ser realizada ou não por historiadores graduados, enfatizando a necessidade de participação dos historiadores profissionais.

Os eventos de história local partiram sempre do pressuposto de que o espaço seria compartilhado pelos historiadores profissionais e pelos historiadores locais. O evento *Raízes* foi criado e organizado pela Dra. Véra Lúcia Maciel Barroso. No caso do *Marcas do tempo*, a participação dos historiadores universitários era ainda mais expressiva, se não numericamente ao menos no espaço dado a eles: as conferências e palestras.

Uma das possibilidades de compreensão dos encontros *Raízes* e *Marcas do Tempo* seria como eventos de História Pública, isso porque partimos do pressuposto que a intenção dos organizadores era promover a divulgação da história e da memória da região através da apresentação de espaços de pesquisa e abertura dos debates, aproximando a História de públicos diversos. Na prática, os interlocutores destes encontros de história local eram professores e alunos, intelectuais das cidades envolvidas, historiadores profissionais e todos os curiosos sobre a história que decidissem participar como ouvintes ou comunicadores.

Uma possibilidade interpretativa seria considerar que, quando os historiadores profissionais se engajavam neste projeto, agiam como historiadores públicos, encontrando no espaço da história local uma forma de divulgação de seus textos, adquirindo certificações e melhorando o seu currículo. O depoimento de Andrea

Rahmeier, que tem oito trabalhos publicados nestes anais, apresenta alguns dos motivos para a sua participação nos encontros:

O primeiro texto que eu apresentei foi do TCC e era sobre a colonização de Rolante. Em meu trabalho fui ao arquivo e tenho a proposta de interpretação de que a ocupação desse território foi uma especulação imobiliária, pois uma pessoa comprou para revender as terras. Era um trabalho que eu tinha pronto, e o Tramontini me disse que iria ocorrer o *Raízes de Osório*, e como esta pesquisa não iria fazer parte da minha dissertação, apresentei e publiquei no livro. Eu buscava comunicações e com isso divulgar minha temática de atuação. Depois, o primeiro *Marcas do tempo* que eu participei foi a convite do Marcos Witt, em Três Cachoeiras, apresentando uma parte da minha dissertação como painalista. (RAHMEIER:2014, 1)

Sendo assim, a participação de profissionais da área na organização do *Raízes e Marcas do tempo*, e a frequência do grande público são elementos que credenciam estes eventos a serem chamados de História Pública. Diversos historiadores participam para divulgar suas pesquisas, dar um retorno à comunidade. Diferente das demais iniciativas de História Pública no Brasil, estes encontros possuem como público e comunicadores principalmente os historiadores amadores e pesquisadores informais. Estes eventos aproximam-se da História Pública quanto aos “produtores”, historiadores profissionais ou amadores, e quanto a um público, “consumidores” destes produtos de História e de Memória. Mas, o principal elemento que impulsionou e deu longevidade a estes dois projetos se afastam de algumas noções correntes de História Pública. Enquanto este gênero pretende uma produção voltada para o mercado, em seus diversos formatos, os eventos de história local estavam mais focados na discussão da história, memória e identidade locais. Os autores que se engajam nestes projetos, sejam como organizadores ou como comunicadores, não pretendiam e não receberam nenhum “lucro” além do prestígio social, manifesto de formas diversas de acordo com o círculo em que estavam inseridos. Para os historiadores profissionais e locais ganhou-se o reconhecimento dos colegas, convites para outros eventos, trocas de informações, e uma linha no “Lattes”, especialmente no caso dos acadêmicos. Além disso, o discurso idealista que perpassa toda a organização dos eventos destoa das propostas, em geral mais práticas e concretas, da História Pública.

Outra proposta que nos ajuda a pensar estes trabalhos que não são voltados para o *mundo acadêmico*, mas que versam sobre História, foi apresentada por Sara Albiéri e Raquel Glezer (2009). Elas utilizaram o conceito de que existem “obras fronteiriças”.

Estas autoras situam vários produtos que, pela indicação anterior, fariam parte do campo da História Pública, como sendo trabalhos de “quase-história”. Seriam os livros paradidáticos, biografias, publicações comemorativas, trabalhos de ego-história. Estas autoras explicam o que poderia ser qualificado como “obras fronteiriças”:

Para o estabelecimento do gênero “obras fronteiriças”, partimos de alguns dados. Inicialmente, o de que um livro de história é produto cultural, inserido no mercado editorial, mas que para ser aceito em estrito senso, pela comunidade dos historiadores, deve atender aos parâmetros acadêmicos, conforme esclarece Michel de Certeau. Em contraposição, existem no mercado editorial nacional diversos produtos culturais que são considerados pelos leitores fora da academia como livros de história, consenso devidamente explorado pelas editoras. (ALBIERI e GLEZER, 2009: 23)

Estes trabalhos de escrita sobre o passado seriam menos rigorosos conceitualmente e mais literários na forma de tratar o objeto histórico (Idem: 26). Com isso teriam um valor heurístico ao despertar o interesse pelo conhecimento histórico, que então sim, deveria ser avaliado e seguir as regras da prática do ofício de historiador (Idem: 30). Aceitar como uma “obra fronteiriça” estas publicações que se situam entre a História e Memória, e utilizá-las como uma inspiração ou primeiro passo para a leitura ou pesquisa em História, seria a alternativa de conciliação apresentada pelas autoras.

O público leitor dos anais do *Raízes* e do *Marcas do tempo* são os moradores dos municípios do chamado “quadrante patrulhense”, as famílias dos autores (que ganham um exemplar em troca da cessão dos direitos do texto), bem como os usuários das bibliotecas que recebem as obras. Segundo Lauck (2014), no Litoral Norte ocorre um fenômeno interessante, pois existiria um público leitor de autores locais:

Todo ano aqui publicamos, através do Grêmio Literário, a Antologia dos Poetas Patrulhenses. Então, se tem antologia poética há 25 anos editando o seu livro é porque tem leitores. O *Raízes* e o *Marcas do tempo*, consolidaram porque existia um público, não só uma rede de historiadores, mas de leitores e de participantes que tinham interesse. Então, neste aspecto, se nós fizéssemos os encontros só com historiadores profissionais talvez não tivesse a mesma divulgação e o mesmo acesso que tem ao não ser totalmente acadêmico e prestigiar o trabalho destes historiadores locais. (LAUCK, 2014: 7)

Para este historiador, o público leitor e a maior parte dos participantes dos eventos buscam estes relatos de história e de memória. Neles encontram referências próximas às suas vivências. O vocabulário utilizado, a forma de exposição e até mesmo

de organização de texto fizeram com que os intelectuais locais assegurassem um público ouvinte maior do que os palestrantes provenientes do mundo universitário (Lauck, 2014, pág. 8). Para Marcos Witt, a vinculação do encontro com os historiadores profissionais buscava o diálogo:

*O *Marcas do tempo* nunca quis ser um simpósio só acadêmico, mas sempre quis ter esta inspiração, de chamar a comunidade, de trazer estas pesquisas, testemunhos e documentos para dialogar. Também pretendia provocar pesquisadores, professores e alunos para pesquisarem suas comunidades, suas escolas, algum fato importante da sua região. Agora as palestras, as “grandes falas”, estariam na mão de convidados e historiadores da academia para fazer esta ponte. (WITT, 2014: 1)*

Estas “obras de fronteira” entre o que o universo acadêmico considera como produções historiográficas e o que o público leitor leigo considera como História compreendem modelos diversos de publicações e acreditamos que os anais dos eventos, em certa medida, podem ser vistos como exemplos desse fenômeno. Como foi ressaltado por Lauck, já existira uma “tradição” de circulação dos textos produzidos pelos autores locais, já conhecidos e prestigiados como intelectuais da região. Além disso, como apresentado por Witt, os historiadores profissionais partilham deste espaço, divulgando suas pesquisas e dialogando com a comunidade.

Como já foi demonstrado anteriormente, os anais do *Raízes* e do *Marcas do tempo* constituem-se em um material plural e diverso. Talvez, no momento que tenhamos uma compreensão maior sobre o movimento da história local realizado fora do mundo universitário, possamos criar outras categorias que permitam contemplar estas escritas sobre o passado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo da história local, compreendida aqui como o conjunto das produções que possuem como público alvo os moradores sobre as quais se referem, precisa ganhar maior visibilidade junto aos pesquisadores que se interessem em refletir sobre o próprio *ofício*. Estes livros, escritos por historiadores profissionais ou amadores circulam nas cidades, são utilizados em sala de aula e muitas vezes acabam sendo a única referência para o estudo da história de uma determinada região ou localidade. Estas publicações existem em uma multiplicidade de municípios em todo o país. Compreender sua lógica nos auxiliará a perceber o papel político e cognitivo da História e do historiador na sociedade.

Nesta tese, através da janela do Litoral Norte/RS, pretendemos explorar o *universo* destes historiadores locais, graduados ou não, que, nos anais dos projetos *Raízes e Marcas do tempo*, deixaram registradas a sua escrita sobre o passado. Ao longo dos capítulos exploramos diversas facetas dos encontros de história local, para, com isso, percebermos como estes autores construíram as narrativas sobre a história do Litoral Norte e sobre a sua própria prática intelectual.

Os primeiros volumes com os quais tivemos contato na construção ainda do projeto de Tese foram os livros do *Marcas do tempo*. Muitos elementos chamam a atenção do historiador que manuseia estes volumes. A primeira coisa é a diversidade temática. Lado a lado estão artigos sobre imigração em Torres, análises de livros caixa, questões sobre a política nas áreas de imigração alemã e, em seguida, textos apresentando as corruptelas linguísticas apropriadas pelos imigrantes, cantigas de natal, biografias e genealogias familiares. Uma profusão de textos sem nenhuma conexão óbvia, apenas com o, aparentemente tênue, fio do *espaço* a interligá-los.

Em um segundo olhar se descobriu que este material possuía uma riqueza de possibilidades interpretativas e que fazia parte de um movimento maior chamado *Raízes*, que se alastrou pelo que se chamou de “quadrante patrulhense”, elaborando uma complexa árvore genealógica para os municípios que se desmembraram de Santo Antônio da Patrulha. Passado o espanto com a metáfora genealógica, se percebeu que ela exerceu uma importante figura geradora de identidade e memória. Suas *Raízes* se

espalharam por municípios que compreendiam a região litorânea e o planalto norte. Do litoral até os Campos de Cima da Serra, com culturas e economias diversas, que se conheciam através destes encontros.

Para que se tornasse viável, um projeto que nasceu pequeno e ganhou amplitude e precisou de uma organizadora tenaz. A elaboração de um evento de história local por parte das prefeituras nos indica que os *Usos da História* pelo poder público ainda precisam ser mais bem compreendidos. Pois, se inicialmente os eventos eram propostos, atualmente, segundo Barroso (2014), os intelectuais locais e os governos municipais a procuram solicitando que se faça um encontro de história em sua cidade.

O *Marcas do tempo* possuía a delimitação de local mais estrita, eram as áreas de imigração alemã. Organizados por uma historiadora local auxiliada por um historiador profissional, os Simpósios de Imigração Alemã ganharam ritmo e abriram espaço para uma “redescoberta” da memória e da história destes descendentes de imigrantes, em grande parte restrita aos intelectuais locais. Novamente indicamos a importância de refletirmos sobre os usos desta memória da imigração por parte dos governos municipais, igualmente incentivadores e promotores dos eventos.

Partindo desta primeira análise sobre o funcionamento dos eventos, identificou-se que os autores compunham uma rede, um grande número deles seguia os encontros, publicava muitos artigos e participava de fóruns comuns de discussão nos seus municípios. Ou seja, estes historiadores locais, intelectuais do Litoral Norte/RS, estavam conectados constituindo um grupo informal. Com isso, ampliamos nossas pesquisas para tentar rastrear as demais organizações locais em que o conhecimento histórico circulava. Foi possível então, guiados por Sirinelli, pensar sobre como estas pessoas se inseriam nas redes, quais formas de convites eram estabelecidas, como legitimavam suas posições frente aos colegas. Percebemos que em um espaço onde à primeira vista não havia instituições formais de pesquisa e ensino de História, faculdades, poderíamos encontrar fóruns ativos de discussão, troca, pesquisa e publicação. No Litoral Norte, a única faculdade de História não chega a abrir turmas todos os anos e, mesmo assim, encontramos historiadores locais em atividade, registrando e produzindo. Trata-se de uma nova geração de estudiosos sem graduação, conectada à internet, que busca se inserir neste meio.

A partir da investigação sobre os intelectuais locais, detectamos nichos de efervescência cultural em várias cidades na região recortada por esta tese. Rastreamos sociedades culturais como a Academia dos Escritores do Litoral Norte, a Associação Cultural e Religiosa Maçambique de Osório, o Instituto Histórico e Geográfico de Santo Antônio da Patrulha e diversas outras iniciativas locais que podem ser tomadas como objetos em futuras pesquisas. Fica em aberto ainda compreender o quanto estas iniciativas influenciam na formação, pesquisa e nas práticas de escrita de seus membros, como pautam as temáticas exploradas e como os temas de História, Memória e Identidade circulam entre os intelectuais e a comunidade sua leitora.

Na última parte da tese, direcionamos nosso olhar sobre as diversas escritas sobre o passado que coexistem nestes anais de eventos. Através de autores como Michel de Certeau, François Hartog, Pierre Nora e Antoine Prost, procuramos analisar como os historiadores locais escolhiam suas temáticas de trabalho, como as *questões do historiador* eram expressas e quais *marcas de historicidade* apareciam em seus textos. Encerrando a discussão, em uma tentativa de compreender o movimento da história local no Litoral Norte/RS, estabelecemos comparações e afastamentos com a História Pública e com a perspectiva de nominar estas produções como “obras fronteiriças” de História.

Por fim, cabe apresentar um elemento até então não abordado, mas que referenda uma série de conclusões tecidas ao longo desta tese. Encontramos em nossas pesquisas o volume *Raízes de Viamão – Memória, História e Pertencimento* (2008). Este livro possui 1455 páginas e 297 artigos⁹⁴. O material, organizado por Véra Lucia Maciel Barroso com o apoio do curso de História da Faculdade Porto-Alegrense (FAPA) e da prefeitura municipal de Viamão, surgiu de um projeto *Raízes de Viamão*. Esta cidade, atualmente com 251 mil habitantes, em uma área metropolitana e conurbada com Porto Alegre, também sofreu muitos desmembramentos em seu território original. Mesmo assim, não encontramos uma continuidade deste projeto nos demais municípios “filhos” da cidade inicial, tal qual em Santo Antônio da Patrulha. Com essa informação, fica ainda mais clara a importância e o impacto que estes projetos de história local

⁹⁴ Na parte final este livro ainda contempla uma pesquisa sobre a “Geografia humana de Viamão-Levantamento genealógico parcial das escolas municipais”, com o levantamento de 44 escolas da região, onde os professores submeteram um questionário aos alunos e tabularam dados.

exerceram sobre os pequenos municípios e que acabaram “diluídos” em uma cidade metropolitana como Viamão.

Os eventos *Raízes e Marcas do tempo* seguem abertos para outras chaves investigativas. Estes materiais e os livros de história local em geral abrem uma janela onde podemos observar como a História e a Memória são praticadas e lidas fora deste ambiente profissional do qual esta tese faz parte. Para os moradores destas cidades pequenas, estes eventos alteraram os hábitos do município, pararam o trânsito⁹⁵, visitantes circularam pelos restaurantes e ruas da cidade, fizeram com que por uma semana se fugisse da rotina dando centralidade a estas narrativas sobre o seu espaço e região. Pessoas sentiram-se importantes ao se apresentarem contando suas memórias e suas pesquisas históricas. Intelectuais se encontraram e trocaram ideias, autografaram livros. Talvez esse movimento humano seja o elemento mais fascinante a ser observado, evidenciando o quanto a História, a Memória e a Identidade são capazes de mobilizar e cativar as pessoas.

⁹⁵ Na entrada das bandeiras, por exemplo

BIBLIOGRAFIA

1. Anais dos eventos e depoimentos:

I Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte/RS- Terra de Areia Marcas do tempo (2000). Organizado por Nilza Huyer Ely. Porto Alegre: EST Editora.

II Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte/RS- Torres Marcas do tempo (2003). Organizado por Nilza Huyer Ely. Porto Alegre: EST Editora.

III Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte - Três Cachoeiras Marcas do tempo (2004) Organizado por Nilza Huyer Ely. Porto Alegre: EST Editora.

IV Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte - Arroio do Sal Marcas do tempo (2006). Organizado por Nilza Huyer Ely. Porto Alegre: EST Editora

V Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte - Dom Pedro de Alcântara- Marcas do tempo (2010). Organizado por Nilza Huyer Ely. Porto Alegre: EST Editora.

Raízes de Santo Antônio da Patrulha, São Francisco de Paula e Tramandaí. (1992). Organizado por Véra Lúcia Maciel Barroso. Porto Alegre: EST Editora.

Raízes de Torres. VI Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha. (1995) Organizado por Véra Lúcia Maciel Barroso, Terezinha de Borba Quadros e Maria Roseli Brovedan Brocca. Porto Alegre: EST Editora.

Raízes de Terra de Areia. IX Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha. (1998). Organizado por Véra Lúcia Maciel Barroso e Nilza Huyer Ely. Porto Alegre: EST Editora.

Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá. X Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha. (1999). Organizado por Corália Ramos Benfica, Lézia M. C. de Figueiredo, Santino T. Gomes, Teresinha de Jesus Benfica, Véra Lúcia Maciel Barroso. Porto Alegre: EST Editora.

Raízes de Osório. XIII Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha. (2002) Organizado por Véra Lúcia Maciel Barroso, Luís André Espíndola, Renata Feldens Florentino. Porto Alegre: EST Editora.

Raízes de Capão da Canoa. XV Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha. (2004) Organizado por Ana Inez Klein, Marly Scholl e Véra Lúcia Maciel Barroso. Porto Alegre: EST Editora.

Raízes de Santo Antônio da Patrulha. XX Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha. (2009) Organizado por Fernando Rocha Lauck e Véra Lúcia Maciel Barroso. Porto Alegre: EST Editora.

Raízes do Balneário Pinhal. XXI Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha. (2010) Organizado por Maria Cardoso Faistauer, Maria Jaqueline de Moraes, Neusa Maria Carvalho e Véra Lúcia Maciel Barroso. Canoas: Fênix Editora.

BARROSO, Véra Lucia Maciel. *Depoimento* [agosto 2014]. Sandra Cristina Donner, gravado em mídia digital.

ELY, Nilza Huyer. *Depoimento* [agosto 2014]. Sandra Cristina Donner, gravado em mídia digital.

FISCHER, Jacy Waldyr. *Depoimento* [novembro 2014]. Sandra Cristina Donner, gravado em mídia digital.

LAUCK, Fernando Rocha. *Depoimento* [julho 2014]. Sandra Cristina Donner, gravado em mídia digital.

LOPES, Renato José. *Depoimento* [agosto 2014]. Sandra Cristina Donner, gravado em mídia digital.

RAHMEIER, Andrea Helena Petry. *Depoimento* [outubro 2014]. Sandra Cristina Donner, gravado em mídia digital.

SOARES, Leda Saraiva. *Depoimento* [novembro 2014]. Sandra Cristina Donner, gravado em mídia digital.

VELHO, Marco Antônio. *Depoimento* [novembro 2014]. Sandra Cristina Donner, gravado em mídia digital.

WITT, Marcos Antônio. *Depoimento* [agosto 2014]. Sandra Cristina Donner, gravado em mídia digital.

2. Referências

ALBIERI, Sara; GLEZER, Raquel. *O campo da história e as “obras fronteiriças”*: algumas observações sobre a produção historiográfica brasileira e uma proposta de conciliação. In: Revista Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: USP, nº48, 2009.

BARBOSA, Agnaldo Souza. *A proposta de um estatuo para a História local e Regional- Algumas Reflexões*. In: História e perspectiva. Uberlândia: janeiro/dez, 1999.

BARROS, José D’Assunção. *História, região e espacialidade*. Revista de História Regional. 2005

_____. *A expansão da História*. São Paulo: Editora Vozes, 2013.

BARROSO, Véra Lúcia Macial. *Apresentação*. In: Raízes de Santo Antônio da Patrulha, São Francisco de Paula e Tramandaí. (1992). Organizado por Véra Lúcia Maciel Barroso. Porto Alegre: EST Editora

_____. *Irmão Jacob José Parmagnani*. In: ELY, Nilza Huyer. Arroio do Sal - Marcas do tempo. Porto Alegre, EST Editoras, 2007.

_____. *O povoamento do território do Rio Grande do Sul/Brasil- O oeste como direção*. In: Estudios Historicos- CDHRP- nº2, Agosto 2009.

BECKETT, John. *Local History in its comparative international context*. In: The Local Historian. Londres: British Association for Local History, vol. 41, nº2, may, 2011

- BIER, Sonia Elisabeth; MORAES, Jandira. *Prefácio I*. In: BENFICA, Corália Ramos; FIGUEIREDO, Lézia M. C.; GOMES, Santino Telmo; BIER, Teresinha de Jesus Benfica; BARROSO, Véra Lucia Maciel. *Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá. X Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha*. Porto Alegre: EST Editora, 2000.
- BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. *De la justification: les économies de la grandeur*. Paris: Edition Gallimard, 1991.
- BORGES, Clarice Scheffer. *III Simpósio- Três Cachoeiras*. In: ELY, Nilza Huyer (org). *Dom Pedro de Alcântara- Marcas do tempo. V Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte*. Porto Alegre: Est Editora, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *O capital social: notas provisórias*. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.) *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand, 1998.
- BRITO, Rinaldo da Silva. *Influência do Açúcar Gaúcho S/A (AGASA), na evolução da História Agrária da região de Ribeirão, primeiro distrito de Santo Antônio da Patrulha/RS*. Trabalho de conclusão de curso defendido no curso de Graduação Tecnológica em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural- PLANGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, 2011.
- CARVALHO, Anita Lincks; PRESTES, Elga Trindade. *Depoimento*. In: *Raízes de Santo Antônio da Patrulha. XX Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha*. Organizado por Fernando Rocha Lauck e Véra Lúcia Maciel Barroso. Porto Alegre: EST Editora, 2012.
- CERTEAU, Michel de. *A Operação Histórica*. In: Nora, Pierre e Le Goff, Jaques *História: novos problemas*. RJ, Francisco Alves, 1988.
- _____. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2002.
- CEZAR, Temistocles. *Lição Sobre a Escrita da História e da Historiografia e Nação no Brasil do Século XIX*. In: *Diálogos, DHI/UEM*, v. 8, n. 1, p. 11-29, 2004

- _____. *Em nome do pai, mas não do patriarca: ensaio sobre os limites da imparcialidade na obra de Varnhagen*. In: Revista História vol.24 no.2, Franca, 2005.
- CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. In: Revista Estudos Avançados. São Paulo, Editora da USP, vol.5 no.11, Jan./Apr. 1991.
- _____. *Defesa e Ilustração da noção de Representação*. In: Fronteiras, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.
- CONSTANTINO, Núncio Santoro. *O que a micro-história tem a nos dizer sobre o regional e o local*. São Leopoldo, Revista UNISINOS nº 10, 2004.
- CORREA, Sílvio Marcus de Souza. *História Local e seu devir historiográfico*. v. 2, n. 2, p. 11-32, jul./dez. 2002
- DAROS, Marília. *Depoimento*. In: BENFICA, Corália Ramos; FIGUEIREDO, Lézia M. C.; GOMES, Santino Telmo; BIER, Teresinha de Jesus Benfica; BARROSO, Véra Lucia Maciel. *Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá. X Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha*. Porto Alegre: EST Editora, 2000.
- _____. *Cururuai, o nosso Rio dos Sinos*. In: BENFICA, Corália Ramos, FIGUEIREDO; Lézia M. C.; GOMES, Santino Telmo; BIER, Teresinha de Jesus Benfica; BARROSO, Véra Lucia Maciel. *Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá. X Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha*. Porto Alegre: EST Editora, 2000.
- DERUYVER, Debra. *The History os Public History*. September 10, 2000. In: http://www.publchistory.org/what_is/history_of.html (consultado em 12/05/2015)
- DOMINGOS, Cláudio Leal; MURI, Guido. *Nossa Senhora da Conceição do Arroio (Osório)- o distrito litorâneo*. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel. *Raízes de Santo Antônio da Patrulha, São Francisco de Paula e Tramandaí*. Porto Alegre: EST Editora 1992.

- DOMINGOS, Cláudio Leal. *Imigração Alemã no Vale do Três Forquilhas a mesclagem*. In: ELY, Nilza Huyer. II Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte/RS- Torres Marcas do tempo (2003). Porto Alegre: EST Editora.
- ELMIR, Cláudio Pereira. *O que a micro-história tem a nos dizer sobre o local*. São Leopoldo, Revista UNISINOS nº 10, 2004.
- ELY, Nilza Huyer. *Três Forquilhas e seu Círculo de Estudos*. In: BARROSO, Véra Lúcia. Raízes de Lagoa Vermelha. Porto Alegre, EST Editora, 1993.
- _____. *De Przychowitz ao Vale do Três Forquilhas- Carlos Huyer- um imigrante versátil*. In: ELY, Nilza Huyer; BARROSO, Véra Lucia (org). Raízes de Terra de Areia. Porto Alegre: EST Editora, 2000..
- _____. *A Necessidade do Resgate Histórico-Cultural das Comunidades da Colônia Alemã de Torres*. In: ELY, Nilza Huyer (org). Terra de Areia Marcas do tempo- I Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte/RS. Porto Alegre: Est Editora, 2000.
- _____. *Bandeiras e Brasões identificando o quadrante patrulhense*. In: BENFICA, Corália Ramos, FIGUEIREDO, Lézia M. C., GOMES, Santino Telmo, BIER, Teresinha de Jesus Benfica, BARROSO, Véra Lucia Maciel. Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá. X Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha. Porto Alegre: EST Editora, 2000.
- _____. *Abertura*. In: ELY, Nilza Huyer. (org). III Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte - Torres. Porto Alegre: EST Editora, 2003.
- _____. *A colônia alemã de Torres 175 anos de história*. In: ELY, Nilza Huyer. (org). III Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte - Torres. Porto Alegre: EST Editora, 2003.
- _____; BORGES, Clarice Scheffer. *Apresentação*. In: ELY, Nilza Huyer. (org). III Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte - Três Cachoeiras Marcas do tempo. Porto Alegre: EST Editora, 2004.

_____. *Pronunciamento- Abertura*. In: ELY, Nilza Huyer. (org). III Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte - Três Cachoeiras Marcas do tempo. Porto Alegre: EST Editora, 2004.

_____. *Professora Elza Tieböhl Nascimento*. In: ELY, Nilza Huyer. (org). III Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte - Três Cachoeiras Marcas do tempo. Porto Alegre: EST Editora, 2004.

_____. *Códigos de posturas municipais: Santo Antônio da Patrulha, Osório, Vacaria, Lagoa Vermelha, São Francisco de Paula e Torres (1811-1889)*. In: Véra Lúcia Maciel Barroso, KLEIN, Ana Inêz e SCHOLL, Marly. Raízes de Osório. XIII Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha. Porto Alegre: EST Editora, 2004.

_____. *Pronunciamento-Abertura*. In: ELY, Nilza Huyer (org). Arroio do Sal- Marcas do tempo. Porto Alegre: EST Editora, 2007.

_____. *Apresentação*. In: ELY, Nilza Huyer (org). Dom Pedro de Alcântara- Marcas do tempo. Porto Alegre: EST Editora, 2010.

_____. *A colônia Alemã da Ponta das Torres: cotidiano dos imigrantes e seus descendentes*. In: ELY, Nilza Huyer (org). Dom Pedro de Alcântara- Marcas do tempo. Porto Alegre: EST Editora, 2010.

_____. *Philip Peter Gross: um imigrante, uma casa= vidas*. In: ELY, Nilza Huyer (org). Dom Pedro de Alcântara- Marcas do tempo. Porto Alegre: EST Editora, 2010.

EVANS, Jennifer. *What is Public History?* In: The History or Public History. September 10, 2000. http://www.publichistory.org/what_is/history_of.html (consultado em 12/05/2015)

FERNANDES, Astrogildo. *Pioneiros da Historiografia dos Municípios de Origem Patruhense*. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel. Raízes de Santo Antônio da Patrulha, São Francisco de Paula e Tramandaí. Porto Alegre: EST Editora 1992.

- FERNANDES, Jorge Luiz S. *A saga da família Germann*. In ELY, Nilza Huyer (org) I Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte - Terra de Areia Marcas do tempo. Porto Alegre: EST Editora, 2000.
- FERNANDEZ, Sandra. *Más Allá del território- La historia regional y local como problema discusiones, balances y proyecciones*. Rosário, Prohistoria, 2007.
- _____. *Los estudios de historia regional y local de la base territorial a la perspectiva teórico-metodológica*. In: FERNANDEZ, Sandra. *Más Allá del território- La historia regional y local como problema discusiones, balances y proyecciones*. Rosário, Prohistoria, 2007.
- FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *História, tempo presente e história oral*. In: Topoi. Rio de Janeiro, dezembro 2002.
- _____. *Demandas sociais e história do tempo presente*. In: VARELLA, Flávia Forentino, et alli. *Tempo presente & usos do passado*. RJ, FGV, 2012.
- FILHO, Pedro Adams. *Jornal Gazeta*. In: BARROSO, Vera Lúcia Maciel; QUADROS, Terezinha Conceição de Borba; BROCCA, Maria Roseli Brovedan. *Raíces de Torres*. Porto Alegre: Est Editora, 1996.
- FRANZEN, Marília Daros. *Gramado- Operação Resgate*. In: BARROSO, Vera Lúcia Maciel. *Raíces de Lagoa Vermelha*. Porto Alegre: EST Editora, 1993.
- GOMES, Ângela de Castro. *Essa Gente do Rio - os intelectuais cariocas e o modernismo*. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro. vol. 6, n. II, 1993;
- GOUBERT, Pierre. *História Local*. In: *Revista Arrabaldes*. Ano I, maio/agosto 1988.
- GRIMBERG, Keila. *Disciplina com sentido* 2. In: <http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/em-tempo/disciplina-com-sentido/>. Consultado em 13/04/2012.

_____. *Por um olhar historiador*. In: site ciênciahoje.uol.br. Consultado em 14/12/2012.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Usos da História, refletindo sobre a escrita da História*. In: História em Revista: dossiê- Historiografia. Pelotas, UFFPEL, vol. 6, dezembro 2000.

GUINZBURG, Carlo. *A Micro-História e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Bertrand, 1989.

GUTFREIND, Ieda. *A Historiografia Sul-Riograndense*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.

HAAS JÚNIOR, Arnaldo. *Horizontes da escrita: Historiografia, uma ideia de região e a monumentalização do passado no Vale do Itajaí – SC (1985-2007)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História. Orientador: Prof. Dr. Luiz Felipe Falcão. Florianópolis – SC 2009

_____. *Histórias locais, produtores de história e os usos do passado: reflexões sobre o contexto catarinense*. In: Fronteiras- Revista Catarinense de História. Florianópolis: n.17, 2009.

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HARTOG, François. *A testemunha e o historiador*. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre: ed da Universidade, UFRGS, 2001.

_____. *Tempo e Patrimônio*. In: *Vária História*, Belo Horizonte, vol. 22, nº36; jul/dez, 2006.

_____. *Evidência da História- o que os historiadores vêem*. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2011.

JACKSON, Andrew J.H. *Process and synthesis in the rethinking of local history perspectives contained in essays for a contry history society, 1970-2005*. In: *The*

http://www.bishopg.ac.uk/docs/Profiles/Jackson_2006_iJORALS_2_1_5-19.pdf

KELLEY, Robert. *Public History: its origins, nature, and prospects*. In *The Public Historian*, v. 1, n. 1, p. 16-28, 1978.

KLEIN, Ana Inêz. *História- Memória- Micro-História*. In: Raízes de Osório. XIII Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha. (2002) Organizado por Véra Lúcia Maciel Barroso, Luís André Espíndola, Renata Feldens Florentino. Porto Alegre: EST Editora, 2002.

KNACH, Alice Marina Brusch. *Círculo de Estudos da História do Vale do Três Forquilhas- Círculo Verde*. In: ELY, Nilza, Huyer. *Marcas do tempo- Terra de Areia- I Simpósio Sobre Imigração Alemã no Litoral Norte/RS*. Porto Alegre, EST Editora, 2000.

KÜHN, Fábio. *Breve História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

LAUCK, Fernando Rocha. *História e cultura patrulhenses: registros de reconhecimento*. In: Raízes de Santo Antônio da Patrulha. XX Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha. Organizado por Fernando Rocha Lauck e Véra Lúcia Maciel Barroso. Porto Alegre: EST Editora, 2012.

_____. *Imagens da Memória- Museu Antropológico Caldas Júnior*. Santo Antônio da Patrulha: Triângulo, 2013.

LIDDINGTON, Jill. *O que é História Pública?* In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Orgs.). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

LIMBERGER, Emiliano J. K. *Fatores da Aculturação dos Alemães do Litoral Gaúcho*. In: ELY, Nilza Huyer (org). *Terra de Areia Marcas do tempo- I Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte/RS*. Porto Alegre: Est Editora, 2000.

_____. *Rio Pardo e os limites problemáticos entre os quatro municípios originários*. In: BENFICA, Corália Ramos, FIGUEIREDO, Lézia M. C., GOMES, Santino Telmo, BIER, Teresinha de Jesus Benfica, BARROSO, Vera Lucia Maciel. *Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá. X Encontro*

dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha. Porto Alegre: EST Editora, 2000.

_____. *Sobrenomes de imigrantes e sua origem*. In: ELY, Nilza Huyer. II Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte/RS- Torres Marcas do tempo (2003). Porto Alegre: EST Editora.

_____. *Conceição do Arroio ou Osório*. In: Véra Lúcia Maciel Barroso, KLEIN, Ana Inêz e SCHOLL, Marly. Raízes de Osório. XIII Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha. Porto Alegre: EST Editora, 2004.

LIPPERT, Generi Máximo. *Prefácio*. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel e ELY, Nilza Huyer. Raízes de Terra de Areia. IX Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha. Porto Alegre: EST Editora, 1999.

LOPES, Renato José. *Notícias*- Instituto Histórico e Geográfico de Santo Antônio da Patrulha. Santo Antônio da Patrulha, correio eletrônico, dezembro-2013.

LUMERTZ, Pedro José. *Prefácio*. In: ELY, Nilza Huyer. III Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte - Três Cachoeiras Marcas do tempo. Porto Alegre: EST Editora, 2004.

MACHADO, Telmo José e KOSCINA, Elisabeth Costa de. *Prefácio II*. In: Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá. X Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha. (1999). Organizado por Corália Ramos Benfica, Lézia M. C. de Figueiredo, Santino T. Gomes, Teresinha de Jesus Benfica, Véra Lúcia Maciel Barroso. Porto Alegre: EST Editora.

MALERBA, Jurandir. *Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History*. In: Revista da História da Historiografia. Ouro Preto • n. 15 • agosto • 2014 • p. 27-50.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. São Paulo: EDUSC, 2004.

_____. *História antiga e o antiquário*. In: Revista Anos 90. Porto Alegre, v. 21, n. 39, p. 19-76, jul. 2014

MONTEIRO, Gustavo Alminhana e DIEDRICH, Jacinto. *Diferentes sistemas agrários- Região Montenegro e Lagoa dos Barros- Ilha- Santo Antônio da Patrulha*. In: Curso de Planejamento e Gestão do Desenvolvimento Rural. <http://www.polosap.com.br/media/trabalhofinal04.pdf> (acesso em 05/04/2015)

MURI, Guido. *Santo Antônio da Patrulha e Conceição do Arroio (Osório)- Questão de Limites*. In: BENFICA, Corália Ramos, FIGUEIREDO, Lézia M. C., GOMES, Santino Telmo, BIER, Teresinha de Jesus Benfica, BARROSO, Vera Lucia Maciel. *Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá*. X Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha. Porto Alegre: EST Editora, 2000.

NEDEL, Letícia Borges. *Um Passado Novo para uma História em Crise: Regionalismo e Folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965)*. Tese de Doutorado, UNB, 2005.

NETO, Ferúlio Tedesco. *A Importância do VI Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha, no contexto regional e estadual*. In: BARROSO, Vera Lúcia Maciel; QUADROS, Terezinha Conceição de Borba; BROCCA, Maria Roseli Brovedan. *Raízes de Torres*. Porto Alegre: Est Editora, 1996.

NEVES, Erivaldo Fagundes. *História Regional e Local: fragmentação e recomposição da História na crise da modernidade*. Feira de Santana, editora Arcádia, 2002.

NICOLAZZI, Fernando. *O historiador e seus públicos: regimes historiográficos e leituras da história*. In: Conferência III Congresso Internacional de História UEPG – UNICENTRO, 12-15 maio de 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/16868974/O_historiador_e_seus_p%C3%BAblicos_regimes_historiogr%C3%A1ficos_e_leitura_da_hist%C3%B3ria_Confer%C3%A2ncia_apresentada_no_II_Congresso_Internacional_de_Hist%C3%B3ria_UEPG-UNICENTRO_2015_

NORA, Pierre. *Entre memória e História – a problemática dos lugares*. In: Projeto História. São Paulo: USP, nº10, dezembro 1993.

- PARMAGNANI, Jacob José. *Imperatriz Leopoldina, iniciadora e promotora da corrente migratória alemã no Rio Grande do Sul*. In: ELY, Nilza Huyer (org). Dom Pedro de Alcântara- Marcas do tempo. Porto Alegre: EST Editora, 2010.
- POLLAK, Michel. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro.vol. 5, nº 10, 1992.
- _____. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: vol. 2, nº3, 1989.
- POMIAN, Krzystof. *Sobre la Historia*. Madrid: Cátedra, 2007.
- PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008
- _____. *Como a História faz o Historiador*. Anos 90, Porto Alegre, nº14, dezembro 2000.
- QUADROS, Terezinha Conceição de Borba; ELY, Nilza Huyer; BROCCA, Maria Roseli Brovedan. *Apresentação*. In: ELY, Nilza Huyer. II Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte/RS- Torres Marcas do tempo (2003). Porto Alegre: EST Editora.
- _____. *Raízes de Torres I: um ramo frondoso que nasce na árvore histórica dos municípios do Nordeste do Rio Grande do Sul*. In: Raízes de Torres. VI Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha. (1995) Organizado por Véra Lúcia Maciel Barroso, Terezinha de Borba Quadros e Maria Roseli Brovedan Brocca. Porto Alegre: EST Editora.
- REIS, Luiz Guiomar Gonçalves dos. *Depoimento*. In: BARROSO, Véra Lúcia, LAUCK, Fernando Rocha (org). Raízes de Santo Antônio da Patrulha. XX Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha 1809-2009. Porto Alegre: EST Editora, 2012.
- RENDA, Eduardo. *Prefácio*. In: Véra Lúcia Maciel Barroso, KLEIN, Ana Inêz e SCHOLL, Marly. Raízes de Osório. XIII Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha. Porto Alegre: EST Editora, 2004.

- REVEL, Jacques. *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- RICCEUR, Paul. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.
- _____. *A marca do passado*. In: História da historiografia. Ouro Preto: número 10, dezembro 2012.
- RODRIGUES, Clóvis, Webber. *Prefácio*. In: BARROSO, Véra Lúcia Maciel; QUADROS, Terezinha Conceição de Borba; BROCCA, Maria Roseli Brovedan. *Raízes de Torres*. Porto Alegre: Est Editora, 1996.
- RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. *O papel da universidade no “campo da história”*: o curso de Geografia e História da UPA/URGS na década de 1940. In: MÉTIS: história & cultura. Caxias do Sul: UCS, v. 2, jul./dez., 2002).
- RUBINSTEIN, Willians D. *História e História “Amadora”*. In: LAMBERT, Peter e SCHOFIELD, Phillipp. *História: Introdução ao ensino e à prática*. Pg. 315.
- RUSCHEL, Ricardo Raupp. *Apresentação*. In: ELY, Nilza Huyer (org). *Torres tem História- Ruy Ruben Ruschel*. Porto Alegre: EST Editora, 2004.
- RUSCHEL, Ruy Ruben. *Os dois caminhos pioneiros do Rio Grande do Sul*. In: BARROSO, Véra Lúcia Maciel. *Raízes de Santo Antônio da Patrulha, São Francisco de Paula e Tramandaí*. Porto Alegre: EST Editora 1992.
- _____. *Determinantes iniciais de Torres*. In: BARROSO, Véra Lúcia Maciel; QUADROS, Terezinha Conceição de Borba; BROCCA, Maria Roseli Brovedan. *Raízes de Torres*. Porto Alegre: Est Editora, 1996.
- SALVIA, Flávia La; MARODIN, Elisabeth F. *Evolução Municipal: uma análise geográfica*. In: Revista do FEEE. <http://revistas.fee.tche.br/index.php/boletim-geografico-rs/article/viewFile/3322/3394> (consulta em 15/07/2015)
- SARLO, Beatriz. *Tiempo Pasado: cultura de la memória y giro subjetivo. Una discusión*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Os historiadores e os acervos documentais e museológicos: novos espaços de atuação profissional*. In: Anos 90. Porto Alegre, v. 15, nº28, p. 187-196, dez. 2008.

_____. *Um historiador vale tanto quanto um médico ou um advogado, não é?* In: site da ANPUH-Brasil. 2013

SEFFNER, Fernando. *Presença das idéias positivistas nas “Histórias dos Municípios” do Rio Grande do Sul*. In: Porto Alegre, Revista Ciências e Letras, nº18, 1997.

SELAU, José Kras. *A Mentalidade dos imigrantes alemães*. In: BARROSO, Véra Lúcia. Raízes de Torres. Porto Alegre, EST Editora, 1996.

_____. *A sobrevivência dos imigrantes alemães em Torres. Imigração Alemã no Vale do Três Forquilhas a mesclagem*. In: ELY, Nilza Huyer. II Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte/RS- Torres Marcas do tempo (2003). Porto Alegre: EST Editora.

SERNA, Justo Y PONS, Analcet. *En su lugar. Una reflexión sobre la historia local y el microanálisis*. In: FERNANDES, Sandra e DALLA CORTE, Gabriela. Lugares para la História- espacio, história regional e historia local em los estúdios contemporâneos

_____. *Mas cerca, mas denso*. La Historia local y sus metáforas. In: FERNANDEZ, Sandra. Más Allá del território- La historia regional y local como problema discusiones, balances y proyecciones. Rosário, Prohistoria, 2007.

SEYFERTH, Giralda. *Identidade étnica, assimilação e cidadania- A imigração alemã e o Estado brasileiro*. Trabalho apresentado no XVII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, MG, 22-25 de outubro de 1993. http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_08.htm

_____. *Etnicidade política e ascensão social: Um exemplo teuto-brasileiro*. In: Mana, n. 5, p. 61-88, 1999.

_____. *As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional*. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 6, n. 14, p. 143-176, nov. 2000.

_____. *A dimensão cultural da imigração*. In: RBCS, vol 26, nº77, out. 2011.

SILVA, Daíçon Maciel da. *Prefácio*. In: BARROSO, Véra Lúcia, LAUCK, Fernando Rocha (org). *Raízes de Santo Antônio da Patrulha. XX Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha 1809-2009*. Porto Alegre: EST Editora, 2012.

SILVA, Luiz Nicanor Araújo da Silva. *A Literatura Patruhense através dos tempos*. In: LAUCK, Fernando Rocha, BARROSO, Véra Lúcia Maciel. *Raizinha*. Porto Alegre, EST Editora, 2009.

SIRINELLI, Jean-François. *Os Intelectuais*. In: REMOND, René (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003

_____. *As Elites Culturais*. In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa, Editora Estampa, 1998.

SOARES, Leda Saraiva. *Da Carreta ao avião- de Quintão a Torres. 1901-1946*. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel e ELY, Nilza Huyer. *Raízes de Terra de Areia. IX Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha*. Porto Alegre: EST Editora, 1999.

THEVENOT, Laurent. *Justification ET Compromis*. In: *Dictionnaire d'éthique et de philosophie morale*, sous la direction de M. Canto-Sperber, Paris, PUF, 1996.

_____. *The sociology of critical capacity*. In: *European Journal of Social Theory*, Sage Publications: London, Thousand Oaks, CA and New Delhi, 1999. 2(3): 359–377 Tradução de Marcos de Aquino Santos

TILLER, K. MACCLANCY, J. HEY, D.,SAMUEL, R. *Perspectives on English Local History*. Bilbao, Univesidad del Pais Vasco, 1993.

WANDSCHEER, Elvis Albert Robe e BASTIAN, Lílian. *As Agroindústrias de derivados da cana-se açúcar em Santo Antônio da Patrulha –RS*. Trabalho de Fim de Curso apresentado na Universidade de Passo Fundo, 2011.

- WEBER, Roswitia. *Festas, Celebrações e lugares de memória*. In: REINHEIMER, Dalva e NEUMANN, Rosane Márcia. Patrimônio histórico nas comunidades teuto-brasileiras: história, memória e preservação. São Leopoldo, Oikos, 2014.
- WITT, Marcos Antônio. *Em busca de um lugar ao sol: estratégias políticas, imigração alemã, Rio Grande do Sul- Século XIX*. São Leopoldo, Oikos, 2008.
- ZAPAROLLI, Nelci. *Depoimento*. In: Raízes de Santo Antônio da Patrulha. XX Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha. Organizado por Fernando Rocha Lauck e Véra Lúcia Maciel Barroso. Porto Alegre: EST Editora, 2012.

ANEXOS

ANEXO 1. Mapa atual do Litoral Norte/RS



ANEXO 2: Exemplo de programa de evento *Raízes*

XXI RAÍZES DO BALNEÁRIO PINHAL
XXI ENCONTRO DOS MUNICÍPIOS ORIGINÁRIOS DE SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA
DE 17 a 22 DE OUTUBRO DE 2010

DATA: DIA 17 DE OUTUBRO DE 2010 – DOMINGO – LOCAL: SOCIEDADE AMIGOS DA PRAIA DO PINHAL (SAPP)	
18 horas – Desfile de cavalarianos conduzindo as bandeiras dos municípios do Quadrante Patruhense. Trajeto: da Prefeitura do Balneário Pinhal até a SAPP.	
19 horas – Recepção e credenciamento	
- Abertura: Banda Municipal do Balneário Pinhal e entrada coreográfica das bandeiras	
- Pronunciamento da Coordenadora do XXI Raízes do Balneário Pinhal - MARIA CARDOSO FAISTAUER. Educadora, Pesquisadora, Membro do Conselho Estadual de Cultura, Membro da Comissão Gaúcha de Folclore e Diretora Cultural do MTG, 23ª RT/RS	
- Conferência inaugural: Balneário Pinhal e Santo Antônio da Patrulha no cenário regional - VÉRA LUCIA MACIEL BARROSO. Historiadora Patruhense, Membro do IHGRGS, Professora da FAPA e Historiógrafa do Centro Histórico-Cultural da Santa Casa de Porto Alegre	
- Pronunciamento do Prefeito de Santo Antônio da Patrulha - DAIÇON MACIEL DA SILVA	
- Pronunciamento do Prefeito do Balneário Pinhal - JORGE LUIZ DE SOUZA FONSECA	
- Entrega das lembranças do Raízes de Balneário Pinhal	
- Arte local: Celso Oliveira e os Guitarreiros	
- Confraternização	

DATA: DIA 18 DE OUTUBRO DE 2010 - 2ª FEIRA – LOCAL: SOCIEDADE AMIGOS DA PRAIA DO PINHAL (SAPP)				
Horário	Atividades	Nome	Créditos	Municípios
08 horas	Recepção e credenciamento dos participantes			
8h30min	Palestra: Balneário Pinhal: histórias para guardar no coração.	MARIA CARDOSO FAISTAUER	Educadora, Pesquisadora, Membro do Conselho Estadual de Cultura, Membro da Comissão Gaúcha de Folclore e Diretora Cultural do MTG, 23ª RT/RS	Balneário Pinhal/RS
09h10min	Palestra: O processo de emancipação de Balneário Pinhal.	JACY WALDYR FISCHER	Professor e Pesquisador	Porto Alegre/RS
09h45min	Convívio			
10h	Palestra: A liderança de uma mulher.	LÉZIA MARIA LINO CARDOSO	Historiadora	Porto Alegre/RS
10h30min	Mini- palestra: Maria Faistauer professora e diretora que marcou época e vidas.	LARA FAISTAUER DA ROSA	Professora	Balneário Pinhal/RS
Comunicações				
	As remotas origens saltenhas (Salto do Uruguai) de uma família Pedroso de Bom Jesus.	PEDRO PAULO PEDROSO	Veterinário	Curitiba/PR
	Passo do Raposo e sua Ponte Histórica.	MARÍLIA DAROS	Historiadora	Gramado/RS
	Valorizando a história: Festa da Polenta e do vinho em Maquiné.	ISABEL VANESSA ROBAERT DE SOUZA e JOSIEL DE SOUZA	Professoras	Maquiné/RS
10h50min	De favo em favo uma nova história.	CÁTIA CILENE BARCELOS DOS SANTOS	Monitora Educação Infantil	Balneário Pinhal/RS

	Os mascates no Litoral.	MARIETA DA SILVA BRAGA	Professora	Palmares do Sul/RS
	Os imigrantes e a conformação da cidade. A memória silenciosa da cidade. Pioneiros do PAMPA (poesia).	EGISELDA BRUM CHARÃO	Pesquisadora	Porto Alegre/RS
	Poesia: Trilhas de raízes.	GILBERTO ASSUMPTÃO	Assessor Parlamentar	Balneário Pinhal/RS
12h10min	Almoço			
13h30min	Palestra: As fontes documentais para escrever sobre a história local.	ANA INEZ KLEIN	Professora/UFPEL	Pelotas/RS
14 horas	Painel: A ocupação indígena pré-histórica do Litoral Norte do Rio Grande do Sul: sambaquis da Faixa Atlântica do Brasil Meridional; A Ocupação Indígena Pré-Colonial na região dos balneários: Pinhal e Quintão.	GUSTAVO PERETTI WAGNER e JAIRO ROGGE	Arqueólogo Arqueólogo/UNISINOS	Porto Alegre/RS São Leopoldo/RS
	Comunicações			
	Antigos habitantes patrulhenses e os animais.	ANDRÉ LUIZ JACOBUS	Arqueólogo	Taquara/RS
	Os primeiros moradores de Balneário Pinhal.	NATÁLIA MACHADO MERGEN	Estudante	Sapucaia do Sul/RS
	Intimidade de Getúlio Vargas.	EDUARDO MARTINEZ	Historiador	Cidreira/RS
14h50min	Família Manique.	IVA DA SILVA	Pesquisadora e Professora	São Francisco de Paula/RS
15h30min	Convívio			
	Comunicações			
	O Pinhal do Balneário.	JACY WALVYR FISCHER	Pesquisador e professor	Porto Alegre/RS
	Memórias de Olício. Turma 11. EMEF José Antônio da Silva.	SIMONE ZANG KRECESKI	Professora	Balneário Pinhal/RS
	Histórico do CTG Vaqueanos da Praia do Pinhal. Turma EMEF Calil Miguel allem.	ALICE ANA GUADAGNIM MARTINS	Professora	Balneário Pinhal/RS
	1958 – Cidreira e Pinhal :Vivências Praianas.	MARCO ANTÔNIO VELHO PEREIRA	Pesquisador e economista	Osório/RS
15h40min	Quando e por que escolheram este município para morar? Alunos da Turma 22. EMEF Luiz de Oliveira.	ROSANE PACHECO FAGUNDES	Professora	Balneário Pinhal/RS
16h30min	Espectáculo Teatral		Projeto Pró-vida/SMECD	Balneário Pinhal/RS
17h30min	Intervalo			
19h30min	Palestra: Raízes do Litoral: um olhar atento.	LEDA SARAIVA SOARES	Historiadora	Porto Alegre/RS
	Comunicações			
	Raízes do Ensino superior em Balneário Pinhal.	PAULA FOGAÇA MARQUES	Historiadora e Professora	Balneário Pinhal/RS
	Marco das Águas.	ZULEIDE MACIEL CÉZAR DA SILVA	Advogada	Balneário Pinhal/RS
20h15min	Pinhal Balneário das Tradições.	PEDRO JOSÉ VICENTE	Poeta	Porto alegre/RS
21h15min	Atividade cultural: RUDY KESTERING - Ser Nativo			

DATA: 19 DE OUTUBRO DE 2010 – 3ª FEIRA – LOCAL: SOCIEDADE AMIGOS DA PRAIA DO PINHAL (SAPP)

Horário	Atividades	Nome	Créditos	Municípios
---------	------------	------	----------	------------

08 horas	Recepção e credenciamento dos participantes			
	Comunicações			
	Habitasul e o início da população do Túnel Verde.	ELIANA FERREIRA SCHERNER	Educadora CRAS Túnel Verde	Balneário Pinhal/RS
	Registro civil e o pertencimento na cidade. Turma 51. EMEF José Antônio da Silva.	LILIANA DOS S. SCHEFFER E ELIETE DE LUCENA LEÃO	Professora e Supervisora Escolar	Balneário Pinhal/RS
	A história da tematização de Balneário Pinhal. Boa Viagem Papai Noel.	TATIANA WEISSHEIMER RITA	Secretária Municipal de Turismo e Lazer	Balneário Pinhal/RS
	História de Balneário Pinhal contada pelos meus avós.	CASSIA CARNIEL PEREIRA	Professora	Balneário Pinhal/RS
	História das placas do nosso município.	ELAINE MARQUES DUTRA MARQUES	Professora	Capivari do Sul/RS
	Narrativas dos alunos da EMEF Calil Miguel Allem.	AIRTON LUIZ CARDOSO BITENCOURT	Professor	Balneário Pinhal/RS
	Alimentação escolar: uma viagem no tempo.	MARE ECILA HOMEM DOS SANTOS	Nutricionista	Balneário Pinhal/RS
8h30min	Paróquia Santo Antônio de Pádua.	GLÁDIS PORTELLA CUSTÓDIO	Professora	Balneário Pinhal/RS
09h50min	Convívio			
10 horas	Palestra: Conhecendo o espaço Norte - litorâneo: geologia, hidrografia, relevo e outras marcas de sua identidade geo-física.	PAULO JOLAR GALARÇA	Geógrafo e Professor	Porto Alegre/RS
	Comunicações			
	Paróquia São Paulo da Lagoa Vermelha e aspectos históricos.	DAVINO VALDIR RODRIGUES NEPOMUCENO	Pesquisador, professor e advogado	Lagoa Vermelha/RS
	As brincadeiras antigas.	DENISE GROFF	Historiadora	Nova Hartz/RS
	O propósito de Deus na nossa família.	MARISTELA PEREIRA PAVÃO	Empresária	Balneário Pinhal/RS
	A chegada dos Baianos.	JOCELI DE SOUSA SILVA	Pedagoga	Balneário Pinhal/RS
	Catedral de pedra: uma maravilha do Brasil.	PEDRO OLIVEIRA	Pesquisador	Canela/RS
	Marcos históricos de Três Coroas.	LUIZ CARLOS EBERT	Pesquisador	Três Coroas/RS
	Identificando meus antepassados: Velho e Ferrazzo.	ARTUR FERRAZZO VELHO	Estudante	Porto Alegre/RS
10h40min	As características açorianas da região da península do RS.	IVO LADISLAU	Produtor Cultural	Capão da Canoa/RS
12 horas	Almoço			
13h30min	Palestra: Do recado na porta ao jornal eletrônico.	NILZA HUYER ELY	Historiadora	Cachoeirinha/RS
14h10min	Palestra: Santo Antônio da Patrulha, Caldas Júnior e o Correio do Povo em Balneário Pinhal.	WALTER GALVANI	Escritor, Jornalista e Presidente do Conselho Estadual de Cultura	Guaíba/RS
	Comunicações			
	Frutos de uma terra fértil.	JOEL PORTO ERLING	Empresário	Balneário Pinhal/RS
	História e Lendas de Pescador. Turma ... EMEF Calil Miguel Allem.	JANICE DE OLIVEIRA GARCIA	Professora	Balneário Pinhal/RS
	Conselho Comunitário: voluntariado e altruísmo.	CARLOS EDMUNDO KUHN	Estudante	Balneário Pinhal/RS
15 horas	O positivismo e a historiografia do Litoral Norte/RS: uma reflexão sobre os municípios	CATIANE ALVES DA SILVA, LEIDIANE QUINTANILHA E	Estudantes	Balneário Pinhal/RS

	de Balneário Pinhal, Imbé e Tramandaí.	NATÁLIA DE MELLO		
	Escavações arqueológicas no entorno da Igreja Nossa Senhora da Conceição.	SÉRGIO LEITE	Arqueólogo	Porto Alegre/RS
15h50min	Convívio			
	Comunicações			
	Ponto de Cultura, Antônio Prado...	CIANE FOCESATO E DIRCE BRAMBATTI GUZZO	Pesquisadoras	Antônio Prado/RS
	Os blocos carnavalescos.	VANESSA KRECESKI E ALUNOS DA TURMA 70. EMEF CALIL MIGUEL ALLEM	Professora e alunos	Balneário Pinhal/RS
	Pinhal e as histórias que encontrei.	DILETA MARIA RODRIGUES DE ALMEIDA	Moradora	Balneário Pinhal/RS
	Acrósticos sobre Balneário Pinhal. Turma ... EMEF Calil Miguel Allem.	NILVA SOUZA LEAL	Professora	Balneário Pinhal/RS
	Minha família.	LUIS CARLOS ROSA LOPES	Vereador	Balneário Pinhal/RS
	Peixinho Dourado: história e trajetória.	RAQUEL DE CARVALHO	Professora	Balneário Pinhal/RS
16 horas	Sementes hoje, raízes amanhã.	MARIA JAQUELINE DE MORAES E ALUNOS DA TURMA 11 EEEM DIOGO PENHA	Professora e alunos	Balneário Pinhal/RS
17h30min	Intervalo			
19h30min	Palestra : As cores do litoral: existências escravas no Litoral Norte do Rio Grande do Sul.	PAULO ROBERTO STAUDT MOREIRA	Doutor em História e Professor/UNISINOS	Porto Alegre/RS
20h10min	Palestra: Negros na Farroupilha no Litoral Norte: experiências de recrutamento e mobilização.	DANIELA VALLANDRO DE CARVALHO	Doutoranda em História/UFRJ	Porto Alegre/RS
20h40min	Palestra: A Estância de Capivari e os Pinto Bandeira.	MIGUEL FREDERICO DO ESPÍRITO SANTO	Historiador, Jurista e Presidente do IHGRGS	Porto Alegre/RS
21h10min	DTG Marco das Águas e Grupo de Danças Adulto - Projeto Pró-vida/SMECD – Balneário Pinhal			

DATA: 20 DE OUTUBRO DE 2010 – 4ª FEIRA – LOCAL: SOCIEDADE AMIGOS DA PRAIA DO PINHAL (SAPP)

Horário	Atividades	Nome	Créditos	Municípios
08 horas	Recepção e credenciamento			
	Comunicações			
	Resgatando suas raízes açorianas e fazendo sua história.	MARIA JAQUELINE DE MORAES	Professora	Balneário Pinhal/RS
	Relato de histórias dos habitantes no Balneário Pinhal.	MÁRCIA ELISA CORREA GOMES	Professora	Balneário Pinhal/RS
	A origem dos nomes dos municípios originários de Santo Antônio da Patrulha: o caso de Balneário Pinhal.	AIRTON LUIZ CARDOSO BITENCOURT	Professor	Balneário Pinhal/RS
8h30min	A família Calil e suas contribuições em nosso	MARIA JAQUELINE DE MORAES	Professora	Balneário

	município. Alunos das turmas 70 e 64. EMEF Calil Miguel Allem.			Pinhal/RS
	Um povo, uma pátria.	EDUARDO MARTINEZ	Historiador	Cidreira/RS
	Antigos moradores do Balneário Pinhal.	GRUPO DE AGENTE JOVEM DA SEDE/CREAS	-	Balneário Pinhal/RS
	Raízes em sala de aula - a motivação na produção de texto para publicação – turmas 64/70/71/81. EMEF Calil Miguel Allem.	MARIA JAQUELINE DE MORAES	Professora	Balneário Pinhal/RS
	A árvore de Anita: um símbolo de respeito e cidadania. Alunos da turma 81. EMEF Calil Miguel Allem.	MARIA JAQUELINE DE MORAES	Professora	Balneário Pinhal/RS
	A história dos veraneios em Balneário Pinhal. Alunos da turma 71. EMEF Calil Miguel Allem.	MARIA JAQUELINE DE MORAES	Professora	Balneário Pinhal/RS
10h	Convívio			
10h10min	Palestra: A Revolução Farroupilha no Litoral Norte.	EMILIANO J. LIMBERGER	Cooperólogo e Pesquisador	Porto Alegre/RS
10h40min	Palestra: A educação no Litoral Norte: do séc. XIX até 1930.	REGINA PORTELLA SCHNEIDER	Professora e Historiadora	Porto Alegre/RS
	Comunicação			
	Nos trilhos da história: memórias do trem na antiga Picada Hartz.	VANIA INÊS AVILA PRIAMO	Professora e Diretora do Museu Histórico	Nova Hartz/RS
	O resgate da história através de entrevistas. Alunos da turma 70. EMEF Calil Miguel Allem.	MARIA JAQUELINE DE MORAES	Professora	Balneário Pinhal/RS
	O início do comércio no SINDIPOLO. Turma 61. EMEF José Antônio da Silva.	MARA LUZ DOS SANTOS	Professora	Balneário Pinhal/RS
	As mulheres no movimento emancipacionista do município.	MÁRCIA ROSANE TEDESCO DE OLIVEIRA	Vereadora	Balneário Pinhal/RS
11h20min	Histórico da família Ingracio em Balneário Pinhal.	ELAINE MARQUES DUTRA MARQUES	Professora	Capivari do Sul/RS
12h10min	Almoço			
13h30min	Painel: Itaimbezinho e Fortaleza em Cambará do Sul: expoentes dos parques nacionais.	ADÃO LUIZ DA COSTA GÜLLICH, ANITA LICKS CARVALHO, DEONIR GEOLVANE ZIMMERMANN, ELGA TRINDADE PRESTES e GESMAR BORGES	Pesquisadores	Cambará do Sul/RS
	Comunicação			
	Capela Curada da Capela Santo Antônio.	JAIME NESTOR MÜLLER E RENATO JOSÉ LOPES	Pesquisadores	Tramandaí/RS
	O crime desvendado.	RENATO JOSÉ LOPES	Pesquisador	Tramandaí/RS
	O rolinho – de – gila é doce típico de Cambará do Sul.	GESMAR BORGES	Pesquisador	Cambará do Sul/RS
14h20min	Simbiose de corticeira, corucacas e sequóia.	NATHANA APARECIDA MACHADO DA SILVA	Estudante	Cambará do Sul/RS
	As lavadeiras de Tramandaí	Luíza Brufatto	Pesquisadora	Tramandaí/RS
15h10min	Convívio			
	Painel: Cidades do mel.			
	Rio Pardo (município-irmão de Santo Antônio da Patrulha):	EMILIANO J. LIMBERGER	Pesquisador	Porto Alegre/RS
15h20min	Cambará do Sul:	CELSO DE MACEDO SILVEIRA e JOSÉ CARLOS FERREIRA DE	Apicultores e Pesquisadores	Cambará do Sul/RS

		LIMA		
	Balneário Pinhal:	VILMAR FURINI e FLÁVIO QUINTANILHA	1º Prefeito do Balneário Pinhal e Apicultor	Balneário Pinhal/RS
	Comunicações			
	Primeiros passos de uma professora.	LIEGE DA SILVA FERREIRA	Professora	Osório/RS
	Balneário Pinhal – chegada das famílias da turma 41.	LUCIENE SIMÕES PONTES	Professora	Balneário Pinhal/RS
	O compromisso de um tradicionalista.	JOSÉ AUGUSTO MELO DA FONSECA	Conselheiro Tutelar	Balneário Pinhal/RS
	Departamento de Cidadania.	RUTH ELIZABETH BARBOSA	Professora	Balneário Pinhal/RS
	José Correa Rost: o vendedor de puxa-puxa.	JÓICE GOMES DOS SANTOS	Professora	Santo Antônio da Patrulha/RS
	Balneário Pinhal meu bem querer. Contos que o povo conta.	FABIANE BERETA GOMES CONCEIÇÃO	Professora	Balneário Pinhal/RS
	Carinhosa. Candice Mendes Von Mühlen.	CANDICE MENDES VON MÜHLEN	Professora	Balneário Pinhal/RS
16h	Nosso Orgulho - Balneário Magistério.	RICHARD WILLIAM POTT ESPÍNDULA	Estudante	Balneário Pinhal/RS
17h20min	Arte local: Projeto Pró-vida/SMECD – Balneário Pinhal. EMEF Luiz de Oliveira			
17h30min	Intervalo			
19h30min	Painel: Família Leindecker: lembranças da casa da esquina da Rua 27 (1974-2010).	DÁLIA LEINDECKER	Historiadora e Veranista de Balneário Pinhal	Porto Alegre/RS
	Comunicações			
	Sem passado somos nada.	MARIA BEATRIZ SCHIMIDT	Educadora	Balneário Pinhal/RS
	Litoral Norte Gaúcho em fotos.	PEDRO ROBERTO GOULARTE GONÇALVEZ	Fotógrafo	Balneário Pinhal/RS
	O Marco das Águas.	CELSO ANDRÉ MENDONÇA DE OLIVEIRA	Produtor Musical	Balneário Pinhal/RS
	Onze anos de história do Consulado Colorado – Balneário Pinhal.	JOBER LUIS DA SILVA NUNES	Comerciante	Balneário Pinhal/RS
	Segurança Pública em Cidreira. A tradição gaucha em Cidreira.	ALÍRIO CLAUDIO DE SOUZA	Inspetor de Polícia	Cidreira/RS
	A origem dos alunos do PROEJA FIC. EMEF Luiz de Oliveira.	AIRTON LUIZ CARDOSO BITENCOURT	Professor	Balneário Pinhal/RS
20h20min	Relatos de vida dos alunos da EJA e seus familiares. Objetos que fizeram parte da história do Balneário Pinhal.	ELOISE FAISTAUER DE BORBA	Professora	Balneário Pinhal/RS

DATA: 21 DE OUTUBRO DE 2010 – 5ª FEIRA – LOCAL: SOCIEDADE AMIGOS DA PRAIA DO PINHAL (SAPP)

Horário	Atividades	Nome	Créditos	Municípios
08 horas	Recepção e credenciamento			
	Comunicações			
	Em busca das raízes do nosso esporte. Turma 81. EMEF Barão de Santo Ângelo.	ELIZARDO BITENCOURT E VANESSA ZANG	Professores	Balneário Pinhal/RS
8h30min	Resgatando as raízes do Túnel Verde.	Rosane	Professora	Balneário

	Turmas 61 e 72. EMEF Barão de Santo Ângelo.			Pinhal/RS
	Origem dos alunos do PROEJA FIC. EMEF Calil Miguel Allem.	FABIANO DOS SANTOS DE CAMPOS	Professor	Balneário Pinhal/RS
	Resgatando as imagens da FLOSUL: fatos e fotos. Alunos da turma 71.	CLÁUDIA MARQUES	Professora	Balneário Pinhal/RS
	O boizinho da praia. Filho de Santo. Lembranças em homenagem ao professor Guido Muri.	IVAN THERRA	Produtor Cultural	Cidreira/RS
	Quarenta anos da Brigada Militar em Osório	MARINA RAYMUNDO DA SILVA	Historiadora	Osório/RS
	Os tropeiros do Divino.	PASCOALINO LOPES RIBEIRO	Pesquisador	Osório/RS
10h10mins	Convívio			
	Painel: Reunião de Família - Santo Antônio da Patrulha: município trisavô	VÉRA LUCIA MACIEL BARROSO	Historiadora Patrulhense	Porto Alegre/RS
	Osório: município-bisavô	PASCOALINO LOPES RIBEIRO	Historiador	Osório/RS
	Tramandaí: município-avô	LEDA SARAIVA SOARES	Historiadora	Imbé/RS
	Cidreira: município-mãe	IVAN THERRA	Músico	Cidreira/RS
10h20min	Balneário Pinhal	MARIA CARDOSO FAISTAUER	Professora, Pesquisadora e membro do Conselho Estadual de Cultura	Balneário Pinhal/RS
	Comunicações			
	Raízes em poesia. Turmas 62 e 63. EMEF Barão de Santo Ângelo.	Ariadne	Professora	Balneário Pinhal/RS
	A história do Túnel Verde e a história da Igreja Santo Antônio de Pádua.	RENE CHRISTIANO WEISSHEIMER	Aposentado	Balneário Pinhal/RS
	Resgate da história da Brigada Militar do Balneário Pinhal - contada por antigos moradores.	FÁTIMA FLORENCE	Professora	Balneário Pinhal/RS
11h30min	A cidade e a construção da identidade do sujeito.	NEUSA MARIA CARVALHO	Secretária Municipal de Educação, Cultura e Desporto	Balneário Pinhal/RS
12h10min	Almoço			
13h30min	Painel: O Curso de História da FACOS e sua contribuição para o conhecimento do Litoral Norte do RS;	CLÁUDIA CISIANE BENETTI e EDISON SATURNINO	Professora da FACOS e Professor da FACOS	Osório/RS
14h10min	Painel: A pesca artesanal do Balneário Pinhal;	SONIA TERESINHA SIQUEIRA CAMPOS e NEUSA SECCHI	Folcloristas e Pesquisadoras	Porto Alegre/RS
	Comunicação			
	Benedeiras do Litoral. Daniel Maíba.	DANIEL MAÍBA	Funcionário Público Municipal	Balneário Pinhal/RS
	Banda Municipal de Cidreira.	MARCOS CARDOSO PURIN	Professor	Cidreira/RS
	O último escravo. Bento Luiz Luz (Luli	BENTO LUIZ LUZ (LULI)	Despachante imobiliário	Cidreira/RS
14h50min	Como cheguei ao Balneário Pinhal.	JACIRA MARIA FRANCO	Moradora	Balneário Pinhal/RS
15h30min	Convívio			
15h40min	Comunicações			

	Centro Ocupacional Sol Nascente – 30 anos. APAE – 30 anos. Associação Idosos de São Marcos – 30 anos.	PATRÍCIA CAMASOLA TOMÉ	Secretária Municipal de Cultura, Desporto e Turismo	São Marcos/RS
	Duas Cruzes.	LIZZI BARBOSA	Pedagoga	Cidreira/RS
	Era uma vez... a Escola Barão de Santo Ângelo. Turmas 42 e 52. EMEF Barão de Santo Ângelo.	CHEILA DA ROSA SILVA AUTH	Professora	Balneário Pinhal/RS
	Análise de dados estatísticos e sociais de Pinhal.	JORGE LUIS FERNANDES	Professor	Capão da Canoa/RS
	Oliveira Balen: história de vida.	LEIVA TERESINHA RAMOS BOSSARDI	Professora e pesquisadora	São Marcos/RS
	Festa do Divino de Criúva.	LUIZ CÉZAR VACCHI	Técnico Agrícola	Caxias do Sul/RS
17 horas	Arte Local: Jociel Lima. EMEF Barão de Santo Ângelo.			
17h30min	Intervalo			
19h30min	Louvação ao Divino Espírito Santo: Equipe da Paróquia de Criúva. Caxias do Sul/RS			
20 horas	Congraçamento Espiritual			

DATA: 22 DE OUTUBRO DE 2010 – 6ª FEIRA – LOCAL: SOCIEDADE AMIGOS DA PRAIA DO PINHAL (SAPP)

Horário	Atividades	Nome	Créditos	Municípios
08 horas	Recepção e credenciamento			
	Comunicações			
	E a banda passou...	CARINE MARTINS CAMPOS	Estudante	Balneário Pinhal/RS
	Curral da contagem.	EDUARDO MARTINEZ	Historiador	Cidreira/RS
8h30min	Personagens do passado e presente do Balneário Pinhal.	JOEL ANDRÉ DE OLIVEIRA	Motorista	Balneário Pinhal/RS
09 horas	Palestra: Juá: fazendeiros, quilombolas e tropeiros.	LUIZ ANTÔNIO ALVES	Economista, Genealogista e Historiador	Caxias do Sul/RS
09h40min	Convívio			
9h50min	Palestra: O trabalho feminino no Litoral Norte e nos Campos de Cima da Serra.	SANDRA S. ALVES	Advogada e Historiadora	Caxias do Sul/RS
	Comunicações			
	Jovens: sua participação na construção do Balneário Pinhal.	GRACE ANE DA SILVA VARGAS e BRUNA LAÍS REXHUSEN BRUN	Estudantes da EMEF Luiz de Oliveira	Balneário Pinhal/RS
	As Virgens do Pinhal.	JOSUÉ LOURENÇO DOS SANTOS	Professor	Balneário Pinhal/RS
	Contextualização histórica, cronológica e curricular da EEEM Diogo Penha.	ALBERTO NUNES PINTO; ELIETE DE LUCENA LEÃO e CATARINA DALK	Professor; Supervisora Escolar e Orientadora Educacional	Balneário Pinhal/RS
	Cinquentenário EEEM Diogo Penha.	ELIETE DE LUCENA LEÃO	Supervisora Escolar	Balneário Pinhal/RS
	Poesia 15 anos de Balneário Pinhal.	VINÍCIUS DE SOUZA FERREIRA	Comerciante	Balneário Pinhal/RS
	Chegada da família Simor em Balneário Pinhal.	ANAIAIRA PATRICIA MEIRA SIMOR	Diretora da EMEF Luiz de Oliveira	Balneário Pinhal/RS
10h30min	A arte de conviver – Programa PETI	ANA CAROLINE FLORES	Educadora Social	Balneário

		BORBA		Pinhal/RS
	A trajetória de Omar Quintanilha.	VANESSA MESQUITA QUINTANILHA KRECESKI	Professora	Balneário Pinhal/RS
	Terno de Reis.	ZENO MACHADO DE ANDRADE	Cantador de Terno de Reis	Cidreira/RS
12 horas	Almoço			
13h30min	Palestra: A imigração italiana cria “outra” Lagoa Vermelha, o distrito mais longínquo do primitivo município de Santo Antônio da Patrulha.	PÉRCIO DE MORAES BRANCO	Geólogo e Historiador	Porto Alegre/RS
14h10min	Palestra: A história local diante da história internacional: Brasil e Argélia (África) – semelhanças e diferenças entre dois povos.	JANE DE MORAES BRANCO	Cirurgiã-dentista e Socióloga	Porto Alegre/RS
	Comunicações			
14h50min	As lavadeiras do Arroio do Sal.	MARTA MARIA DA SILVA	Engenheira Agrônoma	Arroio do Sal/RS
15horas	Convívio			
	Comunicações			
	Litoral Norte quer um passado.	LUIS ALEJANDRO PERES SCHWARTZBOLD	Corretor de imóveis	Balneário Pinhal/RS
	Pai da minha terra. Marcelo Zang.	MARCELO ZANG	Músico	Balneário Pinhal/RS
	A família Faistauer.	ELOISE FERREIRA FAISTAUER DE BORBA	Professora	Balneário Pinhal/RS
	Banda Diogo Penha: Uma história de amor.	PAULO RICARDO DA SILVA COSTA	Microempresário	Balneário Pinhal/RS
15h10min	Antônio Francisco Nunes 27 anos de história	LUÍSA MENESES COELHO	Diretora EMEF Antônio Francisco Nunes	Balneário Pinhal/RS
16h10min	Moções			
16h30min	Arte local: Projeto Pró-vida/SMECD – Balneário Pinhal. EMEF Antônio Francisco Nunes. EMEF José Antônio da Silva			
17h	Lançamento do XXII Encontro Raízes de Nova Hartz e pronunciamento do Prefeito de Nova Hartz.			
17h 30min	Encerramento do Raízes de Balneário Pinhal com a Banda Municipal			

ANEXO 3: Livros sobre o Litoral Norte/RS

Livros produzidos por historiadores:

BECKER, Jussara Louzada. *O homem pré-histórico no Litoral Norte, RS, Brasil : de Torres a Tramandaí*. Três Cachoeiras, RS : [Gráf. e Ed. TC], 2007.

BARROSO, VÉR Lúcia Maciel. *Moendas caladas: Açúcar Gaúcho S. A. – AGASA : um projeto popular silenciado : Santo Antônio da Patrulha e Litoral Norte do Rio Grande do Sul (1957-1990)*. [Tese]. Data de publicação: 2006

CARDOSO, Eduardo Mattos. *A invenção de Torres : do Balneário Picoral à criação da Sociedade Amigos da Praia de Torres - SAPT (1910-1950)*. Programa de Pós-Graduação em História- UNISINOS [Tese], 2008

CUNHA, Laro Pereira. *Índios Xokleng e colonos no litoral norte do Rio Grande do Sul : (séc. XIX)*. Porto Alegre: Evangraf, 2012

JACQUES, Clarisse Callegari. *As pessoas e as coisas: análise espacial em dois sítios arqueológicos, Santo Antônio da Patrulha*. Dissertação de Mestrado, PUCRS, 2007.

PEREIRA, Gilson Laone. *Ocupação pré-histórica do litoral norte gaúcho: um olhar sobre o invisível [TCC]*. PUCRS, Data de publicação: 2013

PEREIRA, Gilson Laone. *Ocupação pré-histórica do litoral norte gaúcho : um olhar sobre o invisível* [documento impresso e eletrônico} Editor: Diss. (Mestrado em História) - PUCRS, Fac. de Filosofia e Ciências Humanas Data de publicação: 2013

SANTOS, Sherol dos. *Apesar do cativo. Família escrava em Santo Antônio da Patrulha (1773-1824)* . Porto Alegre, 2009

SANTOS, Mariza Simon dos. *Origens de Capão da Canoa -1920-1950*. Porto Alegre: EST.editora, 2005

SCHOSSLER, Joana Carolina. *"As nossas praias": os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul (1900 – 1950)* [documento impresso e

eletrônico]. Editor: Diss. (Mestrado em História) - PUCRS, Fac. de Filosofia e Ciências Humanas. Data de publicação: 2010

SCHOSSLER, Joana Carolina. *História do veraneio no Rio Grande do Sul*. Jundiaí, SP : Paço Editorial, 2013.

SILVA, Marina Raymundo da. *Tajetória do Poder Legislativo Municipal de Osório 1857-2008*. Osório : Gráfica Triluz, 2008.

TOMACHESKI, Mauro Baltazar. *A terra prometida da Virgem Maria: imigrantes, viajantes intelectuais e colonos na imigração polaca*. 2014. 264 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo, RS, 2014

WAGNER, Gustavo Pereti. *Sambaquis da barreira da Itapeva : uma perspectiva geoarqueológica* [documento impresso e eletrônico]. Editor: Tese (Doutorado em História) - PUCRS, Fac. de Filosofia e Ciências Humanas. Data de publicação: 2009

WAGNER, Gustavo Peretti. *Ceramistas pré-coloniais do litoral norte*. (Mestrado em História) - PUCRS, Fac. de Filosofia e Ciências Humanas

WITT, Marcos Antônio. *Em busca de um lugar ao sol : estratégias políticas : imigração alemã, Rio Grande do Sul, século XIX*. São Leopoldo : Oikos, 2008.

WITT, Marcos Antônio. *Política no litoral norte do Rio Grande do Sul : a participação de nacionais e de colonos alemães - 1840-1889*. Editor: Diss. (Mestrado em História) - UNISINOS, Centro de Ciências Humanas. Data de publicação: 2001

Artigos:

CORREA, Sílvio Marcos. *Germanidade e banhos medicinais nos primórdios dos balneários no Rio Grande do Sul*. In: Revista História, Ciências, Saúde. Manguinhos, Rio de Janeiro, v.17, n.1, jan.-mar. 2010, p.165-184.

MOREIRA, Paulo Roberto Staut. *Um promotor fora de lugar: Um promotor fora de lugar: justiça e escravidão no século XVIII e escravidão no século XIX*

(comarca de Santo XIX (comarca de Santo Antônio da Patrulha, 1868) Antônio da Patrulha, 1868). In: Textura. Canoas, n. 10 julho/dezembro 2004 p.39-47.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. *A história do medo: o papel de um intendente*. Estudos Leopoldenses, São Leopoldo , v. 30, n. 139 , p. 77-82, 1994. ESTUDOS LEOPOLDENSES. São Leopoldo: UNISINOS, 1966-1996. Bimestral. Continuação de O seminário. Continuado em parte por Estudos leopoldenses : série ciências humanas. Índice acumulado. ISSN 0014-1607

RODRIGUES, Maicon Diego. *Monumentalização de um mito: representações de uma história nos espaços do Parque da Guarda – Santo Antônio da Patrulha (RS)*. In: XI Encontro Estadual de História- História Memória e Patrimônio, ANPUH-RS, pág. 615-625, 2012.

ROGGE, Jairo Henrique; SCHMITZ, Pedro Ignácio; ROSA, André Osorio. *Projeto Arroio do Sal: a ocupação indígena pré-histórica no litoral norte do Rio Grande dos Sul = The Arroio do Sal project : pre-historical indigenous occupation. in the northern littoral of Rio Grande do Sul*. História UNISINOS, São Leopoldo , v. 11, n. 2 , p. 274-277, 2007.

SILVA, Lucas Antonio da. *História e desenvolvimento da atividade pesqueira no Litoral Norte do Rio Grande do Sul (Século XVII-XX)*. In: Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, v.7, n.1, jan./jun. 2014, p. 85-105.

WITT, Marcos Antônio. *A união perfeita: estratégias familiares e inserção política (Rio Grande do Sul – século XIX)*. In: A História e Suas Fontes, IX Encontro Estadual de História- Anpuh/RS, pág. 1-12.

_____. *Política e Magistratura no Brasil Imperial. O Litoral Norte do Rio Grande do Sul como estudo de caso*. In: Revista do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul,

http://www.tjrs.jus.br/export/poder_judiciario/historia/memorial_do_poder_judiciario/memorial_judiciario_gaucho/revista_justica_e_historia/issn_1676-5834/v2n3/doc/11-Marcos_Witt.pdf

Historiadores Locais:

- BACKES, Wunibaldo. *Santo Antônio da patrulha nas memórias do padre Wunibaldo*. Porto Alegre: EST, 1992. 87 p.
- HUYER, Ely Nilza. *Vale Do Três Forquilhas*. Editora: EST, 1999.
- KURY, Affonso Penna. *Santo Antônio da Patrulha : uma visão apressada*. Porto Alegre: Pallotti, 1987. 165 p.
- LIPERT, Generi Máximo. *Terra de Areia : idéia, sonho e realidade*. Porto Alegre : Tchê!, 1991.
- LOPES, Renato Pereira (organizador). *Guia histórico de ruas de Santo Antônio*. (não encontramos a editora. Volume: I, II, III, IV.
- MACIEL JÚNIOR, José. *Reminiscências da minha terra: Santo Antônio da patrulha*. Porto Alegre: EST, 1987. 158 p.
- MURI, Guido. *Rememorações de Tramanday as Vivencias de uma Comunidade*. Editora: Jollo, 2000.
- _____. *Rememorações de Conceição do Arroio - vol. I*. Editora: Pallotti, 1987
- _____. *Rememorações de Conceição do Arroio – vol. II*. Editora Pallotti 1989.
- _____. *Rememorações de Conceição do Arroio –vol. III* Editora Palloti 1991.
- _____. *Rememorações de Conceição do Arroio Vol. IV*. Editora: Artes e Ofícios, 1995.
- NEIS, Ruben. *Guarda Velha de Viamão: no Rio Grande miscigenado surge Santo Antônio da Patrulha*. Porto Alegre: Sulina, 1975. 180 p. (Temas histórico-culturais; 2)
- PEREIRA, Marco Antônio Velho. *O Rincão dos Palmares*. Editora: Raupp, 1994.
- RUSCHEL, Ruy Ruben. *Os Fortes de Torres*. Editora: Est, 1999
- _____. *Torres Origens*. Editora: Gazeta, Rs,1995
- _____ e Dalila P. Ruschel. *São Domingos das Torres*. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1984.

- _____. *Por Mares Grossos e Areis Finas*. Editora: EST, 2004.
- SELAU, José Krás. *Colônia de São Pedro- Um pouco da sua História -Torres –Rs*.
Editora: Evangraf, Ano: n/d
- _____. *Colônia de São Pedro*. Editora: Nao Especificado, 2005.
- SILVA, Augusto Gomes Da. *Presença açoriana em Santo Antônio da patrulha e no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 1993. 216 p.
- SOARES, Leda Saraiva. *Lembranças a Granel*. Editora: Edição do Autor, 1999.
- _____. *Imbé*. Editora: Do Autor, 2002
- _____. *Contos e lendas da Região*. Editora: Edição da Autora, 1996.
- _____. *Tramandaí, Imbé 100 Anos de História*. Editora: Est Escola Superior de Teolo, Ano: 2008
- _____. *Tramandaí: Terra e gente / Leda Saraiva Soares*. Tramandai: [s.N.], 1985.
- _____. *Imbé: Histórico, turístico / Leda Saraiva Soares*. Porto Alegre: Jan, 1990.
- _____. *A saga das praias gaúchas: de quintão a torres : mais de um século de história*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000. 183 p.
- VENTURELLA, Roberto. *A história do farol de Torres*. Porto Alegre: AGE, 2006.
- VERLINDO, Avelino Alves. *Capão da Canoa de Ontem e de Hoje*. Editora: Evangraf, 2000

ANEXO 4. Página da Tabela *Raízes e Marcas do tempo*: Livro, Artigo, Tema, Autor, Formação, Profissão.

Livro	Artigos	Tema
I Raízes de Santo Antônio da Patrulha	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios
X Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios
Três Cachoeiras-Marcas do tempo	Relatos biográficos, genealogias, memórias	Relatos biográficos, genealogias, memórias
Arroio do Sal-Marcas do tempo	Discussões sobre a escrita da História	Discussões sobre a escrita da História
Arroio do Sal-Marcas do tempo	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios
Raízes-Tramandai	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios
Raízes-Tramandai	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios
Terra de Areia-Marcas do tempo	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios
Terra de Areia-Marcas do tempo	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios
Torres-Marcas do tempo	Relatos biográficos, genealogias, memórias	Relatos biográficos, genealogias, memórias
Raízes de Terra de Areia	Relatos biográficos, genealogias, memórias	Relatos biográficos, genealogias, memórias
X Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios
Torres-Marcas do tempo	Prefácios, homenagens e histórico do evento	Prefácios, homenagens e histórico do evento
Arroio do Sal-Marcas do tempo	Folclore do Litoral Norte e Tradições da Imigração	Folclore do Litoral Norte e Tradições da Imigração
Raízes-Snt Antonio XX	Relatos biográficos, genealogias, memórias	Relatos biográficos, genealogias, memórias
X Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá	Relatos biográficos, genealogias, memórias	Relatos biográficos, genealogias, memórias
XX Raízes de Santo Antônio da Patrulha	Relatos biográficos, genealogias, memórias	Relatos biográficos, genealogias, memórias
Raízes de Osório	Discussões sobre a escrita da História	Discussões sobre a escrita da História
Raízes-Snt Antonio XX	Discussões sobre a escrita da História	Discussões sobre a escrita da História
Raízes-Snt Antonio XX	Discussões sobre a escrita da História	Discussões sobre a escrita da História
Raízes de Osório	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios
Raízes de Torres	Discussões sobre a escrita da História	Discussões sobre a escrita da História
Raízes de Torres	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios
Raízes-Snt Antonio XX	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios
X Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios
X Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios

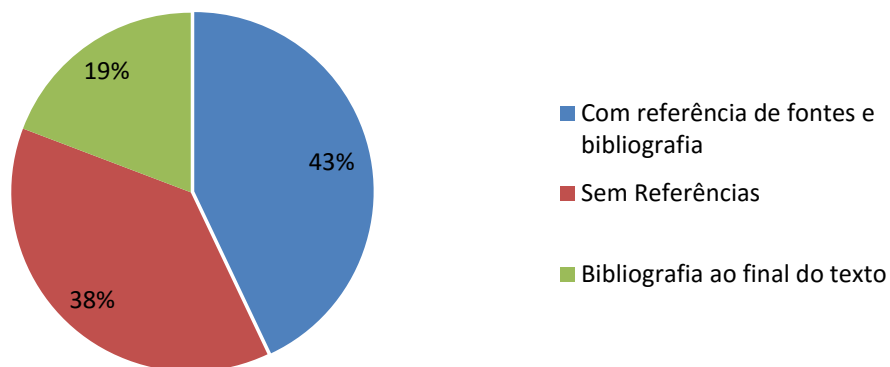
X Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios	Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios
---	--	--

Tema	Autor	Formação	Profissão
Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios	Adelmo Trotti	Historiador Local	Diretor de M
Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios	Adhemar Loureiro da Silva	Acadêmico	Professor
Relatos biográficos, genealogias, memórias	Adolfo Alfredo Schäffer	Pesquisador	Pesquisador
Discussões sobre a escrita da História	Eduardo Mattos Cardoso	Acadêmico	Não informado
Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios	Eunice Sueli Nodari	Acadêmico	Não informado
Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios	Adriana Torres Flores	Acadêmico	Estudante
Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios	Affonso Penna kury	Pesquisador	Advogado
Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios	Afrânio Kras Borges Haizenreder	Outros	Professor
Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios	Afrânio Kras Borges Haizenreder	Outros	Professor
Relatos biográficos, genealogias, memórias		Outros	Não informado
Relatos biográficos, genealogias, memórias	Alceu Moreira da Silva	Outros	Prefeito
Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios	Aldair Goeten de Moraes	Pesquisador	Diretor de M
Prefácios, homenagens e histórico do evento	Alexandre Turatti de Rose	Outros	Secretário de turismo
Folclore do Litoral Norte e Tradições da Imigração	Alice Maria Tieböhl Toigo	Pesquisador	Médico
Relatos biográficos, genealogias, memórias	Ambrósio Giacomini	Pesquisador	Professor
Relatos biográficos, genealogias, memórias	Ambrósio Giacomini	Pesquisador	Professor
Relatos biográficos, genealogias, memórias	Ambrósio Giacomini	Pesquisador	Professor
Discussões sobre a escrita da História	Ana Inez Klein	Acadêmico	Professor
Discussões sobre a escrita da História	Ana Inez Klein	Acadêmico	Professor
Discussões sobre a escrita da História	Ana Inez Klein	Acadêmico	Professor

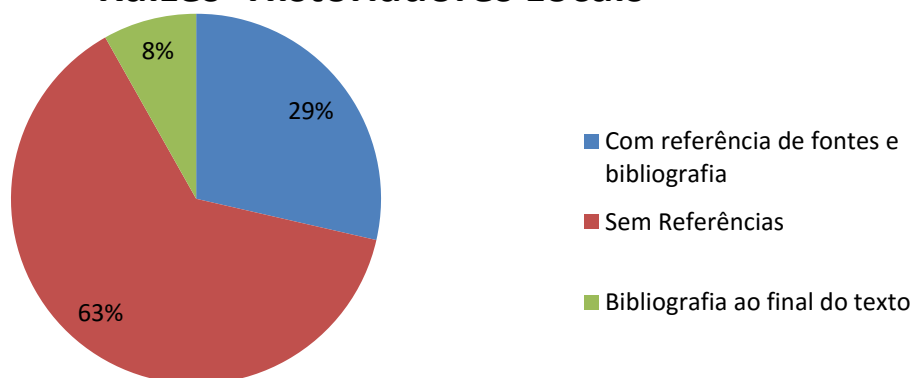
ANEXO 5. Modelo de ficha de Inscrição nos eventos *Raízes*.

ANEXO 6. Gráficos sobre o uso de referências nas obras Raízes e Marcas do tempo.

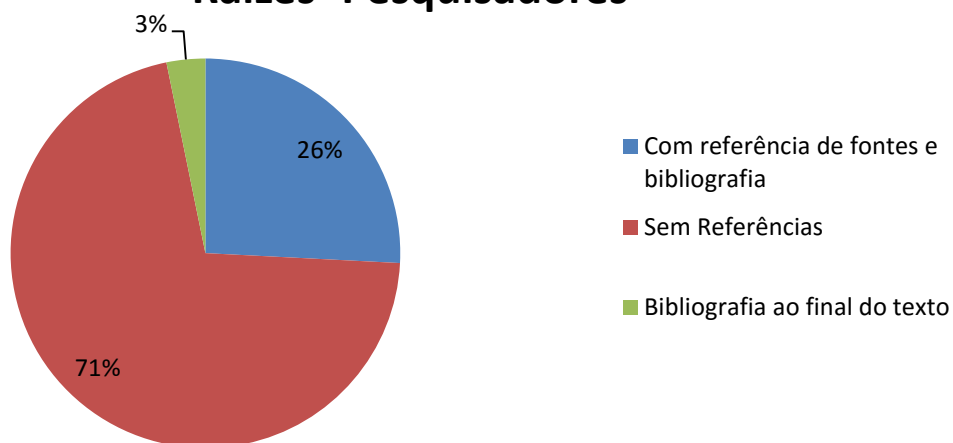
Raízes - Historiadores Acadêmicos



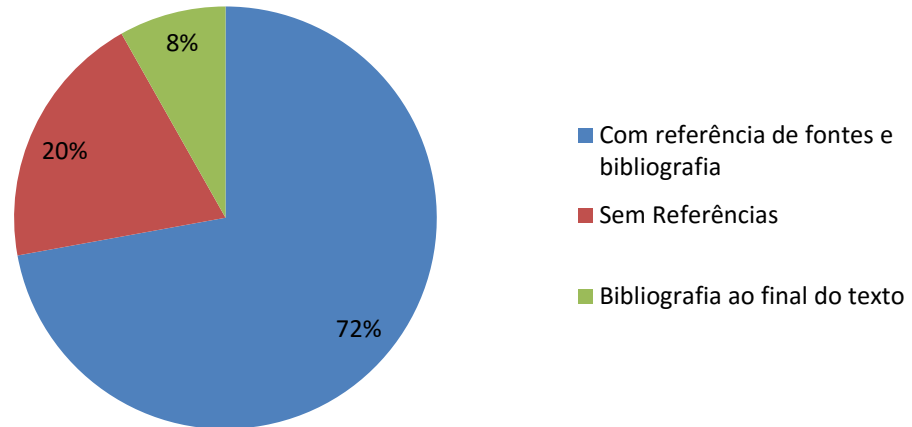
Raízes- Historiadores Locais



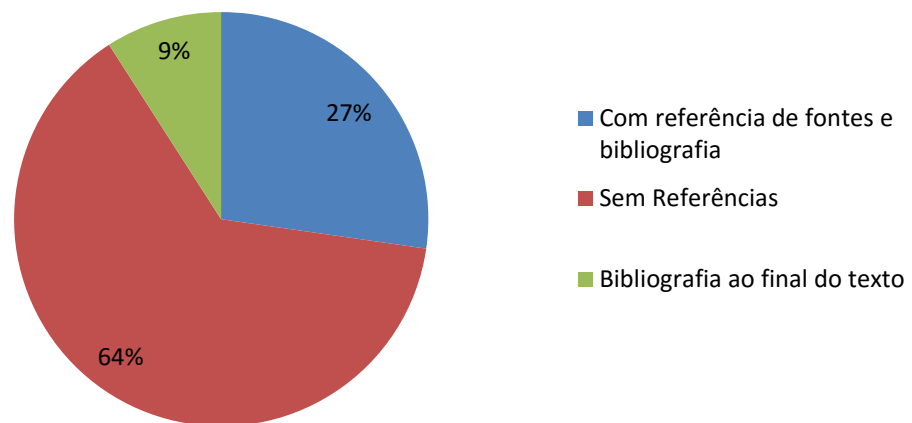
Raízes- Pesquisadores



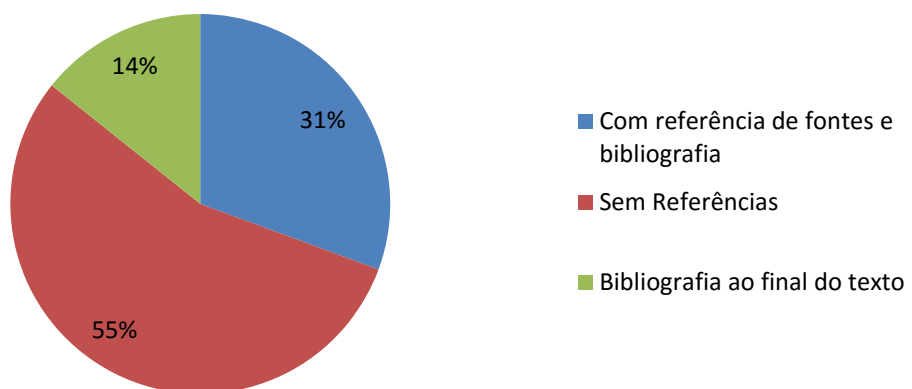
Marcas do Tempo - Historiadores Acadêmicos



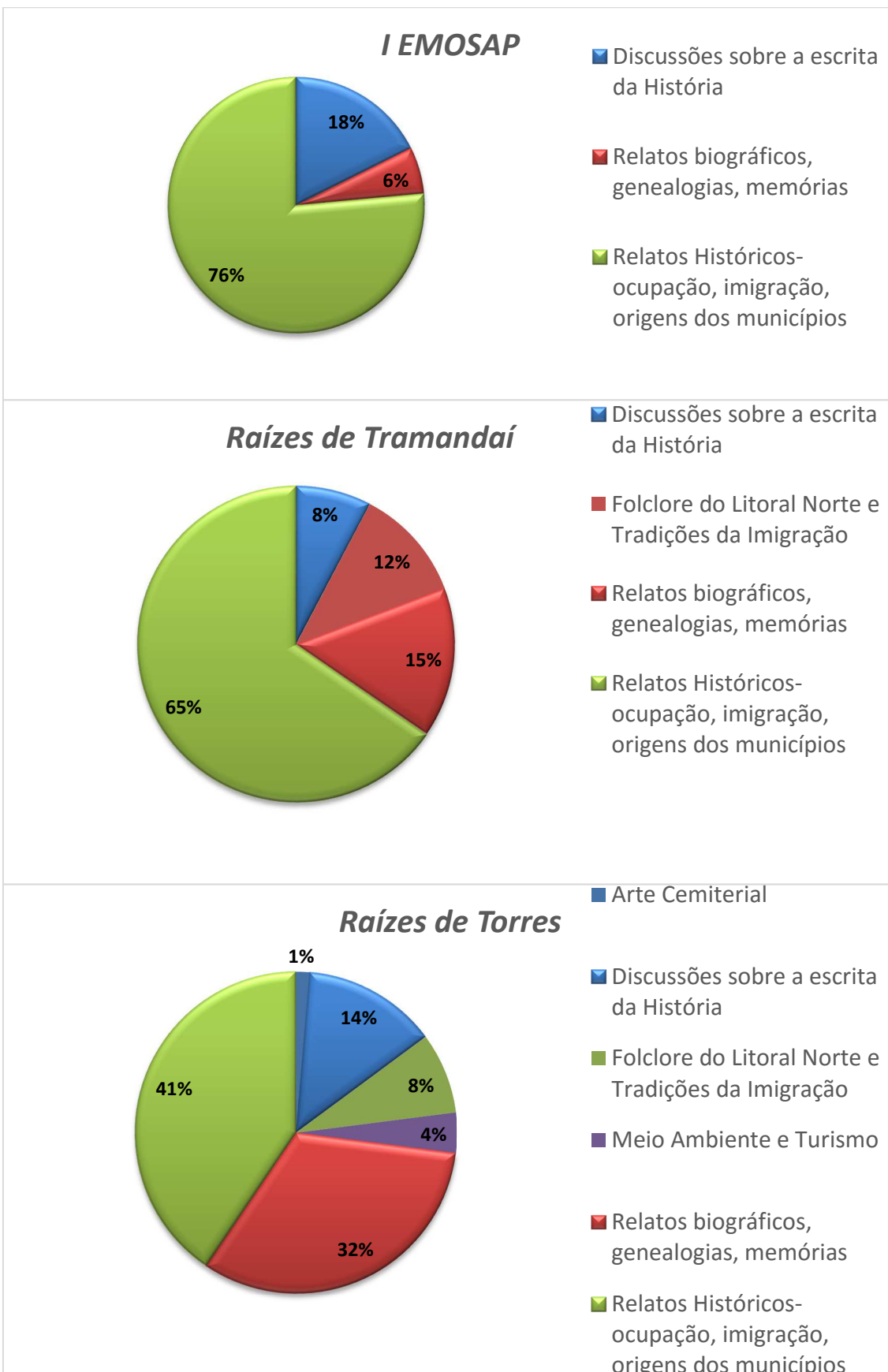
Marcas do Tempo- Historiadores locais



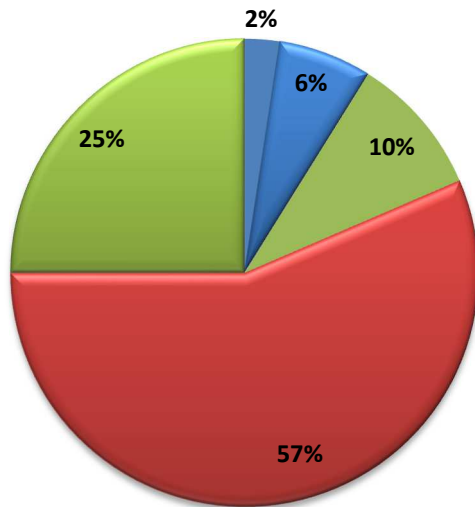
Marcas do Tempo- Pesquisadores



ANEXO 7. Gráficos sobre os temas dos artigos no *Raízes e Marcas do tempo*

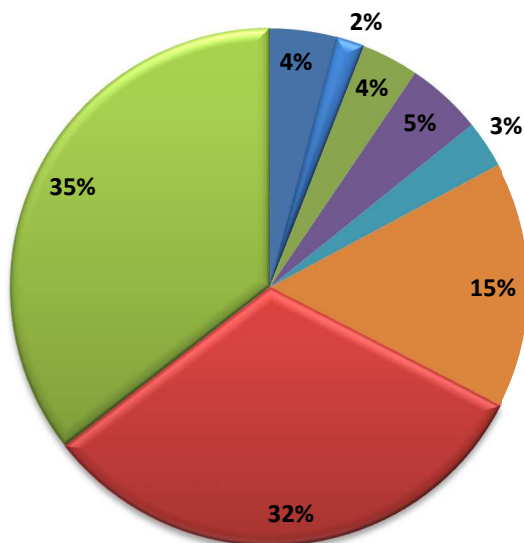


Raízes de Terra de Areia



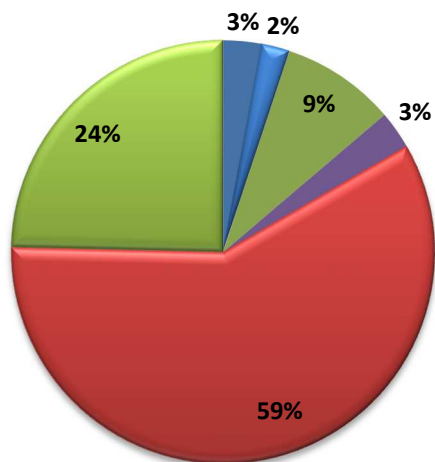
- Arte Cemiterial
- Discussões sobre a escrita da História
- Folclore do Litoral Norte e Tradições da Imigração
- Relatos biográficos, genealogias, memórias
- Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios

X Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá



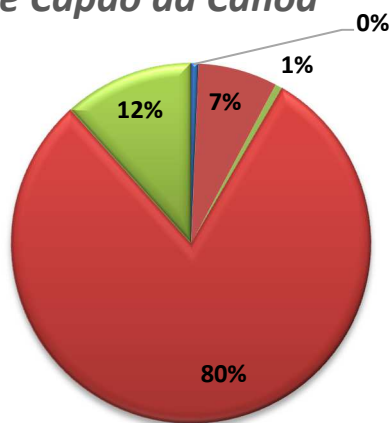
- Arte Cemiterial
- Discussões sobre a escrita da História
- Folclore do Litoral Norte e Tradições da Imigração
- História Litoral Norte-1950-2000
- Meio Ambiente e Turismo
- Prefácios, homenagens e histórico do evento
- Relatos biográficos, genealogias, memórias
- Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios

Raízes de Osório



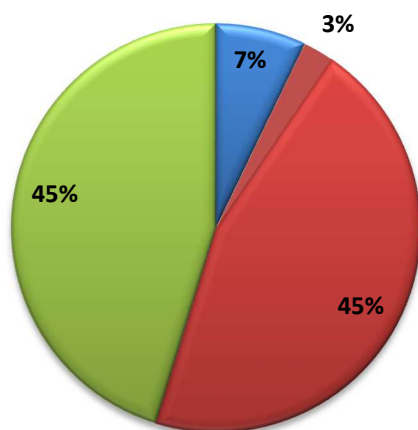
- Arte Cemiterial
- Discussões sobre a escrita da História
- Folclore do Litoral Norte e Tradições da Imigração
- Prefácios, homenagens e histórico do evento
- Relatos biográficos, genealogias, memórias
- Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios

Raízes de Capão da Canoa



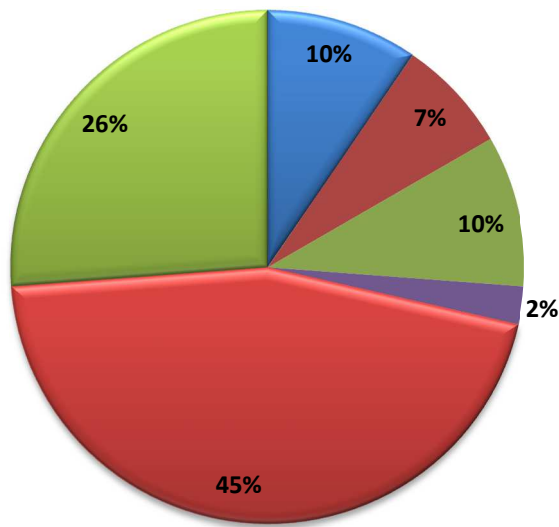
- Discussões sobre a escrita da História
- Folclore do Litoral Norte e Tradições da Imigração
- Prefácios, homenagens e histórico do evento
- Relatos biográficos, genealogias, memórias
- Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios

Raízes Balneário Pinhal



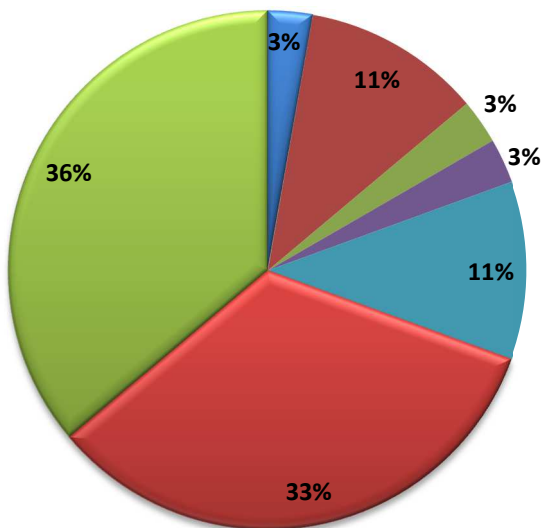
- Discussões sobre a escrita da História
- Prefácios, homenagens e histórico do evento
- Relatos biográficos, genealogias, memórias
- Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios

Terra de Areia - Marcas do tempo



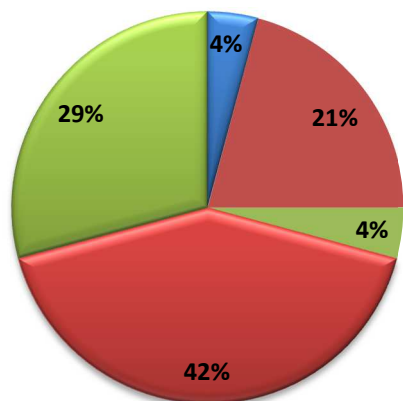
- Discussões sobre a escrita da História
- Folclore do Litoral Norte e Tradições da Imigração
- Meio Ambiente e Turismo
- Prefácios, homenagens e histórico do evento
- Relatos biográficos, genealogias, memórias
- Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios

Torres - Marcas do tempo



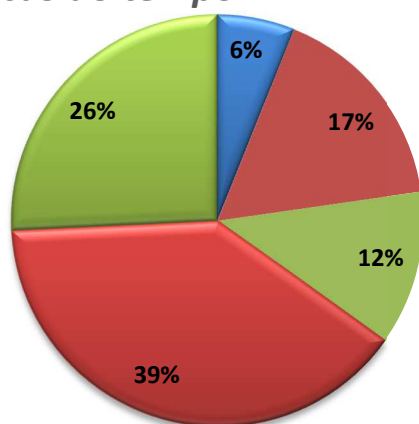
- Discussões sobre a escrita da História
- Folclore do Litoral Norte e Tradições da Imigração
- História Litoral Norte-1950-2000
- Meio Ambiente e Turismo
- Prefácios, homenagens e histórico do evento
- Relatos biográficos, genealogias, memórias
- Relatos Históricos-ocupação, imigração, origens dos municípios

Três Cachoeiras - Marcas do tempo



- Discussões sobre a escrita da História
- Folclore do Litoral Norte e Tradições da Imigração
- Prefácios, homenagens e histórico do evento
- Relatos biográficos, genealogias, memórias
- Relatos Históricos- ocupação, imigração, origens dos municípios

Dom Pedro de Alcântara - Marcas do tempo



- Discussões sobre a escrita da História
- Folclore do Litoral Norte e Tradições da Imigração
- Prefácios, homenagens e histórico do evento
- Relatos biográficos, genealogias, memórias
- Relatos Históricos- ocupação, imigração, origens dos municípios

Observação: nos gráficos acima o tópico “Relatos biográficos, genealogias, memórias” está em relevo, enquanto “Folclore do Litoral Norte e Tradições da Imigração” está representado em vermelho sólido. O tópico “Relatos Históricos- ocupação, imigração, origens dos municípios” está em relevo, enquanto “Prefácios, homenagens e histórico do evento” está em verde sólido.